

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA

FABELIS MANFRON PRETTO

ENTRE CIDADE E CAMPO: AS SEGUNDAS RESIDÊNCIAS NO ESPAÇO RURAL

PONTA GROSSA
2018

FABELIS MANFRON PRETTO

ENTRE CIDADE E CAMPO: AS SEGUNDAS RESIDÊNCIAS NO ESPAÇO RURAL

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Doutorado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

PONTA GROSSA

2018

P942 Pretto, Fabelis Manfron
Entre cidade e campo: as segundas residências no espaço rural/
Fabelis Manfron Pretto. Ponta Grossa, 2018.
376 f.; il.

Tese (Doutorado em Geografia – Área de concentração –
Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

1. Segunda residência. 2. Cultura 3. Campo e cidade. 4.
Rural e urbano. 5. Patrimônio cultural rural I. Monastirsky,
Leonel Brizolla. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa –
Doutorado em Geografia. IV. T.

CDD : 910

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos– CRB9/986

TERMO DE APROVAÇÃO

FABELIS MANFRON PRETTO

"ENTRE CIDADE E CAMPO: AS SEGUNDAS RESIDENCIAS NO ESPAÇO
RURAL"

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no
Curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências Exatas e Naturais
da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:


Prof.º Dr.º Leonel Brizolla Monastirsky - UEPG


Prof.º Dr.º Almir Nabozny - UEPG


Prof.º Dr.º Cezília Moura - UNICENTRO


Prof.º Dr.º Luciano Zanetti Pessoa Candiotti -
UNIOESTE


Prof.º Dr.º Marcelo Barreto - UNICENTRO

Ponta Grossa, 31 de agosto de 2018

*Dedico aos meus pais Daniel e Mônica, pelo incentivo para estudar, apoio e amor,
e ao meu esposo Ricardo, pelo companheirismo e carinho!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a resposta nos momentos de dúvida e aflição, luz nas noites escuras, pela força e fé para perseverar no caminho e a Nossa Senhora, minha intercessora.

Aos meus pais Mônica e Daniel que me acompanham de maneira desapegada e incentivam para sempre estudar, sendo exemplos de vida, de profissionalismo, pela sabedoria dos conselhos nos momentos de dúvida e pelo amor.

Ao Ricardo, pelo companheirismo, pela paciência, pela calma que me transmitiu nos momentos difíceis e pelo amor. Por ser meu pesquisador auxiliar, por me ouvir com respeito e auxiliar a ver a vida com mais possibilidades de felicidade.

Ao professor Leonel Brizolla Monatirsky por tantos anos de orientação, amizade, pela paciência, confiança e generosa colaboração na minha formação profissional e pessoal.

Aos moradores de segunda residência, proprietários de imobiliárias e agentes imobiliários, que com tanta gentileza e disponibilidade me receberam em suas casas e empreendimentos e compartilharam comigo suas histórias, experiências e emoções.

Aos professores Marcelo Barreto e Almir Nabozny, pela dedicação e contribuições na banca de qualificação e também na defesa final e igualmente, aos professores Cecília Hauresko e Luciano Zanetti Pessoa Candiottto, pelas contribuições para a versão final da tese.

Aos familiares por compreenderem minha ausência em muitos momentos e especialmente a minha avó Anita pelas orações.

Aos amigos, os mais antigos e os mais novos, pela torcida e apoio.

Aos professores do Departamento de Geociências e Programa de Pós-graduação em Geografia, que contribuíram no meu aperfeiçoamento profissional.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão de bolsa em parte do doutorado.

A Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde aprendi a importância da ciência geográfica.

Casa no campo

Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa compor muitos rocks rurais
E tenha somente a certeza
Dos amigos do peito e nada mais

Eu quero uma casa no campo
Onde eu possa ficar no tamanho da paz
E tenha somente a certeza
Dos limites do corpo e nada mais

Eu quero carneiros e cabras
Pastando solenes no meu jardim
Eu quero o silêncio das línguas cansadas
Eu quero a esperança de óculos

E um filho de cuca legal
Eu plantar e colher com a mão
A pimenta e o sal

Eu quero uma casa no campo
Do tamanho ideal, pau a pique e sapê
Onde eu possa plantar meus amigos
Meus discos e livros e nada mais

(Compositores: Jose Rodrigues Trindade/ Luiz Carvalho/ Luiz Otavio De Melo Carvalho)

RESUMO

A tese tem como objeto de pesquisa as casas de segunda residência da zona rural. O estudo é realizado a partir de cidadãos residentes em Ponta Grossa (PR), proprietários de casas de campo no espaço rural dos distritos do município. Buscou-se compreender a partir desses sujeitos – moradores urbanos - quais as motivações da aquisição da segunda residência no campo. Dividida em três capítulos, a primeira parte da pesquisa aborda as discussões culturais, a busca pela vivência do modo de vida rural, de novas experiências possíveis dentro de um contexto espacial e cultural específico. Se estabelece uma discussão acerca dos conceitos de território, identidade e cultura, sobre o processo de territorialização por meio da apropriação/construção simbólica do espaço e da vivência da multiterritorialidade pelos moradores de segunda residência. A segunda parte busca compreender os motivos da “fuga” da cidade e apresenta uma discussão sobre a relação histórica, no aspecto cultural-simbólico, da relação do ser humano com as cidades, com o campo e a ruptura da relação homem-natureza. Na terceira parte é abordada a influência das atividades de lazer e o turismo na aquisição da residência secundária, pois apesar de semelhantes, às ações de se ter uma segunda residência e praticar turismo no campo diferenciam-se, sobretudo nos aspectos sentimentais que envolvem a casa. Discutiu-se conceitos como cultura, identidade, relação campo e cidade, rural e urbano, memória e patrimônio para compreender e, com isso, colaborar com a ampliação conceitual e discussão a respeito das casas de segunda residência no campo.

Palavras-chave: segunda residência, cultura, campo e cidade, rural e urbano, patrimônio cultural rural.

ABSTRACT

The thesis has as research object the houses of second home of the rural zone. The study is carried out from city residents in Ponta Grossa (PR), owners of country houses in the rural area of the districts of the municipality. It was sought to understand from these subjects - urban dwellers - what motivates the acquisition of the second home in the countryside. Divided into three chapters, the first part of the research deals with cultural discussions, the search to experiment the rural way of life and new experiences possible within a specific spatial and cultural context. A discussion is shown about the concepts of territory, identity and culture, about the process of territorialization through the appropriation / symbolic construction of the space and the experience of the multiterritoriality by the residents of second home is established. The second part seeks to understand the motives of the "escape" of the city and presents a discussion about the historical relation, in the cultural-symbolic aspect, of the relation of the human being with the cities, with the field and the rupture of the relation human being-nature. In the third part, the influence of leisure activities and tourism on the acquisition of secondary home is approached, since, although similar, the actions of having a second residence and practicing tourism in the countryside differ, especially in the sentimental aspects that surround the house. Concepts such as culture, identity, countryside and city, rural and urban relations, memory and patrimony to understand and, with this, to collaborate with the conceptual enlargement and discussion about second homes in the countryside.

Keywords: second home, culture, countryside and city, rural and urban, rural cultural heritage.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- Equipamentos, estruturas físicas e tradições mantidas no campo pelos cidadãos.....	56
GRÁFICO 2	- Móveis e eletrônicos da casa de campo.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL E SUA INFLUÊNCIA NA BUSCA PELA SEGUNDA RESIDÊNCIA	25
1.1 ABORDAGEM CULTURAL E SEGUNDAS RESIDÊNCIAS: O TERRITÓRIO SIMBÓLICO	27
1.2 TERRITÓRIO E IDENTIDADE: A APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO	31
1.2.1 Relação com o tempo e o modo de vida urbano	37
1.3 AS MEMÓRIAS NO/DO ESPAÇO	46
1.4 A VIVÊNCIA RURAL DOS CIDADINOS NO CAMPO: A HORA DO CHIMARRÃO	53
1.4.1 Patrimônio rural e a paisagem: elementos atrativos para a busca da vivência no campo	74
2 A FUGA DA CIDADE: A BUSCA DOS CIDADINOS POR OUTRO MODO DE VIDA	85
2.1 A CONSTRUÇÃO MATERIAL E SIMBÓLICA DAS CIDADES AO LONGO DO TEMPO	85
2.1.1 Relação cidade-campo e rural-urbano	86
2.1.2 A cidade: palco das relações historicamente construídas	95
2.2 A TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE E O ESGOTAMENTO COM O MODELO DE VIDA URBANA	102
2.3 A MEMÓRIA E A MATERIALIZAÇÃO DO SONHO: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA CASA DE CAMPO	128
3 SEGUNDA RESIDÊNCIA E TURISMO RURAL: O ANSEIO PELA VIDA DO CAMPO	138
3.1 LAZER E TURISMO: A VIVÊNCIA DE OUTROS MUNDOS	138
3.2 A CASA NO CAMPO: AS DIFERENÇAS E SIMILARIDADES ENTRE TURISMO RURAL E SEGUNDA RESIDÊNCIA	150
3.3 A VENDA DOS SONHOS: O MERCADO IMOBILIÁRIO E AS SEGUNDAS RESIDÊNCIAS	178
3.3.1 O mercado imobiliário de casas de campo	180
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
REFERÊNCIAS	200
APÊNDICE A– Tópico guia para entrevista com moradores de segunda residência	209
APÊNDICE B– Tópico guia para entrevista com agentes imobiliários	357

INTRODUÇÃO

As emoções imprimem sentido à relação do ser humano com o seu espaço de vida. Os vínculos identitários que se estabelecem com o ambiente de vida cotidiana são formados a partir das relações sociais e espaciais e repletos de significações, construídas ao longo da história de vida do sujeito e da sociedade. Dessa maneira, é importante compreender como se dão as relações dos sujeitos com o ambiente de vida e os sentimentos produzidos pelo espaço, por meio da percepção valorativa ambiental, pois determinam o sentimento de pertencimento ao espaço e motivam o desejo de escolha do ambiente onde uma pessoa quer viver.

De acordo com Tuan (2012) o ser humano está sempre buscando o ambiente ideal e por isso diversas ciências se voltam à compreensão das preferências das pessoas sobre o espaço de vivência, utilizando grande quantidade de dados estatísticos para fundamentar a produção do saber. Contudo, ainda há carência em compreender a amplitude emocional e a intensidade das novas relações de apropriação do espaço pelos sujeitos, influenciados pelas novas configurações advindas com o contexto histórico-geográfico.

A intensificação do processo de globalização e do sistema capitalista gera uma nova percepção de relação com o ambiente, sobretudo nas cidades de maior porte, onde as mudanças se dão de forma mais intensa, pela circulação do capital financeiro e informacional, que dinamiza o modo de vida. De acordo com Carlos (2007), a cidade deixou de ser um espaço apropriado e construído pelo sujeito e se tornou espaço de passagem e essa nova relação causa certo estranhamento em alguns indivíduos em relação ao espaço urbano, que tem recebido novas significações.

Nesse sentido se entende que a cidade (compreenda-se as cidades médias, grandes e metrópoles), enquanto espaço intensamente produzido e dinamizado pelo capitalismo globalizado, tem como principal função tornar o fluxo de produção e consumo cada vez mais ativos e facilitados, por meio dos sistemas financeiros, da tecnologia, da fluidez das mercadorias, da agilização do tempo, de tal maneira que suas estruturas respondem a esse novo sentido que se dá ao espaço urbano, que por vezes não responde as necessidades subjetivas de certos habitantes, que já se encontram exaustos do modo de vida urbano contemporâneo.

Ao mesmo tempo em que a cidade passou por um processo de reestruturação, o campo também sofre alterações espaciais e sociais. Com o avanço do capitalismo agrário, a função de produção agropecuária e os vínculos com a terra mudaram, e a produção agrícola deixou de ser a única fonte de renda para parte da população rural, com a inserção de novas atividades, como o turismo. No período hodierno, o campo passa a receber maior atenção das pessoas, pela procura do contato com a natureza e o modo de vida rural, atraente para os cidadãos que buscam refúgio para as angústias da vida urbana moderna e querem desfrutar da simplicidade rural, da vida saudável do campo e desacelerar sua rotina.

O desconforto relacionado ao modo de vida urbano pode ser vinculado à vida agitada das cidades: a poluição sonora e do ar, a pressão da rotina de trabalho, o aumento da violência, as relações efêmeras e vazias de sentimentos, a percepção do tempo acelerado ou de falta dele, o aumento de tempo gasto para deslocar-se entre as atividades cotidianas, entre outros fatores motivam o desejo de fuga, mesmo que temporária, da cidade enquanto espaço de vida, para buscar outras experiências.¹

A discussão sobre as definições entre cidade e campo, rural e urbano é antiga e perpassam os diversos campos da ciência. Contudo, é possível dizer que na contemporaneidade o consenso teórico é de que a cidade e o campo são referências ao espaço construído e modificado pelo ser humano, enquanto rural e urbano são as dimensões sociológicas desses espaços (podendo extravasar a eles), permeando a troca de influências materiais e simbólicas entre cidade e campo. Essa reflexão será apresentada ao longo do texto.

A necessidade de delimitação espacial no Brasil e em outros países, diz respeito, sobretudo à organização territorial que se estabelece entre campo e cidade. As divergências conceituais de compreensão entre esses dois espaços enriquecem, mas de certa forma dificultam a elaboração de conceitos mais precisos que auxiliem na definição da diferenciação entre cidade e campo e nomeadamente sobre a conceituação e diferenciação entre cidades pequenas, médias, grandes e metrópoles.

¹ Nesse trabalho, a cidade é entendida dentro de uma perspectiva mais estrutural, enquanto o campo tende a ser percebido pelo viés simbólico, sendo essa abordagem resultado da interpretação da realidade dos sujeitos da pesquisa, sendo que o embasamento teórico reflete essa abordagem.

Essa diferenciação também implica na compreensão do mundo rural e ainda na atual conjectura das relações entre campo e cidade, e entender as dinâmicas populacionais que ocorrem entre esses espaços auxilia a elucidar a complexa relação que se estabelece no mundo atual no que diz respeito às cidades, pois a busca pela casa de campo pode representar uma forma de adaptação e reação à realidade cotidiana da vida urbana para a sociedade contemporânea.

As discussões acerca da conceituação sobre campo e cidade e rural e urbano são embasadas em diversas categorias de análise como quantidade populacional, densidade demográfica, capacidade de geração de emprego e renda, o grau de urbanidade ou ruralidade entre outros. A distinção dos espaços apenas pela consideração dos dados quantitativos, relativos a levantamentos censitários com valores estimados, é duramente criticada, pois não dá conta das especificidades espaciais e da demanda subjetiva que constitui os espaços.

De acordo com Lima (2011) a abordagem teórico-conceitual atual no tocante às cidades, ganhou forte componente social a partir da segunda metade do século XX. Para essa autora, a conceituação atual ultrapassa o entendimento quantitativo e deve refletir a dinâmica social, econômica e cultural dos espaços considerados urbanos. No caso brasileiro, a definição da distinção entre cidade e campo utilizada pelas entidades governamentais se estabelece por meio da função político-administrativa, também criticada veementemente por autores de diversas áreas, pois se embasa apenas na funcionalidade de captação e transferência financeira entre esferas de poder.

A imprecisão conceitual também se dá pela dificuldade em considerar o modo de vida dos espaços, pois pequenas vilas e pequenas cidades tem um modo de vida que muito se assemelha ao rural². Entretanto, também há cidades maiores, consideradas como cidades médias com características e influências rurais nos setores econômicos e culturais.

Com base na análise dos principais autores da geografia brasileira (selecionados pela influência na formulação de teorias e conceituações da distinção entre rural e urbano e campo e cidade), Lima (2011) afirma que são múltiplos os

² Veiga (2001) afirma que no caso brasileiro muitos espaços urbanos que são considerados cidades médias e grandes tem grande influência do modo de vida rural e por isso deveriam ser considerados a partir do modo de vida e das influências estabelecidas sobre elas, afirmando que o Brasil é menos urbano do que se imagina.

impasses teórico-metodológicos e defende que a maneira mais adequada para a distinção e conceituação teórica e nível de categorização das cidades, deve considerar a capacidade do atendimento das necessidades da população e os modos de vida estabelecidos, mediante o fato de que é a sociedade quem dá sentido ao espaço.

De tal forma a cidade de Ponta Grossa³, que é o recorte espacial dessa pesquisa enquanto o lugar de vivência dos atores sociais é considerada como uma cidade de médio porte devido ao seu desenvolvimento econômico (industrializada), a capacidade geradora de empregos, os equipamentos urbanos que dispõe e a influência não tão acentuada do modo de vida rural no espaço urbano.

Entretanto, também se entende que há similaridade nos elementos que constituem, no conjunto do modo de vida urbana moderna capitalista, a causa do desconforto nos moradores da cidade, até mesmo em cidades menores e de maneira significativa nas grandes cidades e metrópoles, pois alguns elementos estão presentes no que pode ser considerado um modo de vida urbano, como o barulho, a percepção da falta e da aceleração do tempo, o estresse ocasionado pelos meios de deslocamento no espaço, a rígida rotina de trabalho, a violência, a concentração de problemas sociais, etc.

O conjunto de fatores que causam estranhamento nos moradores da cidade, sobre sua vida cotidiana e o espaço habitado influenciam outro fenômeno: a busca pela segunda residência fora do contexto urbano. Há vários espaços que recebem as segundas residências, contudo, nessa pesquisa o espaço de recepção estudado será o campo, a zona rural.⁴

À proporção que na cidade ocorre um processo de ressignificação, o campo também passa por esse mesmo processo de reestruturação simbólica e novos significados. Essa movimentação pôde ser verificada durante a realização da pesquisa de mestrado da autora e conforme a produção bibliográfica referente à

³ A cidade é territorialmente subdividida em cinco distritos administrativos: o distrito sede (sede urbana), PiriQUITOS (vinculado à malha urbana), Uvaia, Itaiacóca e Guaragi. Os três últimos distritos, amplamente procurados pelos cidadãos que desejam a casa de campo, pela facilidade no deslocamento (vias pavimentadas) e rápido acesso à cidade, e no caso de Itaiacóca, pelas características geológicas e geomorfológicas locais, onde há diversas cachoeiras e belas paisagens.

⁴ Nesse momento, não serão abordadas as regiões de serras, metropolitanas, litorâneas e praias, pois nos voltaremos à abordagem específica do campo, optando pelo recorte temático dos cidadãos que buscam viver no espaço rural, para garantir que a pesquisa seja exequível em relação ao tempo, para que não ocorra uma abordagem superficial acerca da temática escolhida e para gerar subsídio que possa auxiliar na compreensão dessa nova realidade, do retorno ao campo, movimento que tem crescido e sobre o qual ainda não há vasta produção teórica, mesmo considerando que tanto a cidade como o campo são impactados por essa modalidade de residência e que poderiam ser desenvolvidas novas perspectivas voltadas à melhoria da qualidade de vida para moradores da cidade, a partir da compreensão de que o modo de vida urbano contemporâneo encontra-se em processo de saturação e tem causado a população urbana desconforto, sobretudo no que diz respeito à saúde física e psicológica.

segunda residência, esse é um fenômeno crescente e globalizado. Segundo Pretto (2014), em estudo de caso do distrito de Guaragi, no município de Ponta Grossa (PR), há uma movimentação de moradores urbanos que buscam vivenciar o contexto cultural rural no referido distrito, reforçando que existe um modo de vida diferenciado nesse espaço, que somado a paisagem constitui o patrimônio cultural rural.

Deste modo, essa pesquisa visa aprofundar o conhecimento da realidade das segundas residências no contexto rural, para além das aparências dos fenômenos apontados até o momento. Por meio do registro, análise e interpretação dos fenômenos estudados na contemporaneidade, busca-se analisar os fatores que influenciam essa movimentação em busca da vivência rural. Procura identificar os fatores determinantes, ou seja, as causas desse processo, apontando de que modo ou por que causas esse fenômeno é produzido, buscando enfatizar por que há a escolha por um espaço com contexto cultural tão específico: o rural.

Estudar as representações sociais que se constroem sobre os espaços de vida cotidiana significa valorizar os sentimentos humanos e ter a oportunidade de entender a realidade a partir de onde a vida acontece: o cotidiano. As novas interpretações elaboradas a partir das percepções sobre a cidade e o campo, geram um conhecimento socialmente elaborado nos medos, crenças, informações, a forma de compreensão da realidade e de como tudo isso tem agido sobre o sujeito e sua forma de relação espacial e social, principalmente sobre as sociedades contemporâneas, caracterizadas pelo pluralismo sociocultural e rapidez das mudanças econômicas e culturais.

A discussão sobre as segundas residências perpassa diversas áreas do conhecimento. As áreas receptoras dessa modalidade domiciliar são impactadas negativamente e positivamente dentro de seus contextos ambientais, espaciais, econômicos, sociais e culturais. Sendo assim, essa pesquisa pode auxiliar na compreensão desse fenômeno emergente, embasada na Geografia, podendo contribuir em questões de planejamento territorial rural e urbano.

Apesar de ser um fenômeno antigo no contexto global, e já existir maior avanço da literatura internacional sobre a temática, o estudo das residências temporárias ou segundas residências é recente no Brasil. A isso pode ser atribuída à falta de dados e pela inexistência ou confusão que existia na contagem desses domicílios durante a realização de levantamentos censitários. Somente em 1980, o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) diferenciou as residências fechadas dos chamados “domicílios de uso ocasional”. Já na década de 1990 e nos Censos de 2000 e 2010, o IBGE contabiliza as residências com ou sem moradores presentes. (FONSECA; LIMA, 2012).

São muitas terminologias utilizadas para expressar o mesmo fenômeno na literatura: segunda residência, domicílio de uso ocasional, casa de veraneio, chácara, sítio, casa de campo, vivenda secundária, vilegiatura, assim como na literatura internacional são comuns os termos *second home*, *vacation home*, *cottage*, *weekend home*, entre outras. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), as residências secundárias são chamadas de domicílio de uso ocasional. São domicílios particulares que servem como moradia, para descanso em férias, fins de semana e outros fins, podendo o ocupante estar ou não presente na data do recenseamento.

Nesse estudo, se optou por utilizar o termo segunda residência, por se compreender que existe um valor simbólico habitacional integrado ao conceito dessa modalidade de moradia, onde se estabelecem vínculos de pertencimento com a casa e sua imediação. A casa de campo é integrada à vida cotidiana das famílias que participaram dessa pesquisa, e a ela atribuem o valor de moradia.

Dentro da abordagem literária, compreende-se que a busca pela segunda residência é um fenômeno antigo, que tem sido modificado ao longo do tempo por questões de representação cultural e imprimem no território novas lógicas espaciais, relacionadas ao capital, ao trabalho, ao ócio, à identidade, à memória social e individual, ao tempo, à mobilidade e a todo complexo sistema de vida humana contemporânea. Uma das dificuldades encontradas pelos pesquisadores, diz respeito à falta de consenso e dados referentes às segundas residências, pois cada país tem uma maneira específica de considerar e contabilizar essas moradias, sendo uns mais ou menos sistematizados que outros.

De acordo com Ribeiro et al. (2014) as segundas residências são um fenômeno recente no Brasil, ocorrendo de maneira mais intensa a partir da década de 1950, com o desenvolvimento do país e a implantação da indústria automobilística, crescimento e expansão das vias rodoviárias e pelo surgimento e crescimento de “novos estratos sociais médios e urbanos”.

De acordo com Tulik (1995) para que uma residência seja considerada secundária é necessário que o sujeito tenha outra que considere como principal,

opondo-se a ideia de primeira residência. Para essa autora uma das questões que auxilia na definição é o tempo de permanência, e esta é uma das questões dentre as quais os autores convergem. Para ela, a residência secundária não é de ocupação permanente, mas onde se permanece por períodos maiores ou menores de tempo, considerando-se distância do domicílio principal, disponibilidade financeira e de tempo livre, fatores esses que também interferem no fato de haver concentrações dessas casas em determinados espaços.

De acordo com Lima e Fonseca (2012) a casa de segunda residência é considerada por algumas vertentes teóricas como modalidade turística, mas há certo consenso no que diz respeito à consideração de que para ser considerada uma modalidade de moradia, se desenvolvem vínculos afetivos e psicológicos com o espaço e com a vizinhança.

Esse processo de vinculação afetiva e psicológica com o território e nas relações sociais sobre ele pode ser entendido como as territorialidades cotidianas, pois é aí que se materializa a produção do território, frente às forças econômicas, políticas e culturais atuando de forma relacionada e integrada e resultam no processo social com diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades na concretização do território. (SAQUET, 2007).

A influência do mercado imobiliário é crescente nesse setor, vendendo o sonho da apropriação simbólica do campo no domínio material do território. Esse processo causa a reestruturação da posse da terra no campo, já que muitas pessoas que residem ou residiam no campo vendem suas terras (é comum que áreas de terra grandes sejam fragmentadas e lotes menores sejam colocados à venda) para moradores urbanos. Assim também se formam em determinados locais aglomerados de casa de segunda residência, ocupando pequenos lotes de fácil acesso, próximos a comércios e vilas distritais, como ocorre no município de Ponta Grossa.

No Brasil, segundo o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010, o número de moradores urbanos é de 160.879.708, o que representa 84% da população do país, já os moradores rurais somam 29.852.986 e representam 16% do total da população. O movimento de pessoas que deixam a cidade para viver definitivamente no campo – o que pode ser chamado de êxodo urbano - é crescente, mas ainda não tão significativo como o número de pessoas que deixam o campo para viver na cidade em busca de

melhores condições de vida. Contudo, o êxodo urbano ainda não é contabilizado por nenhum órgão oficial, apesar de existir a intenção de quantificar esse movimento populacional em estados como o Rio Grande do Sul.

Os dados relacionados à segunda residência no campo são coletados em setores censitários urbanos e rurais, pois a conceituação do IBGE permite que se integrem casas urbanas a essa categoria. Se comparados os censos realizados entre os anos de 2000 e 2010, observa-se o crescimento no número de casas de segunda residência, no Brasil, na região sul do País, no Paraná, no município de Ponta Grossa e em seus distritos rurais (Tabela 1):

Tabela 1 – Crescimento do número de segundas residências rurais entre 2000 - 2010

Brasil, Estado, Município e Distrito	Domicílios recenseados/ano		Porcentagem de crescimento
	2000	2010	
Brasil	830.105	1.267.386	53%
Sul	108.060	161.444	49%
Paraná	33.801	51.388	52%
Ponta Grossa* ⁵ – PR	563	572	2%
Guaraji - Ponta Grossa - PR	69	112	62%
Itaiacóca - Ponta Grossa - PR	141	270	91%
Piriquitos - Ponta Grossa - PR	- * ⁶	61	-
Uvaia - Ponta Grossa – PR	63	129	105%

Org.: Pretto, Fabelis Manfron (2016).

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

Com base na tabela, percebe-se que, se comparado com o número de domicílios de segunda residência rural levantados pelos censos de 2000 e 2010 houve crescimento significativo no número de casos no Brasil. Na região Sul e no Paraná esse número também apresentou crescimento acentuado no período de dez anos entre o intervalo dos recenseamentos.

⁵ Esse dado diz respeito ao valor considerado para o aumento de segundas residência referente ao distrito sede, ou seja, à cidade de Ponta Grossa, excluindo as áreas rurais.

⁶ O distrito de Piriquitos, no ano 2000 quando ocorreu o recenseamento, ainda não era considerado como distrito municipal, mas sim vinculado à área urbana.

No município de Ponta Grossa, observa-se que o número referente aos distritos municipais mostra crescimento da presença dessa modalidade de residências. Ao observar os valores expostos percebe-se que houve crescimento na procura por segundas residências nos espaços rurais nas diversas escalas de análise, apontando que aquisição da casa de campo tem sido um fenômeno crescente no território nacional.

Para compreender o processo de aquisição das segundas residências no campo essa pesquisa está pautada na abordagem do contexto sociocultural e econômico. A sociedade e a relação com o ambiente estruturam e produzem o sujeito e são simultaneamente produzidos por ele. Quanto mais se amplia a homogeneização cultural do mundo, mais as características singulares dos sujeitos são importantes. Assim, ampliar a compreensão sobre os anseios dos cidadãos que almejam pela vivência rural, materializada na casa de campo, é interessante por constituírem um grupo específico que altera e dinamiza as relações nos espaços urbanos e rurais.

A fenomenologia balizará a captação e tratamento dos dados levantados, buscando compreender esse movimento pelas experiências daqueles que o vivenciam, ou seja, a relação do morador urbano com o espaço que vive e com aquele que busca vivenciar.

A utilização da fenomenologia como forma de valorizar o que o sujeito pesquisado vivencia, possibilita à interpretação do sentido que existe no espaço circundante, e busca-se reconhecer quais são os significados que estruturam a sua identidade, seus hábitos cotidianos no espaço onde ocorrem as representações simbólicas e parte da cultura de um grupo, sendo o caminho para entender sua subjetividade.

A fenomenologia possibilita a construção de um saber onde a humanidade do sujeito é recuperada e o conhecimento é construído a partir da realidade da pessoa. (PEREIRA, 2010). Para essa pesquisa, o intuito é utilizar a fenomenologia para trazer à tona, identificar e reconhecer as motivações dos moradores urbanos para a aquisição da casa de segunda residência e compreender aquilo que causa descontentamento no espaço urbano, a partir das suas experiências e relatos.

Para Tuan (2012) a valorização da experiência do sujeito e a compreensão da relação com o espaço vivido, na formação de sentimentos que estruturam vínculos de ligação afetiva (apego ou rejeição) pelo ambiente, é um tema que

merece ser aprofundado na ciência geográfica, pois refletem a forma de percepção, o valor simbólico atribuído e a interação do ser humano com o espaço.

Frente a atual mobilidade populacional mundial, ocasionada por motivos diversos: econômica, política, étnica, social, intempéries climáticas, cultural, entre outras, esta pesquisa busca compreender a percepção dos sujeitos sobre os dois espaços de residência, o campo e a cidade e a representação simbólica do campo, para pessoas que vivem na cidade e dispendem tempo e dinheiro em busca das vivências que, segundo suas experiências, podem ser apreciadas apenas no campo, pois esse espaço é representado para elas com significativo valor emocional.

Para as ciências humanas, a realidade está permeada do sentido subjetivo, já que as pessoas existem enquanto memória e identidade. Muito se tem avançado sobre inserção da subjetividade como campo de pesquisa que permite compreender a realidade dos sujeitos. Entretanto, ainda é comum que existam certas restrições ao seu uso como forma de interpretação da vida real:

Não deixa de ser estranho, para não dizer irônico, que as ciências sociais se restrinjam a horizontes limitados da vida social, abandonando necessidades humanas tão profundas como: felicidade, democracia, identidade cultural, prática cotidiana, cidadania... Tomam necessidades materiais, por serem geralmente mais imediatas, como mais importantes. A rigor, nenhuma necessidade humana pode ser taxada de mais ou de menos importante, se aceitarmos o homem como totalidade, e não como arranjo de pedaços. (DEMO, 1989, p. 26).

A abordagem fenomenológica ajuda a responder questões ligadas às relações que os sujeitos estabelecem com o espaço, pois remete a compreender os elementos que dão sentido à vida cotidiana com base na experiência e na relação com o espaço de vida.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, sobretudo aquela pautada na abordagem fenomenológica, como modo de valorizar as experiências vividas pelos entrevistados, assegura a coleta de dados que possibilitam compreender as relações sociais entre os sujeitos e deles com o espaço que ocupam. Assim, se compreende o contexto social específico de um grupo. O uso de entrevistas qualitativas oportuniza que a pesquisa se volte para a construção real do mundo dos entrevistados, construído em sua vida diária. (BAUER; GASKELL, 2005).

Para essa pesquisa foram entrevistados treze cidadãos que possuem casa de segunda residência. Seis são homens e sete são mulheres. A idade varia de vinte e sete a cinquenta e oito anos. São pessoas com formação desde o ensino fundamental incompleto à pós-graduação e com diversas profissões. Todos são residentes na cidade de Ponta Grossa e nunca viveram no campo antes de possuírem a casa de segunda residência. Segue-se um quadro que possibilita reconhecer o perfil dos entrevistados:

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

(continua)

Designação por ordem de entrevista	Identidade de gênero	Idade	Grau de instrução	Profissão	Ligação com o campo
1	Masculino	57	Pós-Graduação	Professor universitário	Na infância passou momentos no campo, nas propriedades de familiares. Atualmente é locatário de casa de campo.
2	Feminino	54	Pós-Graduação	Fonoaudióloga	Comprou uma propriedade com o esposo, que já faleceu, mas guarda as lembranças do campo associadas com sua história de amor.
3	Feminino	52	Pós-Graduação	Pedagoga aposentada e comerciante	Os pais viveram no campo. Quando casou-se, junto com o marido tinham como sonho de casal construir uma casa no campo para reunir-se com os filhos.
4	Masculino	46	Ensino Médio Completo	Mecânico	Os pais viviam no sítio, mas mudaram-se para a cidade. Hoje possui uma casa no campo com o irmão, para onde retornaram seus pais.
5	Feminino	27	Pós-graduação	Engenheira Agrônoma	Visitava o sítio com frequência na infância e hoje cultiva hortaliças com o namorado, na propriedade dos pais. Acredita que o contato com o mundo rural influenciou na escolha profissional e quando casar pretende morar no campo.
6	Masculino	53	Fundamental incompleto	Comerciante	Mantem uma casa junto com o irmão no campo e pretende se mudar para lá quando se aposentar.
7	Feminino	49	Ensino Médio Completo	Comerciante e dona-de-casa	Mantem uma casa com o marido e pretende se mudar para lá quando se aposentar.
8	Masculino	51	Fundamental completo	Comerciante	Na juventude frequentava as propriedades de familiares, comprou uma propriedade e

					está construindo sua casa.
9	Feminino	45	Ensino Médio Completo	Dona-de-casa	Acompanha e incentiva o esposo nas idas ao campo e gosta de relembrar bons momentos vividos na casa com a família.
10	Masculino	50	Fundamental completo	Comerciante	Mudou-se para a cidade ainda criança para tentar ter uma vida melhor, mas manteve o desejo de ter uma residência no campo e no futuro pretende transformar a propriedade em um espaço para eventos.
11	Feminino	57	Ensino Médio Completo	Vendedora/ atendente de balcão	Possui uma casa de campo junto com os irmãos e tem nesse espaço um refúgio.
12	Masculino	58	Ensino Médio Completo	Comerciante	Na infância visitava os familiares e quando teve condições financeiras, realizou um investimento financeiro e na saúde adquirindo uma casa de campo.
13	Feminino	51	Ensino Médio Completo	Dona-de-casa	Relembra da infância os bons momentos vividos com familiares e vê na casa de campo a oportunidade de reunir toda a família para confraternizar e um espaço para descansar com o esposo e filhos.

As entrevistas seguiam um tópico guia, previamente elaborado com trinta e uma questões abertas e quatro questões fechadas relacionadas à identificação dos sujeitos. As entrevistas foram gravadas com uso de celular e posteriormente transcritas e tiveram duração média de uma hora e trinta minutos, realizadas na cidade de Ponta Grossa, buscando respeitar as preferências dos entrevistados, quanto ao local, para que se sentissem mais a vontade.

Todos os entrevistados tem formação escolar mínima (desde Ensino Fundamental incompleto à Pós-Graduação), com renda média (aproximada) de seis salários mínimos, residência fixa em Ponta Grossa a mais de vinte anos e uma casa de segunda residência nos distritos rurais municipais. A faixa de renda permite observar que não há um padrão para aquisição de casas de campo apenas por cidadãos de classe alta, mas muitos membros de famílias entrevistadas obtiveram a casa por meio de anos de economia, voltados a realização do sonho de possuir a casa e da possibilidade de fazer um investimento financeiro no mercado imobiliário.

As entrevistas com cinco agentes imobiliários foram realizadas nas próprias empresas. As entrevistas foram gravadas com uso de celular e posteriormente

transcritas e tiveram duração média de quinze minutos, seguindo um tópico guia que contava com seis questões abertas, buscando traçar um perfil de compradores de casa de campo.

A vida banal e rotineira dá significado à vida e buscar compreendê-la por meio do discurso é um desafio, já que muitas coisas não se revelam no discurso, apenas na prática. Por isso é importante deixar os entrevistados a vontade como se estivessem em uma atividade diária e buscar que falem sobre suas práticas espaciais na cidade e no campo.

As experiências dos moradores urbanos com a cidade não são nomeadamente negativas. Contudo, percebe-se que o movimento crescente de pessoas que possuem segunda residência nos distritos rurais do município de Ponta Grossa e buscam viver no campo, aponta para a reflexão de algumas questões: por que deixar a cidade? O que “incomoda” ou falta? Por que ter outra casa? O que buscam esses sujeitos? Por que a escolha pelo campo e não pela praia ou outra cidade menor? Entre outros questionamentos.

Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa é compreender a(s) motivação(ões) da aquisição da segunda residência no campo pela população urbana, entendendo que há um movimento desse grupo populacional para adquirir uma outra moradia em um espaço específico, o campo, motivados pela busca de um contexto sociocultural rural, pela melhoria da saúde e qualidade de vida, movidos à ‘fuga’ da cidade em busca do modo de vida rural.

De acordo com Almeida (2002) na literatura brasileira não há muita produção voltada ao tema ‘fuga da cidade’ e as que existem geralmente abordam o tema da perspectiva do morador do campo, quando esse espaço geográfico é retratado pela simplicidade, singeleza, pureza e inocência, contrário à cidade, que remete à inteligência astuta, a sujeira, a esperteza dos integrantes das esferas de poder.

Contudo, mesmo que nesse trabalho estejam sendo consideradas as pessoas que saem do ambiente urbano, não se nega a existência das pessoas rurais que, por diversos motivos (geralmente relacionados a maior acesso a serviços de saúde, educação, segurança, em busca de melhores condições de emprego e renda, entre outros) deixam o campo e vão para os centros urbanos, mantendo o êxodo rural.

No contexto internacional e nacional das pesquisas que abordam as segundas residências, percebe-se que há maior preocupação das áreas turísticas

(lazer, impactos ambientais, economia) e em relação ao fator habitação (uso do solo, acesso à moradia). Poucas pesquisas se voltam à compreensão do campo enquanto espaço de recepção das segundas residências, sobretudo pelo viés sentimental da relação que se estabelece com o espaço. Nesse sentido, essa pesquisa se desenvolve com o intuito de compreender o âmbito sentimental da relação da busca da segunda residência pelos moradores da cidade, partindo da compreensão de que há um contexto cultural no campo, formado pela paisagem e pelo modo de vida, que exerce poder de encantamento sobre os cidadãos. Por fazer uma abordagem ampla do assunto, a tese também contempla os aspectos econômicos da aquisição e manutenção da casa de segunda residência.

O primeiro capítulo abordará as discussões culturais, a busca pela vivência do modo de vida rural, de novas experiências possíveis dentro de um contexto espacial e cultural específico, que pode ser um dos motivadores da aquisição e manutenção da segunda residência no campo. Esse capítulo discute questões sobre identidade e patrimônio cultural rural e é construído a partir de referencial teórico e de pesquisas de campo junto aos sujeitos que vivenciam a experiência da segunda residência no espaço rural do município de Ponta Grossa. Considera-se que a busca pela segunda residência em um espaço geográfico específico, o campo, é motivada, sobretudo, pela exaustão causada pelo modo de vida urbano. Dessa maneira, estabelece-se uma discussão acerca dos conceitos de território, identidade e cultura, discutindo sobre o processo de territorialização por meio da apropriação/construção simbólica do espaço e da vivência da multiterritorialidade pelos moradores de segunda residência.

O segundo capítulo busca compreender os motivos da “fuga” da cidade pelos moradores urbanos, compreendendo quais fatores impulsionam esse movimento de saída e opção de procura por outros espaços para vivenciar. Para compreender esse movimento crescente na contemporaneidade, é apresentada uma discussão sobre a relação histórica, no aspecto simbólico da relação do ser humano com as cidades, o campo e a ruptura da relação homem-natureza. Busca-se compreender com as falas dos sujeitos que realizam essa movimentação, quais os elementos são motivadores para a saída da cidade, a buscar uma residência no campo e a manutenção da segunda residência.

No terceiro capítulo será tratada a influência que as atividades de lazer e o turismo têm na aquisição de uma residência secundária no campo. As atividades de

lazer são fundamentais na formação do ser humano, tanto para sua saúde física e mental, quanto para a sociabilidade e sua construção intelectual e moral. O mercado turístico se volta para um espaço buscando apropriar-se de suas características espaciais, ambientais, sociais, culturais e no campo encontrou uma miscelânea de características peculiares atrativas ao crescente mercado consumidor urbano. Contudo, apesar de semelhantes às ações de ter uma segunda residência e praticar turismo rural diferenciam-se, sobretudo nos aspectos sentimentais que envolvem a casa de campo.

Essa tese compõe parte da trajetória acadêmica da autora, que ao inverso do grupo pesquisado, morava no campo e mudou-se para a cidade para dar continuidade ao processo de formação acadêmica. As pesquisas relacionadas iniciaram-se ainda na graduação, com a iniciação científica e Trabalho de Conclusão de Curso, quando se pesquisou as vilas distritais do município de Ponta Grossa, buscando compreender como se dá o processo de autoidentificação das pessoas que moram em espaços considerados urbanos pelos órgãos administrativos – as vilas distritais rurais - cercados pelo campo e que mantêm práticas cotidianas rurais. Desse trabalho desenrolou-se a dissertação que buscou compreender o que é o patrimônio cultural rural a partir das vivências dos sujeitos do campo, ou seja, moradores permanentes e citadinos com casa no campo. Ao longo das duas primeiras pesquisas observou-se o grande número de casas de segunda residência nos distritos rurais de Ponta Grossa o que despertou o interesse pelo fato, dando origem a essa tese.

Os citadinos que possuem segunda residência constroem sobre o campo uma representação social edificada nas memórias passadas, ligadas à infância, às relações sociais carregadas de sentimento, à tranquilidade e contato com a natureza, formando uma concepção idílica que é somada a insatisfações pontuais com sua vida na cidade, geralmente ligadas ao esgotamento psicológico associados a esse modo de vida.

De tal maneira, procura-se avançar nas reflexões que auxiliem na compreensão da relação sentimental com o espaço cotidiano vivido na cidade e almejado no campo, entendendo a significativa importância em compreender a vinculação afetiva com o ambiente para a qualidade de vida do ser humano.

1 PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL E SUA INFLUÊNCIA NA BUSCA PELA SEGUNDA RESIDÊNCIA

Esse capítulo se inicia com um diálogo entre a letra da música “Casa de Campo” e trechos das entrevistas. Para os proprietários de segunda residência, o campo é um espaço relacionado aos sentimentos, à beleza, aos sonhos, aos desejos, assim como expressa os versos dessa canção:

Eu quero uma casa no campo

“essa casa de campo, onde nós estamos fazendo hoje, era nosso sonho de consumo”

Onde eu possa compor muitos rocks rurais

“a gente ia pra lá e levava violão, compunha músicas lá, o esposo escrevia, aí eu era responsável pela parte melódica, de botar melodia nas músicas.”

E tenha somente a certeza, dos amigos do peito e nada mais

“Então vão aqueles amigos que gostam mais do campo, já sabem da minha casa e sempre estão ali”

Eu quero uma casa no campo

“meu sonho sempre era ter uma propriedade rural”

Onde eu possa ficar no tamanho da paz

“a tua paz de espírito, superimportante, você caminha, você pensa, você está perto das pessoas que você gosta...”

E tenha somente a certeza, dos limites do corpo e nada mais

“pra você ter uma ideia, lá eu não uso relógio, eu sei que tá na hora de entrar pra almoçar, eu sei por instinto, porque lá, como diz você relaxa mesmo, você chega num lugar desse, você relaxa”

Eu quero carneiros e cabras

“Eu vejo todos os meus carneirinhos, aquilo me faz bem, ficar observando, aí você para e perde-se um tempo ali...”

Pastando solenes no meu jardim

“então ele abre a porteira da divisa entre a nossa casa e a casa dele e solta os carneiros lá, e os carneiros cortam toda a grama...”

Eu quero o silêncio das línguas cansadas

“é gostoso, ficar mais assim em silêncio, ficar tranquilo, quer conversar, conversa, não quer, não conversa, sai andar, é bom, desligar um pouco, é gostoso.”

Eu quero a esperança de óculos

“porque ele tem bastante árvore que fecha assim o caminho, você parece que tá, sei lá, andando por uma estrada que vai, eu imagino assim, que é tipo, quando a gente tiver indo pro céu...”

Meu um filho de cuca legal

“o filho tinha muita bronquite, quando a gente chegava lá, dizia ‘respire filho, que aqui você pode respirar fundo porque aqui o ar é diferente’”

Eu quero plantar e colher com a mão a pimenta e o sal

“eu gosto de ir lá, de cavar um buraco, de plantar uma florzinha, de plantar alguma coisinha, não faço muito, mas é uma coisa que eu gosto bastante, parece que é muito gostoso assim, mexer na terra, você cuidar, arrumar, ajeitar pra você plantar e depois ver crescer”

Eu quero uma casa no campo

“sempre quis lugar assim, talvez fiquei com o sonho que o meu pai não realizou”

Do tamanho ideal, pau a pique e sapê

“Eu tenho um ciúme da casa... Por mais que seja simples e não tenha nada de caro lá, mais eu tenho muito ciúme dela”

Onde eu possa plantar meus amigos

“eu convido os meus amigos, eu gosto que meus amigos vejam à minha casa, que eles sintam a mesma coisa que eu, é como se eu desse um presente pra eles”

Meus discos e livros e nada mais

“essa é uma casa de campo mesmo! Então esse que é nosso sonho, e ali nós vamos ficar até morrer”

Este capítulo abordará as reflexões culturais sobre a temática discutida, a busca pela vivência do modo de vida rural, de novas experiências possíveis dentro de um contexto espacial e cultural específico, que é um dos motivadores da aquisição e manutenção da segunda residência no campo. Serão apresentadas discussões sobre identidade e patrimônio cultural rural, construído a partir de referencial teórico e de pesquisas de campo junto aos sujeitos que vivenciam a experiência da segunda residência no espaço rural do município de Ponta Grossa.

Apesar do movimento de busca pela residência secundária no campo ser antiga, como será abordado no próximo capítulo, os estudos sobre as segundas residências são recentes no Brasil e existe uma carência no que diz respeito à compreensão do aspecto simbólico da aquisição desse tipo de moradia. Observou-se nessa pesquisa, que a busca pela segunda residência em um espaço geográfico

específico, o campo, é motivada, sobretudo pela sensação de esgotamento com o modo de vida urbano sentido pelos cidadãos que buscam a casa de campo.

Dessa maneira, é importante estabelecer uma discussão acerca dos conceitos de território, identidade e cultura, buscando dar inteligibilidade ao processo de busca pela segunda residência a partir da compreensão do espaço geográfico como território e da interpretação cultural desse conceito, discutindo sobre o processo de territorialização por meio da apropriação/construção simbólica do espaço e da vivência da multiterritorialidade pelos moradores de segunda residência.

A partir da apropriação simbólica do modo de vida rural, o morador urbano busca vivenciar novas experiências em um espaço diferente daquele da sua vida diária, o que motiva a busca por outro espaço que congregue aquilo que é o sonho de vida do morador urbano – a tranquilidade, o silêncio, a melhor qualidade para sua saúde física e psicológica, entre outros. Dessa maneira, percebe-se que o que é considerado patrimônio cultural rural exerce influência na escolha pelo campo.

1.1 ABORDAGEM CULTURAL E SEGUNDAS RESIDÊNCIAS: O TERRITÓRIO SIMBÓLICO

O espaço enquanto multidimensional é construído e compreendido por meio de uma combinação de componentes. Compreender as relações sociais entre os atores que o vivenciam é uma tarefa complexa, uma vez que transcorrem entre os campos da economia, política, cultura, questões sociais e tantas outras, transformadas ao longo do tempo.

A cultura pode ser entendida a partir das relações sociais que ocorrem no espaço e permite compreender os sentimentos que o sujeito desenvolve no seu espaço de vivência e no seu contexto de (re)produção sociocultural uma vez que também influencia na maneira como o espaço é percebido. Por meio dos traços culturais de um grupo social é possível compreender elementos que dão sentido e estruturam a cultura.

Para Christlieb (2006) a abordagem cultural na Geografia permite compreender mais que os aspectos culturais do espaço, mas também como as diferentes culturas apreendem o espaço geográfico. Enquanto uma abordagem científica, a cultura permite olhar para a maneira da compreensão dos sujeitos sobre

o espaço, reconhecendo a complexidade que envolve a formação da paisagem produzida pelas pessoas.

A cultura está em constante transformação e deve ser abordada dentro de um contexto social, histórico e geográfico, da política e economia, pois os símbolos, signos e representações mudam constantemente, perante os novos imperativos dos sujeitos. De tal maneira, o espaço e a abordagem que se dá a ele, em diferentes composições também se modifica constantemente, de acordo com a cultura do grupo que o vivencia.

Enquanto composição da apropriação dos sujeitos pelo espaço, à cultura permite compreender o arranjo cotidiano que expressa o modo de vida, as interações sociais, a herança cultural e o que configura a formação, interpretação e relação com os outros e com o espaço. A cultura de um grupo é delineada na relação de um grupo com o real e o virtual, no cotidiano, onde se formam os valores, crenças, significados e rituais, partilhados pelo grupo.

Dentro do seu próprio conjunto de elementos constituintes, a cultura é modificada, inovada e enriquecida pelo contato com outras expressões culturais. Por vezes, o encontro entre diferentes culturas é conflituoso, mas parte do processo de transformação e mutação cultural, uma vez que novidades podem ser integradas parcial ou integralmente, já que os conceitos e realidade da cultura, sociedade e espaço não são dogmas, mas estão em constante modificação. (CLAVAL, 2007).

Em uma sociedade entremeada por diversidades e desigualdades, a cultura é formada nas interações entre os indivíduos e grupos sociais, o que se expressa nos distintos posicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais. De tal modo, certos grupos têm maior ou menor poder e, por conseguinte, desempenham maior ou menor alcance sobre outros grupos culturais. No entanto, essa disparidade não significa que existe cultura melhor ou pior, superior ou inferior às outras, de maneira que os grupos de menor poder não tendem necessariamente a desaparecer em um momento de confronto cultural. (CUCHE, 1999).

Essa relação pode ser observada quanto à conceituação de urbano e rural, uma vez que os discursos de poder comumente colocam o urbano como superior ao rural, com oscilação de representatividade do campo em dados momentos, como será discutido mais a frente.

Formada na subjetividade humana, por vezes de maneira irracional, a cultura congrega saberes, conhecimentos, técnicas e valores acumulados ao longo

de várias gerações e transmitidos como herança, formada nas relações sociais históricas sobre um território, sendo um produto em transformação contínua, recriada e adaptada. De tal maneira, o patrimônio cultural de um dado grupo, integra os produtos de uma sociedade, nos quais estão elementos com carga simbólica que representam e proporcionam aos indivíduos o sentimento de pertencimento, realçando os símbolos e representações compartilhadas. (CLAVAL, 2007).

O surgimento das diversas culturas se deu na dispersão pelo espaço dos sujeitos, no início da civilização. Com o surgimento e desenvolvimento das cidades, as trocas comerciais e culturais se intensificaram e desde então, essa relação entre expansão comercial e cultural mantém certa associação. O desenvolvimento do transporte e da comunicação foram fatores determinantes para que a cultura se deslocasse, fosse disseminada e mundializada, seguindo a dinâmica social. Com o avanço do processo de globalização e do progresso técnico-científico-informacional, ocorre a tendência à homogeneização cultural mundial, mas o que de fato ocorre é um reforço nas diferenças entre classes e culturas. (WARNIER, 2000).

O contato com novas culturas é facilitado pela expansão e disseminação dos meios de comunicação e transporte e como a cultura está em continuada alteração, a existência de uma cultura pura, composta apenas por características intrínsecas ao grupo cultural é algo refutável. Em virtude da própria dinâmica interna da realidade de um grupo, a cultura se modifica, mantendo suas especificidades e integrando novos elementos representativos para determinada sociedade. (CUCHE, 1999).

Quando se aborda a relação rural-urbano na contemporaneidade, a manutenção cultural frente à aproximação de novas culturas fica evidenciada. Mesmo que a proximidade (geográfica e cultural) entre campo e cidade seja gradativamente ampliada pelas novas configurações econômicas, políticas e socioculturais percebe-se que as especificidades desses dois espaços são mantidas, existindo uma relação de complementariedade entre eles.

As diferentes culturas são singulares, múltiplas e localizadas geograficamente de tal maneira que possuem particularidades. O encontro entre diferentes grupos culturais pode originar relações de assimilação, cruzamento, interpenetração das culturas, e dessa maneira, podem coexistir mais de uma cultura em um mesmo espaço geográfico. (WARNIER, 2000).

Para os proprietários da casa de segunda residência a fronteira entre campo e cidade espaços é ainda mais facilmente transponível, mas fortemente demarcada pelas diferenças que os fazem buscar viver outro espaço que não aquele da vida cotidiana, deslocando-se entre uma e outra cultura.

As várias relações sociais que ocorrem no/com o espaço se transformam ao longo do tempo e alteram a percepção dos sujeitos em relação ao seu espaço de vivência. A cultura é constantemente produzida nas ações humanas e por mais que não seja perceptível por não ser reflexiva, está oculta na rotina e vida cotidiana. Os traços culturais se desenvolvem e se (re)produzem no cotidiano das pessoas, na forma material e imaterial e também (re)modelam o contexto social e o espaço geográfico. (COSGROVE, 1998).

A compreensão de mundo se estabelece a partir da relação do corpo com o espaço habitado, o espaço da experiência, onde se produz a cultura. É criado um conjunto de significados que gera um esquema espacial, produzido de maneira objetiva e subjetiva, na medida em que se desenvolvem as experiências da vivência cotidiana. (MOREIRA, 2009). A cultura é uma das formas pela qual o sujeito apropria-se do espaço e se molda na forma de interpretação que o grupo tem da realidade vivida. Assim a conceituação da cultura é formada pela interação do indivíduo e da realidade cotidiana.

No cotidiano, as pessoas constroem e modificam suas identidades, amparadas na vivência diária e nas experiências individuais ou em grupo. A experiência abrange os diferentes modos, ativos ou passivos, pelos quais os seres humanos conhecem e arquitetam a realidade, com base nos sentidos do corpo humano até a percepção e interpretação de símbolos. (TUAN, 1983).

A abordagem cultural se volta a compreender os significados construídos pelos diversos grupos sociais, nas suas espacialidades passadas, presentes e futuras, pois o conjunto de significados criados está intimamente ligado às espacialidades humanas cotidianas. (CORRÊA, 2009).

Nas transformações que ocorrem no contexto histórico, político, econômico e social, a cultura é transformada, moldando-se às necessidades atuais dos atores, (re)criando significados para as coisas e espaços. Uma das formas de compreender a apreensão e construção do espaço pelas pessoas é por meio da abordagem cultural do conceito de território.

1.2 TERRITÓRIO E IDENTIDADE: A APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO

O território é construído no cotidiano das pessoas e por isso é multifacetado, já que o ser humano e a sociedade não podem ser considerados enquanto partes, mas como um todo, sendo plural, dinâmico, objetivo e subjetivo, considerando as alterações que ocorrem na sociedade no espaço e no tempo e caracterizam a complexidade da compreensão do real.

O conceito de território é amplamente utilizado na ciência geográfica, pela abrangência de inteligibilidade plausível sobre o espaço geográfico que é possibilitado a partir desse conceito-chave. De acordo com Saquet (2007) o território deve ser compreendido pela sua (i)materialidade, pelo seu caráter multidimensional, considerando-se a relação espaço-temporal e a objetividade e subjetividade, pois ideia e matéria estão simultaneamente no espaço.

Como um conceito de ampla abordagem, o território engloba as múltiplas variáveis de formação e dinâmica do espaço (política, econômica, sociocultural). Entretanto, aqui será dado enfoque a apropriação simbólica do território rural, analisando o fenômeno das segundas residências estabelecidas no campo.

No Brasil, a abordagem do conceito de território que abarca os aspectos simbólicos-culturais tem seu uso intensificado na década de 1990, a partir da compreensão de territórios com relações econômicas, políticas e identitárias com ênfase na vida cotidiana, entendendo o território como condição e produto de processos sociais. (SAQUET, 2007).

Na vertente interpretativa de território enquanto campo dos sentidos e da sensibilidade humana, a paisagem e a natureza modelam essa relação humana com o espaço. O território dentro dessa compreensão está vinculado ao equilíbrio e harmonia entre pessoa-natureza e cada sociedade tem um vínculo identitário com o lugar ou paisagem onde ocorre seu viver cotidiano e com os quais se identificaria. (HAESBAERT, 2002).

O processo de vinculação de um indivíduo a um grupo sociocultural se dá pela identidade, constituída de um conjunto de conexões entre o sujeito e a sociedade. A identidade por vezes é questionada e pode alterar-se, pois não é imutável, seguindo as necessidades que vão surgindo, sendo adaptada, recriada, mantida em certos aspectos, segundo o que exigem as novas configurações econômicas, políticas e socioculturais.

De tal maneira, observa-se que a identidade permite a flexibilidade de ação e vinculação do sujeito com determinado espaço. Essa relação pode ser observada nos moradores de segunda residência que transitam entre dois espaços marcados por culturas distintas e grupos sociais com diferentes identidades. Quando estão na cidade, sua identidade os liga ao ambiente urbano, conformando-os às situações e comportamentos das pessoas com quem convivem dentro dos padrões culturais desse espaço. Quando vão para o campo, ‘vestem’ outra identidade e passam a corresponder com o ambiente rural e tentam enquadrar-se ao convívio naquele espaço, de tal maneira que procuram adequar seus hábitos àquela nova realidade, na interação com o espaço e a população local.

A identidade é formada, pela relação do sujeito com suas próprias experiências e com o contato com o mundo e com a sociedade, como afirma Hall “[...] A identidade é formada na interação do eu e a sociedade. Sujeito com núcleo interior “eu real” e modificado no contato com [...] os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”. (HALL, 2006, p. 11).

Os grupos sociais atribuem significados aos objetos e ações, segundo o espaço e temporalidade, em seus processos de existência e identificação. Esse conjunto de significados, de técnicas e saberes forma a cultura. Os sistemas de significados se concretizam na organização social e espacial, estruturam e modelam as relações sociais e ainda, a forma de experiência, entendimento e interpretação do espaço. (CORRÊA, 2003).

O processo de identificação se dá no âmbito cultural e é expresso também pela ligação que há com o território, onde se (re)criam e se desenvolvem as práticas culturais de um grupo social. A cultura enquanto forma de apropriação/produção de um espaço, ocorre no viver diário, na construção da história e pode estar refletida no sentimento de pertencimento a um território – ou processo de identificação territorial. Contudo, de acordo com Lefebvre (2006), há uma diferença entre a dominação e sua apropriação. A dominação está muito mais para a posse de uma propriedade, para o caráter político de um território. Já a apropriação aconteceria pelas práticas sociais e uso da técnica, na amplitude simbólica territorial.

Essa compreensão da apropriação simbólica remete ao processo de identificação que os grupos desenvolvem sobre os espaços vivenciados na cotidianidade. O viver diário, a construção de sua história, o sentimento de

pertencimento a um território, viver num grupo faz com que o sujeito tenha uma identificação.

Para os moradores de segunda residência, a identificação com o campo e com o modo de vida rural, influencia na busca pela dominação de um espaço físico, o espaço da casa, do quintal. A concepção acerca do espaço rural também faz parte de um discurso, produzido pelos que vivem no campo e de maneira mais acentuada pelos grupos de poder dominante, ora considerando o campo como lugar tranquilo, com maior qualidade de vida e a valorização da natureza, ora como espaço de atraso, de pouco desenvolvimento.

De tal maneira, a busca pela segunda residência é motivada pelo desejo em apropriar-se do que simboliza o universo rural, ou da representação social construída sobre esse espaço, existindo um sentimento de vinculação:

Então, a gente sempre quis ter uma casa de campo, [...] **casa de campo bem dizer é uma segunda casa**, por isso que você já faz uma casa de campo meio perto da tua até pra se locomover é muito melhor, eu optei por casa de campo, uma porque a gente gosta, **as nossas raízes, tá no sangue**, esses dias eu fui pra Minas conhecer o lugar que a minha mãe tinha nascido, gente quando eu cheguei naquele lugar que lugar mais lindo! Era uma cidadezinha, Dom Joaquim, sei lá quantos habitantes têm lá, não deve ter cinco mil habitantes, [...] têm uma cidadezinha no meio e onde eu nasci era mais retirado, nossa quando eu cheguei lá eu estava nos anos 1930! Lindo, lindo, lindo, eu adoro lugar assim, **então por isso que eu adoro casa de campo mesmo, raízes, não sei, é feeling mesmo. Não sei, eu gosto, sempre gostei.** (ENTREVISTA, 2016 – grifos nossos).⁷

Quando se realiza uma busca rápida em dicionários, ou na *internet* entende-se para a palavra *feeling* muitas traduções como: o modo ou a capacidade de sentir uma situação, sentimento, percepção, sensibilidade, sentimento intuitivo, sentimento que toca o coração, ou pela palavra “*feel*” traduzida como sentir, somada a sufixo “ing” que dá a ideia de gerúndio, ou seja, sentindo. O sentimento que toca o coração dos moradores de segunda residência por ser considerada a identificação com o campo e seu modo de vida peculiar, pela cultura do campo, pelos seus patrimônios culturais. A motivação da aquisição da segunda casa no campo se dá, nesse contexto de relação com a experiência urbana e rural vivenciada por esses indivíduos.

⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

A identidade é formada entre os contrastes da sociedade da qual o indivíduo pertence e das suas experiências. De acordo com Warnier (2000) o que diferencia os diferentes grupos e liga o indivíduo a um grupo social é a identidade, que se modifica conforme o contexto vivenciado.

A modificação da identidade permite ao cidadão realocar sua identificação com o campo e a cidade. Sua identidade com o rural se estabelece na percepção da diferença entre o contexto dos ambientes nos quais já teve experiências. Para os donos de segunda residência não há uma desvinculação identitária com o contexto urbano, mas sim, com um conjunto de elementos que formam o modo de vida urbano contemporâneo e causa fadiga e estresse para essas pessoas e a vinculação identitária com o campo se dá em contrapartida a essa percepção, estruturada em um contexto rural idealizado como aquele de descanso, paz e tranquilidade.

A identidade funciona como uma síntese da cultura do grupo e, por ser flexível, permite que o sujeito possa adaptar-se a diversas situações. Por isso, se fala de um processo de identificação, por ser uma construção dinâmica da realidade que liga o sujeito à determinada cultura, perpassando pela construção histórica e geográfica da cultura de determinado grupo:

Como sabemos, nossas identidades – em seu caráter mais ou menos múltiplo – são sempre configuradas tanto em relação ao nosso passado, à nossa memória e imaginação, isto é, à sua dimensão histórica, quanto em relação ao nosso presente, ao entorno espacial que vivenciamos, isto é, à sua dimensão geográfica. (ARAUJO e HAESBAERT, 2007, p. 33-34).

O espaço onde se desenvolve uma identificação e que é apropriado por atores sociais, tornando-se palco de sua produção e experiências, adquire um valor de uso, dado por esse grupo que sobre ele desenvolve controle simbólico. Dentre as relações que se estabelecem em um espaço, as relações de poder são muito significativas sejam elas no sentido de dominação ou da apropriação (podendo essas duas situações ocorrerem simultaneamente).

Como espaço com conotação material e simbólica apropriado/dominado por sujeitos, o território recebe uma série de significações. A territorialização é um processo de domínio de poderes e apropriação simbólica-cultural do território, quando ocorre um processo de significação (representação social e significação

desse território para determinada sociedade) podendo resultar objetivamente na mobilização política desse grupo quando pela territorialidade o indivíduo se sente parte de um território. Dessa maneira, a territorialidade, seria expressão de simbolismo do uso de um território. (ARAUJO e HAESBAERT, 2007).

O território é marcado não apenas pela sua efetividade material, mas pelo conjunto de simbolismos que se desenvolvem sobre ele expressando a objetividade/subjetividade que o constitui:

para os indivíduos e as organizações, o território se inscreve sob a forma de marcos, tais como os *lugares* (rios, montanha, vale, planalto, floresta, mercado tradicional etc.), os *trajetos* (de caça, trabalho, defesa, esporte, lazer etc.), os *símbolos* (lutas, heróis, criações, produção), as *estruturas fundiárias* (obras, construções, pontes, portos, arquitetura etc.), os *equipamentos coletivos* (moinhos, hospitais, escolas, campos de futebol, áreas de jogo, centros comunitários, salas de espetáculos etc.), que marcavam antes e ainda marcam o cotidiano vivido. (PROULX, 1997, apud WANDERLEY, 2000, p. 117).

O território acontece em diferentes escalas, simbolismos e materialidades, permeado por relações de poder econômico, político e cultural. Por se tratar de uma compreensão do espaço tão multifacetada, o território possibilita também vivências múltiplas, expressando diferentes identidades e identificações, como ocorre com os moradores de segunda residência, que hora tem identificação com a cidade, hora com o campo.

No caso estudado, os moradores citadinos que tem casa de segunda residência no campo, têm identificações com o campo e o modo de vida, constituídas na sua história familiar, quando em algum momento viveram experiências no campo – comumente na infância – ou por meio do depoimento de familiares próximos que moraram no campo ou tinham o sonho de ter uma casa de campo, sendo uma herança simbólica.

A família do Esposo é de lá [espaço rural] os avós, e os meus pais também gostam de campo, então eu acho que fica carregado na gente, já é inerente nosso esse, esse gostar do campo, eu acho que na gente já é genético, a gente você já nasceu gostando, por mais que veja, a gente viveu a vida inteira na cidade, porquê a gente gosta? Não sei, eu acho que tudo é familiar. Se bem que o Esposo, o pai e a mãe dele moravam em Curitiba, ele fugia do pai dele pra passar as férias [no campo], porque ele sempre gostou do mato, e até hoje ele é assim, ele gosta muito. É do meu pai também, porque meu pai sempre teve chácara, com tudo isso: paiol, com área de porco, com peru, com frango, trator, máquina de arroz, tudo aquelas

coisas. Então, a gente cresceu e o Esposo também, porque a gente casou, todo o fim de semana a gente ia pra lá [casa de campo], então a gente acostumou, a gente aprendeu a gostar desse tipo de coisa, de chimarrão, tem chimarrão também que eu uso lá e aqui não, tomar chimarrão de manhã. Então, a nossa influência é de família mesmo, de opção de vida também, é melhor a qualidade de vida mesmo, a gente quer isso também pra nós, a gente trabalhou muito, casamos novos eu e o Esposo, eu tinha dezoito e ele vinte e poucos, então a gente quer ir para o campo, estamos sonhando. (ENTREVISTA, 2016).⁸

Sim, é que a gente já tinha esse contato com o campo, e assim, eu acho que um pouco também a história, do meu avô veio do sítio, ele veio, morava numa fazendinha, lá numa chácara, tinha um moinho de trigo, então ele largou as coisa de lá e veio pra cidade, trouxe, a minha mãe nasceu no campo e veio pra cidade, o meu pai, a família dele também era do campo e veio morar na cidade, então já tinha aquela raiz assim, de ter crescido pisando na terra, subindo em árvore, veio pra cidade e aqui também eles buscaram essa coisa, de que nem acampar, de visitar lugares, tinha um amigo que morava numa fazenda, os próprios parentes que ficaram no campo, que a gente ia visitar eles, então acho que isso tinha, que a gente ia lá, passeava no lugar, aproveitava, visitava o riozinho, não sei o que, então acho que tem bastante influencia, se a gente não tivesse esse contato, nunca teria partido essa vontade de ter um lugar próprio assim? (ENTREVISTA, 2017).⁹

Porque é de infância, porque eu sou uma pessoa de interior, meus pais vieram do campo, meu pai era apaixonado por área rural e eu herdei dele. (ENTREVISTA, 2017).¹⁰

De acordo com Haesbaert (2002) na contemporaneidade as pessoas são constantemente chamadas a posicionar-se quanto a uma territorialidade ou outra, vivenciando concomitantemente múltiplos territórios. Esses momentos diferenciam-se em intensidade de controle espacial, interação social e identificação.

A partir da década de 1980 no Brasil, ocorreu a intensificação do processo de aquisição de segundas residências, além da residência fixa mantida onde ocorre à vida cotidiana, a reprodução social do sujeito, as pessoas tem buscado uma residência secundária, em espaços diferenciados. Os moradores de segunda residência vivenciam intensamente esse caráter multiterritorial do espaço.

⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

¹⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

A relação entre territorialização, multiterritorialização e segundas residências, não têm suas causas apenas na contemporaneidade, pois a relação entre cidade e campo, rural e urbano é ditada pelos acontecimentos dos momentos históricos - como se discute no próximo capítulo. Contudo, com o processo de globalização acelerando o avanço do capitalismo, que se apropria das cidades, modificando a estrutura urbana, o modo de vida cotidiano e as percepções de tempo, ocorrem com mais intensidade, de maneira que é acentuada a exaustão com o modo de vida urbano. Alguns cidadãos elaboram identificação com a representação social de campo, construída ao longo da vida, por meio de vivências momentâneas no campo, ou de um sonho vendido nos meios de comunicação por meio dos setores de turismo e imobiliário.

1.2.1 Relação com o tempo e o modo de vida urbano

As cidades, com suas atividades e organização espacial refletem relações dinâmicas que se estabelecem sobre o espaço geográfico. As cidades contemporâneas são marcadas pela velocidade nas relações sociais, pelo efêmero, pelo fluído. (HARVEY, 1993).

Conforme Santos (2006), cada lugar pode ser distinguido pela sua diferença de temporalidades, cada tempo ganha sua concretude com a interpretação na vida ativa dos agentes sociais e as temporalidades caracterizam a forma de ocupação e vivência do espaço de um determinado lugar.

Para Tuan (1983) as pessoas têm diferentes formas de apreender o tempo e o espaço e, com base na formação desses dois conceitos, é que elaboram o tempo e o espaço de sua vida diária. A formação da estrutura espaço-temporal raramente é consciente e depende ainda das atividades desenvolvidas por cada indivíduo, sendo assim, especial, subjetiva.

É, sobretudo nos grandes centros urbanos e nas metrópoles, onde as novas maneiras de relação com o tempo e as próprias relações sociais – marcadas pela fluidez - se transformam e influenciam na construção/apropriação/percepção do território pelos indivíduos. A vida se modifica, logo, as formas do espaço urbano também incorporam essas mudanças e as territorialidades, enquanto apropriação/construção/mudança/vivência no/do território são modificadas.

Essas modificações intensas e dinâmicas nas relações sociais e na relação dos sujeitos com seus espaços modificam também as condutas e formas de agir, pois as experiências territorializadas são resultado e parte do processo de construção do mundo social, de onde procedem os significados e símbolos da cultura de um grupo. Para melhor compreender como o mundo é percebido pelo indivíduo, Tuan (1983) defende as análises dos fenômenos a partir da perspectiva fenomenológica, aproximando essa forma de apreensão do conceito de cultura.

Dessa maneira, a utilização do conceito de território e suas variantes é interessante ao passo que permite a compreensão não apenas do caráter funcional de um espaço, mas também da subjetividade como forma de compreensão da realidade, pois de acordo Demo (1989) as ciências sociais, como a Geografia, devem buscar compreender as pessoas em sua totalidade e não como arranjo de partes.

Logo, a compreensão dos aspectos objetivos e subjetivos propicia a inteligibilidade da atual relação do morador urbano com seu espaço de vivência e o desejar temporariamente se desvincular do espaço cotidiano, o que ocorre frente às dinâmicas contemporâneas do modelo de cidade.

No atual momento histórico a identidade está suspensa, não tem mais bases fixas em um lugar ou momento, mas transita na história e no espaço. Traços culturais e elementos da identidade passam por um processo de confronto de valores e reestruturação. De acordo com Hall (2006), existiram três concepções de identidades: a primeira é do sujeito do iluminismo, dotado da capacidade pela razão, seu centro essencial era sua identidade, concepção individualista; a segunda é do sujeito sociológico, formado na relação com as outras pessoas, da interação do eu somada à sociedade, seu centro já é modificado com os mundos culturais exteriores e as identidades que o mundo oferece e a identidade é tida como unificadora do sujeito ao mundo cultural. Ocorre um processo em que a identidade entra em colapso, o processo de identificação do indivíduo torna-se variável e problemático, e produz a concepção da terceira identidade, a do sujeito pós-moderno, aquele que não tem uma identidade “fixa, essencial ou permanente”, a identidade é formada e transformada continuamente, definida historicamente e não biologicamente, existindo identidades contraditórias. Não existe mais a identidade plenamente unificada.

Harvey (1993) também apresenta essa mesma perspectiva de observação quando analisa os conjuntos de códigos distintos para cada situação na qual o sujeito vivencia. Essa característica é induzida pela fragmentação e pela instabilidade, que permitem a representação de uma identidade vivida como palimpsesto – daquilo que se retoma de outro momento – ou como nova experiência impulsionada pela sensibilidade e pela sensação.

Essa interpretação da Harvey sobre a identidade é perceptível nos proprietários de segunda residência, pois essas pessoas tem a identidade fragmentada e formada por vivências em distintos momentos, ligados ao passado rural e marcadas pelas boas lembranças, assinalando uma ligação de nostalgia bucólica com o ambiente rural. Ao mesmo tempo, suas identidades também se estruturam na vida urbana, presente e passada, onde se estabelece a vida cotidiana, o trabalho, a rotina, a moradia principal, onde está a família/grupo social e as facilidades da cidade. Essas pessoas congregam uma associação de sensações e sentimentos marcadas geográfica e temporalmente, que formam sua identificação.

A globalização tem interferido intensamente na estrutura da identidade, sobretudo no período hodierno. Conforme Hall (2006) esse processo pode criar novas identidades, novas posições de identificação. O autor afirma que a globalização é um complexo de forças de mudança que estão deslocando as identidades culturais, que ao atravessar fronteiras, integra e conecta comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo. Isso traz efeitos da globalização na localização e representação das identidades, pois todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais, por ter impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância:

[...] aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural descrita por Kenneth Thompson (1992), mas agora numa escala global – o que poderíamos chamar de pós-moderno global. (HALL, 2006, p. 74).

No processo de globalização há interação de diversos fatores, como o econômico e o cultural, que causam mudanças nos padrões pré-estabelecidos. Essas mudanças refletem na produção cultural e na formação da identidade do sujeito. Todavia, as mudanças causadas pela globalização não são homogêneas, mas apresentam-se de maneiras diferenciadas. Um dos motivos é porque cada sujeito participa de diferentes instituições – família, grupo de trabalho, religião, instituições de ensino, entre outros – onde existe uma produção simbólica e discursiva que exerce influência na manutenção do passado. (WOODWARD, 2013).

A ingerência dessas instituições é significativa para a construção identitária e logo, dos desejos dos sujeitos. Para os proprietários de segunda residência no campo, as histórias e memórias familiares tem grande influência no interesse em ter uma casa no espaço rural, pois representam a recordação do passado feliz, dos momentos em família, dos ensinamentos dos pais e avós.

Percebe-se que mesmo que essas pessoas não tenham residido – residência fixa – no campo, suas histórias estão permeadas de memórias rurais, de momentos em família, do apego ao espaço e ao modo de vida peculiar. A desestruturação da identidade influencia a fragmentação não apenas do tempo e do espaço, mas também do indivíduo. Nos grandes centros urbanos e metrópoles, esse processo é ainda mais acentuado, representando o sentimento de estranhamento dos sujeitos em relação ao espaço, pois esse já não é mais lugar das experiências das sensações, mas da reprodução econômica e social.

A partir das experiências vivenciadas em determinado espaço, cada pessoa pode suscitar sentimentos diferenciados sobre ele. De acordo com Henrique (2009) a representação social construída acerca da natureza é ideológica e cultural, ligada às experiências de cada sociedade ou grupo, relacionadas às matrizes estéticas vigentes em cada momento. A materialização das cidades contemporâneas e o papel da ação humana define muito sobre a concepção, valorização, valoração, grau de dependência e conservação que se dá a natureza, sendo que a representação sobre ela está intimamente ligada ao atual estágio da vida cotidiana urbana. Para o autor, quanto mais humanizado um espaço, maior torna-se o desejo por estar em contato com a natureza e com aquilo que é associado a ela.

A lógica e o motor que dão propulsão a essa movimentação é a globalização, que acentua o efêmero e a individualidade. Para Carlos (2007) sentimentos como a solidão e a angústia ilustram, para os poetas e romancistas, os

anseios das pessoas da cidade, onde se é parte de uma multidão e paradoxalmente cada vez mais sozinho. Na cidade, todos os aparatos tecnológicos se voltam para a condução psicológica e formação de uma sociedade de ação.

Contudo, a ação é a da reprodução do capital. Os proprietários de casa de campo, que tem a identificação com a nostalgia bucólica ligada ao passado feliz no espaço rural, vivenciado ou historiado pela família, são sensibilizados pela falta de tempo e mais oportunidades de sociabilização, seja familiar ou com os amigos. A aproximação com a natureza torna-se uma necessidade moderna, uma oportunidade de descanso, de vinculação com o natural, à natureza e aquilo que remete a ideia de pureza e qualidade de vida:

Os séculos XIX e XX marcam definitivamente, através da produção, das técnicas, das indústrias e mesmo da cultura, a incorporação da natureza à vida social. Os objetos, as ações, as crenças e os desejos dos homens passam a incluir a natureza ou as representações da natureza. (HENRIQUE, 2009, p. 93).

Para os donos proprietários, a casa no campo representa a oportunidade de refugiar-se em um espaço onde há possibilidade de esquecer a rotina, onde há paz, liberdade, pureza do ar e da água. Local de encontro consigo e com aqueles com quem deseja confraternizar, compartilhando o bem-estar que o campo lhe proporciona, onde é possível estar junto, livre das obrigações urbanas:

Na nossa casa éramos nós dois, mas também tinha outra casa alugada, que era os sócios da casinha, que eram todos os amigos e as mulheres, e aí de repente vinham as pessoas que eram amigos do esposo, ou amigos meus, então era bem variado, mas família também, a minha família, família dele, aí geralmente tudo girava em torno também de comida, então tinha muito isso. Acho que ele gostava disso, de receber as pessoas... (ENTREVISTA, 2017).¹¹

O objetivo dessa casa de campo pra nós é ficar perto da família, porque a cidade não propicia isso, porque trabalham, chega o final de semana vai descansar, vai fazer suas coisas, ficam vendo televisão, fazendo esses programas urbanos, e eu e o Esposo acabamos ficando muito sozinhos, então a gente quis fazer essa casa de campo pros filhos ficarem perto, crescer com os netos, estamos com os filhos quase casando. Mas o nosso

¹¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

objetivo é esse, nosso sonho é ficar perto da família. (ENTREVISTA, 2017).¹²

[...] então além de ser um momento de a gente se desestressar, é um momento de estar junto em família, e a minha irmã e meu cunhado que são nossos parceiros, sempre estão junto, a família sempre tá presente, principalmente no verão por causa da piscina. Então a família é bem grande, graças a Deus lá é uma festa, sempre. (ENTREVISTA, 2017).¹³

Os citadinos que buscam a segunda residência não sentem ódio pela cidade, nem se sentem totalmente deslocados nesse espaço. Essas pessoas desenvolveram fadiga pela rotina que consideram extenuante no ambiente urbano, formada pelas condições de trabalho, pela dificuldade de deslocamento, a violência, o estresse, a dificuldade em gerenciar o próprio tempo de forma a encontrar possibilidade de lazer sozinhos ou com a família, o barulho, entre outros aspectos:

A gente buscava esse sossego, essa tranquilidade que a gente encontrou, na cidade é aquele agito, aquela coisa doida, e lá você se sente bem, você vai lá e fica o final de semana, você relaxa, você chega aqui, você trabalha tranquilo, as vezes quando você não vai pra lá, você trabalha aqui, parece que você tá faltando alguma coisa pra gente, então lá é uma coisa assim, como diz, de outro mundo. (ENTREVISTA, 2017).¹⁴

Porque a vida da cidade é muito agitada e as pessoas, você pode ver, que cada vez mais, você tem menos tempo pra fazer uma visita, pra ter um pouco de lazer. Se você tiver uma casa de campo, você vai, você descansa um pouco, porque aqui é muito corrido na cidade, você podendo ter uma casa pra você ir, um cantinho pra você ficar... Eu acho que as pessoas olham e imaginam 'nossa aqui é tão corrido, lá é bem melhor', então elas vão procurando alguma coisa nesse sentido. Antes tempo, uns anos atrás, no tempo da minha mãe, quando ela era mais jovem, a ideia era sair do campo, do mato, pra ir pra cidade fazer vida. E de certo foi saindo, foi aglomerando tanto a cidade de gente, que começou a ficar assim meio que quase insuportável, estressado, todo mundo é meio mal-humorado, e eles tão vendo que a vida no campo seria mais tranquila, então de repente **parece que os que vieram, estão aqui, mas os filhos, os netos deles,**

¹² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

¹³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

¹⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

estão voltando, buscando esse sossego de repente, e eu acho interessante isso. (ENTREVISTA, 2017, [grifo da autora]).¹⁵

O sentimento de extenuação causado pela dinâmica urbana contemporânea tem influencia na busca pela segunda casa no campo, onde os cidadãos estão distantes da vida cotidiana real e sentem maior liberdade nas ações. Essa conjuntura promove o processo de vinculação afetiva e psicológica com o campo e nas relações sociais sobre ele – visto que o campo é considerado espaço de encontro da família e os moradores do campo como mais receptivos ao contato social.

Os proprietários de casa de campo vivenciam múltiplas identidades, em razão do constante deslocamento entre cidade e campo que se torna parte da rotina individual e familiar e as fronteiras culturais e territoriais são redefinidas por meio dos novos fluxos. Essas novas práticas sociais e espaciais podem ser entendidas como territorialidades cotidianas, pois é aí, no cotidiano, que se materializa a produção do território:

as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas e em unidade, efetivam o território, o processo social, *na* e *com* o espaço geográfico, centrado e emanado *na* e *da* territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades. Os processos sociais e naturais, e mesmo nosso pensamento, efetivam-se *na* e *com* a territorialidade cotidiana. É aí, neste nível, que se dá o acontecer de nossa vida e é nesta que se concretiza a territorialidade. (SAQUET, 2007, p. 57-58).

Para Assis (2003) as segundas residências geralmente são relacionadas às áreas próximas dos centros urbanos da residência fixa dos moradores, mas com a expansão urbana acelerada, há um processo de busca pelo distanciamento cada vez maior dos grandes centros. Contudo, a distância da segunda residência determina a sua frequência e a permanência dos moradores nela. Outro fato que o autor aponta igualmente às autoras Fonseca e Lima (2012), é a intervenção crescente do setor imobiliário nas segundas residências, mostrando a influência da apropriação do espaço pelo capital, considerando que a segunda residência tem se tornado um investimento fundiário para pessoas com maior poder aquisitivo.

¹⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

Nesse contexto, percebe-se o caráter apontado por Lefebvre (2006) quanto à distinção entre a apropriação e a dominação do território, pois no caso das segundas residências é clara a dominação de espaços de interesse do capital no campo. Nesse caso, a dominação pela paisagem natural do entorno e pela questão imobiliária do capital (posse da terra) e pela apropriação do contexto cultural rural.

Conforme Porto-Gonçalves (2006), a urbanização é vista como destino final da sociedade contemporânea. Há, segundo o autor, um discurso que prioriza e que determina que a humanidade seja urbana, mesmo que os dados apontem para mais da metade da população mundial vivendo em espaços rurais. Contudo, esse discurso determina que os investimentos financeiros devem se voltar à industrialização e a superação do atraso, do “não moderno”, no caso, o campo. No entanto, o autor aponta para a realidade urbana das cidades pobres do mundo, onde a urbanização não foi acompanhada pela cidadania e onde muitas pessoas vivem em situações extremas de miséria e privações diversas, mostrando que a desruralização foi acompanhada pela periferização, a exemplo de grandes cidades da América Latina. Para esse autor, maior que o processo de urbanização é o processo de desruralização, quando ocorre um desfazer do rural maior que a conformação com o urbano.

Medeiros (2011) também aponta para um discurso que causa tensão na relação entre campo e cidade, uma vez que o campo ainda é visto e pensado como espaço do atraso, do tradicional, enquanto a cidade recebe uma valorização excessiva por ser o espaço considerado como aquele de progresso, da modernidade.

Contudo, a realidade abordada pela pesquisa, mostra que há uma revalorização crescente do campo, que pode ser observada além do crescimento do setor de turismo rural e empreendimentos afins no espaço rural, pelo número de cidadãos que desejam experimentar a vida no campo, mesmo que por um período curto de tempo, que é a permanência na casa de campo.

Nesse período de revalorização do campo, pode-se dizer que há uma revisita a valorização da natureza pouco ou não artificializada, pois como observado no segundo capítulo, essa relação (valorização-desvalorização) é cíclica. De acordo com Henrique (2009) o que acontece é um retorno a ideia de natureza romantizada e primitiva - mesmo que travestida sobre padrões altamente tecnificados e acrescida do conforto individual e restritivo garantido por distinções de renda - que se

estabelece no atual momento da ideologia do capitalismo urbano, por meio da venda da ideia do contato com a natureza e da remodelação da ideia sobre a natureza.

No Ocidente, o Romantismo Naturalista do século XVIII foi logo seguido dos horrores da Revolução Industrial, ambos conduziram a opinião pública a acentuar os méritos do campo e da natureza, em detrimento da cidade. As imagens se invertem, de modo que o selvagem representa a ordem (ordem ecológica) e a liberdade, enquanto a cidade central é caótica, uma selva governada por párias sociais. (TUAN, 2012, p. 341).

No processo de fragmentação da identidade, a sensação do caótico e a falta de estabilidade que se põe aos sujeitos estimulam-nos a procurar paz, naquilo que se perdeu durante o desencontro com sua condição humana, com o natural. Segundo Schneider e Fialho (2000) além da redefinição da percepção simbólica do campo, o aumento do tempo livre pelas facilidades trazidas pela evolução tecnológica, à melhoria das vias de acesso e meios de comunicação diminuindo o tempo gasto no deslocamento, a segurança e qualidade de vida oferecidas pelas condições ambientais do campo, o estresse e o crescimento das cidades, e a busca pelo exótico e isolamento no campo, influenciam na compra da segunda residência no campo.

Os proprietários de casa de campo vivem a multiterritorialização, pois quando deixam o espaço urbano, em muitos casos existe a perda dos vínculos identitários com seu território e passam a vivenciar certo estranhamento que os impulsiona a buscar outros espaços para viver. Mas simultaneamente, se reterritorializa no campo, seja pela dominação ou apropriação desse território e nele vivencia suas múltiplas identificações/identidades, ora com mais intensidade com o urbano, ora como rural, estabelecendo vínculos mais ou menos acentuados nas relações políticas, econômicas e culturais.

De tal modo, percebe-se que a noção de territorialidade vivenciada por esses sujeitos reflete a materialidade e imaterialidade em unidade nesse processo, formando territorialidades e territórios múltiplos. A fluidez no espaço geográfico vivida por quem reside na cidade e no campo permite experimentar paralela e sucessivamente diferentes territórios, reconstruindo constantemente o seu próprio território.

Destarte, ainda observa-se nesse processo o território enquanto rede, que contempla o movimento e a continuidade do espaço no tempo, sobretudo com a intensificação das relações entre campo e cidade, enquanto materialidades, e do modo de vida rural e urbano enquanto expressões culturais e identitárias, dentro de uma perspectiva integradora, que contempla o funcional e o simbólico e a complexidade da formação territorial.

1.3 AS MEMÓRIAS NO/DO ESPAÇO

A topofilia, ou seja, os laços afetivos de bem-estar que se desenvolvem sobre um ambiente, podem estar relacionados à beleza da vista enquanto manifestação estética, ao deleite dos sentidos humanos, a sentimentos que se manifestam em diferentes intensidades, expressos por um lugar que se considera o lar: “A topofilia não é a emoção humana mais forte, quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”. (TUAN, 2012, p. 135-136).

Construídas no plano dos significados e emoções, as representações dos sujeitos sobre o espaço são edificadas internamente a partir das relações com o ambiente, das relações sociais e da constituição orgânica – modo de ser de cada um. Assim, a relação de um ser humano com seu mundo de vida é subjetiva, formada na maneira específica por meio da qual cada sujeito constrói sua realidade, e suas emoções, mas também da influência do contexto histórico-social.

A memória é um dos elos de ligação do sujeito ao seu passado e uma das fomentadoras da identificação do ser com seu grupo. A memória preserva no sujeito as sensações vividas em determinados ambientes, às emoções sentidas em algumas situações. Assim como as tradições e costumes se tornam parte da vida do sujeito e são repassadas pelas gerações de forma natural, as memórias, individuais e familiares são incorporadas a vida, mantendo suas proposições.

Os meus avós eram do sítio, a avó dele era do sítio, a mãe dele também já morava em sítio antes, então acho que a gente já teve uma coisa de raiz assim, tinha amigo da gente também, que tinha uma fazenda, então a gente ia, gostava da ideia também. Deu certo de conseguir comprar essa chácara, mas a gente já visitava, às vezes tinha vontade de ir, nós íamos aqui no Alagados [ponto turístico do município, formado por um grande lago cercado

de mata] passear, com um amigo, ele tem um barco, nós íamos passear de barco, já ficava ali, debaixo dos pinheiros... A gente sempre gostou. (Informação verbal). (ENTREVISTA, 2017).¹⁶

A memória pode ser entendida como o conjunto de valores comunicados por gerações sucessivas, estabelecidas em tempos passados, mas reatualizadas por meio das vivências, atuando estratégica ou improvisadamente como forma de transformar ou subverter os espaços. As memórias são dispersas e irrefletidas e tornam-se dinâmicas no dia-a-dia e os usos e os espaços ganham novos significados fundamentados nessa dinâmica. (SANTOS, 2002).

As memórias dos moradores de segunda residência são formadas por seus momentos individuais e coletivos, muitas vezes correspondentes aos momentos no campo, preservados como memórias felizes, que funcionam como marcos no/do passado. Segundo Pollack (1992, p. 201) “Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.”

As memórias dos cidadãos que buscam a segunda residência são repletas de nostalgia, formada das significações atribuídas ao campo e relacionadas às memórias dos momentos vividos nesse espaço. A busca pela casa no campo representa mais que buscar uma vida de contato com a natureza, com menos barulho e mais liberdade de tempo, ela representa uma fuga, muito mais significativa que a fuga da cidade, pois também representa a fuga das tensões que afligem o sujeito moderno, constantemente cobrado pela sua produção, pelas respostas rápidas, por estar constantemente vigiando pela sua segurança física e social.

De acordo com Pollack (1989) há a possibilidade de entender as conjunturas que tornam as memórias favoráveis e reconhecer até que ponto o presente é capaz de colorir o passado. Possuir a casa de segunda residência tem a representação social de possuir um refúgio, um apanágio para a angústia contemporânea. Sobre a significação casa de campo, há uma visão que beira o sentimentalismo romancado e nostálgico de momentos que podem ser revisitados na memória.

¹⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

De acordo com Silva, G. (2009)¹⁷ há uma adaptação da memória pelo imaginário acerca das casas de campo. De acordo com a autora, as memórias relativas à vida no campo são recriadas para atender as expectativas bucólicas dos sujeitos, por meio do remodelamento das lembranças que estruturam o significado da segunda residência. Para ela, alguns veículos comunicativos, como a literatura, são capazes de reacender a memória de maneira muito intensa quando abordam aspectos do ambiente natural, geralmente associados à infância.

Sobre essa mesma abordagem, Williams (2011) faz um levantamento literário da leitura que poetas faziam dos campos da Inglaterra entre os séculos XVI e XX, apresentando os posicionamentos anti-bucólicos e bucólicos. Para o autor, as memórias do campo são envoltas de aspecto sentimental e romantizado, também ligadas à infância.

Para Henrique (2009), a maneira como se desenvolveu a relação humana com a natureza interfere na formação da representação daquilo que é ligado à natureza, como há períodos de aproximação e valorização da natureza 'natural' e outros períodos de supervalorização da sua dominação, quando a cidade é entendida como espaço do desenvolvimento e progresso.

Uma vez que o capitalismo se apropriou da natureza enquanto mercadoria, essa é vendida embalada no papel de sonho de consumo urbano moderno, ressignificando essa relação, constituída de pseudorealidades construídas por meio de experiências vividas, conforme aponta Henrique (2009, p. 105) "A relação cotidiana com a natureza, a prática social e as representações construídas, passam a ser povoadas por pensamentos, imagens, fantasias e desejos de uma natureza glamourizada e reificada, como um desenho infantil", onde por meio do desejo se constrói uma representação social da natureza, que nessa pesquisa pode ser entendida como o campo.

Com o desenvolvimento científico e a racionalização ocidental, o contato entre a pessoa e a natureza foi sendo gradativamente reduzido. Contudo, essa relação ser humano-natureza sempre apresentou momentos de distanciamento e aproximação e na contemporaneidade, momento quando ocorre uma ruptura com o modelo de vida (urbano-capitalista-globalizado), há um movimento de retorno à vida

¹⁷ Ao longo do texto refere-se pelo prenome por extenso aos autores de sobrenome SILVA, com produção no ano de 2009, para distingui-los, conforme indicado nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas e no Manual de Normalização bibliográfica para Trabalhos Científicos da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

mais natural. A busca da residência secundária se enquadra nesse anseio, mas também é uma busca pela infância, pela inocência das relações sociais, pela tranquilidade e ausência das cargas cotidianas impostas a vida adulta. A casa no campo é um retorno à puerícia:

Então acho que desde criança teve essa coisa de gostar do interior, de se sentir bem, acho que é isso também, de se sentir bem que a gente busca indo pra lá. (ENTREVISTA, 2016).¹⁸

[...] acho que lembra muito a minha infância, acho que eu busco um estilo de vida que eu tinha quando era criança, que eu morava numa casa de madeira que tinha fogão à lenha, então eu acho que são vários motivos, uma recuperação da minha antiga infância. (ENTREVISTA, 2017).¹⁹

Para Silva, G. (2009, p. 203) o pensamento ocidental racionalizado pela sua base científica, deixa de lado tudo que diz respeito à subjetividade humana “[...] exclui como valor a fantasia, a lembrança, o lúdico, a incerteza, o devaneio, o sonho.” Para a autora, isso é um paradoxo, pois o mundo atual é movido das ações baseadas na apreensão das imagens midiáticas pela sociedade (do consumo).

Uma pessoa não se constitui apenas de corpo, mas também de um lado sentimental, logo, objetivo e subjetivo fazem parte de um mesmo sistema: o ser humano. É impossível excluir o lado sentimental das ações humanas, pois são estruturados e estruturantes do cotidiano, base das experiências. O corpo humano é responsável pela modificação do mundo e suas ações inerentes às suas experiências, aos seus sentimentos.

A busca por atividades que remontem a tranquilidade no interior do ser, o comportamento livre, o silêncio, o desapego da constante necessidade de reprodução social e econômica, leva determinados cidadãos a desejarem a experiência da vida rural, pois esse espaço remonta no seu imaginário as relações de cunho subjetivo, às memórias de momentos vividos ou sonhados, longe do espaço de vida cotidiana, das atividades e responsabilidades rotineiras:

¹⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

A razão mais profunda, entretanto, pela qual a metrópole conduz ao impulso da existência pessoal mais individual — sem embargo de quão justificada e bem sucedida - parece-me ser a seguinte: o desenvolvimento da cultura moderna é caracterizado pela preponderância do que se poderia chamar de o “espírito objetivo” sobre o “espírito subjetivo”. (SIMMEL, 1973, p. 20).

Na cidade grande e nas metrópoles, o sujeito encontra seu espaço de reprodução econômica, a liberdade de ação por ser apenas mais um sujeito entre muitos outros, a variedade de ocupação proporcionada pela divisão do trabalho, a possibilidade de mobilidade social, a vastidão cultural ocasionada pela heterogeneidade populacional; mas também se submete a um sistema objetivo e racional, que funciona a partir da interdependência dos sujeitos, da pontualidade, do fluxo, da economia do mundo, da rotina rígida de trabalho e estudo, da constante busca pela adequação ao mercado de trabalho, que tem como consequência o que Simmel (1973, p. 20) aponta como um retrocesso cultural do indivíduo referente à “espiritualidade, delicadeza e idealismo”. É dessa parte extenuante da vida urbana, que os proprietários de casa de campo fogem, buscando o “espírito subjetivo” no campo.

Pautada nas memórias do passado vivido no espaço rural, o sujeito recria sua representação na casa de campo, enquanto seu mundo dos sonhos, do imaginário, da fuga. As ideias e sentimentos sobre o campo materializam-se na dominação territorial de um espaço rural e na apropriação simbólica do modo de vida do campo:

A experiência é um ato de inteligência em que se interligam sentimento e pensamento, numa relação que orienta nossa cognição e estrutura no que chamamos de mundo. Não como uma equivalência de subjetividade e objetividade atravessada pelo conceito, mas como um *continuum* experimental mediado pela sensação, percepção e concepção, uma tríade em que, caminhando da primeira para a última, caminha-se para o pensamento, e no sentido inverso caminha-se para o sentimento. A significação e o simbólico, não o conceito, organizam o mundo em termos de espaço e lugar. (MOREIRA, 2009, p. 66).

Da memória provêm os subsídios que estruturam a identidade dos sujeitos. As memórias por sua vez, são oriundas das experiências próprias ou não no sentido em que podem ser transmitidas entre gerações, existindo dessa maneira as memórias individuais e coletivas. Para os proprietários de segunda residência, o

campo passa a ser um lugar de memórias. Para Monastirsky (2009) um lugar de memória complementa a história de um grupo e tem uma identidade única. Embora tenha um contexto próprio, é aberto a novas formas de interpretação. Determinados traços de um lugar de memória só podem ser interpretados por aqueles que o vivenciam, pelos sujeitos que produzem a cultura intrínseca a ele e por isso pode confirmar ou reajustar a memória individual.

De acordo com Silva, G. (2009) a memória é permeada do imaginário que a modifica, pois a cada revisita ao passado, a mente pode reler a situação e regravar o momento. Para a autora, a memória implica tanto na sua parte de consciência, e também do esquecimento e invenção, sendo corpo, mente e espírito a fazer parte das conexões da memória. Essa dependência se dá por uma relação entre a memória e o ponto de vista, que é formado em um dado momento da vida e constantemente modificado. Assim, a memória, dependendo do ponto de vista, pode ou não sofrer processos de invenção, como se ela se socorresse da imaginação, pois de acordo com Silva, G. (2009, p. 145) “A memória costuma lembrar-se dos fatos dentro de uma aura de felicidade”.

As lembranças dos momentos no campo fazem parte do conjunto da memória sobre esse espaço, sinestesicamente formadas pelas relações sociais e pelo conjunto do meio. O campo enquanto significado representa um espaço de fuga ao passo que sua representação é formada a partir de boas lembranças e memória familiares, e a casa de campo materializa a base para refúgio dos conflitos internos motivados pelo modo de vida urbano contemporâneo.

Estar na casa de campo é estar no presente, (re)vivendo o passado, mas pensando no futuro enquanto qualidade de vida. O tempo do campo é o do sonho, o tempo da infância e da família feliz. O tempo de subir nas árvores e ouvir o cantar dos pássaros:

O tempo da memória e do sonho, como o dos mitos, tem um ritmo sintonizado na natureza, nos seus ciclos, nas suas estações, no tempo de saber e poder esperar, que não é nada *fast* nem *speed*, como este tempo que tem marcado o ritmo da modernidade nas grandes cidades, da rapidez temporal dos semáforos, dos carros do metrô, do almoço executivo, etc. Um tempo regido pelo valor da velocidade; de velocidade mecânica, química, econômica, genética, espacial, informática, mediática, virtual. (SILVA, Karen, 2009, p. 163-164).

A memória enquanto elemento cognitivo que edifica a identificação com um espaço seja por meio das lembranças ou das memórias coletivas compartilhadas e a própria identidade dão sentido ao processo de territorialização do campo. A apropriação simbólica se dá ainda no campo da vivência da cultura rural, dos hábitos cotidianos e da (tentativa) da reprodução do modo de vida rural, ou do seu patrimônio cultural:

Em face do exposto até o momento é possível perceber que os resultados obtidos vão ao encontro a pesquisas realizadas em outros estados do Brasil e no mundo: o patrimônio cultural rural congrega o modo de vida rural - que inclui os conhecimentos, as técnicas, hábitos, expressões de fé e os valores que estão relacionados à estreita relação dos moradores com o espaço que vivem e com a natureza, com a vivência e preservação da paisagem natural tão estimada por quem vive e procura o espaço rural. Outro elemento que pode ser considerado patrimônio rural é a paisagem, pois representa o espaço onde está materializado o modo de vida do campo. Esse conjunto de patrimônios se mantém mesmo com as mudanças ocorridas no espaço e é procurado pelos cidadãos que buscam vivenciá-lo. (PRETTO, 2014, p. 132).

As pessoas que buscam ter uma segunda residência também tentam apropriar-se e reproduzir durante sua estadia na casa de campo, aquilo que é preservado na cultura do espaço rural, o modo de vida, a paisagem. Nas suas residências, procuram materializar o que consideram rural, como nas suas atividades durante a estadia no campo.

Contudo, é necessário apontar que parte dos proprietários(as) de segunda residência têm a relação mnemônica com o campo, com a casa no campo, da infância, das brincadeiras e de momentos que viveram durante passeios turísticos no espaço rural. Mas para algumas pessoas, que sempre viveram na cidade, à vontade de viver no campo se projeta sobre a construção simbólica de campo, alicerçada na paisagem bucólica e do modelo de vida das pessoas que residem na zona rural. Essa construção simbólica é, portanto pautada no patrimônio rural, material e cultural e na forma de contato com o meio natural.

De acordo com Pretto (2014) para os cidadãos o conjunto patrimonial rural é muito mais evidenciado se comparado aos moradores permanentes. Isso se deve ao fato de que para os moradores do campo, sua rotina engloba o seu modo de vida peculiar, a paisagem é construída pelo seu trabalho diário na tentativa da reprodução social, e sensações como tranquilidade, segurança e a qualidade de

vida relativa ao campo são associadas à parte pragmática do seu dia-a-dia. Entretanto, esse conjunto que representa o espaço do campo e o modo de vida intrínseco, é o que sobressalta aos sentidos dos citadinos e uma das maiores influências sobre a ação de adquirir uma casa de campo.

1.4 A VIVÊNCIA RURAL DOS CITADINOS NO CAMPO: A HORA DO CHIMARRÃO

A busca por vivenciar a experiência de uma segunda residência é impulsionada por diversos motivos. Percebe-se que a maioria das motivações estão ligadas a um cunho sentimental sobre o campo, referente às sensações, percepção e concepção de uma representação de modo de vida almejado, presente naquilo que pode ser considerado patrimônio rural, seja nas lembranças dos moradores urbanos, dos momentos passados no campo e nas memórias familiares, seja por buscar maior contato com a natureza.

O modo de vida rural e a paisagem são importantes elementos simbólicos estruturantes do que se considera rural. A conceituação do que é o patrimônio rural de um local demanda a discussão de diversos outros aspectos referentes a realidade rural atual. O patrimônio rural é resultado de um conjunto de elementos que soma a materialidade no espaço construído, a paisagem composta por elementos naturais e artificiais e o modo de vida peculiar do campo, sendo uma combinação de contextos, de histórias, de identidade e memórias:

[...] entendido como sendo: *patrimônio material*, representando as formas construídas e perpetuadas na paisagem, constituindo uma herança no arranjo espacial do lugar; *patrimônio imaterial*, como sendo o produto intelectual, as técnicas, a religiosidade, o conhecimento acumulado e reproduzido, elementos da cultura que são reproduzidos pelos habitantes locais, representando um conjunto simbólico e identitário; e, *patrimônio natural*, representado por elementos da natureza socializada e transformada por meio da aplicação técnica das comunidades locais, que alteram o arranjo espacial segundo as necessidades de sua reprodução. Nesta medida, estes componentes do patrimônio cultural representam a memória e a paisagem, impregnada de elementos simbólicos e identitários da cultura local. (PANIS, 2009, p. 77).

Das pessoas entrevistadas, apenas um relatou ter vivido os seis primeiros anos de vida no campo, mudando-se posteriormente de maneira definitiva para a cidade. Os demais entrevistados e cônjuges não viveram no campo. Todas tem

residência permanente na cidade de Ponta Grossa e tem a casa no campo entre oito e mais de vinte anos. Para essas pessoas, as residências secundárias representam a materialização de um sonho e também um investimento financeiro. A residência, seja ela alugada ou comprada, constitui-se de pequena porção de terra, imóvel e um quintal com ou sem pomar. Dessa maneira, os entrevistados a utilizam apenas com a finalidade de lazer e a renda obtida com produção de animais, produtos de origem animal e hortifrúti na propriedade é muito pequena, não pagando as despesas do local. A exceção é uma das entrevistadas que utiliza parte da propriedade dos pais para cultivar hortaliças como fonte de renda – a mesma entrevistada, formada em Agronomia, relata que a escolha da profissão se deu pelo contato com o meio rural por passeios e visitas que fazia quando jovem e por intermédio dos pais e avós; tem a pretensão de morar no campo definitivamente no futuro próximo.

Nesse contexto percebe-se o caráter apontado por Lefebvre (2006) quanto à distinção entre a apropriação e a dominação do território, pois no caso das segundas residências, a dominação de espaços de interesse do capital no campo se concretiza no mercado imobiliário na compra ou aluguel, mas a posse da terra não é o mais significativo para essas pessoas, mas sim uma via de acesso à realização de um sonho.

De acordo com Wanderley (2000) o rural enquanto território físico é local de vida social, onde o sujeito desenvolve sua identidade vinculada ao modo de vida e tem a possibilidade de inserção na sociedade. A ruralidade é a forma de expressão da identidade rural, nos hábitos, costumes, sistemas de valores e formas de vivência cotidiana e está atrelada à formação da identidade do sujeito. De acordo com os entrevistados, quando estão na casa de segunda residência, buscam praticar atividades que consideram tipicamente rurais, como aquelas ligadas à manutenção da residência e terreno, preparar a comida no fogão à lenha, cortar lenha, cuidar do pomar, entre outras.

Ah, lá sempre a gente sempre tem uma coisinha pra fazer: arrumar uma cerca, dar uma carpida, que nem o pessoal fala. Então, sempre a gente tem alguma coisa pra fazer, realizar algum trabalho. (ENTREVISTA, 2017).²⁰

²⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

A gente vai pra lazer mesmo, pra passear, pra fazer churrasquinho, pra pescar... Eu não sou muito de pescar, mas eu ficava junto ali enquanto pescavam. Vamos catar pinhão, acender o fogão à lenha, assar pinhão na chapa, tomar chimarrão, que eu quase não tomo na cidade, só de vez em quando, mas lá a gente sempre toma chimarrão. Também andar a cavalo, eu andava bastante antigamente, hoje em dia eu não ando muito mais... Esse tipo de coisa assim. Mais pra passear mesmo, ou estar em contato com a natureza assim, sentar na grama, brincar com os cachorros. E paralelo a isso, agora também eu vou pra trabalhar, lidar nesse negócio, então, fazer a poda do tomate, aplicar inseticida, fungicida, fazer os tratos culturais que demandam a cultura ou preparar as partes que a gente arrenda pra próxima plantação de cultura. (ENTREVISTA, 2017).²¹

Eu vou pescar! Às vezes eu gosto de plantar alguma coisinha, mexer ali na terra, passear, andar lá por meio das flores, ver o que tem lá, o que tá nascendo, curiosidade das plantinhas que têm, se essa plantinha é medicinal, se é uma coisa que vai florescer, gosto bastante de ficar olhando sabe, admirando assim. Passeando por meio das árvores, ver se os peixes estão aparecendo, sabe? Aquele cuidado, aquele zelo com as coisinhas que tem lá. (ENTREVISTA, 2017).²²

Planta às vezes, sai um pouquinho ali, não fui pescar ainda, mas eu gosto de pescar, tem um rio perto lá. É o que a gente faz, lida na terra! (ENTREVISTA, 2017).²³

Nas estadias na casa de campo, às famílias costumam preparar em casa os alimentos, consumindo aquilo que foi comprado para a estadia, também aquilo que produzem na cozinha e na propriedade. As famílias buscam aproveitar ao máximo as experiências consideradas tipicamente rurais, expressivamente relacionadas com a preparação da comida no fogão à lenha. O fogão à lenha é muito utilizado no inverno, de acordo com os entrevistados, para 'sapecar' pinhões. O momento da refeição no campo é citado pelos entrevistados como um dos mais importantes seja por fazer parte da recepção de convidados, os para estreitar os laços familiares:

Alimentação (risadas). Ela [a casa] é mais pra descansar, onde você vai pra relaxar. A parte de alimentação a gente faz lá, bem mais sossegado. Você tem tempo, aqui é uma correria, lá é diferente. Lá come coisa bem mais sadia, que é tudo bem feito, fresco, na hora, então, é bem diferente, é uma

²¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

²² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

²³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

coisa, mais pra recuperar do estresse que você tem aqui. (ENTREVISTA, 2017).²⁴

Como a gente foi criada assim, fazendo muita coisa em casa, como vai eu e a minha irmã, e as duas gostam de cozinhar, o povo briga quando vai pra lá, engordam dois quilos por dia, porque uma sai da cozinha a outra entra. Então a gente faz macarrão feito em casa, pão feito em casa, faz bolo, na verdade, nós mesmos produzimos o que a gente vai comer lá, a gente leva industrializado daqui, o que não dá pra tirar de lá, mas as cozinheiras mesmo produzem bastante coisa. (...) É mais quando a gente vai pra lá [que prepara alimentos em casa], justamente por eles [família] não estarem em casa. Durante a semana a gente tá reunido mais no jantar, então dificilmente eu faço aqui. Por isso que quando a gente vai lá pro sítio é uma festa, porque lá é o lugar de fazer coxinha, de fazer rissoles, de fazer macarrão, de fazer pão... (ENTREVISTA, 2017).²⁵

Uma vez a gente fez doce de leite com o fogão à lenha. A gente comprou leite da vizinha da frente, e porque era fogão à lenha que levava tempo, eu acho que isso, o fogão à lenha a gente não tinha aqui na cidade, então essa coisa de fazer a comida, de usar o fogão à lenha... Eu acho que é uma coisa bem do campo. (ENTREVISTA, 2017).²⁶

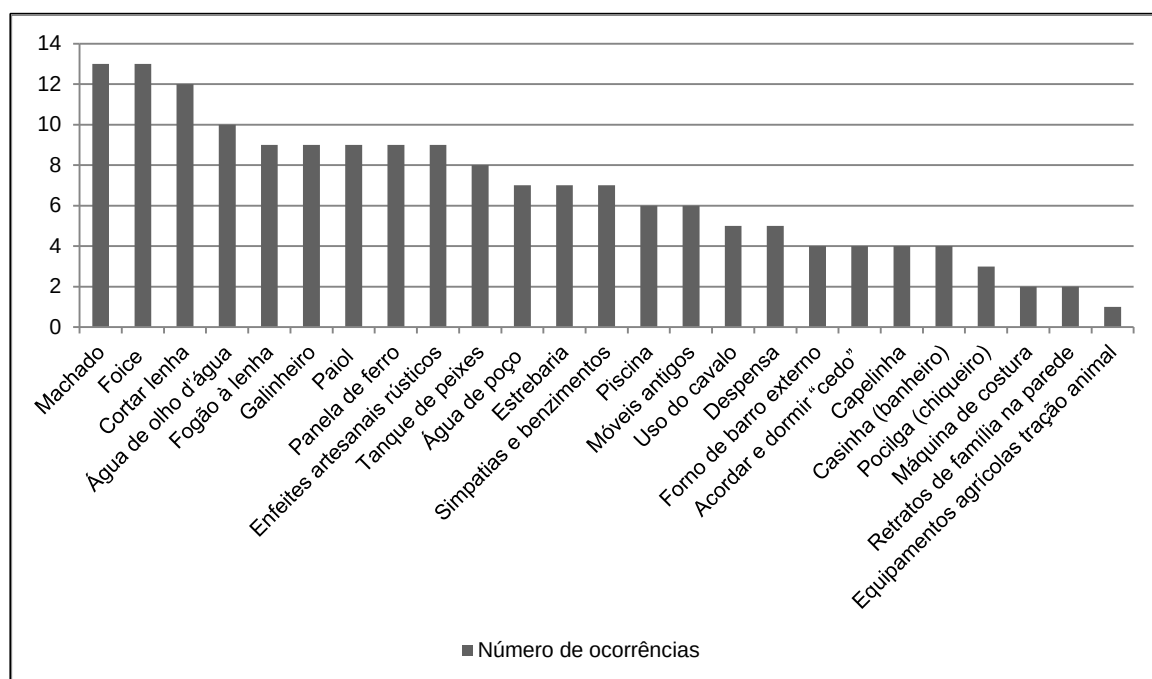
Além do fogão à lenha, algumas estruturas e equipamentos são construídos e adquiridos para a propriedade. Essas estruturas não são encontradas na casa da cidade e também servem para caracterizar a propriedade como uma casa de campo semelhante às casas vizinhas (como os paióis e estrebarias), para atender as atividades de lazer (os tanques de peixe e piscinas), são encontrados equipamentos que os moradores consideram como exclusivos de uso rural (foices, enxadas, machados) e o saber-fazer ligado a esses equipamentos, as tradições consideradas vinculadas ao campo (o hábito de frequentar ou crer nas benzedeadas e acordar e levantar cedo) e uso de água vinda de olho d'água e poço, diferente do hábito da cidade. (GRÁFICO 1).

²⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

²⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

²⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

GRÁFICO 1 – EQUIPAMENTOS, ESTRUTURAS FÍSICAS E TRADIÇÕES MANTIDAS NO CAMPO PELOS CITADINOS



Fonte: Pesquisa de campo (2018)

Org.: PRETTO, F. M.

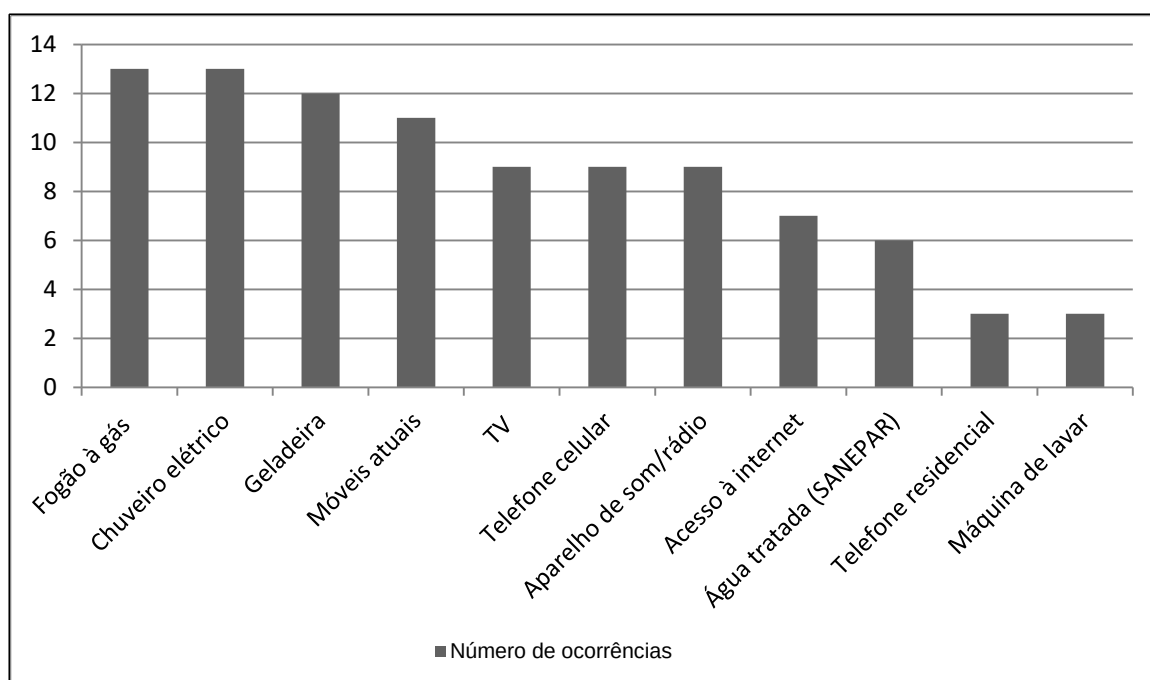
Esses elementos constituem a paisagem do entorno da casa de campo desses moradores e os faz sentir mais integrados a rotina que consideram como rural e mesmo são utilizadas para rememorar momentos passados, como a manutenção de forno externo, que por vezes não é utilizado, mas remonta à infância, quando os familiares mais velhos, como tias e avós, utilizavam o equipamento para assar bolos, pães e bolachas, assim como as máquinas de costura. Os móveis antigos comumente são herança de familiares, ou são móveis que foram substituídos da casa da cidade e levados para a casa de campo.

Do mesmo modo que ações como beber água que venha de fontes naturais, considerada mais saborosa e saudável, está ligada ao imaginário do cotidiano rural. Também modificam os hábitos em função da estadia no campo, dormindo e levantando mais cedo. Os hábitos religiosos também se modificam ao admitir crer e procurar as benzedadeiras para tratar moléstias mais simples, como problemas musculares e receber benção, mantendo o hábito de receber a capelinha (geralmente recebida pelo caseiro) que também é um hábito urbano para alguns. O

uso de cavalos relaciona-se apenas a equitação e os animais não são utilizados para serviço.

Os proprietários possuem nas casas de campo equipamentos e mobiliários semelhantes àqueles que têm na casa da cidade (GRÁFICO 2) e também não é costume manter nas casas computadores, portáteis ou não, e equipamentos de comunicação como celulares (ainda há pontos nos distritos rurais onde não há sinal de telefonia móvel com qualidade):

GRÁFICO 2 – MÓVEIS E ELETRÔNICOS DA CASA DE CAMPO



Fonte: Pesquisa de campo (2018)

Org.: PRETTO, F. M.

É possível perceber que na casa de campo o mobiliário e utensílios atendem apenas as necessidades básicas de estadia dos moradores. O acesso à água tratada ainda não chega a todas as localidades dos distritos rurais de Ponta Grossa e possivelmente por essa razão nem todos disponham desse benefício, da mesma maneira que a coleta de esgoto, mas todas as propriedades tem banheiro com fossa séptica e para aqueles que mantem a 'casinha' externa, relatam que é pouco usada.

Nas propriedades em que existem nascentes, poços e outras fontes de água, essas são preservadas com o intuito de manter a beleza cênica da propriedade e ajudar a preservar as fontes de águas naturais.

Proporcionar momentos de bem-estar e novas experiências aos familiares também é uma das motivações que leva os citadinos a adquirirem a casa de campo. Durante as idas ao espaço rural, geralmente são acompanhados pela família, ou o cônjuge. De acordo com os entrevistados, todas as pessoas gostam de ir para o sítio, inclusive os mais jovens e a estadia acaba tornando-se um momento de convívio familiar mais estreito. A casa de campo também é o lugar para receber parentes e amigos e sediar pequenas confraternizações, pois de acordo com os entrevistados, sentem-se orgulhosos em receber pessoas na casa:

Os meus amigos, os meus amigos que são sócios, às vezes eu faço lá algum evento, um jantar, um café, algum encontro com outros amigos que vão lá também. Eu tenho um grupo que anda de bicicleta, às vezes nós pedalamos até lá, ou de lá nós saímos para pedalar. Eu vou com a minha mulher, com a filha dela, às vezes com as amigas/amigos dela, amigos da filha dela. (ENTREVISTA, 2017).²⁷

Olhe, vai todo mundo que é parente, mas geralmente vamos nós e os filhos. Sempre tem uns cunhados, sempre tem alguém. É difícil estar só nós lá da casa, sempre tem alguém lá. (...) O pessoal traz o que vai comer, o que vai beber. Lugar pra dormir, pra pousar tem, então se reúne ali, mas é a familiarada, os parentes, geralmente, quase mais os parentes. (ENTREVISTA, 2017).²⁸

Nos finais de semana, geralmente vão os meus pais, às vezes o meu avô e a esposa dele, às vezes o meu tio... (...) e assim, os meus amigos, geralmente o *point* é lá, porque é um lugar bom pra passar o dia, que dá pra fazer bastante coisa, da pra pescar, dá pra passear, pra catar pinhão, essas coisas, então quando a gente resolve de convidar um amigo pra sair a gente geralmente não vai em barzinho à noite, a gente geralmente vai no sábado e passa o dia na chácara, independente se tá calor ou tá frio, dá pra aproveitar bastante o dia assim. (ENTREVISTA, 2017).²⁹

Gosta, todo mundo que vai lá se encanta, todo mundo, não querem vir

²⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

²⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

²⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

embora. (ENTREVISTA, 2017).³⁰

Gostam mesmo, vão lá, acham bonito, pessoal gosta de lá. (ENTREVISTA, 2017).³¹

Além das atividades que os cidadãos praticam na estadia no campo, geralmente demonstram apreço por expressões culturais relacionadas ao modo de vida rural e a natureza. De acordo com Henrique (2009, p. 96) “Mitos, poesias épicas, dogmas religiosos, obras de arte são forças culturais inegáveis no modelamento das representações da natureza”, e para os proprietários de segunda residência, são elementos que remetem ao modo de vida rural, sobretudo a música sertaneja e caipira, com letras que remetem ao cotidiano rural, a vida no campo, ao trabalho das pessoas da roça:

Gosto, dá gosto. Poesias que falam da natureza, gosto das músicas regionais, gosto das músicas gaúchas, das poesias gaúchas. Sertanejas menos, sertanejas um pouco menos. As duplas mais clássicas eu gosto, essas duplas universitárias não gosto. (ENTREVISTA, 2017).³²

A gente ia pra lá e levava violão, compunha músicas lá. O esposo escrevia, eu era responsável pela parte melódica lá, de botar melodia nas músicas. Então ele também gostava de fotografia, eu também, então tem muita foto de lá, a gente gostava de fotografar, eu gostava de quando era nós que estávamos na casa e os amigos vinham, eu sempre recebia com flores, eu saía catar flores por lá, eu gostava também assim do contato com as pessoas que moram lá realmente. (ENTREVISTA, 2017).³³

Sim, claro, música principalmente, mais é música. Qualquer música sertaneja que vá pra esse lado assim da parte de campo, de mato assim, a gente curte bastante. As músicas que a gente gosta, Sérgio Reis, Almir Sater, esse pessoal assim que são bem mais regionais, nas músicas eles mostram o que é o campo... É um lugar sossegado, tranquilo e bom de se

³⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

³¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

³² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

³³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

viver. (ENTREVISTA, 2017).³⁴

Até a gente estranha, porque agora é esse sertanejo universitário, a gente já não gosta muito. O que a gente gosta realmente é o sertanejo que remete àquela tranquilidade, àquela qualidade de vida que o campo traz. Mas eu gosto muito de flores em geral, de quadros... (ENTREVISTA, 2017).³⁵

O campo enquanto território de vida, assim como a cidade, passou por intensas modificações. Todavia, o seu modo de vida e a paisagem são preservados. De acordo com Carneiro (1998) a ruralidade já não pode ser entendida como oposição a urbanidade (expressão identitária da cidade), tanto quanto o rural em oposição ao urbano, pois se referem a práticas de vida constituídas em universos simbólicos distintos, visão de mundo peculiares de culturas heterogêneas, frente à integração econômica e cultural da sociedade contemporânea, onde há pressão para que o modo de vida urbano ultrapasse as fronteiras da cidade e influencie na vida rural. Contudo, para essa autora as culturas do campo podem ser até reforçadas no processo de contato com o urbano, absorvendo alguns elementos, mas preservando os elementos centrais que estruturam a vida rural.

De acordo com Marafon (2011) o espaço rural recebeu grande influência da tecnologia e do capital, que marcaram a inserção e crescimento da industrialização e modernização desse espaço. Contudo, ainda existem muitas áreas onde há predomínio de atividades não-agrícolas, da agricultura familiar e da agroecologia, onde são preservadas áreas naturais e pelo qual se dá de maneira mais intensa a preservação dos patrimônios naturais e históricos.

Para esse contexto, as atividades turísticas se destacam, e essas áreas recebem especial valorização dos cidadãos que buscam atividades de lazer, qualidade de vida e contato com a natureza:

Hoje a natureza (capitalizada e mercantilizada) tem seus consumidores, seus clientes, aqueles que a percorrem, compram e a consomem, literal e metaforicamente, símbolo, imagem, ícone, poder, qualidade de vida, qualidade ambiental e cidadania. (HENRIQUE, 2009, p. 107).

³⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

³⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

Percebe-se que a duas concepções acerca da natureza: uma como recurso e outra ligada à inocência, infância. A vinculação de natureza como lugar do bom, da paz, pode ser associada a uma revisita a memória pueril dos cidadãos, a construção de um simulacro nostálgico de campo, ligada às questões emocionais. Ao mesmo tempo, a natureza pode representar para essas pessoas um recurso possível de consumo pelo intermédio do capital, que ao mesmo tempo cria a necessidade de consumo. Além dessas ainda existe a visão do morador do campo, que convive com a natureza enquanto recurso para a reprodução da vida e como espaço das lembranças, da tranquilidade, das memórias.

Além de atividades desenvolvidas em casa, os moradores de segunda residência procuram integrar-se ao modo de vida local. Isso mostra uma adequação identitária para vivenciar as experiências no campo como um morador local. Para Tuan (2012) quando as pessoas se instalam e depois de um tempo se adaptam ao seu novo ambiente, seus comportamentos e valores já não são mais expressos com a ânsia inicial, mas podem ser percebidos no estilo de vida e nos comportamentos cotidianos.

Os moradores de segunda residência procuram comportar-se durante a sua estadia como um típico morador rural. Sendo assim, tentam expressar sua identificação com o campo na realização de atividades cotidianas que lhes dão prazer, pois estão atreladas ao almejado modo de vida rural, a possibilidade de vivenciar e compartilhar momentos que não são possíveis na cidade:

A gente caminha, porque tem um lago, a gente pesca, pega peixe, cozinha bastante, inventa muita coisa assim de assados, e lá a gente junta muitos amigos, porque aqui em Ponta Grossa a gente não tem oportunidade de, tipo aqui, mora em apartamento então você vê, eu não faço muita coisa aqui. Lá eu faço jantar, nós temos uma confraria, que quando é minha vez a gente faz lá, todo mundo cozinha, vai todo mundo lá, dorme todo mundo lá é bem gostoso. Então a gente faz bastante coisa nesse sentido, a gente junta muito amigo lá. (ENTREVISTA, 2016).³⁶

Ah, são várias [atividades]. Eu gosto de curtir a natureza, de ouvir os pássaros, eu gosto do cheiro do mato, eu gosto de me relacionar com os meus vizinhos, eu gosto de comer fruta no pé, eu gosto de dar uma volta descalço andando no mato, eu gosto de cortar lenha essas e outras atividades que faço lá. Eu gosto do silêncio, na verdade eu gosto do que não tem na cidade, gosto do não-cidade no campo, e além dessas coisas,

³⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

do campo também eu gosto. Gosto de ir lá na mercearia, gosto do dono da mercearia, comprar a linguiça que ele mesmo faz, docinho de abóbora em forma de coração, essas coisas. (ENTREVISTA, 2016).³⁷

Pois é lá era assim, mais pra reunir os amigos, então era muita gente pra fazer a janta, fazia almoço, feijoada, então era pra reunir os amigos, dar risada, pra cantar, iam amigos músicos também pra lá, então passeios naquela região a gente não fazia muitos não, ficava mais sempre ali mesmo, em casa. E arrumava as coisas pra fazer lá, levava livros pra ler, ficava curtindo a natureza, o lugar é muito bonito, a vista é muito bonita. Então eu ficava lá fora, ficava até a noite, coisas assim, bucólicas. (ENTREVISTA, 2016).³⁸

Os moradores de segunda residência buscam suprir a solidão e a angústia apontadas por Carlos (2007) como sentimentos comuns aos moradores urbanos nas estadias nas casas de campo, quando procuram relacionar-se com os familiares e amigos, aproximação que nem sempre é possível ao longo da semana, na cidade, pois cada membro tem uma ocupação ou a visita a familiares é dificultada pela falta de tempo.

Para os entrevistados, a forma de vida mais simples, o jeito de ser das pessoas que vivem no campo também é outro fator considerado no momento da escolha por outra residência. A casa de campo também é um espaço de socialização. Os entrevistados relataram que tem o hábito de convidar pessoas para frequentar a sua casa, como amigos e parentes. Mas mesmo felizes em receber visitas e compartilhar momentos em família, por vezes querem estar sozinhos, como forma de descanso:

Tenho orgulho quando as pessoas vão lá para ver, normalmente vão lá e tiram alguma foto, tenho lá os meus carneiros é uma coisa fora do normal. (ENTREVISTA, 2017).³⁹

Convido, às vezes eu não quero que ninguém vá lá, às vezes eu quero ir sozinho, sozinho... Às vezes eu quero ir só com ela [esposa], só eu e ela. E às vezes eu convido os meus amigos, eu gosto que meus amigos vejam a minha casa, que eles sintam a mesma coisa que eu. É como se eu desse

³⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

³⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

³⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

um presente pra eles, é a possibilidade de eles passarem um dia lá, passarem um final de semana lá, ofereço a casa para eles irem lá se eles quiserem, nunca regulei a casa para os meus amigos, mais próximos é claro. Eu tenho um ciúme da casa, por mais que seja simples e não tenha nada de caro lá, mais eu tenho muito ciúme dela, então pros meus amigos mais chegados eu empresto e levo sempre eles lá. (ENTREVISTA, 2017).⁴⁰

Sempre, sempre a gente vai com bastante gente. Mas às vezes a gente gosta de ficar só nós dois [entrevistada e esposo], às vezes eu sinto falta disso e ele também, até porque cansa muita gente. E às vezes você quer descansar seu espírito, o corpo tal, aí você não convida ninguém, vai só os dois. Mas geralmente vai gente com a gente, nunca vai sozinho. Até porque a gente gosta de gente, então sempre convida o irmão, as irmãs, a mãe, minha mãe é velhinha e ela adora ir pra pescar no lago, a minha sogra que não gosta muito. Ela é mais urbana, mas minha mãe como veio da roça ela é simples de tudo, então ela adora. (ENTREVISTA, 2017).⁴¹

A relação com os vizinhos geralmente é muito boa. Os entrevistados disseram que percebem uma diferença significativa no comportamento das pessoas que vivem no campo se comparado com aquelas que vivem na cidade. Para uma parte dos entrevistados, os vizinhos do campo e as pessoas do campo em geral, são pessoas receptivas e sinceras, o que reflete a construção social do ideário de campo romantizado em contraponto da cidade. Os entrevistados que gostam de sair caminhar e conversar com seus vizinhos, se sentem bem ao ser acolhidos por essas pessoas. Para eles é muito importante conquistar a confiança dos vizinhos do campo e os entrevistados dizem que se sentem mais a vontade com a convivência com esse grupo de pessoas.

Os vizinhos daqui, às vezes são mais fechados, e os vizinhos de lá, você às vezes mal conhece, já 'oi, tudo bem?', já puxa aquela conversa. Se encontra às vezes na rua, ou pela cerca, às vezes tá dando uma caminhada em volta, ele já vem, já cumprimentam, já conversa com a gente. E aqui na cidade a gente se dá com os vizinhos, mas você vê que são os mais antigos, os vizinhos mais novos é mais difícil de se relacionar com a gente. Então eu acho que, na parte de vizinho o sítio é melhor, o povo é mais simpático, eles vem, eles conversam com a gente, eles fazem você se sentir

⁴⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁴¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

bem, a gente também gosta, porque vai lá, conversa com um, conversa com outro... (ENTREVISTA, 2017).⁴²

A sim, com certeza, vizinhança aqui na cidade é difícil, eles moram aqui, a gente tem contato de muro e de portão, mas não que você vá visitar, ter um contato mais direto com a pessoa (...). É difícil pelo corre-corre do dia a dia, vai trabalhar, volta, quer descansar, não dá aquela disposição de visitar, até mesmo parente da gente, às vezes fica sem ver. Cada um tem a sua vida, então é bem complicado (...). Agora lá não. Você chega lá, sempre tem uma pessoa lá pra te receber, sei lá, não é que tenha proximidade, mas quando você chega lá, você conversa, pergunta de lá, pergunta daqui tem mais assunto, mais novidade. (ENTREVISTA, 2017).⁴³

A percepção mais amigável acerca dos vizinhos do campo provavelmente está ligada a construção cultural do conceito de natureza, logo vinculado ao campo, ligado a pureza, a inocência, às tradições. De tal maneira, o sujeito que vive no espaço ligado a natureza tende a ser construído assim como o ambiente que habita, a paisagem que constrói.

Todavia, a boa relação com os vizinhos parece depender da localização da casa, pois um dos entrevistados relatou que sua propriedade é cercada de grandes propriedades voltadas à monocultura e por isso, não tem vizinhos; do tempo de residência, os citadinos que compraram casa há menos tempo ainda não desenvolveram laços com os moradores locais; e dos hábitos de cada pessoa, pois alguns citadinos, durante sua estadia no campo, saem passear pelas estradas, vão a celebrações religiosas locais, festividades, e outras atividades, por isso tem maior grau de interação com os vizinhos, enquanto outras pessoas ficam apenas na residência. Com exceção das visitas recebidas de parentes e amigos (geralmente vindos da cidade, e/ou familiares que residem nos espaços rurais), os proprietários das casas de campo não costumam fazer ou receber visitas de moradores locais.

Em relação às atividades religiosas e/ou comunitárias que realizam durante a estadia no campo, os moradores de segunda residência, se praticantes de alguma religião, procuram participar de celebrações comunitárias nas proximidades de sua propriedade quando há oportunidade, mas também há aqueles que prefiram ficar apenas nas imediações de suas casas, e não saem pelas localidades. Contudo, é

⁴² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁴³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

comum que participem das festividades religiosas - comuns nas localidades rurais, em homenagem a santos padroeiros, quando já estão no campo, pois relataram não ter o hábito de sair da cidade para especificamente ir a festividades no campo:

Às vezes eu vou na festa da igreja lá, mais eu não lembro de ter ido lá para isso. Às vezes eu vou lá e descubro que a festa acontece. Esses dias eu fui dormir lá no sábado, amanheceu e tinha festa. E claro nós fomos à festa. A gente participou da festa, almoçou na festa e fez umas fotos e tal. Então, quando tem algum evento lá na localidade e a gente está por lá, a gente vai. Gostei, apesar de eu não ser religioso, eu gosto dessas atividades. Eu gosto de perceber as diversidades culturais diferentes da minha, é legal, é legal conviver lá, cumprimentar as pessoas, mostrar pra elas que você é dali, a gente sempre se vê passando, quer dizer, é uma oportunidade, é divertido até, têm coisas divertidas, têm jogos, têm brincadeiras, participar do churrasco, é bem bacana. Eu gosto. (ENTREVISTA, 2017).⁴⁴

Se eu ficar lá duas semanas, três semanas, toda a semana eu vou, em alguma atividade eu vou. Lá no Alagados, tipo lá no alagado não tinha, o que eu não gostava de ir pro Alagados é o seguinte, a gente sempre ia nos feriados, religiosos ou não, então a Páscoa sempre passava lá, e aí a gente não ia naquelas celebrações que eu acho superimportante. Mas quando sabia que tinha, o padre chegava lá na capela e nós “ó pra lá”, eu ia mesmo, a gente ia, e não era perto, era lá dentro da capela a missa, mas eu ia. Eu procuro ir sim, sempre. (ENTREVISTA, 2017).⁴⁵

Olhe, quando a gente posa do sábado pro domingo a gente sempre vai no culto assim, boa parte das vezes a gente vai. Lá a gente não sabe direito quando que é o dia, tem dias que tem missa e tem dias que tem culto, mas a gente já foi algumas vezes assim, (...) às vezes participa da missa, da festa, quando tem ali a festa religiosa, a gente vai, é bacana, e a igreja é bem pertinho da pra ir a pé, então, é tranquilo. (ENTREVISTA, 2017).⁴⁶

Sim, missa quando a gente tá lá, culto, que não é sempre que tem a missa, uma vez por mês apenas. Quando tem o culto, geralmente a gente vai, e quando tem festa também ‘dá um chego’, porque é bem próximo, então, a gente vai lá dá uma passadinha nas festas. (ENTREVISTA, 2017).⁴⁷

⁴⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁴⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁴⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁴⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

Quando vão para casa no campo os entrevistados evitam levar equipamentos como *notebook* e celular para aproveitar o seu tempo de estadia sem perturbações relacionadas ao trabalho – em alguns pontos dos distritos rurais do município ainda não há sinal de celular e internet com boa qualidade, o que impede a conexão. Levam da cidade apenas aquilo que consideram essencial ao seu período de estadia como mantimentos básicos, roupas, eletrodomésticos e produtos de limpeza.

Nas estadias no campo, as famílias levam mantimentos que não são produzidos na propriedade (erva-mate, açúcar, café, arroz, carnes, bebidas, remédios, repelentes, materiais de limpeza e higiene pessoal). Igualmente levam ferramentas, materiais de construção, adubos, ração e alimentos para animais e outros produtos usados na manutenção da chácara.

Os proprietários de casa de campo utilizam produtos químicos para manutenção da propriedade, contudo buscam não fazer com constância esses tratamentos, pois preferem usar adubos orgânicos semelhantes aos utilizados pelos moradores permanentes e outras de maneiras para controle de pragas ensinadas por familiares mais velhos, pelos locais ou pelos meios sociais. Também levam para o campo equipamentos como bicicletas, motocicletas. Costumam fazer o fornecimento de alimentos usados para o período de permanência em mercados da cidade e não tem o hábito de ir às vilas distritais para adquirir produtos que faltam, apenas quando há muita necessidade:

Olha, às vezes eu levo algum tempero, levo coisas industrializadas, assim como café, açúcar que eu compro no mercado, água mineral - porque lá a água vem do poço e a gente não sabe muito bem como é aquela água. Mas, basicamente produtos de limpeza, essas coisas para o dia-a-dia. (ENTREVISTA, 2017).⁴⁸

Como ainda eu só vou fim de semana, levo roupa, alimento... Lá tem mercado perto compramos lá, mas daqui eu levo roupa e o cachorro. (ENTREVISTA, 2017).⁴⁹

⁴⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁴⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

Eu gosto de comprar as coisas típicas do lugar e, lá tem uma linguiça defumada maravilhosa, eu compro lá e ainda levo pra casa, e as coisas lá, de um modo geral, são muito mais baratas que aqui, tipo carne de gado, ovos, frango caipira, eu trago tudo de lá para a cidade. Tem lugares que vendem coisas orgânicas, a gente conhece, então eu pego bastante coisa de lá pra trazer. Eu trago mais de lá pra cá do que levo pra lá. (ENTREVISTA, 2017).⁵⁰

Os entrevistados também relataram que tem o hábito de adquirir alimentos produzidos pelos moradores locais, utilizados na preparação dos alimentos consumidos na estadia. Também preparam alimentos em casa, não tendo hábito de sair comer fora ou levar alimentos prontos da cidade. Geralmente, a alimentação constitui parte do lazer da segunda residência, uma vez que é o momento em que as famílias se reúnem, os alimentos são preparados com mais tranquilidade do que na cidade assim como podem se sentar e comer por um tempo maior do que aquele reservado para o almoço ao longo da semana, as pessoas costumam usar alimentos que colhem na propriedade e por isso consideram a alimentação mais saudável.

Nas casas, quando próprias, os cidadãos procuram cultivar a horta e/ou ajudar na manutenção quando têm caseiros, pois além do cultivo de alimentos considerados mais saudáveis por não utilizarem agrotóxicos e outros químicos, representa para eles o contato com a terra e o cultivo dos próprios alimentos é uma atividade considerada como rural:

Lá no Alagados eu tinha uma hortinha, eu fazia uma horta atrás, coisa muito bem básica, agora lá nessa casa eu quero ter uma horta mesmo, até porque eu vou ter um caseiro, aí ele cuida, mas eu quero plantar. (...) Agora na casa nova, eu até queria criar uns frango lá no fundo, porque eu adoro ovo caipira, só que frango dá trabalho, mas eu vou fazer horta sim. Tem que fazer um fechadinho pra eles. E vou fazer um pomar, tem um pomar lá, a gente tá cuidando, tirando... A gente já está começando a plantar as coisas lá, pra quando a casa estiver pronta já ter um monte de coisas. (ENTREVISTA, 2016).⁵¹

Sim, a gente tem horta e geralmente a gente tem frangos, tem porquinho, tem uma vaquinha que dá leite, planta mandioca, planta milho, tira milho

⁵⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁵¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

verde, então sempre tem bastante, bastante coisa, alface, repolho... Bastante coisa tirada de lá. (ENTREVISTA, 2017).⁵²

Melancia quando a gente colheu, a gente consumia (...) aí a parte de horta assim, de ter salsinha, cebolinha, alface, repolho, essas coisas, depende, não da gente porque a gente não planta isso enquanto donos da casa, eu e os meus pais, eu plantaria se fosse um negócio, até temos planos pra isso, mas depende de quem mora lá, quem cuida da chácara que é o nosso caseiro, (...) agora a gente tá com um caseiro novo, que parece bom assim, e ele tá pedindo as coisas, preparou os canteiros bonitinho, a princípio quando tem coisas na horta a gente consome claro, salsinha, cebolinha, alface, repolho, mas depende. Não depende da gente, não é coisa que a gente planta, depende da pessoa que trabalha lá, produzir, ter interesse de plantar, a gente consumir, mimosa, essas coisinhas que tem na árvore a gente come com certeza, mas depende mais de quem cuida. (ENTREVISTA, 2017).⁵³

De certa maneira é possível perceber que as pessoas que tem casa de campo, gostam da vivência rural, do estilo de vida, admiram as atividades realizadas, mas não desejam trabalhar com atividades do campo. Essas pessoas buscam extrair aquilo que consideram bom da vivência, realizam os trabalhos de manutenção da chácara associando-os a construção idílica do campo, desejam ter os animais e horta, mas por vezes não se mostram dispostos a trabalhar diretamente com os animais. O trabalho que se realiza é aquele que não é obrigação, mas parte do lazer, como um *hobby* rural, uma atividade que permite ter contato com a terra, com a natureza.

Para realizar as atividades de manutenção da propriedade - que não são realizadas pelos próprios donos - e segurança, parte dos proprietários mantem caseiros. Contudo, como o caseiro precisa ser legalmente registrado, agrega custos a propriedade e, segundo os proprietários que mantem caseiros, nem sempre esses funcionários desempenham bem sua função, já que tem supervisão esporádica das atividades realizadas.

Segundo Pretto (2014) geralmente são contratadas pessoas residentes locais para trabalhar nas chácaras. Quando não como caseiros, auxiliam no trabalho de manutenção e limpeza da casa e propriedade, como diaristas. De acordo com a autora, o aumento de casas de segunda residência em distritos rurais e outros

⁵² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁵³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

espaços, geralmente localizados próximos às cidades, com boa infraestrutura de acesso, evidencia uma característica da globalização de produção de nichos de mercado e particularização de espaços que exaltam características locais, seja pela emoção que causa ou pelo consumo de elementos culturais.

Para a maioria dos entrevistados também há uma questão sentimental relacionada à escolha da casa no campo. Pode ser ela pautada no histórico familiar – pais, avós ou outros familiares tinham casa de campo, ou essas pessoas tiveram a oportunidade de vivenciar boas experiências no campo em outros momentos de sua vida, o que remete a pensar nas dimensões de configuração identitárias apontadas por Araujo et al., (2007) a histórica e a geográfica, que dizem respeito ao passado, a memória, a imaginação e ao espaço vivenciado no presente. Para esse grupo de pessoas que busca a casa de segunda residência, há uma identificação espaço-temporal com o campo e o modo de vida rural, perpassando pelas esferas sentimentais desses sujeitos.

É comum que essas pessoas tenham familiares ou amigos que tenham ou tiveram propriedade no campo. As visitas a esse espaço, segundo os entrevistados também podem ter influenciado no desejo em adquirir uma casa. O desejo em se afastar do meio urbano, por conhecer e idealizar outro espaço diferente cria a necessidade pela aquisição da residência no campo, vinculada ao saudosismo e a construção simbólica do campo:

Eu creio que influencia [ter alguém conhecido que já tinha casa no campo], é como eu te falei, pela tranquilidade, por você se desligar um pouco da cidade, até mesmo de problemas, você vai lá e relaxa, teu pensamento muda de direção, se você tem algum problema assim, você já esprece, não que você vai eliminar o teu problema, mas naquele momento ali você dispersa, vê um passarinho, vê um bichinho, olha lá o jardim, tranquiliza um pouco. (ENTREVISTA, 2017).⁵⁴

Eu acho que, eu desde pequena, cresci com esse contato [familiares que viviam no campo e visitas a esse espaço], mas o esposo não teve essa oportunidade. Na verdade, na época que você pensa em descanso, que é o que eu falo que é a diferença, nós dois queremos um lugar calmo pra descansar, os filhos nem sempre, porque eles estão em outra época, a nossa já é de ficar num lugar mais sossegado, e quando você remete a um lugar sossegado, que você tenha paz, que você tenha, automaticamente vem um lugar assim, porque você não vai encontrar em outro lugar o que você encontra numa casa de campo, jamais, a não ser que a tua ideia seja

⁵⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

outra. Mas se for pra descansar, pra respirar um ar puro, pra privacidade que você tem lá, então não tem como, e como eu falei, a princípio foi um investimento, e depois a gente viu que na verdade estava gerando benefício, principalmente pra nossa saúde, e pra ele [esposo] principalmente que trabalha, que é um trabalho muito desgastante. E a gente percebe, tanto que quando ele fala de vender o sítio, os filhos falam não pai aquilo lá é o teu refúgio, eles reconhecem que lá pra nós é realmente pra descansar. (ENTREVISTA, 2017).⁵⁵

O tio tinha antes, foi influenciado nele, nele e tem outro tio meu que ele não é de Ponta Grossa, ele é de Guamiranga [município no interior do Paraná], e o tempo que eu era criança, nossa, eu gostava de ir pra lá só por causa disso. Lá dele não era pouco terreno, era bastante terreno, então quando era criança já gostava disso, então foi fazendo influência dele, esse meu tio comprou, não saía da casa dele até então, quando a gente teve a da gente, deixou de ir na casa dele um pouco, se afastou, mas era um desejo antigo. (ENTREVISTA, 2017).⁵⁶

Acho que pra ele [esposo] sim. Acho que influenciou, porque ele sempre, sempre visitou a vó dele, sempre passou final de semana, férias... Mas assim pra mim não, porque eu nunca fui assim de, ia passar final de semana no Alagados, tem um primo do meu pai que tem casa lá, então antigamente sempre ia. Mas agora, a compra da casa mesmo, foi mais por desejo dele. (ENTREVISTA, 2017).⁵⁷

O modo de vida rural, o contato com a natureza, a percepção do tempo mais lento e o conjunto ambiental característico do campo são relacionados pelos citadinos à saúde física e mental, pois os entrevistados relatam que apesar do período de estadia na casa de campo não ser tão prolongado, sentem que trás grandes benefícios para a sua saúde mental, pois a segunda residência é um espaço de fuga, recolhimento, e silêncio onde exercitam a contemplação e o contato com a natureza do espaço e a possibilidade de silenciar e recolher-se em si, com mais tempo:

⁵⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁵⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁵⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

Reflete [na saúde] sim, quando você vai pra um lugar desses você volta com as energias renovadas, certeza! (ENTREVISTA, 2016).⁵⁸

Aí nesse sentido sim é um investimento, em mim, na minha saúde, na minha paz de espírito e principalmente naquilo que eu gosto de fazer que é estar lá [no campo]. (ENTREVISTA, 2016).⁵⁹

Traz [benefícios] pra tudo! Emocional, física... (ENTREVISTA, 2017).⁶⁰

O período de permanência no campo é pouco variável e contempla os fins de semana e feriados (prolongados ou não), ou seja, os dias de trabalho não-úteis. Os citadinos aproveitam os espaços de tempo livres e não vinculados ao trabalho para ir à casa de campo. Apesar de existir o desejo em permanecerem maiores períodos de tempo no espaço rural, não é comum a intenção entre os entrevistados de mudar-se definitivamente para o campo, o que denota que não existe uma entrega total à vida nesse espaço, ou a rejeição total do espaço urbano. Há de tal maneira, uma busca pelas conveniências de cada espaço, em períodos determinados do tempo das pessoas.

As pessoas que desejam mudar-se pensam em fazê-lo depois da aposentadoria, se não houver nenhum problema de saúde que necessite acompanhamento médico frequente. Também a mais jovem das entrevistadas pensa em começar sua vida de casada no campo, mas regressando para a cidade posteriormente:

Não, porque, você veja bem: aqui na cidade a gente tem o conforto, com telefone, com tudo. Lá você não tem um telefone ainda, você não tem uma televisão que pegue canal de Ponta Grossa, se não for por parabólica você não assiste televisão lá. Então tá deixando muito a desejar, falta muita coisa lá ainda. (ENTREVISTA, 2017).⁶¹

⁵⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁵⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁶⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁶¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

Eu no caso, eu e o meu namorado, a gente tem planos de começar, como a gente tá investindo nesse negócio [produção de hortaliças], a gente tem planos de começar a nossa vida no meio rural, na verdade não lá na chácara que os meus pais tem agora, mas um terreno também mais perto aqui da cidade assim, (...) tá mais próximo, mais interessante, é um terreno mais plano, mais próprio pra agricultura, só que não tem estrutura ainda que nem lá na chácara, tem luz, tem água encanada, já tá tudo meio pronto, já tem casa, (...) nosso plano é guardar um dinheiro e montar uma casinha primeiro, porque a gente sempre pensou assim em começar nossa vida ali, (...) porque a gente sempre pensou assim, já pensou que maravilhoso você criar um filho no campo, ele poder ter espaço pra correr, ter espaço pra se sujar, pra aprender virar canteiro, pisar na terra, esse tipo de coisa, não ter medo do passarinho, conhecer os nomes dos passarinhos... Uma coisa que a gente pensa, uma coisa muito saudável pras crianças, a gente não pensa em ficar lá a vida inteira claro, porque depois demanda de estudo, demanda de escola, demanda de ter facilidade de acesso pras coisas, assim pra negociar e tudo. Mas a gente pensa muito em começar nossa vida de casado, nossa vida conjugal, numa chácara pra conseguir tocar o negócio, apesar de que a gente tá repensando por causa dos assaltos que tá tendo e que é muito perigoso, mas o nosso plano inicial sempre foi esse, de começar ali e depois voltar pra cidade assim, porque o começo da vida assim hoje a gente pensa muito nos filhos assim, seria muito saudável começar lá. (ENTREVISTA, 2017).⁶²

Ter eu até tenho, só não sei se eu acostumo. A gente é criado na cidade desde pequeno eu acho que não acostuma direto lá, mas eu tenho vontade tipo de ficar uma semana lá e uma semana aqui, ou fica uma semana lá e vem passar o final de semana aqui, mas morar assim direto eu acho que não fica, não acostuma. (ENTREVISTA, 2017).⁶³

Eu queria, mas eu acredito que pelo nosso trabalho em si isso vai ser praticamente impossível, apesar de que é questão de tempo ou um dia dar uma freada aqui no supermercado. Mas eu morar definitivamente eu acredito que não, você não vai morar sozinho e a família não vai, até vai lá ficar uns dias, já volta. Ficar definitivamente não apesar de que eu tenho a casa montada lá, toda montada bem estruturada, lá é tão bom quanto eu tenho aqui, talvez até melhor do que essa daqui. O que eu tenho aqui em casa eu tenho lá tudo montadinho, só que é longe. (...) Mas é tão próximo uma da outra, até ficaria lá uma semana, uma semana aqui... (ENTREVISTA, 2017).⁶⁴

É possível perceber a partir dos discursos, que os sujeitos perpetuam nas suas representações sociais de campo, a visão culturalmente construída do espaço rural enquanto calmo, tranquilo, espaço de contato com a natureza, mas como o

⁶² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁶³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁶⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

espaço do atraso, do desenvolvimento tardio, sem estrutura que ofereça o conforto encontrado na cidade. A visão do cidadão proprietário de segunda residência é construída de maneira a isolar a parte econômica capitalista do campo, do agronegócio, da exportação de grãos e melhorias genéticas na agricultura e pecuária. Prevalece para essas pessoas, enquanto dissertam acerca das suas casas e vivências rurais, a representação social ligada à nostalgia bucólica.

Os entrevistados disseram buscar o campo para vivenciar a tranquilidade e calma, pois quando estão na casa de segunda residência relatam que tem uma percepção diferenciada do tempo. Como afirma Santos (2006) as temporalidades são percebidas de maneiras diferentes e caracterizam a forma de ocupação e vivência do espaço.

De tal modo, observa-se que há uma ruptura com o modelo de cidade contemporânea, globalizada e acelerada, que se tornou espaço de reprodução econômica e social e da agitação constante - sobretudo quanto às experiências cotidianas - o que impulsiona a busca pela segunda residência, facilitada pela proximidade das áreas rurais (no caso de Ponta Grossa, os distritos).

Ao mesmo tempo, um grupo de pessoas que obtém a segunda residência no campo, realiza um jogo de identidades na busca por vivenciar plenamente um novo espaço com as especificidades características, reterritorializando-se no campo, sem deixar de desejar possuir as facilidades da vida urbana. Esse grupo de pessoas vivencia um complexo conjunto de atividades, temporalidades, relações sociais e espaciais que caracterizam esse fenômeno da segunda residência.

1.4.1 Patrimônio rural e a paisagem: elementos atrativos para a busca da vivência no campo

A relevância dos significados atribuídos ao patrimônio no contexto da ruralidade atual brasileira pode dar respaldo às políticas públicas de desenvolvimento rural, baseadas na valorização do campo e dos sujeitos que nele habitam. O turismo enquanto setor econômico percebe o campo e o modo de vida rural como singulares, e valoriza seus bens patrimoniais.

De acordo com Porto-Gonçalves (2006, p. 152) ocorre uma mercantilização da subjetividade no atual estágio da globalização, que tece uma valorização das diferenças dos lugares, uma vez que quanto mais globalizado o mercado se

transforma, mais as diferenças locais são valorizadas de forma a possibilitar a obtenção de maior lucro, assim como a exaltação das diferenças identitárias, pois se tornam nichos de mercado.

Para Henrique (2011) a natureza, seja material ou simbolicamente, é parte do espaço geográfico e foi apropriada pelo capitalismo, enquanto possibilidade de nicho de mercado, pois se recria a necessidade de consumi-la. Para o autor, a natureza foi transformada em um recurso utilizado como item de valoração do espaço, atrelando a ele o poder do capital.

No caso das segundas residências, é perceptível que o contato com a natureza é um elemento que faz parte da representação do campo, enquanto elemento da paisagem. Não se entende o ser humano enquanto, dissociado da natureza, mas como parte que congrega uma unidade. Contudo, se considera, no atual período da história, que as cidades carecem de áreas verdes e que a casa de campo, é uma maneira de suprir o contato com a natureza, mesmo que seja ela refeita e modificada para atender os padrões da 'necessidade' dos urbanos:

Lá, pra você ter uma ideia, quando você abre a porteira pra entrar dentro da chácara, já começa fazer a volta por um tanque que a gente tem lá, que são de peixes, ali você já começa ver a natureza. Você olha pro lado da frente da casa, já enxerga um morro cheio de árvores, que hoje ainda é preservado bastante. Então você desce na casa, 90 metros da minha casa, você já tem um rio, que chamam o rio Roça Velha. A gente já tem uma vertente de água natural mesmo, donde é bombeada a água da casa, passarinhos você vê de monte lá, o que você não encontra na cidade você vê lá. Então é isso que é o gostoso, é conjunto. Esses dias eu vindo embora, encontrei um, não sei se é servo que eles chamam... É um negócio que você não vê aqui por perto, só vai ver num lugar desse. Isso que vai ficando gostoso, interessante. De você ir num lugar desse, sem contar que se você andar por lá, o que você vai achar de coisa bonita que tem na natureza mesmo. (...) quando tá calor, eu entro no rio e ando longe dentro da água. É gostoso, então você vai ver, o que você vê de coisa diferente lá dentro, vale a pena mesmo, nossa, muito bom! (ENTREVISTA, 2017).⁶⁵

Eu gosto do silêncio que não é silencioso. Vamos dizer assim, você não escuta os mesmos sons que você escuta aqui na cidade, não tem carro, não tem buzina, não tem coisas que se escuta aqui, criança correndo na escola, porque a gente mora do lado da escola. Não tem esse som, ele é muito mais quieto, mas você nunca tá em total silêncio, porque é a galinha fazendo barulho, ciscando, é o passarinho na árvore, é o pinhão caindo, quando dá aquele vento, é o vento batendo que você sente o vento batendo. Aqui você não sente por causa das casas, lá o ar parece que é mais puro, é diferente você respirar aqui e você respirar lá. Talvez

⁶⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

cientificamente falando seja pouca diferença, mas parece que o nosso organismo fica melhor lá? Fica mais à vontade assim, então o que eu gosto mesmo é do silêncio. Tanto é, às vezes a gente liga o rádio, o som essas coisas, e vai escutar o toca disco ali, mas eu não me importo de ficar no silêncio, eu gosto de estar ali, de ouvir o cantar dos passarinhos que é diferente assim, porque tem muitos passarinhos diferentes lá, eu gosto disso assim, gosto do silêncio, o silêncio bagunçado. (ENTREVISTA, 2017).⁶⁶

Eu já gosto de andar no meio do mato, eu gosto de olhar as árvores, gosto de ver os passarinhos, passarinhada, tem bastante passarinho. Então eu gosto de chegar lá e já ir pondo comida pra eles, então eu gosto mais da parte do mato, de estar no meio do mato, curtindo aquele ambiente, como se diz, bem nativo mesmo. (ENTREVISTA, 2017).⁶⁷

Diante dessa realidade, o campo enquanto espaço que congrega a natureza em sua forma mais natural e vasta, tornou-se espaço oportuno para o consumo desse recurso. O espaço rural, ainda é a base espacial para o modo de vida relacionado à tranquilidade, pureza, paz, honestidade e um conjunto de adjetivos que o categorizam dentro de uma ludicidade construída socialmente ao longo da história, que romantiza o campo, tornando a casa de campo um simulacro nostálgico.

Como espaço de uma paisagem única e de identidade cultural diferenciada, o campo, por meio de seus patrimônios culturais e naturais, tornou-se um interessante conjunto a ser incorporado como necessidade da vida cidadina hodierna. Destarte, o patrimônio cultural do campo passou a ser (re)valorizado e almejado por pessoas que tem identificação, seja por meio de lembranças próprias ou familiares ou pelo desejo formado pela nostalgia bucólica travestido na necessidade do contato com o que representa a vida do campo.

O patrimônio rural é associado aos sistemas ambientais e de produção e aos sistemas simbólicos de culturas locais, compondo a paisagem rural, considerada um dos principais atrativos do meio rural, pelos habitantes e especialmente pelos citadinos (SILVA, Karen, 2009). Os patrimônios culturais rurais receberam maior visibilidade com o início da modalidade de turismo rural desde a década de 1980,

⁶⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁶⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

pautado na valorização do modo de vida, da paisagem rural, e da sensação de hospitalidade e tranquilidade recebidos na visita ao campo.

Esse conjunto patrimonial tem exercido especial encantamento sobre os moradores da cidade, já que o turismo rural engloba uma série de atividades que envolvem desde a hospedagem, a prática de atividades esportivas até a inserção no meio de vida dos moradores que se abrem a esse segmento turístico. É comum que depois da prática de turismo rural, muitas pessoas sintam-se motivadas a adquirir a segunda residência.

O turismo exerce uma relação dialética com o patrimônio, pois ao mesmo tempo em que é capaz de gerar nos habitantes o senso de preservação da história e cultura locais, também pode motivar a uma invenção e forçar vínculos que não existiam e correspondem apenas à mercadoria de venda para consumo. Para Ferreira (2010) é necessário que para o bom desenvolvimento das atividades turísticas em meio rural, o reconhecimento da cultura local, o respeito pelas mudanças que acontecem de maneira natural no desenvolvimento das sociedades humanas, sobretudo quando se tratam de comunidades e povos tradicionais.

O turismo no meio rural apresenta a proposta de disseminação do saber, reconhecimento e manutenção dos vínculos com o passado, a produção e modificação histórica do campo. Correlacionada com o fator econômico movimentado pelas atividades turísticas, legitimam-se ações voltadas à preservação do patrimônio. Contudo, muitas vezes o preço pago refere-se a transformar o patrimônio quanto o valor de uso, de produção cultural para produto de consumo com valor econômico.

A valorização do turismo para o campo também reflete o momento histórico, onde são (re)valorizados os vínculos com a natureza. A relação entre sociedade e natureza apresenta distanciamentos e aproximações. Ao longo da história percebe-se que há determinados momentos em que a busca pela casa de campo se dá seguindo um modismo, pois tão logo a elite econômica busca se apropriar de um espaço e sua cultura é seguida pelas demais classes econômicas, impulsionando um movimento massivo.

A relação do patrimônio rural com a busca da segunda residência ainda se dá pelo fato que os cidadãos buscam pela melhor qualidade de vida associada aos elementos que constituem o campo, procurando maior qualidade de vida, pautada na melhoria das condições ambientais para a saúde física e psicológica:

Eu gosto daquela parte assim que você senta naquele gramado, vem aquele vento, aquela... Aquela paz, aquela luz que vai lavando a mente da gente assim, vai tirando as coisas ruins! Eu gosto mais de chegar e sentar lá na grama, de frente pros tanques, e não pescar, mas está ali sentada, e vai relaxando, tanto a mente quanto o teu físico, essa parte eu gosto muito. (ENTREVISTA, 2017).⁶⁸

A eu gosto de manhã quando a gente levanta bem cedo lá, assim tipo umas sete e meia, pra domingo é cedo. Eu gosto, a gente tem uma mesa pra fora na área, eu sirvo o café naquela mesa, e aí tem muita paisagem, muita árvore, muita casa... Eu gosto de ficar ali, tomando café olhando aquela paisagem, e é bonito de manhã, tem aquela serração, aquela neblina cedo, é bonito, é diferente, bem diferente daqui [cidade]. (ENTREVISTA, 2017).⁶⁹

A tranquilidade que ela [paisagem] te passa. Você se desliga e fica apreciando aquilo. Se são flores, você presta atenção no formato da flor, você cheira a flor. Se é uma paisagem de árvores, você fica admirando, as vezes tem pássaros, têm os bichinhos. Aquilo ali te passa paz, aquele momento que você desliga, só observa ali, e se concentra no que você tá olhando: a flor você vai ver ela, o formato dela, você pega, você cheira pra ver que cheiro que tem. Árvores e campo, mato, a cor, se tem algum bichinho, tudo isso. (ENTREVISTA, 2017).⁷⁰

De tal forma, os elementos que constituem o patrimônio rural exercem grande influência na busca pela aquisição da casa de campo. Essa segunda residência tem um amplo leque de significações e as representações sociais construídas sobre ela são repletas de sentimentos que envolvem a história dos sujeitos, seja pelas suas próprias experiências, seja pelas memórias familiares compartilhadas. O conjunto formado pela paisagem e o modo de vida rural opera no campo sentimental, que logo atua na ação da aquisição de uma residência dentro do espaço que é considerado refúgio, pelos citadinos: o campo.

Um dos principais atrativos dentro do contexto patrimonial rural é a paisagem. Como um dos conceitos-chave da Geografia, a paisagem apresenta um número de possibilidades variadas de análise dentro da abordagem humana ou física, abrangendo desde a morfologia até os aspectos culturais, da forma de

⁶⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁶⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁷⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

representação social coletiva e individual, à intervenção do trabalho, da tecnologia e da concepção ideológica, do material ao imaterial, do objetivo ao subjetivo.

Enquanto produto da sociedade, a paisagem é o sustentáculo das relações humanas com o espaço e entre os indivíduos. De tal maneira, não deve ser compreendida como apenas uma cena, uma imagem momentânea, mas como uma importante ferramenta de análise da realidade, construída material ou simbolicamente, demonstrando a dinâmica e a mutabilidade do espaço no tempo.

A paisagem não é apenas o quadro onde ocorrem as práticas sociais, pois no imaginário social, a paisagem é a própria representação das práticas, enquanto sua configuração, imprimindo o conteúdo e construindo o espaço geográfico. (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001). A paisagem do campo é construída no viver diário das pessoas que vivem nesse/desse espaço, e também daqueles que chegam nele para vivenciar ou produzir, mas reflete a cultura e a identidade de uma sociedade que a transforma dentro de sua realidade de reprodução social e econômica, dentro da atuação política e das mudanças impressas pelo contato com o urbano, com a globalização econômica e cultural, mantendo certas especificidades.

Pela perspectiva de abordagem humanística da paisagem, é dada ênfase às interpretações da relação subjetiva do sujeito com o ambiente, palco da experiência das ações humanas. De acordo com Nitsche (2012), a geografia humana trouxe contribuições para o conhecimento científico na área de turismo, por tentar compreender a relação subjetiva com o mundo para os sujeitos, revelando o arcabouço intelectual e psicológico, expresso na percepção, nas experiências e sentimentos e na cultura do indivíduo.

Para Ferreira (2017), a paisagem reaviva uma espiritualidade intrínseca ao sujeito pela percepção e pela intensificação do subjetivo humano por meio da intuição, enquanto aspecto da visão e contemplação, que formam um (re)conhecimento imediato sobre o espaço onde se esteja presente - não apenas observando, mas enquanto participante da paisagem – capaz de ativar os sentidos mais sensíveis até às lembranças e memórias, ativando a melancolia e a nostalgia. Dessa maneira, a vida cotidiana configura diferentes maneiras de estar na paisagem e de senti-la.

Como posição para análise da realidade individual, a concepção humanista de paisagem para a Geografia deve se desprender daquilo que é visível aos olhos e se voltar para os elementos subjetivos que compõe o olhar, buscar compreender

como o sujeito vivencia sua relação com o espaço e a rede que constitui a paisagem.

A partir das vivências e da cultura a paisagem pode receber valor enquanto produto de venda ou valor subjetivo. A paisagem do campo reflete a construção material e imaterial característica ao espaço rural, expondo as várias conjunturas sociais de formação, do passado e do presente, revelando a cultura do grupo social que a modela, contendo os patrimônios culturais e naturais do espaço rural. A transformação pela qual o campo passou, reflete a transformação da natureza, da cultura, as inovações e preservação de singularidades e a simultaneidade de tempos que existe na paisagem rural:

A transformação da natureza, de uma primeira para uma segunda natureza, se dá pelo uso das técnicas e ferramentas, empregadas como prolongamento do corpo humano, que assim coloca sua marca sobre a natureza. A partir desta transformação, o homem passa não só a modificar a natureza, como também produzir espaço. Na sua ação, relacionada à produção, não é possível distinguir a ação em si e o ato de produzir o espaço. (HENRIQUE, 2009, p. 93).

Quando a paisagem natural é transformada e construída segundo a cultura de um grupo torna-se paisagem cultural, que pode ser compreendida de diversas maneiras, pois o olhar é resultado da constituição cultural do indivíduo e da sua percepção sobre o espaço, uma vez que a paisagem pode ser compreendida como uma cena, a imagem vista pelos olhos, ou como um conjunto de símbolos, representações, da conotação material e imaterial, dos diversos tempos que constituem a paisagem.

Conforme aponta Chauí (2000), paisagem é mais que a soma de elementos colocados próximos uns aos outros, é a percepção do todo complexo. Faz parte de um universo que contempla forma e sentido, sendo inseparáveis da percepção do sujeito. Pode representar a base para uma obra de arte, ou uma barreira, ou uma constituição de elementos que são passíveis de desfrute, por quem a contempla.

De acordo com Sauer (1998) a paisagem pode mudar segundo as modificações na cultura da sociedade que a constrói. As significações atribuídas à paisagem podem ser modificadas segundo os conflitos das relações que se estabelecem sobre o espaço, alterando também a identificação com a paisagem.

Para Rosendahl e Corrêa (2001) a paisagem carrega em si a sociedade e a natureza, o que é objetivo e simbólico, pois resulta da relação do ser humano com o ambiente onde vive. Na paisagem são escritas as singularidades de cada tempo e é por isso, espaço de associação de culturas, interpretações, tempos, sentimentos e leituras. É o meio natural aglutinado ao meio construído e transformado.

É interessante compreender a paisagem dentro da perspectiva histórica, pois mostra um processo cumulativo da ação da natureza e do ser humano, podendo ser analisado os tempos e atores sociais que a construíram, em tempos diversos. (MEINIG, 2002). Como produto da sociedade desigual, a paisagem também guarda os resquícios das diferenças de poder, pois alguns grupos predominam sobre outros e as mudanças nesse espaço ocorrem a partir do grupo de maior poder. Com o adensamento da relação entre campo e cidade, a paisagem reflete as novas configurações dessa aproximação geográfica e cultural, de modo que a paisagem rural é resultado do hodierno e do passado, do tradicional e do moderno que estão presentes no cotidiano e nas práticas daqueles que vivenciam esse espaço.

Para interpretar a apropriação humano do espaço e as relações sociais que ocorrem sobre ele, à paisagem enquanto conceito geográfico tem sido suporte de interpretação, sobretudo, ligada a Geografia Cultural, auxiliando na interpretação do caráter palimpsesto do espaço. De acordo com Christlieb (2006) essa nova abordagem da Geografia auxilia a entender não apenas as expressões materiais, mas também o simbolismo que representam alguns elementos da paisagem para as pessoas, ajudando a elucidar como os indivíduos percebem e compreendem o ambiente.

Presente nas práticas diárias, nas lembranças e na vivência dos moradores do campo, a paisagem do campo, com características de maior ou menor intervenção humana, estão ligadas ao cotidiano desse espaço, à história individual e coletiva das pessoas, que no seu dia a dia a constroem, a paisagem, e modificam. A construção do espaço no tempo - representado na paisagem de forma harmoniosa ou conflitante - marca os tempos, registra os eventos, e torna-se registro da memória social, elo com a identidade cultural e logo, patrimônio cultural.

Para os proprietários de casa de campo, o conjunto composto pela natureza, expressa na paisagem e do modo de vida rural, contemplam o patrimônio rural. É comum que essas pessoas busquem aprender sobre o conhecimento produzido no

campo, acerca das tradições, das lendas locais, da maneira diferenciada de manejo da propriedade. Esses conhecimentos são adquiridos em conversa com os moradores locais, com as pessoas mais velhas da família que tiveram vivência rural e por meio das mídias. Esses conhecimentos abrem um novo leque de oportunidades de interação com as pessoas, com o espaço, e com o modo de vida rural, possibilitando uma aproximação com a intervenção na paisagem.

Estar em contato com os ciclos da natureza, seja ela mais ou menos artificializada, faz parte da identificação com o campo e com os moradores do campo. Interagir na paisagem e acompanhar sua mudança são ações que ligam o sujeito ao seu espaço de vivência rural, a sua propriedade e envolvem a ambientação mágica do campo, ao poder acompanhar as etapas, o crescimento, a mudança, o movimento. Transformar a paisagem do campo e acompanhar os processos de mudança gera a sensação da integração com a paisagem, com o modo de vida, ser-no-mundo rural:

Eu vejo todos os meus carneirinhos, aquilo me faz bem, ficar observando, aí você para e perde-se um tempo ali. Ou quando também eu tenho uns tanquezinhos, vai lá ao lago fica olhando os peixinhos, tratando os peixinhos, e aí isso é o que eu mais gosto de fazer. Ou também quando eu fiz uma plantação de aveia agora no inverno, o que seria o resultado ali também é satisfatório, e também se for falar tudo que a gente vê, e sente, na verdade é tudo. Desde uma árvore que eu planto e acompanho o crescimento, porque eu planto, eu sei tudo o que eu plantei lá, sei o tamanho, como foi difícil, a sensação... Até mesmo da árvore que você plantou, que eu plantei, é uma satisfação assim quando eu olho lá. Hoje a paisagem e dou uma olhada para trás, como era, eu vejo que alguma coisa eu fiz pela natureza. Então tudo aquilo é satisfação, quando eu entrei lá tinha uns pinheirinhos pequenininhos, hoje eu como meus pinhãozinhos, não tem como dizer, uma sensação para mim tudo é bom! (ENTREVISTA, 2017).⁷¹

Eu gosto da cor, eu gosto do contraste do verde com o azul. E quando tem alguma planta florindo, aquele destaque no meio do verde, eu gosto de olhar assim e ver aquela coisa, aquela coisa contrastante assim. Eu gosto de cores fortes, e aqui [na cidade] por mais que veja um monte de casa, mas tipo, não é a mesma coisa, porque, sei lá, por não ser natural. Por a gente está acostumado a ver isso, apesar de lá também ser uma paisagem igual, ela muda conforme as estações do ano. Vamos dizer assim: o inverno é diferente, a cor do inverno é diferente da cor do verão, da primavera, então eu gosto dessa magia de cores que tem ali, gosto de olhar isso. E sinto assim, parece que me acalma, me faz bem, eu gosto disso, é o que eu mais gosto de olhar. O caminho quando a gente tá indo pra chácara também, eu acho aquele caminho muito bonito, porque ele tem bastante

⁷¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

árvore que fecha o caminho. Você parece que andando por uma estrada que vai, eu imagino assim, quando a gente tiver indo pro céu. É uma estrada parecida? Com um montão de árvore no caminho assim, um lugar bonito, que você gosta de olhar, que você se sinta acolhido assim, parece. (ENTREVISTA, 2017).⁷²

A paisagem do campo, para os citadinos, não é apenas uma cena, uma imagem congelada. Ela é o movimento do vento, o som dos animais, as cores que mudam de tom conformando-se com a estação. Diferente das cores da cidade, as cores do campo tem movimento. Compõe harmonia que gera paz e tranquilidade. A paisagem do campo congrega a ação, o sujeito que é morador permanente, a forma que já existia, mas também tem espaço para a ação do citadino que deseja se integrar a essa realidade. Esse grupo de pessoas valoriza, se apropria e explora os diversos sentidos humanos na paisagem rural, conformando-os com o seu universo subjetivo de representações e simbolismos – com raízes profundas no mundo vivido do passado e do presente - que constituem o momento de vivência no campo:

É você olhar todo aquele verde e no fundo, você vê a cidade assim, bem longe, você estando bem longe da cidade. Então você vê todo àquele verde, que vai afunilando, no final você vê uma cidade que você nem quer estar lá. É o que eu analiso, quando às vezes eu estou sentado olhando assim, aquilo vai indo, aquele verde, você vê a cidade bem longe assim, você enxerga ela inteira, mas bem pequenininha... A própria harmonia de você ver muitos animais silvestres que vê que você não vai fazer mal e vem muito perto, veado do campo, preá, lebre, quati, bugio... Coisas que você não vê aqui. Essas são coisas assim, que essa harmonia de você ver todos esses bichos e você tá ali, não tem preço, não tem! Você tá ali, como se fosse um zoológico ao vivo, o pessoal fala “E os passarinhos?”, eu falo, “Rapaz eu crio todos eles solto, tenho lá o que você quiser de passarinho, tá tudo solto, tá tudo solto, é um viveiro natural”. É o conjunto de fatos que leva você a ter essa harmonia. (ENTREVISTA, 2017).⁷³

Compreender a paisagem como receptáculo dos patrimônios culturais é uma tentativa de interpretar os laços das pessoas com o espaço, sua identificação. De acordo com Tuan (1983), é importante compreender como o sujeito se relaciona com o ambiente que vive, e para isso é importante compreender os significados simbólicos das ações humanas sobre o espaço vivido.

⁷² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁷³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

As pessoas vivem em uma sociedade intersubjetiva, compartilhada por muitos indivíduos e por meio de normativas, se instalam no conjunto social. É pelo conhecimento socialmente compartilhado e pelas experiências no espaço que se constrói o mundo de simbolismos e representações.

Compreender por meio da experiência dos sujeitos o sentido que dão ao espaço e a maneira como se relacionam com seu ambiente cotidiano se mostra uma alternativa significativa para compreender o ser humano enquanto inteiro, enquanto sujeito que transita em várias esferas de vida, sejam elas econômica, cultural, social ou política, e que tem necessidades de equilíbrio também sobre a questão sentimental, a felicidade, a identificação cultural e espacial, a sensação de segurança e liberdade, etc.

É possível interpretar a relação dos sujeitos com o meio natural e edificado através de suas experiências, das suas vivências, da influência da história pessoal e do desejo, travestido ou não na forma de consumo. São aí que se formam as representações, os sentidos da vida humana, da relação ambiental e social. Nesse aspecto ainda é necessário avançar nos conhecimentos e na aplicabilidade desses novos saberes por meio de formulação de ações que permitam ao ser humano ser pleno e feliz no seu ambiente cotidiano.

Essa relação denota que o espaço, enquanto palco dos sentimentos, é carregado de memórias, de lembranças de múltiplas possibilidades de expressão identitárias, conformadas a realidade vivida pelo sujeito. O campo enquanto espaço de vida, passa a ser território das emoções, aberto as múltiplas territorialidades abarcando o caráter lúdico e imaginativo que oferecem apanágio aos cidadãos frente às atribulações da vida urbana.

2 A FUGA DA CIDADE: A BUSCA DOS CITADINOS POR OUTRO MODO DE VIDA

Esse capítulo se inicia com a apresentação da reflexão teórica acerca do campo e cidade, rural e urbano na contemporaneidade e de como se deu a relação entre sociedade-natureza ao longo da história, para compreender os motivos da “fuga” da cidade pelos moradores urbanos e quais fatores impulsionam esse movimento de saída e a opção pela procura de outros espaços para viver. Para compreender esse movimento crescente na contemporaneidade, é necessário apreender a partir dos sujeitos que realizam essa movimentação, quais os elementos são motivadores para a saída da cidade, a aquisição e manutenção da segunda residência e quais elementos motivam ou não a buscar uma residência fora do seu contexto espacial.

2.1 A CONSTRUÇÃO MATERIAL E SIMBÓLICA DAS CIDADES AO LONGO DO TEMPO

As cidades sempre exerceram encantamento sobre as pessoas, por concentrar os centros de decisão ligados ao poder econômico, político e religioso, o que reflete na organização e arquitetura desses espaços. A cidade representa também o domínio da construção e modificação do ambiente pelo ser humano, transformando a natureza indomada. Essa relação entre ser humano-cidade se estabelece nas esferas materiais, sobretudo no poder simbólico desse espaço. As cidades ainda representam o espaço dominado e recriado, a segurança, onde há predominância do culto, do homem social, um microcosmo de completude psíquica, em detrimento ao meio natural rústico, violento. (TUAN, 2012).

A cidade entendida pelo poder simbólico que exerce sobre os seres humanos remete a ideia dos sistemas simbólicos de Bourdieu (1989). Os sistemas simbólicos urbanos são estruturados e estruturantes da sociedade moderna capitalista e globalizada pela concentração dos diversos poderes (produção da ciência, do capital, circulação rápida da informação, pluralidade cultural, etc...) e na materialização da evolução técnico-científica-informacional humanas nas suas formas edificadas, legitimando a dominação sobre o campo, espaço entendido por muito tempo pelo atraso técnico, da paisagem pouco modificada, cultura menos elaborada, dependente das cidades para realização das atividades básicas.

Há diversas ciências que se esforçam em elaborar definições para ajudar na compreensão sobre campo e cidade, do modo de vida rural e urbano. Com o avanço das tecnologias de comunicação e transporte, as mudanças no espaço e na sociedade ocorrem de maneira rápida e contínua, mesmo que não impactem com igual intensidade todos os lugares. De tal maneira, como serão abordados aspectos desses dois espaços geográficos, campo e cidade, e dos modos de vida correspondentes, acredita-se ser pertinente apresentar uma reflexão acerca dessas temáticas.

2.1.1 Relação cidade-campo e rural-urbano

Diferenciar e delimitar o campo e a cidade, o rural e o urbano, são necessidades historicamente percebidas desde os povos primitivos, que cercavam suas aldeias para proteger-se do desconhecido. Posteriormente voltando-se as disputas por territórios e para proteger-se de guerras e invasões, materializaram-se as muralhas das cidades da idade antiga e média, chegando à contemporaneidade, onde as modernas e complexas sociedades urbanas constroem muros simbólicos, por meio de normativas e leis. (SILVA, Karen, 2009).

Por outro lado, o desejo por dominar a natureza sempre permeou os sentimentos humanos, seja pela necessidade dos recursos necessários à reprodução da vida ou pelo arcabouço mítico que envolve a natureza selvagem. Para Santos (2003) a relação do homem com a natureza passou por diversas alterações ao longo da história humana, conforme as necessidades de cada período, ocorrendo um momento de ruptura paradoxal, ao mesmo tempo em que o homem assume uma postura de dominação hostil pautado no desenvolvimento técnico crescente, há uma relação de dependência da natureza, que passa a ser mecanizada e artificializada.

As concepções acerca da diferenciação entre homem e natureza, culto e selvagem, moderno e tradicional, sempre serviram de base para as distinções estabelecidas para especificar o que compunha a teoria sobre cada espaço e seu modo/modelo de vida:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O

campo passou a ser associado a uma forma natural de vida — de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações — de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica. (WILLIAMS, 2011, p. 11).

A carga simbólica positiva que envolvia o próspero e culto ambiente urbano, constituiu a formação da ideologia que colocava a cidade hierarquicamente acima do natural, também como campo, pois era o espaço que concentrava o saber, as tomadas de decisões políticas, os centros de manufatura e venda de bens. Somada a isso, também ocorre à expulsão dos moradores do campo para os centros urbanos à procura de habitação e trabalho, decorrente da substituição do campesinato tradicional pelo capitalismo agrário, que culmina com o crescimento urbano não planejado e em um processo de ruptura gradativa com o meio natural.

No final do século XVIII, a Revolução Industrial chegava a toda a Europa. Nesse período, as cidades já representavam uma forma de organização de grupamentos humanos, com menor representatividade quantitativa. Mas os novos sistemas de produção advindos da indústria influenciaram na organização das cidades. Nesses espaços começava ocorrer concentração de pessoas, expropriados vindos do campo para trabalhar nas crescentes indústrias; esses sujeitos aglomeravam-se nos centros urbanos, vivendo em situação precária. Por consequência, os problemas urbanos se intensificaram, também como resposta a perda de poder de instituições de forte influência na organização social, como a Igreja. (SILVA, Ângelo, 2009).

Para Almeida (2002), outro fator relevante na compreensão da percepção simbólica acerca de campo e cidade diz respeito ao viés econômico, pois antes da Revolução Industrial o campo era o espaço de produção agrícola e a medida que a industrialização e a urbanização avançavam, mais se almejava espaços ‘intocados’ de natureza.

A Revolução Industrial impulsionou o aceleração tecnológico. De acordo com Virílio (1996) a máquina a vapor, o motor à explosão, a eletricidade, e mais tarde os avanços dos sistemas de satélites e da informática, considerados por ele como os cinco motores da história humana, alteram diretamente as concepções e os conceitos, modificando ainda as práticas sociais, as apropriações simbólicas e

ressignificando as relações sociais sobre o espaço. Logo, influenciaram na relação do ser humano com a natureza.

Com o desenvolvimento do pensamento moderno⁷⁴, a razão pautada no pensamento científico interfere na estrutura do pensamento dos sujeitos. A modernidade, enquanto crença da sociedade na razão implica em compreender que o conhecimento é poder. Poder de domínio da ciência sobre a crença, do homem sobre a natureza. A fé se estabelece no progresso material ilimitado. A proximidade do ser humano com a natureza esvaece.

Para Santos (2003) há dois tipos de relações do sujeito com o meio natural: a relação com uma natureza racional, voltada à materialidade e a lógica; e com a natureza mágica, pautada na fabulação, nas crenças e mitos. Ambos os sistemas de relação se modificam no decorrer da história, evoluindo e/ou sendo recriados.

De tal maneira, os conceitos e definições que tratam sobre as distinções entre cidade e campo e rural e urbano também se modificaram, bem como a valoração que se dá a cada espaço pela população – que varia conforme o momento histórico.

Conforme Marafon (2011) há dificuldade em abordar e definir o que seria o espaço rural no período hodierno, uma vez que esse espaço passa por um processo de reestruturação. De acordo com o autor, têm sido produzidos muitos trabalhos que abordam rural, urbano, cidade, campo e a relação entre esses dois espaços; e muitas abordagens são simplistas ao apenas tecer críticas sobre a atual forma de conceituação dos órgãos gestores (a cidade é comumente definida dentro de um município com base em decisões político-administrativas e tudo que sobra, ou seja, o que não é cidade, é campo). Todavia, há que se considerar que o campo contemporâneo é uma realidade complexa, multiescalar, palco de diversos atores sociais antigos e novos, com crescente tecnificação e politização, inserido no mercado local e global, existindo modificações intensas nesse território.

O campo por muito tempo foi considerado como o espaço de atraso, antiquado. No campo era necessário grande esforço para se obter as condições mínimas de vida. Pela percepção de tempo mais lenta e desvinculada de obrigatoriedade de cumprir horários fixos para a realização das atividades, também

⁷⁴ Para Cruz (2011) com base no pensamento filosófico e científico é difícil demarcar o início do pensamento moderno, mas está entre os séculos XVI e XVIII, na ruptura com o pensamento medieval. Pautado em pensadores como Descartes, Foucault e Nietzsche, define a modernidade como a época da absolutização da razão, do abandono do homem mítico e das divindades.

era considerado como mais tranquilo que a cidade, onde era possível ter contato com a terra e onde se encontravam as paisagens mais naturais.

Segundo Rua (2006) há um discurso dominante, vindo das esferas de poder burguês, que enaltece a cidade em detrimento do campo, abordado como sendo um espaço de atraso, sem desenvolvimento. Entretanto, esse discurso é diverso, contraditório e varia de acordo com o momento histórico, alterando a representação do rural. Outro fator importante nessa representação é a influência vinda dos movimentos sociais que são forças de resistência e reivindicação por outra representatividade do rural.

Há de certa maneira um consenso de abordagem que discute o campo como sendo espaço onde há baixa densidade populacional, onde a atividade agrosilvopastoril ainda tem predominância e onde o modo de vida das pessoas é voltado à vivência comunitária e identidade camponesa. Contudo, é necessário considerar a presença do espaço natural, o desenvolvimento tecnológico (desde a engenharia, a biotecnologia, etc.), o papel da tradição e da herança histórica, das novas corporações que chegam a esse espaço e da inserção econômica local e global, com maior intensidade e dinamicidade. (MARAFON, 2011).

Com o desenvolvimento do sistema capitalista, da globalização, conseqüentemente do avanço tecnológico nas comunicações e transportes, o crescimento das cidades, a aproximação geográfica com esses espaços e a vinculação crescente ao setor econômico da sociedade, no campo passaram a se desenvolver atividades que antes eram peculiares das cidades. Bens de consumo e símbolos característicos da vida urbana foram gradativamente integrados ao cotidiano dos moradores do campo, sobretudo as atividades de lazer, prestação de serviços especializados e produtos, integrando ao campo particularidades urbanas e de modernização, sem descaracterizar, contudo, suas especificidades:

Campo, por sua vez, é definido como região mais ou menos afastada dos grandes centros onde os habitantes se dedicam à agricultura e à criação de gado; onde há baixa densidade populacional. Campo, nesse sentido, significa terra para plantar, propriedade, limites, território. O campo pode ser compreendido como recurso a partir de seu uso produtivo (agricultura, pecuária, agroindústria, turismo, etc...); como modo de vida enquanto local e residência e de lazer; e como natureza enquanto ecossistema, espaço natural, contribuição com a diversidade biológica. (MEDEIROS, 2011, p. 58/9).

De acordo com Medeiros (2011), o campo passou por um processo de revalorização ligado às novas funcionalidades atribuídas a esse espaço – muitas já realizadas antes como atividades integradas a rotina e agora exploradas como fonte de renda, por exemplo, os espaços de pescaria, a produção e venda de frutas e verduras em escala local, etc. Com a implantação de novas atividades econômicas, o espaço rural deixou de ser apenas de produção agropecuária para ser espaço de lazer e residência (seja ela primária ou secundária), recebendo o reconhecimento e valorização da cultura do campo.

Para Rua (2006) o que ocorre no campo, é parte das contradições inerentes a lógica capitalista, onde há momentos desiguais de igualização e diferenciação que se expressam na abordagem e construção do espaço, existindo momentos de revalorização de espaços, que se tornam mercadorias valiosas. De acordo com o autor, há duas vertentes principais de discussão acerca da relação campo - cidade, rural - urbano. A primeira aborda a urbanização do campo, utilizando o conceito de *continuum* e preconiza sobre o gradativo fim do rural, diante do urbano, existindo diferentes graus de urbano do campo. A segunda é a urbanização no campo, onde a ideia central gira sobre a perspectiva da integração desses espaços, absorção de elementos urbanos no campo, mas sem a perda das especificidades rurais; pelo contrário, haveria a apropriação de elementos do rural e da cultura desse espaço pela cidade.

De acordo com Marafon (2011) a agricultura já não mais estruturaria o campo, uma vez que deve ser considerada a inserção crescente da lógica capitalista nesse espaço, a presença do Estado por meio de medidas econômicas, projetos de crédito e financiamento da infraestrutura e pesquisa, a inserção da economia rural brasileira com maior intensidade na escala mundial, com produção modernizada e integrada a rede global e as novas formas da organização produtiva do campo, que integram, por exemplo a pluriatividade, crescente nesse espaço.

Contudo, não é possível analisar esses dois espaços geográficos de maneira isolada, já que campo e cidade são interdependentes e ocorre um processo de aproximação cultural crescente e dinâmico da “invasão” do urbano no rural, uma vez que mantém relações impactadas pelas forças políticas, culturais e econômicas locais e globais.

Carneiro (2002) aborda a reflexão acerca dos termos rural e urbano e campo e cidade na contemporaneidade. De acordo com a autora, conceitos e categorias

servem aos interesses políticos na definição e delimitação de criação e aplicação de políticas públicas. Contudo, frente à complexidade da relação contemporânea entre esses espaços e vivências, guiados por visões de mundo distintas já não serviriam à abordagem sociológica e antropológica, que deve ultrapassar essas delimitações para abarcar a nova realidade que se modifica com a relação dinâmica entre os universos simbólico e cultural entre campo e cidade e de seus habitantes.

Quando se utiliza os termos rural e urbano, é possível interpretá-los como modos de vida característicos de cada espaço. No entanto, o rural extrapola o campo, e o urbano extrapola a cidade. De acordo com Endlich (2010) rural e urbano são dimensões de vida produzidas ao longo da história, que balizam o sistema de vida dos sujeitos em cada espaço.

Para Medeiros (2011) o espaço rural é o que pertence ou é relativo ao campo, próprio desse espaço, e diz respeito a vida campestre, ao predomínio das atividades agrícolas, bem como as zonas de vilegiatura, não incluindo as praias. Também é considerada área rural toda aquela fora do perímetro tido como urbano ou suburbano pelos órgãos político-administrativos, que estabelecem suas delimitações no plano diretor, por vezes sem conhecimento de causa apropriado. Segundo a autora, o discurso sobre rural deve ir além da compreensão desse espaço enquanto natureza, pela paisagem e pela produção de alimentos, uma vez que na relação espaço-tempo, novas populações e atividades chegam ao campo, redefinindo a realidade rural.

De acordo com Marafon (2011), além de desempenhar o papel de produtor de alimentos e matéria-prima, a reestruturação do campo passa pela inclusão de novas atividades ligadas ao setor de produção industrial e serviços ligados ao turismo e lazer. Para o autor, o campo também passou a ser lugar procurado por (ex-)cidadinos que buscam além da (re)colocação no mercado de trabalho, mais qualidade de vida. Concomitante a esse processo de reestruturação produtiva, também ocorre um processo de (re)valorização da natureza e reconhecimento da cultura rural. Todos os elementos tornam o campo um espaço de interesse e redefinem a abordagem dada a ele, assim como tornam as fronteiras entre rural e urbano cada vez mais difusas.

Para Lemes et al. (2009) rural e urbano são mais que modos de produção vinculados a espaços geográficos, pois representam também o modo de consumo, de sentir e viver dos moradores do campo e da cidade. Assim, representam a

maneira como ocorrem as relações sociais, econômicas (produção e consumo), políticas e até individuais sobre campo e cidade.

O modo de vida urbano se concretiza além da cidade, pois o meio urbano exerce um poder de encantamento sobre os moradores do campo, no que se refere ao poder das instituições e das personalidades, que chegam ao meio rural, por intermédio dos meios de comunicação. (ENDLICH, 2010).

A extensão funcional das cidades grandes e de seus habitantes vai além das barreiras físicas, pois se expande até a área de influência espacial e dos efeitos capazes de impactar espaços que vão muito além das fronteiras territoriais. (SIMMEL, 1973). Dessa maneira, o urbano não se restringe a vida da cidade, mas leva suas características a outros espaços, sobretudo no que concerne a atributos culturais, difundidos pelos meios de comunicação.

O modo de vida urbano quando chega ao campo, altera determinados elementos característicos a esse espaço ou atribui novos valores e funções, de tal maneira que o modo de vida rural agrega as novidades de maneira completa ou as reformula de acordo com as novas necessidades. (SOBARZO, 2010).

De acordo com Rua (2006) o rural e o urbano passam por um processo de fusão sem, contudo, perder cada um suas especificidades. Isso seria resultado da transformação produtivo-organizacional da (re)valorização do campo, da natureza e da cultura desse espaço. A nova representação do campo, elaborada pela lógica capitalista, é voltada a exploração produtiva do campo, mas não deixa de enaltecer as particularidades do mundo rural, sobretudo frente à nova dinâmica de relação com a cidade, que torna ainda mais complexa a realidade que constitui o espaço rural contemporâneo.

De certa maneira, a nova realidade do campo brasileiro, integra novos atores, novas atividades e a conexão com a dinâmica globalizada. O campo contemporâneo é um espaço politizado, economicamente vinculado ao sistema econômico global, culturalmente dinâmico, ao mesmo tempo em que preserva características e elementos do passado, fortemente impregnados na ruralidade – características essas que baseiam o patrimônio cultural do campo e são utilizados como chamarizes de um espaço atrativo ao turismo e lazer, ou que se tornam parte da construção do imaginário social urbano, como o local de vida perfeito, oposto a cidade, cheio de paz e tranquilidade.

O rural recebe novos atores, os neorurais, que são compostos por cidadãos aposentados e com profissões distintas, pessoas que amam a natureza e buscam no mundo rural uma nova realidade de vida, distinta daquela que viveram na cidade. Ao mesmo tempo, esse espaço é palco da vida dos latifundiários, dos sem-terra, dos ruralistas, camponeses e agricultores familiares. (MEDEIROS, 2011).

De tal maneira, a nova ruralidade, o novo rural, é uma amalgama de personagens e intenções, palco da reprodução da vida, da concretização dos sonhos, da base econômica, da produção de alimentos, das transformações e da manutenção de um modo de vida peculiar.

Destarte, o maior contato entre rural e urbano, cidade e campo não determina que se tornem iguais, ou que o urbano acabe com o rural. Para Bagli (2010) apesar de que as transformações denotem para um quadro de homogeneização entre os espaços, pela propagação de atributos comuns, as relações se intensificam justamente porque há a tentativa de suprir as ausências que existem na busca pelo outro, o que se dá pela manutenção das especificidades de cada um.

Quando o cidadão busca a experiência da vida no campo, por meio da segunda residência, procura vivenciar aquelas sensações e sentimentos que não encontra na cidade, ou quando o morador do campo se desloca até os centros urbanos procura aquilo que não encontra no campo. De modo geral, pode-se dizer que apesar do constante fluxo material e simbólico entre os dois espaços e que muitas características sejam partilhadas em maior ou menor intensidade, as especificidades espaciais físicas e culturais do campo e da cidade são preservadas.

O rural é o modo de vida da pessoa do campo expresso pela ruralidade. É a forma como se relaciona com seu espaço cotidiano e como emoldura suas relações sociais. Cada modo de vida contém suas especificidades, relacionadas com o processo histórico-social do espaço geográfico sobre o qual se desenvolvem. É formado por símbolos e significados que dão sentido e estruturam a vida diária, assim como é estruturado pelo espaço e pelas relações que ocorrem sobre ele.

O rural não deve ser entendido como oposição, mas na relação que estabelece com o urbano. Já não pode ser explicado apenas pelas atividades agropecuárias, uma vez que estão sendo desenvolvidas no campo profissões e atividades que são tipicamente urbanos de maneira crescente. Assim, é necessário

que a compreensão o modo de vida rural considere a atual dinâmica da realidade e contemplar o crescimento do trânsito de relações entre campo e cidade.

Enquanto forma de expressão da identidade rural, a ruralidade congrega os hábitos, sistemas de valores, formas de vivência cotidiana e costumes atrelados à formação identitária do morador do campo. Ao entrar em contato com outros grupos culturais, o que permite ao indivíduo manter sua cultura é a vinculação identitária que tem com seu grupo cultural. (CARNEIRO, 1998).

A ruralidade é a expressão externalizada e construída internamente, contextualizada com o espaço de vida, que caracteriza a condição sociocultural do campo, sendo historicamente construída e transmitida entre as gerações. Ela define a sociabilidade do mundo rural, diferenciando-a do contexto social urbano e demarcando a capacidade dos moradores do campo a se adaptarem as influências externas, definindo o modo de ser e viver, permeado pela cultura e território. (MEDEIROS, 2011).

As diversas culturas podem coabitar num mesmo espaço, cruzarem-se e interpenetrarem-se, sem perder as suas características, mas na construção do eu em relação a sua identidade, é impossível que sejam adotadas atitudes, crenças e hábitos variados (CLAVAL, 2007). Assim, quando os moradores do campo ou da cidade entram em contato com outro estilo de vida, podem permitir que alguns ou muitos símbolos, valores, hábitos e rituais aconteçam no cotidiano, mas as especificidades culturais tendem a ser mantidas mesmo quando em outro espaço.

Para os sujeitos que vivenciam a relação entre o urbano e o rural mais intensamente, como os donos de casa de campo, novas práticas e representações surgem desse contato, especialmente no tocante a maneira de ocupar e vivenciar cada espaço, as distintas temporalidades, e as características inerentes à cultura local. A cultura não é algo permanente e imutável e ao longo da vida do sujeito, por diversas ocasiões haverá o contato com novas culturas. Dessa maneira, a identidade cultural dos sujeitos pode receber influência dos novos contatos.

Diante da intensificação da relação campo-cidade, pode-se dizer que na contemporaneidade esses espaços não são separados, mas existe uma continuidade que se estabelece não apenas no plano espacial. As relações sociais, econômicas, políticas e culturais, formam uma conexão, sobretudo entre os atores sociais que passam a vivenciar o urbano, o rural, ou ainda o misto entre eles.

A identificação cultural com o rural garante o sentimento de pertencimento ao lugar, para o morador urbano e o rural. Pautada na existência de uma vinculação identitária, é possível afirmar a existência de uma identidade rural ou com o rural, que é formada sobre as experiências individuais, as lembranças e no caso dos moradores de segunda residência, seria o motor que os impulsiona a desejar viver, mesmo que temporariamente, no campo. A experiência de aproximação com o rural e o urbano proporciona novas experiências aos indivíduos, o que contribui na formação da diversidade sociocultural.

No período contemporâneo, muitas características e práticas culturais rurais também tem sido paulatinamente inseridas no modo de vida urbano, e é crescente o número de cidadãos que buscam esses contatos, através da aquisição de símbolos rurais ou mesmo pela busca em viver no campo.

De acordo com Rua (2006) o processo de ressignificação do campo parte de novas representações sobre esse espaço, onde a natureza natural retoma um valor expressivo enquanto mercadoria a ser consumida. O rural passa a ser determinado pelos discursos e pelo devir sendo referência cultural social, em um jogo entre virtual e real. A releitura do campo não é construída unicamente pelo discurso urbano, mas também por aqueles que vivem no campo e o ressignificam de acordo com o momento histórico, diante das alterações produzidas pela nova dinâmica no espaço geográfico.

A 'fronteira' que delimita campo e cidade, rural e urbano é dinâmica e passa por reestruturação constante nos seus elementos culturais. Aparece de maneira acentuada na modelagem da paisagem e na teoria escrita, mas as práticas daqueles que transitam entre essas duas realidades, muitas vezes se encontram no sentimento de pertencimento a um lugar, seja ele o campo ou a cidade.

No caso dos cidadãos que possuem residência também no campo, as práticas sociais não são características de um espaço único, e dispõe de um repertório cultural que os permite transitar confortavelmente entre as duas identificações, rural e urbana.

2.1.2 A cidade: palco das relações historicamente construídas

As cidades, na contemporaneidade, são espaços privilegiados pelo poder de influência, em razão da concentração de aspectos administrativos, industrial,

comercial e financeiro. Para Wirth (1973), a definição de cidade é difícil de ser elaborada, uma vez que com o desenvolvimento tecnológico no setor de transportes e comunicação, a cidade ultrapassa os limites político-administrativos e tem um vasto alcance que vai além de limitações territoriais urbanas. Para ele, considerar um aglomerado humano como cidade, apenas pela quantidade populacional seria um erro, pois há outros elementos que devem ser considerados para que essa definição não seja superficial e arbitrária, contando apenas de dados estatísticos, já que a área de abrangência social do modo de vida urbano pode variar muito. Os dados censitários contabilizam a população noturna (residência) e não o fluxo humano na cidade, de tal maneira que o centro urbano e o distrito industrial de muitas cidades apresentam baixa densidade demográfica e não poderiam ser contabilizados como espaços urbanos.⁷⁵

Conforme Soares (2011) a cidade deveria integrar três sentidos distintos, constituídos de qualidades e atributos referentes a esse espaço. O primeiro diz respeito à morfologia e centralidade da cidade, considerando além da paisagem característica, a infraestrutura e equipamentos indispensáveis para o funcionamento da cidade, bem como a presença de espaços públicos de qualidade para a vida urbana. O segundo é a atuação da população nas lutas sociais e em nível político-administrativo. E o terceiro diz respeito à qualidade de vida urbana, no sentido das interações sociais, das festividades, do contato humano, o que garantiria a vivência plena da cidade, pela cidadania e pela realização do 'estar na cidade'. Segundo o autor, o modelo urbano descrito é baseado na noção europeia, muito diferente da realidade latino-americana, onde o Estado determinou as cidades, conformado aos desejos e anseios das elites de poder.

De acordo com Seabra (2011) a cidade contemporânea foi constituída por processos repletos de contradições, culminando da lógica do dinheiro, razão única do espaço urbano, conduzido pela racionalidade da valoração e fetichização de tudo, uma vez que para tudo há preço e todos os moradores da cidade estão sujeitados ao trabalho pelo dinheiro, ou pelo menos a lógica do dinheiro. De acordo com a autora, o mercado imobiliário controla a espacialização da cidade, privando

⁷⁵ Da mesma maneira, Carneiro (2002) tece uma crítica à forma como é delimitado o espaço rural brasileiro, sobretudo pela maneira como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identifica o campo: como espaço de atraso, onde há pouco acesso a serviços básicos e carência social. Dessa maneira, o campo estaria longe do desenvolvimento, pois quando as carências fossem supridas, esse espaço passaria a ser considerado urbano.

parte da população do acesso não apenas espacial, mas daquilo que constituiria a cidadania, formando uma massa de pessoas destituídas do acesso à educação e sujeitas às novas modalidades de divisão do trabalho. De tal maneira, a cidade seria palco de uma nova divisão técnica e social, devendo-se considerar que é formada por um processo histórico de desenvolvimento.

Desde a Revolução Industrial, o centro do poder – que antes era o campo – passou a ser a cidade, pois concentrava a sede dos poderes econômicos, políticos e ideológicos e a maneira da vida urbana se espalhou pelo espaço geográfico por meio das tecnologias de informação e transporte, chegando ao campo em diferentes intensidades e velocidades. (VELHO, 1973).

De acordo com Wirth (1973) o crescimento das cidades é um dos fatores mais importantes dos tempos modernos. O crescimento quantitativo da população urbana em detrimento da rural é um fenômeno social de grande relevância, uma vez que essa mudança estrutural social está intrinsecamente ligada a muitos dos problemas atuais nas ordens da natureza humana e social, bem como dos impactos ambientais resultantes dessa modificação e impelidos em diferentes graus e intensidades nos diversos locais em escala de tempo diferenciado:

O grau em que o mundo contemporâneo poderá ser chamado de “urbano” não é medido inteira ou precisamente pela proporção da população total que habita as cidades. As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo. (WIRTH, 1973, p. 87).

De acordo com Seabra (2011) o alcance da influência do modo de vida urbano foi ampliado pela televisão e pelo rádio, presentes na cidade e no campo e a modernidade ritmou de forma diferente o uso do tempo nesses dois espaços. Para a autora, há muitas e novas maneiras de integração entre cidade e campo diante das novas formas de produção – alimentos, matéria-prima, divisão do trabalho - e da ligação do turismo e lazer que tem se intensificado entre o espaço urbano e rural. Entretanto, de acordo com a autora, cada lugar ainda segue um ritmo para o tempo de trabalho e é acerca dele que se estabelecem as atividades cotidianas distintas.

A cidade pode ser compreendida como a materialização arquitetônica espacialmente definida, com um modo de vida característico desse espaço e onde se concentram a sede dos poderes como o econômico, administrativo, religioso, político, entre outros. Para Bernardelli (2010) a cidade é produto e condição da sociedade, suas formas são uma manifestação e seu conteúdo a expressão das contradições existentes nesse espaço. Para a autora, o urbano tem sua base na divisão territorial, social e técnica e ultrapassa a cidade compondo-se na relação com o rural.

No momento em que ocorre a ruptura com o pensamento mítico acerca da natureza e se estabelece o distanciamento físico do ambiente natural, inicia-se um processo de conflito na subjetividade humana: já que o ser humano enquanto parte biológica, não é dissociado da natureza, mas parte dela. Se estabelece um processo de angústia, pois ocorre a sensação de fragmentação do todo que constitui o ser humano.

Para Chauí (2006) a ideia de cultura x natureza, se intensificou com Descartes, quando coloca o sujeito como único protagonista da história. Importantes pensadores modernos também acreditavam não haver reconciliação entre natureza e cultura. A autora aponta que Kant afirmava que a natureza é uma construção do espírito, assim como a ciência, logo vindos da mesma fonte, mas não passíveis de qualquer conexão.

De acordo com Porto-Gonçalves (2006), o desenvolvimento técnico foi outro fator de relevante importância a ressignificação da relação humana com a natureza, intensificando e globalizando a exploração do meio ambiente e dos recursos naturais e mesmo nas relações de poder, quando há separação entre o lugar da extração, da transformação e do consumo, já que as novas demandas advindas da evolução técnico-científica resultam na separação social entre aqueles que produzem, o lugar que produzem e os que consomem e o lugar onde consomem. O desejo do capital seria manter a colonização mundial dos corações e da mente, por meio de uma cultura globalizada, propagada e mantida remotamente com a ajuda dos satélites e plataformas espaciais usados nos meios de comunicação.

De acordo com Santos (2006), simultânea a instalação da tecnosfera (ciência e tecnologia) também surge, de maneira paralela, a psicosfera. A primeira é voltada a produção e o intercâmbio, regida pelas leis da técnica e do capital, e quando se instala em um espaço, substitui seu meio técnico e natural anterior. Já a

psicosfera, é voltada as ideias, sentimentos e crenças e dá sentido a produção do significado de um espaço balizando as ações que ocorrem no cotidiano, de maneira a estabelecer parâmetros para as atividades racionais.

De tal maneira, pode-se dizer que o contínuo desenvolvimento técnico-científico-informacional, altera sucessivamente a maneira com que as pessoas se relacionam com o meio ambiente e seu espaço cotidiano, e que existem muitos fatores que vão além do âmbito local para a construção de uma significância dada ao espaço. Assim, percebe-se que a relação com a natureza foi constantemente modificada, balizada em parâmetros construídos dentro de cada contexto histórico. A psicosfera é alterada à medida que a tecnosfera também se transforma.

A relação entre o ser humano e natureza é subjetiva, envolve sentimentos, expectativas, crenças, pensamentos, realidades e sonhos, materialidade e espiritualidade, objetividade e subjetividade. A separação humano-natureza não é natural, é forçada, como ocorre nos processos de colonização e ocupação de territórios, quando todo o conjunto mítico e simbólico estruturado na natureza dos povos primitivos, é substituído com o uso de força militar pela 'verdade e razão' dos povos colonizadores. O aniquilamento desses elos que ligam o ser humano a natureza, a substituição do mágico, dos mitos pela história social, do natural pelas formas humanas e edificadas e a objetivação da relação homem-natureza é um processo de (auto)destruição. (TURNER, 1990).

A cidade tradicional era uma construção considerada metafísica, edificada pelo homem em oposição ao natural, sua capacidade de igualar-se ao poder divino, era também o símbolo metafísico, que congregava a população dentro dos grandes portões e muralhas, que serviam para defender a população que lá vivia dos mistérios que havia para fora dos limites edificados. (TUAN, 1983).

A angústia do processo de separação do meio natural foi sendo impressa nos centros urbanos. A dispersão espacial das cidades crescentes e desorganizadas pelo excesso de demanda na ocupação do espaço e os crescentes problemas urbanos ligados a superpopulação, se colocam como fatores significativos na busca por novos modelos de espaços urbanos que atendessem as carências ambientais dos moradores citadinos.

Vista a princípio como espaço de privilégio, da concentração do saber, dos poderes políticos e econômicos, a cidade⁷⁶ passa a ser adjetivada como local do sujo, do barulho, das doenças, do crime, do conflito e de todo o tipo de concupiscência. A cidade crescia e seus problemas também, tornando-se um ambiente inóspito para a vida com qualidade.

A vida nas cidades nos períodos seguintes à Revolução Industrial tornou-se desagradável, pois a alta concentração de pessoas resultava na pressão pelo aumento de edificações, a poluição sonora e do ar cresciam junto com a falta de saneamento básico, a pobreza crescia ao mesmo passo da expansão do capitalismo. As doenças ligadas à precariedade do espaço e a falta de comida eram parte da paisagem cinza das cidades europeias, conhecida por meio dos relatos de Friedrich Engels sobre o período de difícil adaptação dos proletários do sistema capitalista nascente. (SILVA, Ângelo, 2009).

Nesse período, com a intensificação da urbanização e dos problemas associados ao 'inchaço' das cidades, surge a necessidade por adequar o espaço urbano às carências dos cidadãos e nesse contexto, os jardins e parques urbanos aparecem como ilhas de refúgios e oportunidade de contato com uma natureza controlada.

Para Tuan (2012) o jardim passou a representar para o morador urbano como o espaço intermediário entre a natureza indomada e a cidade civilizada, uma extensão do campo, nas imediações das casas. O jardim servia como um espaço mítico de encontro com a natureza domada; suntuosos ou simples, geométricos ou curvos, se justificariam para a população urbana como a permissão do selvagem dentro de um espaço humanamente construído.

O crescente uso de parques e jardins nas cidades europeias – conceito urbanístico logo difundido para cidades de todo mundo – do período pós Revolução Industrial, significaram uma nova postura humana em relação à natureza, pois essas formas naturais emolduradas dentro das cidades significavam a predominância da racionalidade sobre a crença, da modernidade sobre o tradicional, do civilizado sobre o selvagem.

Com a mecanização dos campos, o espaço rural também adquiria feições humanizadas. Para contornar esse processo de artificialização, os projetos de

⁷⁶ Cidades europeias impactadas pelas mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial.

jardins passaram a contrapor-se a linearidade. Nesse momento, ocorre à expansão dos parques urbanos, que primavam pela menor interferência possível nesses espaços. Esse modelo de parque urbano se espalhou por todo o mundo, inclusive para o Brasil, rompendo com o modelo de jardim linear francês. Nessa mesma época, despontam ainda os jardins botânicos, onde a natureza selvagem era recriada em cúpulas de aço e vidro. (SILVA, Gislene, 2009).

A pressão por novos espaços de moradia se intensificava e espaços antes ocupados por jardins e praças, deram lugar a edificações, em um processo de desruralização das cidades - fator que influenciou o crescente desgosto pela vida urbana e a busca por vivenciar novos espaços. Para os cidadãos, extenuados por seu modo de vida, o meio rural passou a ser procurado pela qualidade de vida que poderia proporcionar e até mesmo com fins terapêuticos, pois representava a possibilidade de contato com ar fresco e da fuga do ambiente urbano. O campo passou a ser reconhecido pela possibilidade de cura do corpo e da alma (moral). (SILVA, Gislene, 2009).

Ainda no século XVIII, ocorre uma ruptura do modelo de pensamento e, portanto, da valorização simbólica sobre a natureza, não sendo mais considerada enquanto arcaica, indomável e selvagem. A uma retomada da natureza. Tanto Silva, G. (2009) quanto Tuan (2012), ao abordarem o processo de desenvolvimento das cidades, voltados à percepção do espaço pelo sujeito, apontam que ocorre um movimento de romantismo acerca do natural, que influenciou uma nova maneira de entendimento da natureza, voltada a contemplação do belo nas paisagens bucólicas do campo.

As pessoas sempre buscaram um lugar melhor para viver, como ambiente que lhes proporcionasse bem-estar e mais qualidade de vida. A cidade foi por longo tempo compreendida como espaço de materialização cósmica pelas mãos humanas. Ela sempre foi pensada como espaço da civilidade e onde o sujeito poderia desempenhar sua liberdade plena, enquanto o campo era considerado o local da natureza selvagem e onde o mínimo para viver era conseguido com muito esforço e pouca liberdade. Depois do processo de revalorização da vida bucólica, o subúrbio era considerado o espaço ideal para as pessoas que tinham renda média, pois combinavam o melhor da vida urbana (sem as problemáticas da cidade) e do rural. (TUAN, 2012).

Quando a cidade passa a ser compreendida como espaço de opressão e sujeira moral e física, as visões do subúrbio ganham especial atenção. Tuan (2012) diz que a migração do espaço rural para o urbano que teve o ápice no século XIX foi resultado de uma compulsão econômica, já a migração do século XX que faz o caminho inverso é pautada na procura do meio ambiente.

Muitos foram os fatores que culminaram nas mudanças da percepção do espaço vivido nas cidades ao longo da história humana. Mas, sobretudo nas duas últimas décadas do século XX, o número de pessoas que buscam outro espaço para viver cresceu significativamente, influenciadas pelo inchaço urbano e as grandes mudanças que ocorreram nas cidades no período de virada de século. A influência do processo de globalização, a sensação de aceleração do tempo, o aumento da violência e a degradação da qualidade de vida urbana, a pouca sociabilidade dos espaços urbanos comprometidos pelo individualismo, são alguns dos pontos que exercem peso na decisão para buscar viver em espaços como praias, regiões serranas e no campo.

2.2 A TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE E O ESGOTAMENTO COM O MODELO DE VIDA URBANA

O espaço urbano é multifacetado, passível de mudanças constantes que refletem sua condição histórica, a compreensão e valorização (simbólica e econômica) espacial de um dado momento, os desejos e anseios da população e as mudanças econômicas e técnico-científicas. Sua construção física é resultado de um conjunto amplo de determinantes e também é condição para a sociedade que a ocupa. Sua construção simbólica é resultado dos desejos do ser humano em modelar seu espaço de vida, das condições que se impõe, dos jogos de poder.

O processo de urbanização é pautado na centralização de poder, logo na concentração econômica espacial do capital, o que também é materializado no desenvolvimento desigual dos espaços formando uma assimetria frente às forças produtivas. O capitalismo atua com forças de concentração e dispersão, mas nas cidades médias e espaços metropolitanos prevalece a concentração tanto do capital como também a demográfica. Isso causa alterações qualitativas e quantitativas nos espaços das cidades capitalistas contemporâneas. (ENDLICH, 2009).

De acordo com Corrêa (1993) a cidade é a materialização de uma das formas de organização da sociedade. Os usos da terra resultam em uma maneira singular de organização dos espaços que, portanto, é fragmentado, já que recebe diferentes usos; contudo, há uma articulação que une os diferentes espaços de uso urbano, ligada ao fluxo de pessoas, mercadorias, informações e dinheiro.

Como expressão no espaço dos processos sociais, a cidade é marcada por diferentes tempos, pois congrega o vislumbre para a construção de um futuro, mas preserva o passado em suas formas no presente, explicitando que o espaço urbano fragmentado e articulado e historicamente construído é ainda impregnado de hierarquias de poder, que também o definem, presentes nas lutas de classes. (CORRÊA, 1993).

Os ritmos e naturezas das mudanças no espaço urbano refletem a capacidade e a adaptabilidade mediante as relações sociais que se transformam ao longo do tempo. As formas da cidade são reflexos da sociedade, mas também sujeitam suas novas formas de ordenação territorial e apropriação espacial das novas dinâmicas e demandas histórico-sociais.

A cidade é resultado de um conjunto complexo de elementos que perpassam a história humana. É também resultado dos anseios dos seres humanos em viver em um ambiente representado pela natureza dominada, que ao mesmo tempo congrega todas as fontes de poder econômico e político, como a efervescência e multiplicidade da produção cultural.

A cidade é uma teia complexa de relações, de difícil compreensão, como espaço físico e humano, criando e recriando novas teorias e compreensões relativas ao momento histórico. A cidade é uma realidade vivida, dinâmica, cheia da expressão humana e das suas angústias, impregnada pelo tempo que flui nas suas formas e altera as relações sobre o espaço.

A sociologia urbana surge na tentativa de compreender as rápidas mudanças que ocorrem no espaço urbano no início do século XX, e tem na Escola de Chicago⁷⁷ um dos principais modelos de reflexão sobre a problemática da cidade. De acordo com Silva, Â. (2009), Robert Park é um dos principais autores americanos

⁷⁷ Escola de Chicago é o nome atribuído ao grupo de pesquisadores, do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, que iniciaram suas pesquisas acerca dos fenômenos sociais urbanos no início do século XX, frente ao crescimento urbano acelerado vivido nessa época e todas as alterações sociológicas que ocorriam nas cidades, nesse período, sendo considerados os fundadores da Sociologia Urbana.

da Escola de Chicago. Esse autor analisa a cidade a partir de eixos centrais: planta e organização da cidade, a organização das indústrias, relações secundárias de controle social e temperamento urbano. Para Park (1973) a cidade é o *habitat* do homem moderno, portanto espaço de cultura, que exerce poder de encantamento sobre as pessoas, que encontram no ambiente urbano agitação e diversas manifestações de vida.

A cidade é a materialização no espaço de um conjunto de relações sociais e de um modo de vida específico, o modo de vida urbano. Quando se fala desse modo de vida, é necessário compreender que ele extrapola os limites físicos das cidades, sobretudo impulsionado pelo processo de globalização, que leva bens de consumo, serviços e estilos de vida padronizados a todos os lugares, através de seu aparamento informacional de comunicação. O modo de vida urbano é eclético e absorve as multiplicidades culturais. Nas grandes cidades e metrópoles se observa a pluralidade dos cidadãos.

Contudo, a pluralidade urbana também expressa às incongruências existentes nesse espaço. A cidade tem nas suas formas a manifestação das contradições sociais manifestadas nas suas formas e pode ser considerada como meio, condição e produto social, contendo a expressão dos contrastes da sociedade, que extrapola o espaço físico da cidade e avança para o campo. (BERNARDELLI, 2010).

Os moradores da cidade têm um modo distinto de vida, que produz uma personalidade humana diferenciada de outras formas de grupamentos humanos. O modo de vida peculiar dos espaços urbanos estaria ligado às características populacionais das cidades, como a heterogeneidade dos grupos que vivem nesse espaço e que compõe a complexa teia social urbana, cada vez mais fragmentada em detrimento aos múltiplos papéis sociais assumidos pelos indivíduos frente às exigências para sobrevivência na metrópole. (WIRTH, 1973).

Para Ledrut (1971) o atual modo de vida é reflexo da civilização moderna, o sujeito urbano está em construção, buscando novas configurações diante da complexa realidade urbana. No novo modelo de cidade, já não há espaço para a crença em divindades e ao mesmo tempo não há mais crença na racionalidade objetiva, entretanto nem uma nem outra é substituída. Tendências opostas, o dialético e o paradoxal são partes da tensão característica do nosso tempo e estabelecem um novo dinamismo, no qual se modela o indivíduo e seu destino.

Os contornos que delimitam a vivência na cidade tomam rumos diferenciados para os cidadãos. Para muitas pessoas, os centros urbanos continuam sendo o espaço de desejo, onde há possibilidades de reprodução social favorável, para os quais fragmentação/articulação no modo de vida, a crescente velocidade das ações e toda a complexidade que envolve a dinâmica cotidiana da cidade, não são algo incômodo.

Há, entretanto, outro conjunto de pessoas que sentem no espaço urbano algo que incomoda, que não satisfaz suas necessidades e vontades. Para esse grupo, a vida nas cidades apresenta um desconforto, que os motiva a querer buscar outro espaço de vivência.

A vida nas cidades dificilmente é compreendida apenas por um viés de abordagem. Reduzir o modo de vida urbano à sua materialização, às condições ambientais, aos sistemas econômicos, ou sociais é relativizar o enredo do sistema processual urbano, onde ocorre a interconexão entre local e global, o momento presente, o passado e o futuro:

Os fenômenos afetos à distribuição e os movimentos da população no espaço, bem como os que dizem respeito aos comportamentos e atitudes dos indivíduos que vivem num meio urbano, devem ser relacionados à vida da coletividade urbana em seu todo, à sua organização, a seu funcionamento e ao seu dinamismo coletivos. [...] Uma cidade não é apenas um amontoado de homens e de edifícios. (LEDROUT, 1971, p. 08).

A disparidade de percepção e ação sobre o espaço urbano não deve causar estranhamento, pois a cidade congrega um número expressivo de sujeitos, vinculados a grupos sociais distintos, com identificações diferentes e com diferentes significações sobre a cidade, que é fragmentada, com elementos desarmônicos, reflexo das contradições sociais, que imprimem no espaço urbano heterogeneidade, não-linearidade.

A relação do ser humano com seu ambiente de viver é muito complexa, ao passo que é formadora e formada por um amplo conjunto de variáveis que resultam nos sentimentos dos sujeitos por lugares e a maneira como se dá sua interação com o espaço. A maneira pela qual os seres humanos percebem e estruturam seu espaço de vivência são reflexos da cultura e da interação entre cultura e meio

ambiente. As interferências no espaço são resultado dos modelos de pensamento vigentes em determinados períodos da história humana. (TUAN, 2012).

Para aqueles que vivem em cidades médias, grandes centros urbanos e metrópoles, com a intensificação do processo de globalização há uma nova percepção da relação com o espaço. A cidade já não é mais lugar apropriado e construído pelo sujeito, mas sim, seu espaço de sobrevivência. Essa nova relação causa estranhamento a esse espaço, o espaço urbano, que tem passado por um processo de ressignificação.

De acordo com Candiottto (2010), na contemporaneidade há dificuldade em fazer a delimitação do espaço rural e a sua conceituação, pela expansão da urbanização e da tecnologia. Mesmo que na atualidade o campo receba cada vez mais tecnificação - o que modifica a dinâmica do espaço rural e viabiliza o crescimento de atividades de lazer e turismo no campo – os principais motivadores do deslocamento até o campo são a busca por paisagens e manifestações socioculturais diferentes daquelas encontradas no meio urbano, seja material ou simbolicamente.

As pessoas que buscam a segunda residência sentem do seu ambiente de vivência, a cidade, alguns elementos que causam estranhamento e certo incômodo. Essa relação não chega a ser de repulsão ao espaço urbano, pelo contrário, donos(as) de segunda residência geralmente mantem a casa na cidade, porque também há elementos que consideram importantes nesse espaço, gostam também da vida urbana, mas tem desconforto com elementos presentes em maior proporção nas cidades e resultantes do modo de vida urbano capitalista moderno, buscando no campo um espaço de tranquilidade e outras experiências diferentes daquelas que tem na cidade:

O barulho. Acho que confusão assim, não gosto, gosto das coisas mais tranquilas, a paisagem [no campo] é mais bonita! Claro que a cidade tem coisas que eu gosto muito, eu gosto de Ponta Grossa, eu gosto da minha cidade, mas o campo oferece outras coisas. (ENTREVISTA, 2016).⁷⁸

Muitas coisas incomodam, o morador da cidade me incomoda, o ritmo da cidade me incomoda, a falta de educação das pessoas da cidade me incomoda, essa falta de moral, cada um vivendo por si, cada um querendo

⁷⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

levar vantagem sobre o outro, coisa que a gente não vê lá, no campo. A poluição, a cidade sempre cinzenta, os prédios, isso é ruim. (ENTREVISTA, 2016).⁷⁹

O campo tem sido (re)apropriado de diferentes maneiras nas últimas décadas. Os movimentos ambientais mundiais e aqueles realizados no Brasil, como a ECO 92, quando ocorrem importantes discussões sobre a preservação do meio ambiente, certamente influenciaram na revalorização do ambiente natural no país. As pessoas buscam aproximar-se mais dos ambientes naturais e veem no modo de vida rural e no campo, uma possibilidade de contato maior com uma vida menos artificializada e mais harmônica.

Com o processo de ressignificação do campo, o modo de vida rural ganha destaque aos olhos dos cidadãos, que buscam apropriar-se desse patrimônio cultural. De acordo com Carneiro (1998), há dois conjuntos de fenômenos que tratam da apropriação do espaço rural na atualidade. A primeira seria a alteração das atividades produtivas no campo, quando há um número crescente de pessoas que vivem nesse espaço e não desenvolvem apenas atividades agropecuárias, mas também atividades paralelas que geram renda para a família, o que é chamado de pluriatividade. O segundo fenômeno diz respeito à apropriação simbólica do modo de vida rural pelo turismo ou por pessoas que buscam outro modelo de vivência:

O segundo conjunto de fenômenos refere-se à procura crescente de formas de lazer e até mesmo de meios alternativos de vida no campo, por pessoas vindas da cidade. Esse movimento, que se inicia de forma tímida no Brasil na década de 70, expande-se e encontra a sua legitimidade na divulgação do pensamento ecológico nos anos 90. Entre os seus efeitos destacam-se a ampliação das possibilidades de trabalho para a população rural, até então dedicada quase exclusivamente à agricultura, e a maior aproximação e integração de sistemas culturais distintos. Novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. O contato com a natureza é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, neo-ruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos "purificadores" do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência. (CARNEIRO, 1998, p. 02).

⁷⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

É, sobretudo nos grandes centros urbanos e nas metrópoles, onde as novas maneiras de relação com o tempo e as próprias relações sociais – marcadas pela fluidez da pós-modernidade – se transformam e influenciam na construção/apropriação/percepção do espaço pelos indivíduos. A vida se modifica, logo, as formas do espaço urbano também incorporam essas mudanças.

Essas alterações no modo de vida da cidade, impulsionadas pelo processo de globalização, o desenvolvimento tecnológico e o modo de produção capitalista, suscitam nas pessoas o sentimento de que existe uma descontinuidade espaço-temporal, pois as modificações intensas do espaço, o crescimento das cidades, a substituição do antigo para dar lugar ao moderno (entendido como sinônimo de progresso).

A percepção da aceleração do tempo, entre outros, não é rapidamente absorvidas nas suas bases subjetivas o que causa estranhamento com o modo de vida urbano e a cidade, e o desejo de procurar refugiar-se no espaço onde a memória cravou marcas de um passado feliz, despreocupado e pueril, onde o tempo é o tempo da vida natural, do vento e da canção harmoniosa dos pássaros, características essas que contemplam o patrimônio cultural rural:

Então, eu acho que é uma coisa que... São várias coisas: fugir da cidade é uma delas, sair desse ritmo da cidade e entrar num ritmo mais lento, mais tranquilo. Gosto do ar livre, muito da natureza, desse contato com a natureza, o ar puro, de comer fruta no pé, acho que lembra muito a minha infância, acho que eu busco um estilo de vida que eu tinha quando era criança, que eu morava numa casa de madeira que tinha fogão à lenha, então acho que são vários motivos, uma recuperação da minha antiga infância, a fuga da cidade, o contato com a natureza, o contato como homem do campo, eu acho que é isso. Acho que o campo é poético, acho que o campo é sensível, eu acho que o campo é sincero, verdadeiro, acho que lá no campo eu sou bicho, sou homem animal, essa coisa da natureza, eu acho que no campo eu relaxo, eu desestresso, eu respiro melhor, eu faço as coisas mais devagar... Eu gosto do cheiro de campo, eu gosto do cheiro, do cheiro de mato, de chuva que cai, de estar lá com chuva, com sol, pra mim tanto faz. Se eu estou lá e tá chovendo, eu não acho ruim, mesmo que eu fique dentro de casa o tempo todo. Ficar olhando os passarinhos, os quero-queros, que tem muitos lá, eu gosto. (ENTREVISTA, 2016).⁸⁰

⁸⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

De acordo com Carlos (2007) a paisagem urbana é pensada sobre o movimento e edificada para ser dinâmica, para expor a velocidade, a fluidez dos bens, dos sentimentos, da economia, dos sentidos e da vida urbana. Os lugares tornam-se passagem e são ressignificados. O efêmero se torna parte da vida das pessoas, nas suas relações pessoais. O sujeito passa a ser multidão, parte da grande e disforme massa urbana. Não determina mais seu ritmo de vida, é determinado pelo tempo-espço, que não tem mais noite, é um dia constante na efetivação dos serviços prestados, com um leque crescente de atividades ligadas a esse horário ininterrupto.

A formatação do modelo urbano sobre a égide do atendimento das necessidades do capital, deve se adequar ao fluxo crescente e dinâmico do dinheiro a das informações, ao sistema-mundo, a cultura globalizada, ao capitalismo globalizado. A paisagem urbana contemporânea é construída para facilitar, agilizar e tornar eficiente a ligação entre as atividades de produção, distribuição e consumo. Ocorre dessa maneira, como apontou Simmel (1973) uma intensificação da vida nervosa da cidade.

Essa intensificação não acontece apenas nos seus fluxos econômicos, mas sobre a psicosfera urbana hodierna. O agito do meio de produção, agita também a vida urbana. E o que se sucede é a intensificação dos estímulos humanos, diante de um universo de acontecimentos distintos, simultâneos e cada vez mais rápidos.

De tal maneira, por opção ou imposição o morador urbano deve adequar e racionalizar o tempo, as ações, os sentimentos, com a produção e consumo, porque é necessário produzir mais que o necessário, é necessário produzir um excedente crescente para consumir o excedente crescente, uma vez que o sistema capital-global precisa se manter.

O campo tem outras proporções. Certamente nos territórios rurais, existem os espaços ditados pelo tempo do sistema produtivo, como os grandes complexos agroindustriais. O campo idealizado pelo morador urbano e procurado para ser sua segunda residência é aquele possível de ser vivido em um ritmo desacelerado. Esse campo idílico é um contraponto à cidade e reflete a temporalidade da memória. A representação social do campo, esse idealizado, é apropriada tanto pelo setor imobiliário quanto pelo turismo. É o patrimônio cultural rural vendido na forma de lazer e modo de vida. É o sonho realizado na apropriação territorial do campo,

daqueles que transformaram o desejo de fugir da cidade, as lembranças e projetos familiares em renda suficiente para adquirir a casa no campo.

Quando se trata das diferentes percepções de tempo em espaços diferenciados, é necessário considerar que existem especificidades em cada contexto espacial, econômico e social e o tempo é um valor relativo. O tempo lento apenas existe se for comparado com o tempo rápido, logo, não há uma variável absoluta. O tempo a ser considerado não diz respeito aos elementos fixos, mas ao sistema de ações que o movimenta. (SANTOS, 2006).

Para Moreira (2003) a referência simbólica da cidade é o tempo contínuo marcado pelo mecanismo dos relógios, o espaço definido pela geometria das formas horizontais e verticais (natureza controlada), pela cultura homogeneizante e universalista; no campo o tempo é definido pela sazonalidade e o espaço de ecossistemas naturais, pela cultura dos valores locais.

A vida de campo para mim se resume em um exemplo, talvez uma palavra só: não ter relógio. É isso para mim. Na minha vida de Campo iria pegar o relógio, jogar fora e olhar a hora pelo sol. Essa é a minha vida de campo e o meu sonho de consumo: jogar o relógio fora. Como eu defino, como é não ter horário para nada. Jogou o relógio fora, não se preocupa mais com nada, olhar animais crescerem, a planta produzir, trabalhar lá um pouco, faz uma produção, planta na época certa, depois só espera crescer e colhe, tem o tempo certo para tudo. Jogou fora o relógio acabou o seu problema. Esse é meu sonho de consumo: sem relógio, sem celular, nem nada. Só vir para cidade receber a aposentadoria, comprar o que eu não conseguisse produzir lá, voltar lá e se fechar. (ENTREVISTA, 2017).⁸¹

[O que mais gosto] Esquecer um pouco do relógio, lá a gente, dá vontade de tirar até da parede. (ENTREVISTA, 2017).⁸²

Eu acho que o que mais me incomoda é esse corre-corre da cidade. Porque você percebe que, na cidade, a impressão que a gente tem é que as pessoas não têm tempo pra nada. Eu vejo por mim mesma. Você fica às vezes semanas, meses sem poder fazer aquilo que você tinha vontade, às vezes fazer uma visita pra um parente que tá doente, ir tomar chimarrão na casa de uma prima. Tem que agendar, porque você não consegue

⁸¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁸² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

encontrar aquele tempo? Então, na cidade é esse corre-corre. (ENTREVISTA, 2017).⁸³

A gente tem muita vontade de morar lá. Então, quando você ouve uma música, quando você vê um quadro bonito, um campo, um cavalo, um passarinho... Essas coisas, dá aquela vontade de estar lá, você já lembra: 'puxa, mas quando que eu vou poder chegar lá na chácara e curtir isso sem ter que olhar no relógio?'. Ter esse tempo pra fazer esse tipo de coisa. (ENTREVISTA, 2017).⁸⁴

Observa-se, de tal modo, que há um descompasso dos tempos do sujeito. O tempo vivenciado no espaço urbano contemporâneo causa estranhamento nos sujeitos, que buscam na segunda residência um espaço onde podem realizar atividades sem a coação de outras pessoas, das obrigações cotidianas, do trabalho, podendo vivenciar liberdade de ações com suas famílias. (HAZIN, 2008).

Ter a possibilidade de organizar a própria vida, as atividades do dia, o próprio tempo, suscita nas pessoas o sentimento de liberdade, o que geralmente não é possível nas cidades pela rigidez dos horários de trabalho, pelo cumprimento dos prazos, pelos compromissos agendados. A estadia no campo dá ao morador de segunda residência muitas permissões para ser de um modo diferente:

É, geralmente as pessoas falam isso [sobre os momentos no campo], "Ah, eu me sinto mais eu, eu me sinto mais humano, eu me sinto mais pessoa", porque querendo ou não o modo de vida mais urbano engessa muito, você tem que seguir um horário, quem busca uma casa de campo ou pra morar ou mesmo, pra passar um fim de semana assim, quer uma outra coisa, que não encontra aqui. (ENTREVISTA, 2016).⁸⁵

Os espaços urbanos contemporâneos não são pensados, projetados e edificadas para a contemplação, para o lazer e descanso. A cidade moderna é construída de forma que os seus caminhos façam o transeunte perceber apenas aquilo que é para ser visto no seu trajeto e oculta tudo que não estimula o desejo. (SILVA, Ângelo, 2009).

⁸³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁸⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁸⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

Para Endlich (2009) é necessário criar políticas territoriais de ordenamento urbano que atendam a realidade atual das cidades, considerando seus aspectos físicos e culturais. De acordo com a autora, deve-se considerar não apenas a concentração de capital, as questões de hierarquia de poder simbólico ou econômico, os desejos do setor imobiliário, mas também a dinâmica escala humana urbana.

Percebe-se que existe a necessidade de mais estudos e ações das diversas escalas que atuam sobre o planejamento e gestão urbanos, em relação a pensar a cidade na escala humana, não apenas voltada a melhor fluidez do capital. O capitalismo e todo o modelo produtivo a ele atrelado passaram por intensas e rápidas modificações nas últimas décadas o que se reflete na reestruturação das cidades, uma vez que se alteram as redes de relações intraurbanas, com novas dimensões de trabalho, modificações na escala do tempo – tudo precisa ser mais rápido, mais ágil, estar conectado.

Há dinâmicas e constantes alterações nos processos urbanos, nas suas formas e funções. Contudo, não se pode esquecer que a cidade não é apenas um aglomerado de edificações e funções a serviço da produção e consumo, nela há sentimentos, sensações, desejos, sonhos, vida. E nessa escala de abordagem ainda há carência de atuação e atenção.

Nas cidades – de maneira mais expressiva nas grandes e metrópoles - o espaço urbano não-vinculado ao sistema de reprodução financeiro dos sujeitos, comumente se torna estranho ao cidadão. Não resta tempo, há sensação de medo da violência, os ambientes escolhidos para entretenimento são aqueles que ofereçam segurança, como os *shoppings centers*, concebidos para a ausência do horário, para atender todos os anseios de consumo. No viés habitacional, o setor imobiliário investe nos grandes condomínios fechados, muitos até extrapolam o perímetro considerado urbano pelas entidades administrativas e recriam cidades nos moldes de uma fortaleza e, de certa maneira, representam um simulacro urbano de vida no campo.

De acordo com Campos (2007) a ideia de condomínios fechados se baseia nos princípios da arquitetura moderna, pautado no conceito de cidade-jardim, no embelezamento das cidades, materializando nas suas formas um ambiente bucólico, utilizando recursos construtivos para aproximar-se da beleza paisagística e tranquilidade do campo. A ideia dos condomínios habitacionais fechados pode ser

vinculada a representação da venda de uma imagem de vida rural – tranquilidade, silêncio, segurança, boa vizinhança – dentro do espaço urbano.

Nas últimas décadas percebe-se a crescente abrangência de condomínios nas regiões metropolitanas, franjas urbanas ou áreas rurais. Respaldados por legislações específicas, esses empreendimentos restringem o território urbano, em um movimento contrário as cidades da Idade Média, pois erguem-se novamente as muralhas, mas dessa vez as redor do ambiente que representa o modo de vida almejado, o devir do homem urbano: o campo e o modo de vida rural. (CAMPOS, 2007).

Conforme Lima (2011) ocorre diferenças no modo de vida das cidades, conforme o contexto histórico-geográfico produtivo. De acordo com essa autora, por vezes as cidades médias e pequenas tem similaridades, existindo maiores diferenças das cidades de médio porte para as grandes cidades e metrópoles (conforme a autora devem ser distinguidas pelo modo de vida, condição técnico-informacional, as formas de geração de emprego e renda vinculadas ou não a industrialização mais acentuada). De acordo com ela, as pequenas e pequeníssimas cidades tem modo de vida semelhante ao rural.

Com base nesse princípio pode-se dizer que o desejo pela segunda residência, pautado no esgotamento causado pelo modelo de vida urbano moderno e globalizado, esteja ligado às cidades onde o sistema produtivo e as condições técnicas vinculem-se de maneira mais acentuada ao ritmo mundial acelerado, definido pelo processo de globalização e pela intensificação da atuação do sistema capitalista, que em conjunto resultam que o sujeito perceba o tempo acelerado nos centros urbanos.

Não é incomum que nesses espaços poucos tenham tempo para um passeio na rua, pois estão mais preocupados com o trânsito, ou com o aglomerado dos meios de transporte, sobrecarregados de pessoas cansadas e estressadas. Quem vive essa percepção de cidade, por vezes tem a sensação de não vivê-la, mas transitar entre espaços fragmentados, mas conectados por motivações relacionadas à reprodução da vida cotidiana.

A vida na cidade pode causar um esgotamento motivado pela rotina exaustiva de trabalho e atividades relacionadas a ele, pelo barulho, insegurança, pela falta de tempo para realizar atividades prazerosas. Em busca de apanágio,

quem dispõe de recursos financeiros, busca refúgio nos momentos de lazer, em espaços com os quais tenha afinidade – no caso dessa pesquisa, as áreas rurais.

Na cidade tem muitas coisas [que incomodam]. Uma coisa da cidade é o trânsito de hoje. Eu já nem ando mais por dentro da cidade, saio pelas laterais, eu quando vou trabalhar já saio por baixo aqui [via secundária de menos fluxo] e vou cortando tudo, porque dentro do centro é muito raro andar [de carro, pelo centro de Ponta Grossa], essa é uma das que incomoda a gente, tá louco. É o movimento demais. Muito estressante, demais, você andar dentro do centro, não tem mais condição. Andar a pé não tá fácil, de carro tá um pouco pior. Então não tá fácil, tá demais. A violência também. Tá ficando grande em Ponta Grossa, até agora final de semana, teve o caso do mercado 'X', então você vê. Eu tenho um vizinho, tenho vizinhos meus que moram aqui, o rapaz foi entrar na casa dele, não deu tempo de abrir a porta da garagem, os caras roubaram o carro dele, mataram ele, quatro quadras daqui da minha casa, então tá demais, violência grande mesmo. (ENTREVISTA, 2017).⁸⁶

Ah, barulho. Barulho da cidade é, é insuportável. Nós que moramos numa avenida aqui, a gente não consegue dormir mais. Então, é tão diferente, você chega lá no sítio, você dorme a noite toda, você não acorda. Aqui, eu, por exemplo, acordo cinco, seis vezes durante a noite, não consigo dormir direito, eu acho que o barulho, barulho incomoda muito. (ENTREVISTA, 2017).⁸⁷

O trânsito... Tudo. Cada vez complicando mais. Telefone direto, a gente lida com comércio direto, lidando com o povo, não é que isso incomoda [o trabalho em si], mas junta tudo, aí sempre final de semana a gente quer sair, quer ter convivência com a família. Na cidade vai, como posso dizer, vai enchendo a cabeça da gente. Tem que sair para resolver um pouco. (ENTREVISTA, 2017).⁸⁸

A segunda residência no campo oportuniza certa reflexão mística, que instiga a busca por si mesmo, em sentido ao reencontro. A contemplação da vida no campo é um dos fatores mais atrativos para os citadinos, que se sentam em suas áreas externas e nos jardins e pomares de sua casa de campo, para contemplar o belo e revisitar a proximidade com o mundo natural. Os proprietários de segunda residência buscam imprimir nas suas casas no campo seus sonhos, seus anseios:

⁸⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁸⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁸⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

[Suspiros profundos] Tudo, você fazendo essa pergunta e eu pensando, que nem agora estamos construindo, eu sento num lugar e eu contemplo muito a natureza, então quando eu sento num lugar e fico olhando tudo aquilo eu penso: “Meu Deus como você é maravilhoso!” Como ele pode ser tão perfeito? Por isso que eu gosto disso, eu sento, por isso que eu quero meu jardim ali, tudo, meu lugar lindo, porque o que eu sinto, é tudo isso, é o toque, é o cheiro, o barulho, o barulho da cascata que tem o riozinho, você fica escutando, meu Deus, pra mim é a melhor coisa do mundo, é coisa que eu adoro, quando você está louca pra ir, pra sentir isso? Não é só pra ver, tipo que você vai ver a árvore, pra ver flor, é pra sentir, eu gosto de sentir aquele ar, aquele sol, dá impressão que é diferente daqui. (ENTREVISTA, 2016).⁸⁹

É, eu quero uma pessoa bem sensível pra fazer o que a gente quer [no jardim da casa que está sendo construída], tipo eu quero, quando eu fico idealizando o término não da casa em si, da casa não, do que nós queremos fazer lá, do jardim, tem bosque lindo, e do lado desse bosque eu queria fazer um jardim, um jardim pra mim me retirar dentro de mim mesma. Eu vou estar lá, ficar sozinha, ficar olhando, eu adoro ficar olhando. (ENTREVISTA, 2016).⁹⁰

Ah eu acho que a natureza , a natureza, a tranquilidade, o sossego, os passarinhos, os amigos, eu acho que é isso, poder ter essa coisa da contemplação da natureza, nós dois gostávamos e acho que essa coisa do interior sempre foi importante pra mim. (ENTREVISTA, 2016).⁹¹

Há muitas e diversificadas maneiras de viver na/a cidade, frente a grande quantidade de estímulos aos quais os sujeitos são expostos, de tal forma que também há muitas variações individuais nos sentimentos das pessoas sobre esse espaço. (SIMMEL, 1973). O modelo de vida urbano atual estimula o desejo por uma realidade diferente para as pessoas que procuram a segunda residência.

Eu acho que é o estresse, todo mundo que tá bravo, e essa falta de segurança que você tem que infelizmente hoje você não tem a liberdade de deixar um filho teu vir a pé de algum lugar. E outra: você simplesmente tem que correr atrás do dinheiro. Aqui eles incomodam você, porque você tem que trabalhar. E lá no sítio, que nem eu, fico lá três dias, não lembro que tenho uma empresa, não lembro! Eu vou lembrar quando chego em Ponta Grossa, eu lembro: ‘meu Deus do céu, segunda-feira’. Segunda-feira tem que fazer isso, isso, isso... Então lá você se desliga, e se eu estou aqui, eu já sonhei que estou trabalhando, e lá não. Então são coisas, é o

⁸⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁹⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁹¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

materialismo, só que infelizmente você é escravo disso, então incomoda porque você tem que fazer isso aí, não tem outro jeito. (ENTREVISTA, 2017).⁹²

Essa relação mantém os sujeitos ligados ao espaço e as relações sociais construídas nas cidades. Esse grupo de pessoas almeja um espaço que se tornou atrativo não pelas suas luzes, imagens, textos e preços, mas pela possibilidade de distanciamento de todo o aparato urbano voltado à vida moderna e agitada.

De acordo com Ledrut (1971) nas cidades modernas é comum que haja perturbações, conflitos e tensões de todos os gêneros, visto que a cidade é um espaço historicamente construído, com diferentes estruturas de poder, heterogeneidade de pessoas e grupos, formando uma coletividade urbana. De acordo com esse autor, em determinados momentos ocorre desajustes nas relações, o que gera incômodo no indivíduo. Esse desajuste é a pressão social:

“Pressão social” é como se designa o constrangimento exercido por uma coletividade sobre seus membros, quando esse constrangimento reveste a forma de “incômodo”, quer dizer, quando é desagradável ou até penoso e que o sentido, bem como a legitimidade desse constrangimento não são patentes aos indivíduos. (LEDROUT, 1971, p. 153).

Para Ledrut (1971) a pressão social é tão significativa na vida do indivíduo que seria até responsável pela busca de mudanças na estrutura cotidiana de vida, até por meio de mudança de espaço. No caso dos citadinos que buscam uma segunda residência, percebe-se o peso da pressão social urbana. O barulho, a agitação, o trânsito caótico, o pouco tempo (ou o excesso de atividades para pouco tempo), são elementos da pressão social. De acordo com eles, no espaço rural são pessoas diferentes e mais livres. A liberdade e a alegria de estar no campo são expressas na arte da vida cotidiana:

Me sinto, me sinto vivo lá, me sinto vivo, feliz, me sinto bem! É outro tipo de

⁹² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

sentimento. (ENTREVISTA, 2016).⁹³

É ser feliz, é se encontrar eu acho. A gente não tem tempo aqui nem de se encontrar, nem de saber do teu eu interior como é que tá, eu acho que a gente nesses lugares assim a gente é mais a gente, você fica mais você. Volta, é tão bom, você volta com as forças renovadas pra cidade. (ENTREVISTA, 2016).⁹⁴

O campo representa para os cidadãos que possuem segunda residência um lugar ideal para viver. Contudo, essas pessoas não tem uma relação de perda de vínculos com as cidades, mas sim consideram a exaustão da rotina urbana como o fator que os leva a querer estar, em outro espaço. Há relações que muitos não desejam romper ou não podem no momento, como o trabalho, a família, a vida social, a efervescência cultural urbana, atividades cotidianas pré-estabelecidas e vinculadas à vida na cidade.

George Simmel é um dos grandes pensadores da sociologia urbana moderna e aborda um paradoxo existente nas metrópoles que se estabelece entre coletividade e individualidade. Para Simmel (1973) ao mesmo tempo em que a cidade permite a individualidade, cada indivíduo torna-se dependente dos demais e das suas atividades. Há liberdade de circulação e a possibilidade de deixar os centros urbanos a fim de procurar outro espaço para viver, ao mesmo tempo em que o sujeito encontra-se preso a uma rede de relações trabalhistas, afetivas, familiares e econômicas que cerceiam sua mudança definitiva para espaços que não sejam os urbanos:

Mas não mudaria definitivamente, porque essa necessidade que eu tenho, e que eu contemplo ela lá, ela é muito essencial pra mim. Mas quando fico mais um dia, dois dias, aí eu sinto falta da cidade, talvez se eu fosse obrigado a ficar lá eu me acostumassem a ficar por lá, mas mesmo assim eu acho que não, por outro lado eu também gosto muito das coisas urbanas, eu gosto de caminhar no meio do povo, eu gosto de andar pela rua a pé, eu gosto de tomar um café, de ler um jornal, de ir ao cinema, ao teatro, eu gosto de ir num barzinho, ver música ao vivo, então essas coisas. Eu gosto de ver as figuras diferentes da cidade, então isso eu sinto falta, o meu trabalho fica na cidade, os meus alunos, os meus orientandos. Então, essa

⁹³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁹⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

relação eu sentiria falta. Eu acho que não moraria lá. (ENTREVISTA, 2016).⁹⁵

Depois que meus filhos tivessem formados sim, mudaria. (ENTREVISTA, 2016).⁹⁶

Já pensamos [em morar definitivamente no campo], já fizemos projeto. Poderia até permanecer mais tempo lá, mas ter uma coisa aqui. Porque bem ou mal os filhos vão estar aqui, porque é o trabalho, o estudo é tudo. Tanto que é por isso que a gente não pode, agora nem pensaria em ficar lá. Mas mesmo mais tarde, eu brinco com ele que Deus me dê à graça de ter netos e vai chegar, você não vai conseguir ficar tanto tempo longe deles. Eu acho que é isso que acaba impedindo a gente de estar lá, cem por cento. A nossa sobrinha ela vai pra lá, ela fica inconformada, ela olha pra nós e diz assim, ela é pequenininha, 'por que vocês não moram aqui? Se vocês viessem morar aqui eu viria morar com vocês', ela tem 10 anos. Ficaria difícil, a gente é muito ligado com a família. (ENTREVISTA, 2017).⁹⁷

Eu já pensei, não agora, mais tarde. Talvez como uma aposentadoria, se a gente tiver saúde, que você consiga conciliar. Que não precisa vir, meio que diariamente pra médico, seria bom, pros dois [entrevistado e esposa]. É uma coisa que hoje não tem uma previsão e não sabemos se vai ser concretizado. Seria muito bom, mas também talvez não ficar lá a semana inteira, o mês inteiro... Ficar lá 4 ou 5 dias, vir ficar 2 dias aqui... A intenção é você ficar mais tempo lá do que hoje, mas talvez não morar cem por cento. (ENTREVISTA, 2017).⁹⁸

Segundo Carlos (2007) o processo de reprodução da cidade em sua condição atual está relacionado ao processo de reprodução do capital. A transformação da grande cidade é marcada pela perda dos referenciais, pelo desaparecimento das marcas do passado histórico lido na paisagem presenciada na vida cotidiana (destruição dos bairros, construções de vias rápidas e edifícios entre outros). Há a negação da identidade em função dos referenciais urbanos que sustentam a vida e a memória. A reprodução do espaço urbano é a expressão

⁹⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁹⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

⁹⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

⁹⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

última do processo de urbanização mundial, no qual a realidade urbana se generaliza de modo contraditório produzindo conflitos em todos os níveis.

Esses conflitos ultrapassam a (re)produção social e chegam a produção e vida cotidiana alterando a vida diária das pessoas. A cidade deixa de representar um espaço de vivência construído pela lógica do sujeito, da sua apropriação e significação. O cotidiano é a dimensão da vida das pessoas, integrando as dimensões espaciais e temporais. Transitar entre os espaços urbanos é formar um conjunto de espacialidade e por vezes acabam sendo estabelecidos vínculos sentimentais sobre o espaço rotineiro.

Contudo, com a formação de um conjunto de elementos desagradáveis que caracterizam o espaço urbano, há uma atenuação dos vínculos afetivos espaciais. Essa nova forma de vivenciar – ou não vivenciar – o espaço, modifica a relação do sujeito com o meio e causa uma ruptura dolorosa com a sua própria estrutura interna, pois o lugar é o espaço apropriado por cada sujeito, palco de suas ações:

Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo a análise do lugar se revela — em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem — no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana a partir do estabelecimento do mundial. O lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos. (CARLOS, 2007, p. 20).

O desligamento afetivo da cidade enquanto lugar trás alterações profundas para a vida do sujeito. Simmel (1973) aborda as alterações psicoemocionais e sociais pelas quais passam os moradores urbanos, pois vivem dentro de uma lógica racional, que privilegia o cérebro, o objetivo e racional, em detrimento ao coração e da afetividade, de forma que a racionalidade passa a funcionar como mecanismo de defesa em um modo de vida articulado pelo dinheiro.

A racionalidade urbana, o tempo cronometrado e a vida agitada nem sempre permitem ao sujeito a expressão plena dos seus sentimentos. Os encontros entre amigos são cada vez menos frequentes, as ações são objetivas e buscam resultados, não há tempo para divagação e contemplação. A busca pela casa do campo contempla ainda possibilidade de realizar-se, de ter mais tempo de contato

afetuoso com a família e os amigos, sem precisar preocupar-se com o horário da próxima reunião, com a entrega de um pedido, com o cumprimento de prazos, com as ligações telefônicas e recados.

Pois é lá era assim, mais pra reunir os amigos, então era muita gente pra fazer a janta, jantar, fazia almoço, feijoada, então era pra reunir os amigos, dar risada, pra cantar, iam amigos músicos também pra lá, então passeios naquela região a gente não fazia muitos não, ficava mais sempre ali mesmo, em casa. E arrumava as coisas pra fazer lá, levava livros pra ler, ficava curtindo a natureza, porque o lugar é muito bonito, a vista é muito bonita. Então eu ficava lá fora, ficava até a noite, coisas assim, bucólicas. (ENTREVISTA, 2017).⁹⁹

Enfatizar a questão que com a casa lá, a gente pode ter mais convivência com as famílias, com os parentes, que se caso a gente tivesse só a casa aqui da cidade, não seria possível, porque eles não viriam aqui em casa pra dormir, sendo que eles moram aqui próximos, e lá no sítio a gente tem esse convívio. [...] Na maioria das vezes, quando eles saem, eles vão embora você diz 'aí como foi gostoso o dia, como a gente brincou, como a gente conversou' [emoção]. Então, de repente essa convivência que a casa de campo tá possibilitando a gente ter com os parentes, talvez a gente não tivesse. (ENTREVISTA, 2017).¹⁰⁰

Por meio da análise da psicologia do morador urbano, Simmel (1973) apresenta o conceito de *blasé*, que trata do tédio de quem não pode vivenciar e expressar todas as suas aptidões e responder a todos os estímulos do ambiente, porque esse é fracionado e responde apenas a parte pragmática calculista objetiva. No ideário citadino, o campo oferece atividades prazerosas:

Não é que incomoda, é um mal necessário, você tem que trabalhar, você tem que ganhar dinheiro pra poder fazer tudo isso, porque a vida na cidade é muito estressante eu acho, eu acho que você vive muito em função do tempo, você tem que levantar cedo, você tem que fazer isso até tal hora, você tanto tempo pra ficar no trânsito, você tem 10 minuto pra sair daqui da minha casa e chegar no meu trabalho, na loja, então eu acho que você é muito escravizado do tempo, até porque se pensa muito, chega de noite você está acabada. E lá não, pense que delícia, só vendo coisa boa, espera que seja, lógico que você não vai viver num castelinho, não é, você vai

⁹⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

¹⁰⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

trabalhar, você vai fazer um monte de coisa. Mas são outros tipos de atividades. (ENTREVISTA, 2016).¹⁰¹

A fragmentação do sujeito entre emoção e racionalização também é discutida por Weber (1999). De acordo com esse autor, a racionalidade científica, enquanto abstração - objetivada no direito, na economia e burocracia - nos ensina a compreender a realidade desprendida das forças sociais entendidas enquanto forma de pensamento selvagem – a religião, os mitos, divindades e tradições - e como forças suscetíveis aos desejos humanos superiores. Contudo, apesar da elevada racionalização, compreende-se cada vez menos o mundo, o que gera um sentimento de desencantamento. Sem as bases sentimentais, responsáveis pelo encantamento, a organização social é baseada na disciplina racional e burocratizada, levando a perda de sentido da vida, porque o ser humano vive apenas parte daquilo que poderia ser, tornando-se um ser alienado – ou massas com uniformização de ideias- sem esperança de superar as limitações impostas pelo complexo sistema opressor.

A abordagem capitalista do sujeito enquanto máquina é plenamente expressa na reprodução do modo de vida urbano, que se esvazia de sentimentos e significados, que é não-reflexivo, efêmero, espaço fragmentado, do sujeito fragmentado, que desfruta da liberdade oportunizada pela vivência de grupos plurais, mais não encontra tempo de sociabilidade e afeição.

Simmel (1973) ainda compreende que a construção da identidade individual é comprometida, enquanto um sujeito é o que ele tem e não o que ele é. Dessa maneira haveria um deslocamento do centro da identidade que deixa de ser subjetiva e se apoia apenas na materialidade e no individualismo. As relações sociais e as posturas da vida cotidiana se dão de maneira diferente, de acordo com o ambiente que o indivíduo vivencia:

[...] com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais

¹⁰¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. (SIMMEL, 1973, p. 9).

As relações interpessoais são prejudicadas pela postura individualista que é exigida do cidadão urbano, e por isso os citadinos que tem casa de campo buscam também vivenciar experiências de aproximação com os moradores do campo. Durante a estadia na segunda casa, também buscam espaço/tempo para sociabilizar com as pessoas queridas, preparar uma recepção, desfrutar da natureza e da tranquilidade ao lado das pessoas:

Puxa... O que eu mais gosto... Da paisagem, é a paisagem, mas não só isso, gosto do contato com as pessoas que moram lá, do que a vida no campo propicia, você andar, fazer caminhadas pela região, é encontrar os amigos, chamar os amigos é coisa que a gente fazia com frequência, do ar, da sonoridade do campo, acho que é isso. (ENTREVISTA, 2016).¹⁰²

[...] eu gostava de quando era nós que estávamos na casa e os amigos vinham, eu sempre recebia com flores, eu saia catar flores por lá, eu gostava também assim do contato com as pessoas que moram lá realmente. (ENTREVISTA, 2016).¹⁰³

O ser humano é um ser social e anseia pela aceitação do grupo de tal forma que a identidade se apresenta como um processo de identificação com um determinado grupo. Muitas pessoas vivem por anos em seus apartamentos e não conhecem seus vizinhos. Suas relações afetivas se resumem a um cumprimento educado e o desejo de um bom dia.

A falta de interação social, de espaço para trocas de experiências e uma conversa descomprometida são também produtos da agitação urbana. O tempo de trabalho suprime as possibilidades de encontro com seus pares e cada dia mais, as relações se restringem aos colegas de trabalho, com sorte até os familiares mais próximos:

[...] prédios premiados como símbolos de arquitetura, mas inóspitos, posto que vazios à convivência representam, a meu ver o triunfo das formas, não

¹⁰² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁰³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

da vida. E a metrópole esta cheia destes lugares, vazios de sentido para o cidadão comum, do ponto de vista das possibilidades amplas do uso, mas sob o mesma concepção — onde as formas se impõem a apropriação. (CARLOS, 2007, p. 20).

Já no início do século XX, Simmel, apontava o isolamento social – representado pela proximidade física, mas distanciamento espiritual - e o deslocamento da identidade como alguns dos fatores responsáveis pela epidemia de depressivos no espaço urbano.

De acordo com Moreira e Callou (2006) a contemporaneidade é marcada pelo desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transporte devido ao avanço tecnológico, mas o homem moderno é cada vez mais solitário. Sua solidão pode ser ontológica ou sociológica, mas afeta sua saúde física e mental, pois o ser humano é desejoso de relações interpessoais. De acordo com as autoras a solidão é resultado do modo de vida moderno ocidental, baseado no individualismo.

Eu particularmente estou muito incomodada com a questão de aglomeração. Muita gente me dá uma sensação ruim, acho que eu estou começando a ficar com pânico, mas não é em si a quantidade de gente que me incomoda, é a maneira que as pessoas se comportam nesse ou aquele ambiente que as vezes te incomoda. Porque na cidade, as pessoas são muito individualistas, elas não se preocupam com aquele que tá passando do teu lado. Dá diferença do pessoal do campo, lá mesmo não te conhecendo, se você precisar, você vai no teu vizinho ele te acode, isso a gente vê que na cidade tá cada vez mais raro de acontecer. (ENTREVISTA, 2017).¹⁰⁴

A ideologia citadina a respeito da casa de campo é marcada pelo anseio ao espaço que dá possibilidade de encontro, consigo e com os outros, de ir para um espaço onde o sujeito, o morador do campo, é tido como confiável e amigável. A casa de campo representa a tranquilidade, a harmonia e a amizade:

Ah o que que eu gosto? Eu gosto de chegar e saber um monte de coisas, encontrar a pessoas, ir para o mercadinho da vila, conversar com um, com outro, com outro, eu sou louca de conversadeira, você já sabe, e eu gosto de sentar e contemplar, não tem, pra mim é a parte melhor, mas eu gosto de pessoas também, gente simples de conversar, de conhecer a cultura

¹⁰⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

deles, de aprender porque na realidade você aprende com eles, com a simplicidade deles. (ENTREVISTA, 2016).¹⁰⁵

Constituído de uma relação de escala espaço e tempo mais amplos que o local, e seguindo a racionalidade moderna, um lugar pode ser compreendido enquanto materialização de relações sociais e espaciais, dentro de uma perspectiva local. (HAURESKO, 2012). Sendo assim, a cidade enquanto lugar é formada das relações locais, que se materializam no espaço, dando modelo as estruturas relacionais locais. A vizinhança é um exemplo dessas relações baseadas nos valores locais.

Segundo os entrevistados, a relação de boa vizinhança com os moradores do campo é um dos benefícios da casa de campo. Todos os entrevistados relatavam com muita satisfação sua boa relação com as pessoas que moram nos locais escolhidos para segunda residência.

Ah, é difícil dizer o que eu mais gosto, mas eu acho que o homem do campo, as pessoas de lá. Você passa assim, numa estradinha, e dar com a mão para o cara, que está lá na janela na casinha lá em cima, isso me dá uma grande satisfação. (ENTREVISTA, 2017).¹⁰⁶

Sair caminhar e encontrar as pessoas, receber um convite para um café ou chimarrão é motivo de alegria para os moradores urbanos, acostumados (ou não) à objetividade das relações no espaço urbano. Quando estão no campo, procuram confraternizar com os vizinhos locais, convidar os amigos da cidade para visitá-los, ouvir e contar suas histórias, e somar as suas lembranças momentos relatados com felicidade:

Não era troca de visitas, a não ser com outro casal, que foi morar ali do lado, aí sim, bastante. Mas com os moradores mais antigos era pra conversa, ia lá, comprava alguma coisa, conversava, ou eu passava, ia catar flor e tal... Passava, dava uma conversadinha. Tenho uma boa relação. Sempre levava a máquina fotográfica junto, teve até certa vez que eu fui nessa senhora que vende ovos. Aí eu estava com a máquina pendurada, ela bem assim “mais você não vai me filmar?” Eu disse que

¹⁰⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁰⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

“não, imagine se eu fosse filmar eu iria falar pra senhora, iria pedir antes”. (ENTREVISTA, 2016).¹⁰⁷

A vizinhança é um fenômeno que ocorre em diferentes escalas de espaço: nas pequenas vilas tanto quanto nas grandes cidades. Contudo, há variação no grau de profundidade nas relações e complexidade de envolvimento dos indivíduos com sua vizinhança. O fator comum é que a vizinhança se define pela moradia enquanto base para habitação e nas relações sociais caracterizados por certo auxílio mútuo e visitas, definindo um tipo de grupo básico de relações informais, pautados no relacionamento de pessoa para pessoa ou *face to face*. (LEDROUT, 1971). Mas com o avanço da tecnologia de comunicação, as relações *face to face* são substituídas pelo toque na tela *touchscreen*.

De acordo com Giddens¹⁰⁸ (1991) na modernidade os contatos interpessoais requerem certo grau de confiança entre as pessoas, ao mesmo tempo em que deve existir autossatisfação como resultado das relações sociais. Os códigos de confiança são alterados dentro do sistema abstrato, podendo ou não serem institucionalmente organizadas, o que não significa que a impessoalidade se sobreponha ao pessoal, apenas que existam mudanças nas formas de relação social cotidiana. De acordo com o autor “Há uma forte necessidade psicológica de achar outra pessoa em quem confiar” e faltam as conexões pessoais vistas no período pré-moderno, pautadas nos códigos morais institucionalizados.

Ir para o campo significa para os citados encontrar pessoas que ainda mantem seu cotidiano pautado em códigos morais institucionalizados (valores familiares, religiosos, tradição), e a possibilidade de estabelecer laços sociais, livres da impessoalidade objetiva e racional urbanas, baseados na confiança e lealdade:

Pra mim é um ambiente mais honesto o campo, mais sincero, e isso me agrada, me agrada muito o homem do campo. (ENTREVISTA, 2016).¹⁰⁹

¹⁰⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁰⁸ Para Giddens, o momento que vivemos não é considerado pós-moderno, ou capitalismo tardio, mas sim o momento em que as consequências da modernidade aprofundam-se na vivência cotidiana e ali estabelecem alterações mais significativas.

¹⁰⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

A sim, meu Deus, sem comparação, lá são pessoas simples, [...] você tem que se ambientar com o pessoal que está lá, porque são pessoas super simples, igual aqui nesse apartamento, no prédio que eu moro só mora marajá, totalmente diferente a vizinhança daqui com a de lá, embora que a gente tem amizade com todo mundo, até porque eu sou síndica, tem que ter, mas tem bastante diferença, nossa, lá o povo é simples, eles são eles, bem mais sinceros, eu gosto, gosto dessa simplicidade assim, aquelas criançadinhas, eu adoro, eu gosto muito. (ENTREVISTA, 2016).¹¹⁰

Vizinhança é um tipo de relação de escala local com interferência das condições globais de vida urbana moderna de grande significância para os indivíduos. Para os habitantes das modernas cidades, há dois polos de grande importância e influência: o primeiro é a cidade por seu processo de integração que pode ser mais ou menos forte; o segundo são as habitações, que são globalmente apropriadas pelos indivíduos por ser uma realidade mais sólida estar diretamente ligada ao plano social de vida, ou seja, as relações de amizade, vizinhança, e à vida cotidiana. (LEDROUT, 1971).

Nas relações da habitação no campo o caráter social da casa tem grande importância, tanto pela convivência com os moradores locais, quanto para receber família e amigos. Sentir-se bem recebido é motivo de satisfação e gera felicidade nos cidadãos, pois se sentem mais integrados a realidade local quando se estabelecem vínculos afetivos com os moradores permanentes. O estabelecimento desses vínculos afetivos com os moradores e o espaço é uma das distinções entre o morador de segunda residência e o turista, que tem uma passagem relativamente curta, não havendo tempo para criar vínculos afetivos.

Eu gosto muito das pessoas, muito. Eu gosto de conversar com elas, de dar corda para as pessoas, eu sou do tipo socrático, que pergunta e fica ouvindo as respostas. Eu gosto de falar de mim pra eles, mais eu gosto de ouvir deles pra mim, então isso me diverte muito, eu fico horas à vezes na banquinha, conversando com o dono da banca, da mercearia, os vizinhos... (ENTREVISTA, 2016).¹¹¹

Então quando eu to lá, eu to caminhando por lá e um vizinho me convida pra entrar, me convida pra almoçar, me convida pra alguma coisa, pra tomar um chimarrão, aí eu vou, vou com satisfação. [Quanto à hospitalidade]: Olha eu sinto depois de quebrado o gelo de eles me conhecerem, a gente acaba

¹¹⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹¹¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

criando comportamentos meio parecidos com os da cidade. Mas como eu gosto de caminhar por lá, eu vou quebrando o gelo e aos poucos eles vão me convidando. [Quanto à visita para moradores urbanos]: É, às vezes acontece, acontece, já aconteceu de fazermos um jantar, uma das coisas que eu gosto de fazer lá na casa é jantar, aí você convida as pessoas aqui da cidade e moradores de lá também, então a gente forma um grande grupo, para comemorar alguma coisa ou pra jantar fazer um encontro, tomar vinho, fazer sopa, aí nós nos reunimos lá, pessoa de lá e pessoas da cidade. (ENTREVISTA, 2016).¹¹²

As modificações intensas e dinâmicas nas relações sociais e na relação dos sujeitos com o espaço modificam também as condutas e formas de agir, pois as experiências no espaço são resultado e parte do processo de construção do mundo social, de onde procedem os significados e símbolos da cultura de um grupo.

Lefebvre (2000), também contribui para a compreensão do espaço urbano, ressaltando os conceitos de espaço percebido, concebido e vivido, por ele introduzidos nesse ramo da ciência. O espaço percebido diz respeito aquele da prática espacial que é diferente de acordo com os conjuntos espaciais de cada formação social. O espaço concebido é pensado de acordo com as representações do espaço influenciado pelas representações sociais de cada sociedade e espaço vivido diz respeito aos espaços das representações quando o habitante tenta se apropriar do espaço com imagens e símbolos.

Vários são os locais escolhidos para receber a segunda residência: vales, serras, regiões litorâneas e praias. Mas dentre esses, destaca-se o campo. Nas últimas décadas muito se tem discutido sobre a importância em compreender o lugar da natureza na vida humana e na história da sociedade. No processo de fragmentação da identidade, a sensação do caótico e a falta de estabilidade que se põe aos sujeitos estimulam a procura da paz, naquilo que se perdeu durante o desencontro com sua condição humana, com o natural.

De acordo com Almeida (2002) o tema da migração sazonal entre campo e cidade é recorrente na literatura ao longo dos séculos, e se deve a percepção e valoração que se dá aos espaços geográficos campo e cidade, determinados pela compreensão histórico-geográfica acerca da contraposição entre o belo e o feio, o domável e o indomável, o desenvolvimento e o atrasado. De acordo com a autora, o campo seria entendido como o contraponto da cidade, ligado à nostalgia, às

¹¹² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

emoções, a redenção – compreensão essa balizada por um contexto histórico-social.

É possível perceber que a apropriação material da casa de campo é o fator básico para vivenciá-la no âmbito de experiência emocional. Mas há um esforço para que a apropriação da casa de campo se dê motivada, sobretudo, pelo aspecto simbólico, ligada ao pensamento idílico que foi sendo criado sobre o mundo rural e os seus habitantes. Dessa maneira, compreender o jogo da memória que ocorre para que a imagem do campo enquanto um espaço ligado à felicidade, a tranquilidade, seja exaltado em detrimento da cidade violenta, barulhenta, individualista e racional, é interessante para compreender o que impulsiona e motiva o cidadão a deixar a cidade.

2.3 A MEMÓRIA E A MATERIALIZAÇÃO DO SONHO: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA CASA DE CAMPO

Para Tuan (2012) o crescimento urbano iniciado no século XVIII teve sua explosão nas últimas décadas. Para ele o desenvolvimento do transporte ferroviário e o crescente uso dos automóveis permitiu a expansão da busca pelas áreas de residência fora da cidade. Inicialmente apenas a aristocracia tinha oportunidades de adquirir uma casa de campo, todavia logo em seguida pelas classes médias e pelos pobres. As regiões de subúrbio deixavam de seguir as formas retilíneas dos centros urbanos e as substituíam por tracejados românticos excêntricos seguindo linhas mais curvilíneas e naturais. Mesmo que as condições de vida nesses espaços não fossem tão adequadas, o ar puro e o contato com o ambiente mais naturalizado era considerado o mais saudável:

Dos múltiplos e variados motivos para mudar-se para o subúrbio, a busca de um meio ambiente saudável e de um estilo de vida informal estão entre os mais antigos. Temos repetidamente observado como um sentimento pela natureza e vida rural tem encorajado pelas pressões da vida urbana. O meio ambiente das cidades e ao mesmo tempo sedutor e irritante, bonito e desagradável. Os ricos sempre puderam escapar disso saindo para descansar em suas casas de campo. No mundo ocidental, o sentimento pela natureza culminou com o movimento romântico dos séculos XVIII e XIX. A saúde e o bem-estar físico aparecem de maneira proeminente na adulação romântica da vida do campo, porém, mais importante para o movimento foi a ideia de virtude. Um ambiente físico e um meio de vida (a dos agricultores) assumiram implicações moralistas. A cidade simbolizava corrupção e completa esterilidade. Era o lugar onde os homens lutavam por poder e vaidade, e no entanto, sucumbiam as pequenas convenções

sociais. O campo simbolizava a vida: a vida revelada nos frutos da terra, nas coisas verdes que crescem, na água pura e no ar limpo, na saudável família humana e na liberdade das coerções sociais e políticas arbitrárias. (TUAN, 2012, p. 324/5).

Williams (2011) buscou compreender por meio da narrativa histórica e da ideologia dos escritores ingleses, como o campo e o modo de vida rural eram compreendidos – ou sonhados. Durante o período de vigência do feudalismo, o campo era compreendido como um espaço de refúgio; com o avanço do capitalismo agrário o campo passou a ser um espaço de produção e renda, juntamente com o homem do campo enquanto um empreendedor, desmistificando, mesmo que parcialmente, a ideia de ingenuidade que cercava o mundo rural, pois no campo também havia pobreza e exploração das forças de trabalho. Abordando o século XIX, o autor relata a cidade industrial como cinza e homogênea e os moradores da cidade como semelhantes ao seu espaço de vivência, considerado espaço do desenvolvimento, da cultura e do mundo social.

Entre os séculos XIX e XX o campo também passa por um processo de ressignificação, tornando-se novamente um espaço de aconchego, comparado ao sentimento maternal, ao mesmo tempo em que se acentua a diferenciação entre campo e cidade, prevalecendo a divisão do trabalho e as distinções econômicas e culturais entre esses espaços. Para Williams (2011) é marcante o fato de que o modo de vida urbano gerou um estilo de vida estafante e o campo manteve-se na ideologia citadina como espaço de boas lembranças, ligado a memórias ternas.

Segundo Almeida (2002), Raymond Williams dedicou-se aos estudos da cultura na abordagem da relação dicotômica da compreensão de cidade e campo, mostrando que desde a literatura grega, o campo já era uma construção de imagem de um espaço geográfico específico com um contexto associado, relacionado à vida mais natural, a inocência e a paz, contrapondo-se a cidade, espaço de conhecimento, violência e pecado.

De acordo com Silva, G. (2009), a memória humana é capaz de maquiagem as mazelas tristes do passado. Para a autora “o sonho da casa no campo” é estruturado em memórias construídas e fantasiadas, pois é comum que se relatem os momentos de felicidade, liberdade e harmonia vividos no campo ao lado de pessoas queridas, familiares:

Eu acho que tem a ver, pra mim acho que se pensar assim tem a ver com o amor, tem a ver com a amizade, acho que com arte também, afeto, história de vida, acho que é isso assim o principal. (ENTREVISTA, 2016).¹¹³

Muitas pessoas adquirem suas casas no campo como um processo de volta ao passado, não necessariamente filhos e netos de (ex-)moradores do campo, mas embasados em lembranças de momentos que viveram no espaço rural, do sonho de outros familiares que foi sendo transmitido as outras gerações. O processo e volta também não está unicamente ligado ao sentido social, da ligação com a natureza que a sociedade de maneira ampla busca, mas no sentido individual.

Se você leva alguém totalmente urbano, ele chega lá e não se adapta. Pessoa que é criado na cidade, que nunca teve esse contato com o campo, vai, a gente já teve experiências assim, de levar colegas que falavam assim 'aqui é bonito, mas pra passar um dia, não pra morar, eu não me acostuma morar num lugar desse retirado de tudo'. Então, você vê que a pessoa, que ela é mais urbana, que ela não teve uma raiz, ela não se adaptaria. Agora a gente já ficava. A gente vai, já fica, e tem vontade de ficar mais. Então eu acho assim que, quem saiu de um lugar mais de sítio, ele fica bem, agora quem é totalmente da cidade, é difícil, não vai se acostumar. (ENTREVISTA, 2017).¹¹⁴

Na verdade, era o sonho do meu pai ter uma chácara. A gente morava num terreno pequeno, mas nós tivemos cabrito, tinha porco, tinha galinha, a gente fazia todo esse sistema, eu me criei assim. Só que sempre quis um lugar assim. Talvez fiquei com o sonho que o meu pai não realizou. E eu sempre gostava de ir, não era muito de trabalho na roça, mas gostava de um lugar pra você chegar final de semana, de cavalo, eu acho um bicho muito bonito, você ter a criação, e uma horta, você acordar cedo e tomar um café, você olhar a paisagem. Então é uma coisa assim, é aquilo que vem, talvez duma raiz antiga que foi criada. Mas é uma coisa que despertou depois de um tempo, não na época de jovem. Foi uma coisa que despertou depois de casado, bem depois. (ENTREVISTA, 2017).¹¹⁵

Segundo Carneiro (2002) na França, um movimento crescente é dos moradores da cidade que, em busca da vida com mais qualidade, do ar puro, da tranquilidade do campo migram para o campo, mas mantem os vínculos empregatícios na cidade, fazem deslocamento diária, formando as 'aldeias

¹¹³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹¹⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

¹¹⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

dormitório' e alterando os padrões sociais nesses dois espaços. A paisagem e a cultura camponesas são de certa maneira mantidas e ocorre um processo de retorno às origens, pois geralmente os indivíduos são filhos ou netos de camponeses que migraram definitivamente para as cidades e que agora, procuram retornar ao espaço rural, influenciados pela construção simbólica do espaço.

O que se percebeu nessa pesquisa realizada em Ponta Grossa, contudo, é as pessoas que buscam a residência rural não viveram nesse espaço antes da aquisição da segunda casa, mas têm vivas as memórias da vida no campo, vividas por seus pais, avós, familiares e até amigos. Essa memória se remodela e cria representações do que é a vida rural, a pessoa que vive no campo:

Sim, acho que aprendi isso com meu pai, meu pai era bem de uma cidade pequena, ele sempre gostou disso e me levou pro campo, eu tinha também um tio que era agrônomo, que já morreu, aliás, os dois morreram e meu tio também fez um trabalho de agrônomo junto às fazendas de Campo Mourão, e a gente ia sempre pro campo. Meu tio que me ensinou a ver o homem do campo, respeitar o homem do campo, nunca deixar de cumprimentar alguém que tá ali na janela, na frente da porteira, sempre cumprimentar sempre ser gentil, e eu gosto disso. É familiar, é histórica da minha vida e da minha família, principalmente meu pai e meu tio. É, isso é comum de certa forma, tios que tinham chácaras, meu avô tinha uma chácara que eu não conheci, mas minha mãe sempre falava dessa coisa de campo, e tem um monte de pessoas que a gente conhece que tem casas na praia, tem casa no campo ou que vão pro campo, que gostam de ir nas pousadas de campo, essas fazendas-pousadas e tal, então isso já é comum a algum tempo. Eu acho que minha escolha viria naturalmente, é, porque esse prazer que eu tenho pelo campo, e essa admiração que eu tenho pelo homem do campo, ela viria à tona, é claro que quando eu era criança eu sentia isso, mas não sabia, aí com o tempo eu fui desvendando isso mais é claro que eu ia chegar a essa conclusão que eu gosto muito. E antes de ter a casa do campo eu sempre tive as idas para o campo, eu sempre ia pra lá, então era uma necessidade de ir quase toda a semana para o campo. É ter mais uma casa, como eu não acho importante comprar uma casa, porque ter a propriedade casa não é o mais importante, eu alugo, então pra mim tá bom, eu alugo a casa e é minha por enquanto, é minha casa, claro que não é minha de propriedade, mas é minha de uso, então não importa, e se não é lá pode ser em qualquer outro lugar. Mas eu gosto do Passo do Pupo. (ENTREVISTA, 2016).¹¹⁶

Meu pai nasceu no interior, pertinho de Palmeira, então não sei se sempre teve essa coisa da gente ir pra lá quando criança, e também era um lugar sossegado, sem barulho, esse barulho da cidade, de vaca. Tinha um padrinho também, ele morava em Palmeira, na chácara. Então acho que desde criança teve essa coisa de gostar do interior, de se sentir bem, acho

¹¹⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

que é isso também, de se sentir bem que a gente busca indo pra lá. (ENTREVISTA, 2016).¹¹⁷

Claro! Até porque meu pai era, meu pai e minha mãe, minha mãe é mineira, veio da roça, ela morava na roça mesmo, e meu pai é de São Paulo e também veio, quando eles eram juvenzinhos, minha mãe tinha uns quinze ou dezesseis, ela veio pra São Paulo, ela saiu de Minas, de Dom Joaquim e veio pra São Paulo. Meu pai também veio do interior de São Paulo e veio pra capital, então eles tinham muita tradição papai e mamãe, aí quando a gente morou em São Paulo que eles casaram e tal, quando eu tinha uns oito anos nós viemos em quatro irmãos de lá, tiveram nós quatro a gente veio pra Ponta Grossa, papai foi transferido pra uma empresa grande aqui, porque a empresa que hoje é a Metal Gráfica Iguaçu, na época era outro nome, não, era Metal Gráfica mesmo, ele veio pra gerenciar esta empresa grande, então quando nós chegamos em Ponta Grossa imagine, não tinha nada, tinha rua de terra e umas casinha de madeira, aí o papai sentia falta dessa coisa de campo, aí ele comprou uma chácara, comprou três chácaras aqui em Ponta Grossa, aí a última nossa era Imbituba, então o que que me reporta, o que que me leva a ser... E quando eu era a adolescente eu já namorava o esposo, a gente ia pra essa chácara do papai que ficava aí em Imbituba e ficava lá o dia inteiro, aquelas musiquinhas, e as músicas do tempo dele, casinha branca, aquelas colchas de retalho eu me lembro bem, então isso eu gosto das músicas de raiz assim. Meu pai era muito sensível, então ele ensinou bastante essa parte pra gente, ele era muito festeiro, ele gostava, ele era alegre, a mãe já não, mas ele... Então a gente ficou com isso até hoje. (ENTREVISTA, 2016).¹¹⁸

São relatadas histórias de momentos felizes, da infância, com a família, os entes queridos, os ensinamentos. Muitos momentos também podem não ter sido bons, mas remodelados inconscientemente são (re)escritos no campo fértil da memória como alegres. De acordo com Moscovici (2013) os seres humanos, buscam formas de representar pensamentos, objetos, pessoas e ações por meio de um conjunto de representações, expressos pela linguagem e imagens, que dão sentido e orientam o cotidiano. O estudo das representações sociais oportuniza compreender a realidade a partir de onde acontece a vida: no cotidiano das pessoas. Engloba o conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com o objetivo de dar praticidade a vida diária.

Moscovici, a partir da Teoria das Representações Sociais¹¹⁹ busca dar inteligibilidade às relações humanas individuais e coletivas, frente à influência de

¹¹⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹¹⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹¹⁹ Moscovici é o precursor do estudo da teoria das representações, quando recupera na década de 1960, o conceito de Émile Durkheim de representações sociais.

elementos simbólicos socialmente construídos e que se apresentam de maneira complexa e múltipla, psicológica ou social, entendendo as representações como as pontes de contato consigo, com os outros e com o mundo. (SÊGA, 2000).

Para os cidadãos, há um conjunto de fatores que influencia na permanência no espaço urbano e ao mesmo tempo a busca pela segunda residência. Muitos elementos que embasam esse movimento de saída e retorno são do universo simbólico, exercendo influência na subjetividade dos sujeitos. Também exerce influência nas relações sociais em dois espaços distintos, cidade e campo, e no mínimo dois grupos sociais diferentes, os moradores do campo e da cidade. A procura por viver em maior contato com a natureza, com outros grupos sociais e com diferentes experiências estrutura o processo de identificação do sujeito consigo e com os outros. Dessa maneira acredita-se que exista uma representação social construída acerca da segunda residência.

As representações são transmitidas entre as gerações e ajustam o indivíduo dentro de um esquema pré-estruturado de signos, símbolos e significados dados ao mundo, formados ao longo da história da humanidade, mas reformulados conforme o contexto histórico da sociedade num dado momento – de desenvolvimento técnico-científico e sociocultural - que possibilitam a ampliação da percepção do mundo real, através da constante ampliação dos significados das representações. (MOSCOVICI, 2013).

O conjunto de representações usado para definir a cidade ao longo da história humana foi sendo modificado, assim como o campo, que passou por processos de resignificação, influenciado e influenciando o desenvolvimento técnico-científico e sociocultural, conforme discutido ao longo do capítulo.

Para Jodelet (2009) as representações estão sempre associadas a objetos, tendo caráter subjetivo e objetivo com capacidade criativa e reorganizativa. As representações estão sempre ancoradas a sistemas pré-definidos e socialmente construídos de leitura da realidade, onde se estabelece um conjunto de simbolismos para representar essa interpretação de mundo por um dado grupo e a maneira como se relacionarão com outros grupos depende desse conjunto de valores pré-determinados.

De tal forma, a memória transmitida por familiares, amigos e vivida em seu passado pelos moradores que buscam pela segunda residência, é recriada e funciona como uma lente que direciona a percepção de campo por esse grupo de

citadinos. O campo e modo de vida rural são compreendidos a partir de um conjunto de significações relacionadas à tranquilidade, a sinceridade, aos valores locais, ao contato com a família.

De acordo com Sêga (2000) por meio da ancoragem - processo que ocorre para dar sentido a uma imagem, com base naquilo que já é conhecido - e da familiarização do estranho, as novidades vão sendo integradas ao cotidiano individual e do grupo. Dessa maneira, os processos de leitura, vivência e logo simbolização e valorização do outro, do eu, do mundo e da realidade são constantemente modificados pela apreensão que se tem dos eventos do mundo social, interferindo e recebendo interferência deles.

Pelas rápidas transformações no ambiente urbano e no modo de vida das cidades, ocorrendo uma relação de estranhamento e esgotamento com a realidade cotidiana. Por meio das lembranças, o campo que poderia ser o estranho – ou a natureza selvagem – é conhecido e os moradores de segunda residência buscam integrar a vivência no espaço rural ao seu cotidiano, com menor ou maior frequência, dentro de suas possibilidades.

Dessa forma, as representações sociais – aquelas formuladas e pré-determinadas pela sociedade a um sujeito e aquelas desenvolvidas por ele ao longo da vida – são lentes pelas quais o sujeito vê e vive o mundo, se relaciona com o seu espaço e seu grupo e com outros espaços e grupos, orientando suas ações cotidianas e sua participação na sociedade. (MOSCOVICI, 2013).

As lentes das histórias dessas pessoas que vivem na cidade e tem sua residência secundária, a casa dos sonhos, o seu Jardim do Éden particular, o paraíso alcançado, é formado das suas memórias e das memórias transmitidas e compartilhadas, das lembranças remodeladas, dos seus anseios de hoje e do futuro, das suas relações espaciais e sociais, do campo e da cidade, do rural e do urbano:

Também isto é diferente agora, mas sempre que penso nas relações entre campo e cidade, e entre berço e instrução, constato que se trata de uma história ativa e contínua: as relações não são apenas de ideias e experiências, mas também de aluguéis e juros, situação e poder — um sistema mais amplo. Assim, é este o lugar em que me encontro, e ao preparar-me para o trabalho verifico que terei de resolver passo a passo experiências e questões que, antes, moviam-se à velocidade da luz. A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões. (WILLIAMS, 2011, p. 21).

A compreensão de que há um conjunto de construções sociais que dão inteligibilidade aos eventos e que recebe influência de um amplo conjunto de determinantes, resultando na forma como o sujeito vê, compreende e interage com o mundo a redor, possibilita considerar que frente as rápidas mudanças que ocorrem na contemporaneidade e a atual conjuntura econômica, social e cultural do espaço urbano das grandes e médias cidades, esteja ocorrendo a (re)construção de uma representação social para esse espaço e uma nova forma de relação com espaços diferentes desse – praias, cidades pequenas, regiões serranas – como lugares que possibilitam outro modelo de vida, almejado pelos sujeitos que buscam uma residência secundária.

De acordo com Hazin (2008) a casa da residência secundária pode até apresentar-se como um bem material, um investimento para renda futura, mas seu valor está naquilo que representa para seu proprietário e a sua família. De acordo com essa autora, a casa de segunda residência é espaço de liberdade, de realizar atividades por paixão, de paz e tranquilidade, indo além do lazer, mas representando a possibilidade de um novo estilo de vida, mesmo que temporário, para essas pessoas.

De repente a gente falando assim, parece tão insignificante... Nossa! Mas você vivendo aquilo [emoção]... Aí o valor é diferente, porque os filhos vão ter coisa pra contar pros filhos deles, uma vivência, uma experiência que infelizmente na cidade não tem. Quanta gente de cidade aqui, quanta criança que nunca viu uma galinha, que nunca viu, diz 'aquele bicho feio', mas eu acho que só você tendo, só você convivendo, vivendo essa experiência você pode falar se é bom ou não, e o que a gente pode proporcionar pra eles, isso aí não tem o que pague! (ENTREVISTA, 2017).¹²⁰

Eu acho que muita coisa meus filhos tiveram lá, o que talvez na cidade não tivessem. Como os cachorros que eles têm lá. São totalmente diferentes dos cachorros aqui da cidade, são uns guaipeca [vira-latas], mas eles têm um carinho... E aquele bicho é solto, é criado numa liberdade que não tem aqui. Já vimos nascer um cavalo, vi nascer uma vaca, pegar animais pequenos, como porco, cabrito, carneiro, que nem na época de nascer, nasceram 40 carneiros lá. Então tirar foto disso, dar de mamar num carneiro

¹²⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

uma vez. É uma experiência que meus filhos tiveram, que na cidade não tem. (ENTREVISTA, 2017).¹²¹

Observa-se que as pessoas que optam por ter uma segunda residência em um contexto espacial diferenciado, com um contexto cultural específico, construíram a representação social da segunda residência no campo (enquanto espaço de tranquilidade, felicidade, realização) ancorada na percepção da cidade enquanto espaço com características opostas (violência, opressão, medo, poluição).

Quando você tá no campo, que você senta naquele sossego, já começa por aí, aquela tranquilidade, e o conjunto em si, você sente que até o ar é diferente. Eu brincava, o filho tinha muita bronquite, quando a gente chegava lá, dizia 'respire filho, que aqui você pode respirar fundo porque aqui o ar é diferente', então lá é o conjunto da obra a gente diz. Pássaro é um show a parte, você senta assim, você perde a hora, você fica ouvindo, até hoje nós não conseguimos nomear todos, porque é muito, então isso aí não tem preço, não tem preço mesmo! (ENTREVISTA, 2017).¹²²

Olha, eu gosto que a gente fica lá bem de boa. Bem diferente da cidade, que aqui a gente lida, serviço o dia inteiro, é uma correria que você, vai pro centro pagar conta, vai no mercado, é telefone, internet, é tudo. E lá não, lá é bem sossegado, bem tranquilo, a gente chega lá e esquece que tem uma vida fora de lá. O meu celular pega lá, tem um cantinho na janela que é só o meu celular que pega, internet também pega, mas assim, a gente não leva. Não levou televisão. Eu levo só o rádio, porque eu não fico sem música. Mas é bem diferente de uma vida na cidade, vida na cidade é estressante, o dia-a-dia é estressante. E lá não, lá você fica sossegado. (ENTREVISTA, 2017).¹²³

Esses sujeitos vivenciam o processo que Haesbaert (1997) chama de *des-re-territorialização*, pois quando deixam o espaço urbano, mesmo que por um período de tempo determinado, tem por motivação, um estranhamento identitário com seu território que os impulsiona a buscar outros espaços para viver. Esse processo de estranhamento – frente às novas situações/mudanças abruptas - pode

¹²¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

¹²² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

¹²³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

ser compreendido dentro da teoria das representações sociais como a não-familiarização.

Mas simultaneamente, a não-familiarização leva a buscar da criação de uma nova representação (no caso para cidade de estranhamento e para o campo de espaço-receptáculo de bem-estar, ancorado na representação negativa do primeiro). Assim, no campo, o sujeito se reterritorializa, e vivencia suas múltiplas identificações/identidades, ora com mais intensidade como urbano, ora como rural.

De tal modo, percebe-se que a noção de territorialidade vivenciada por esses sujeitos reflete a materialidade e imaterialidade em unidade nesse processo, tanto quanto a construção da conceituação da representação da residência secundária. A fluidez no espaço geográfico vivida por quem reside ora na cidade e ora no campo, permite experimentar paralela e sucessivamente diferentes territórios, reconstruindo constantemente a própria representação de seus espaços de vivência, pois coexiste nesses indivíduos, a multiplicidade de experiências, de expressões, de maneiras de apropriação do território e de inserção nos diferentes grupos sociais.

Destarte, ainda observa-se nesse processo o movimento e a continuidade do espaço no tempo, sobretudo quando se intensificam as relações entre campo e cidade, enquanto materialidades, e do modo de vida rural e urbano enquanto expressões culturais e identitárias, dentro de uma perspectiva integradora, que contempla o funcional e o simbólico.

De tal modo, considera-se interessante buscar formas de compreender a relação dos sujeitos com seus espaços cotidianos e a construção das representações sociais que se modificam, refletindo na identificação dos sujeitos consigo, com os outros e na sua colocação no mundo, visando oportunizar melhoria na qualidade de vida das pessoas em suas diferentes condições e espaços de vivência.

3 SEGUNDA RESIDÊNCIA E TURISMO RURAL: O ANSEIO PELA VIDA DO CAMPO

Neste capítulo será tratado como as atividades de lazer e o turismo influenciam na aquisição de uma residência secundária no campo e a atuação do ramo imobiliário nessa questão. Mesmo que os dois termos, turismo e lazer, pareçam sinônimos, referem-se a situações distintas, mas integradas, pois enquanto tempo dedicado ao repouso ou distração, o lazer. Muitas áreas da ciência se dedicam a discussão conceitual dos termos procurando concretizar suas teorias através da comparação e distinção entre eles.

As atividades de lazer são fundamentais para o ser humano, tanto para saúde física e mental, quanto para a sociabilidade e a construção intelectual e moral. O turismo apropria-se dos espaços de suas características espaciais, ambientais, sociais, culturais e, no campo, encontra uma miscelânea de características peculiares e atrativas para o mercado urbano, que almeja vivenciar o mundo rural e o mercado imobiliário apropriando-se dessa realidade, mercantilização de sonhos.

Para Souza (2010) em essência os dois fenômenos dizem respeito a manifestações socioculturais, no espaço e no tempo, representando a expressão da identidade, o contato com situações e culturas novas, a espontaneidade.

O turismo rural foi em grande parte responsável por valorizar o patrimônio cultural e natural do campo, levando novas possibilidades de renda. As residências secundárias são consideradas, por uma linha de pensamento científico, como parte dessa modalidade turística. Entretanto, as ações de se ter uma casa de campo e praticar turismo rural, apesar de semelhantes em alguns aspectos, diferenciam-se em outros, apontando que não são sinônimos. Entretanto, o turismo pode exercer influência na escolha do campo como local para a segunda casa.

3.1 LAZER E TURISMO: A VIVÊNCIA DE OUTROS MUNDOS

O modo de vida contemporâneo, sobretudo nos centros urbanos, é caracterizado pela agitação, pelo barulho, pelas cobranças, pelo horário cronometrado, pelo trânsito intenso, ações de violência crescentes em número e intensidade. O modo de vida que caracteriza as grandes cidades e metrópoles na contemporaneidade é cunhado pela dinâmica urbana, pela necessidade de

reprodução do capital, da reprodução social, da manutenção de um sistema de vida que necessita de uma estruturação capaz de manter seu funcionamento e que passa a estruturar a vida das pessoas, segundo seus papéis dentro dessa grande engrenagem, as cidades grandes e o seu modo de vida:

[...] todas as exterioridades mais banais da vida estão, em última análise, ligadas às decisões últimas concernentes ao significado e estilo de vida. Pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas à sua economia do dinheiro e caráter intelectualístico. Tais traços também devem colorir o conteúdo da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintivos, soberanos que visam a determinar o modo de vida de dentro, ao invés de receber a forma de vida geral e precisamente esquematizada de fora. (SIMMEL, 1973, p. 12).

Segundo Aronsson (2004) os espaços de atividades hodiernos são cada vez mais complexos, o que resulta em experiências sobre o espaço geográfico no tempo cada vez mais racionais, lineares e objetivas, reduzindo-se o número de práticas que conferem significado de lugar no cotidiano. A segunda residência permite o encontro entre espaço e cultura, na interpretação de mundo que prioriza a representação dos sentimentos sobre o lugar. A vista de um mundo de autorrealização, o cidadão procura o rural, mas não deixando de vivenciar o urbano, investindo tempo e dinheiro, porque a segunda casa é um espaço de atividades sociais e privadas de significativa importância.

De acordo com Carneiro (2002), o processo de revalorização do campo pela sociedade brasileira foi importante. De acordo com ela, em países europeus como a França, a busca por morar no campo é mais antiga, mas no Brasil, nos anos de 1970 (esse fenômeno já é comum para a burguesia brasileira, mas nessa época houve a expansão e acesso a outras camadas da população), teve um tímido impulso com o movimento hippie e auferiu maior adesão com o discurso ecologista da década de 1990, quando um grande número de cidadãos passou a buscar a vida idealizada no campo, mais próximos à natureza, estimulando o setor do turismo, o que levou alterações à forma de vida das localidades menores.

Há um conjunto de situações oriundas do desdobramento do modo de vida urbano contemporâneo que produz nas pessoas a necessidade de buscar momentos que permitam viver tranquilidade, paz e descanso da rotina de produção.

A busca por atividades ligadas ao lazer tem crescido significativamente e o turismo tem se tornado um segmento crescente que atende a essas necessidades.

De acordo com Gomes e Elizalde (2012), o lazer pode ser associado à melhoria das condições de uma sociedade, se adjunto a questões políticas, econômicas, sociais e culturais e é uma necessidade básica humana, pois faz parte da construção do universo simbólico, dos significados que se atribuem à vida, da construção subjetiva e objetiva do sujeito. O lazer é a vivência lúdica no tempo e no espaço social das manifestações culturais e não pode estar dissociado do trabalho, da vida cotidiana, da educação e da formação humana integral. Para os autores, o lazer tem o poder de aplinar, se não ao menos minimizar, as situações de exclusão e disparidade social, se usado como forma de respeito às diversidades e diferenças na construção de uma sociedade mais justa.

O lazer já não pode ser entendido apenas como contraponto do trabalho, mas como possibilidade de desenvolvimento individual e social ao passo que os momentos de lazer podem ser realizados pelo indivíduo ou por um grupo de pessoas. Para Silva (2011) existem duas formas de interpretação do lazer: a primeira consiste na visão ideológica funcionalista, baseada no positivismo, na ideologia liberal e neoliberal, em que o ser humano vê no turismo uma válvula de escape e o lazer projeta o conformismo à sociedade. A segunda é baseada no materialismo histórico e dialético, com abordagem crítica, apontando o lazer como mutável frente ao modo de produção vigente podendo influenciar sobre ele e acenar para uma mudança de ordem moral e cultural.

De tal forma, o lazer apresenta-se como uma possibilidade de mudança nas estruturas sociais, pois pode representar a possibilidade de (re)conhecer novos universos, outras culturas, vivenciar outras formas de identificação e aprender a partir do conhecimento o respeito pelas diferenças entre os sujeitos e os espaços de vida:

Em síntese, entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004, p. 125).

Todavia, quando o lazer é entendido simplesmente como ocupação do tempo vago, dissociado da realidade da vida cotidiana, pode se tornar um nicho de mercado vazio de significado. Para Gomes e Elizalde (2012) o lazer pode ser para o mercado capitalista neoliberal espaço de venda alienada e alienante de bens e serviços e não uma oportunidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas. Assim, é visto como uma atividade passiva, geradora de renda para o capital e como uma alternativa escapista.

Quando o lazer passa a ser entendido como parte fundamental da formação do sujeito, ganha novas definições e se relaciona diretamente com a compreensão corporal, psicológica, ambiental e social. De acordo com Requixa (1980, p. 35) o lazer pode ser entendido como “Ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”. Assim, o lazer compõe a completude humana, tanto na sua formação física e intelectual continuada quanto na manutenção do seu equilíbrio psíquico e construção do mundo simbólico:

Lazer em geral. É um lugar para descanso, então há uns 5 anos, a gente instalou uma piscina, para que a gente tivesse um pouco mais de coisas para fazer. Lá tem tanques de peixe, então a gente sai pescar. É gostoso para sair fazer caminhada, tem trechos assim, bem gostoso mesmo, da para você entrar no meio da mata para fazer trilha. E tem o cavalo, que também é manso, dá para montar, então quem gosta... Normalmente usa isso como um lazer. Lá é o nosso refúgio, lá é onde ele [esposo] recarrega as pilhas para conseguir tocar a loja aqui, porque aqui o comércio consome demais dele, então o nosso sítio é mesmo para descanso. (ENTREVISTA, 2017).¹²⁴

O turismo é uma das atividades que pode ser desenvolvida nos momentos de lazer. De acordo com o Ministério do Turismo (2016) o turismo é uma atividade econômica, gerado pelo deslocamento voluntário e temporário das pessoas para fora de seu espaço de residência fixa, por qualquer motivo exceto por motivação econômica. O turismo rural por sua vez é uma das modalidades de turismo.

O turismo rural, enquanto grande área do turismo engloba diversas outras modalidades turísticas realizadas no campo. Contudo, essa amplitude conceitual tanto do turismo como do turismo rural é questionada nas áreas de produção

¹²⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017.

intelectual. Enquanto atividade sistematizada, o turismo rural surge na década de 1970.

De certa maneira, o turismo enquanto atividade cultural abre novas possibilidades a diversas áreas entre elas a patrimonial, pois ao apropriar-se dos elementos culturais o turismo consegue jogar luzes sobre espaços antes ofuscados, garantindo que bens tombados possam se manter mesmo sem auxílio de instituições e que os patrimônios registrados sejam conhecidos e preservados na memória de um número maior de pessoas, além daquelas que o vivenciam.

Todavia, a cultura de um povo passa a ser mercantilizada, por vezes até reeditada para atender as necessidades do mercado. As expressões culturais se tornaram nichos de mercado interessantes, frente ao avanço do capital que se apropria das diferenças culturais produzidas e recriadas. O valor simbólico, os lugares e paisagens são incorporados ao mercado de venda de cultura. (ZUSMAN et al. 2011).

O turismo por abarcar um amplo conjunto de atividades, propicia muitos benefícios a sociedade como o (re)conhecimento da história humana, a prática de atividades físicas, a ampliação do repertório cultural, a valorização da arte, a melhoria das condições de saúde, o crescimento de vagas de emprego diretas e indiretas, entre outros. Todavia, quando não é bem conduzido e explorado, seus fins são danosos no que se refere aos danos ambientais, à exploração da mão-de-obra barata, a apropriação e transformação da cultura em objeto de mercado, a desapropriação do espaço dos sujeitos para venda ao visitante, entre outros.

Com um leque variado de possibilidades, o turismo envolve diversas regiões e culturas. Com o crescente número de pessoas que buscam a natureza, a tranquilidade e o que diz respeito ao bucólico, inicialmente, buscavam-se as pequenas cidades. Para Tulik (2003) o primeiro estado a desenvolver atividades turísticas no campo foi Santa Catarina, no ano de 1984, aproveitando a estrutura das fazendas para receber turistas. De acordo com Kloster (2013) até meados da década de 1990 não existiam ações destinadas ao turismo rural de maneira mais enfática, e apenas nessa época essa modalidade turística integrou-se aos debates no meio acadêmico¹²⁵ e econômico de maneira mais expressiva.

¹²⁵ De acordo com Tulik (2003) uma das poucas iniciativas acadêmicas conhecidas até a publicação de sua obra que abordavam o turismo rural era o Simpósio Nordeste de Turismo Sertanejo, para

Segundo Candiottto (2010) no início da década de 1990, houve crescimento da procura e oferta do turismo no espaço rural e a sociedade passou a procurar atividades ligadas à tranquilidade e a simplicidade do campo. Para o autor, nesse período houve o crescimento da pluriatividade nas propriedades rurais e da concepção da multifuncionalidade do agricultor e da atividade agrícola, assim como o crescimento do interesse da população urbana e do setor turístico pelo rural e as ruralidades¹²⁶, uma vez que o público que busca atividades de turismo no espaço rural é diferente daquele que procura o litoral, já que no campo a demanda é menor e há oferta de estruturas mais simplificadas para atender os turistas durante a estadia.

Para Rodrigues (2000) o turismo rural é relativamente novo no Brasil e enfrenta problemas por não possuir uma definição conceitual clara acerca das suas metodologias e propostas. Outro fator que exerce influência nessa problemática é a extensão territorial do país, que contempla grande diversidade cultural e histórica, dificultando o estabelecimento de um modelo a ser seguido no território como um todo.

Para Tulik (2003) outro fator que causa dificuldade no estabelecimento de um conceito melhor estruturado de turismo rural é a falta de conceituação sobre campo-cidade, pois para ela, a dinâmica atual altera rapidamente as funções refletindo na alteração dos significados do espaço e dos modos de vida intrínsecos. Segundo a autora, os três critérios mais utilizados para distinção entre esses espaços na atualidade são: a oposição entre rural e urbano, considerando as distinções entre as funções desses dois espaços e a existência de um espaço intermediário, caracterizado pela mistura de características urbanas e rurais. O segundo é pelo tamanho e características demográficas, considerando que há

valorizar a identidade cultural da região e promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas por meio do turismo.

¹²⁶ As ruralidades seriam objetos e ações característicos do rural, e fazem parte da identidade da população rural, enquanto as urbanidades corresponderiam a objetos e práticas de caráter urbano. Todavia, assim como o espaço urbano e rural estão imbricados, o mesmo acontece com as ruralidades e urbanidades. Além da existência de atores, objetos técnicos e ações de caráter urbano no meio rural, conduzindo a urbanidades no espaço e na sociedade rural, existem atores, ações e objetos técnicos característicos do rural (com origem rural ou industrial-urbana) que acabam se inserindo no urbano (estilo country, músicas, festas, hortas), levando a ruralidades no espaço e na sociedade urbana. (CANDIOTTO, 2007, p.81). Para o autor, ainda existiriam duas correntes de pensamento que abrangem a questão da ruralidade: uma diz respeito a nova ruralidade (concebida e difundida pelo capitalismo e diversos poderes envolvidos na geração de capital, que incentiva ao consumo do espaço campo e do modo de vida rural) e da ruralidade e urbanidade enquanto territorialidades sociais localmente situadas.

diferenças entre a população rural (aquela que vive na zona rural) e a população agrícola (que se ocupa de atividades econômicas ligadas ao campo). E o terceiro pela delimitação do perímetro urbano por critérios político-administrativos, voltada, sobretudo a cobrança de impostos e maior arrecadação, sendo que cada município tem sua legislação.

Candiotto (2010) apresenta uma discussão acerca da conceituação e do uso indiscriminado do conceito de turismo rural. Segundo o autor, o turismo no espaço rural seria um conceito mais amplo que envolveria todas as atividades de turismo e lazer no espaço rural; já o turismo rural contempla aquele vinculado a ações realizadas durante a estadia que contemplem as atividades e a maior valorização das práticas rurais, da agricultura, das paisagens do campo, do modo de vida entre outros.

Campo e cidade enquanto espaços de vida humana estão em constante processo de modificação, conforme os ditames do período histórico e social, que determinam a reestruturação das suas relações. O contexto de mudanças entre a relação da cidade e do campo é intensificado pelo processo da globalização. A cidade recebe a influência da relação com o campo, mas certamente é no espaço rural que se percebem as maiores modificações, principalmente nas últimas décadas, onde o contato com o modo de vida urbano se intensificou.

O sujeito do campo recebe a influência dessas novas configurações que se estabelecem de forma intensa e dinâmica. Entretanto, muitos traços culturais e elementos simbólicos são conservados, o que remete a ponderar que sejam elementos da memória social desse grupo e que estruturam a identidade das pessoas do campo. O receio em perder os vínculos com o passado e a desestruturação da identidade dos sujeitos, incentivou a necessidade de preservação de alguns vínculos pretéritos – uma das defesas do local diante à globalização – na forma dos patrimônios históricos e culturais. (PRETTO, 2014).

O campo passou a exercer novas atividades, ganhou novas funções e novos atores sociais. Entre esses dois espaços, ocorre uma relação dialética que se caracteriza ora pela complementariedade, ora pela dicotomia. O rural não pode ser mais apreendido enquanto vinculado apenas com atividades agrícolas e pecuárias, pois seu modelo de produção passou por modificações, ao passo que recebe mais tecnologias, mais trabalhadores desenvolvem funções que antes eram tipicamente urbanas e obtém sua renda de outros trabalhos não ligados a terra, aproximando-se

do modo de produção considerado urbano. Cidade e campo, historicamente espaços com relações econômicas, sociais e culturais complementares, estão mais próximos pelas relações que se tornam mais estreitas entre eles.

Com a modernização das sociedades urbana e rural e o desenvolvimento do capitalismo na agricultura que ocorre de maneira simultânea à interiorização das indústrias compreende-se que a integração entre campo e cidade tenha aumentado segundo a intensidade de trocas crescentes. A população jovem responsável pelo êxodo rural em busca de novas oportunidades nos centros urbanos seria uma das pontes de ligação entre os dois espaços e responsável pela difusão de novas técnicas e hábitos urbanos. Dessa maneira, a dicotomia espacial, entendida enquanto contraste, seria gradativamente reduzida em detrimento à compreensão da existência de diferentes intensidades de mudanças e inserção de modernidades para esses dois espaços. (CARNEIRO, 1998).

A reestruturação produtiva do campo transformou-se e passou da utilização da mão-de-obra humana, da posse e dos vínculos produtivos com a terra, para a venda da mão-de-obra utilizada pela agricultura moderna e mecanizada e à produção e prestação de serviços especializados, muitas vezes voltados para o mercado urbano. Um exemplo disso é o turismo rural.

De acordo com Carneiro (1998) a aproximação com o modo de vida urbano e o aumento das atividades turísticas no campo não são fatores negativos para a estrutura cultural local. Para a autora as mudanças na percepção do ambiente e dos hábitos e costumes ocorrem de maneira irregular, com diferentes intensidades o que não resulta em uma ruptura com os padrões construídos ao longo do tempo. As novas experiências seriam responsáveis por criar diversidade sociocultural, pela troca de bens culturais e simbólicos e por ampliar as relações sociais, mas não por um processo de descaracterização do modo de vida rural. Para Carneiro, ao confrontar-se com a identidade urbana, o morador do campo reforça a sua identidade ao tomar consciência sobre os aspectos materiais e simbólicos que a constituem.

Há um conjunto de modalidades e tipos de turismo que integram-se ao turismo rural. Para Tulik (2013) os diferentes critérios utilizados, a variedade natural e cultural relacionadas ainda aos diferentes tipos de turismo, resulta em uma ampla classificação terminológica. A ampla variedade de abordagens, conceitos e classificações, reflete o número de autores que discutem ou tentam estabelecer

conceituações sobre as modalidades turísticas no espaço rural, mas de acordo com a autora, os mais comuns são:

- Turismo alternativo: que se opõe ao turismo convencional como o litorâneo, o internacional e o massificado;
- Turismo no espaço rural (TER)/ Turismo nas áreas rurais (TAR): tem sentidos amplos baseados nos produtos turísticos do meio rural. Podem englobar turismo de eventos e negócios;
- Turismo em áreas rurais e naturais: engloba as atividades turísticas no meio rural e nas áreas naturais;
- Turismo na natureza/ Turismo rural/ Ecoturismo: relacionam-se a atividades turísticas nas áreas rurais e podem ser desempenhados na mesma propriedade;
- Turismo cultural: não é exclusivo no meio rural, pois todo o tipo de turismo tem base cultural;
- Agroturismo: ocorre em propriedades com exploração agropecuária e pode oferecer a prática de atividades pelo turista na propriedade, sendo complementar a renda, de base familiar, com alojamentos locais, e a participação do turista na vida da família, nas atividades cotidianas;
- Turismo rural: expressão genérica usada para qualquer atividade turística desenvolvida no espaço rural, ligada a identidade local, com o contato do sujeito com a natureza. O turismo rural se identifica mais plenamente com as atividades cotidianas, a economia, a cultura e ao espaço.

Uma das discussões que permeia a conceituação de turismo rural é o que de fato se considera rural na atualidade, já que com as intensas modificações ocasionadas pela reestruturação do sistema produtivo e a aproximação intensa e dinâmica com o modo de vida urbano, podem alterar a cultura e o espaço. De acordo com Tulik (2003) os autores têm considerado que o conteúdo do turismo rural deve estar associado à paisagem, ao estilo de vida e a cultura rural.

Para Cavaco (2000) com a reestruturação do sistema produtivo global, e a diversificação da economia nacional, o turismo rural aparece como uma oportunidade de venda da cultura identitária, para tornar o consumidor feliz por expressar sua ligação com a tradição e a criatividade vinculados ao contato com a natureza:

Mas é o modelo da cultura identitária que é determinante. De um modo geral, as sociedades ocidentais buscam reencontrar no meio rural as bases identitárias para enfrentar a “americanização” da cultura no contexto mundial e, de maneira individual, reencontrar-se o fenômeno da ‘construção de si’, de afirmação de sua criatividade e da sua personalidade. Após a década de 80, quando no turismo e na cultura foram enfatizados os valores de sucesso profissional, de culto ao corpo e à tecnologia, os anos 90 consagraram o desabrochar pessoal e o retorno aos valores da simplicidade, da natureza e da tradição. (CAVACO, 2000, p. 102/103).

A expressão identitária vinculada ao campo, ou seja, a ruralidade, também aparece como uma motivação a busca pela vivência no espaço rural, por períodos mais longos ou não. Carneiro (1998) contextualiza a discussão, quando afirma que as identidades urbanas e rurais sofrem influência das novas configurações que se estabelecem na relação campo-cidade e da crescente presença do urbano no rural (sejam por meio de bens simbólicos, ou dos atores sociais), mas afirma que a ruralidade pode ser entendida como o consumo do modo de vida rural, enquanto tentativa de expressão identitária:

Nesses termos, não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração dos mundos urbano-industrial no que era definido tradicionalmente como "rural", mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor e os produtos "naturais", por exemplo) e de práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural. Nesse sentido, importa mais do que tentarmos redefinir as fronteiras entre o "rural" e o "urbano", ou simplesmente ignorar as diferenças culturais contidas nessas representações sociais, buscar, a partir do ponto de vista dos agentes sociais, os significados das práticas sociais que operacionalizam essa interação e que proliferam tanto no campo como nos grandes centros urbanos, tais como a pluriatividade, os neo-rurais, a cultura country etc. (CARNEIRO, 1998, p.2).

Nessa perspectiva, Tulik (2003) discute o caso da Espanha, onde existe o chamado ‘turismo de retorno’. Na década de 1960, o país enfrentou a migração massiva de pessoas para os centros urbanos, em busca de melhores condições de vida nas cidades. A partir de 1986 o governo fez campanhas para incentivar a abertura das propriedades rurais ao turismo de retorno, conservar a arquitetura clássica, diminuir o êxodo rural e aumentar a renda dos moradores do campo com o comércio de produtos direto ao consumidor.

As tipologias de turismo rural são muitas e permitem à pessoa que busca esse segmento turístico, ocupar seu tempo de lazer de diferentes maneiras, mais ou

menos integradas ao ambiente e ao modo de vida. A inserção do turismo no campo permite novas segmentações econômicas e possibilidades de maior renda e qualidade de vida para a população rural - mesmo que a contrapartida seja a apropriação cultural e a sua transformação em nicho de mercado – como também a valorização do espaço rural e do seu patrimônio cultural.

A busca por realizar atividades ligadas ao turismo rural é em parte motivada pelo desejo de contato com a natureza, que para o turista é transformada em bem de consumo, somada ao modo de vida. O campo é transformado para atender as expectativas geradas de encontrar um clima bucólico¹²⁷, com a construção de estruturas para pousadas e estabelecimentos afins. Tais modificações refletem na diminuição da importância da agricultura para determinadas regiões, que passa a ser uma atividade complementar ao turismo e mantida como uma das atrações oferecidas. De tal forma, o campo deixa de ser um espaço voltado à produção agrícola e passa a ser um lugar de vida. (CARNEIRO, 1998).

O uso do conceito de natural e da relação com a natureza na contemporaneidade foi ressignificado segundo as estratégias de mercantilização dos sentimentos e necessidades. Essa nova configuração abriu espaço para que o campo tivesse (re)valorização enquanto espaço da natureza, mas também de vida, de cultura, de produção econômica e inserido amplamente no contexto social - mesmo que não sejam todos os estratos da população que tenham acesso ao lazer, sobretudo aquele que demanda de mais recursos para deslocamento e/ou manutenção como a casa de campo. Todavia, a busca por novas atividades ligadas ao lazer e ao bem-estar traz novo sentido à relação dos sujeitos com o espaço:

Considerando as características do período atual, dentro de uma sociedade de consumo, os objetos ou as mercadorias tornam-se os mediadores das relações entre o homem e a natureza. Estes objetos e mercadorias podem ser um simples creme dental com sabor natural; o papel higiênico natural (sem perfume) ou com perfume natural (com perfume de flores); o protetor de tela do computador com suas árvores de folhas vermelhas ou os peixinhos nadando; as árvores cercadas por uma tela com propaganda de supermercado; os lugares turísticos, onde se pode passear por praias desertas ou pelas trilhas ecológicas na mata; os condomínios de alto padrão nas cidades. (HENRIQUE, 2009, p. 102).

¹²⁷ Atualmente, o clima bucólico das pousadas e hotéis fazenda é representado pela rusticidade, ligado ao ramo da arquitetura e *design* de interiores, que valoriza elementos naturais e o aspecto rústico, mesmo em residências urbanas, tanto nos materiais construtivos quanto no mobiliário, por remeter ao aconchego dos sentimentos bucólicos e ao contato com a natureza, reduzido na contemporaneidade e almejado por crescente público urbano.

O natural passa a ter uma série de significações, aplicações e usos voltados à venda de algum produto ou lugar, dentro de um contexto ambíguo. A carência do contato com a natureza somada aos sonhos e experiências vividas pelo sujeito da cidade, gera a necessidade de buscar esse contato, que no caso dessa pesquisa aborda a realidade vivida dos proprietários de casa no campo. O campo, enquanto lugar recebe uma valorização e valoração sobre sua paisagem e cultura.

Entretanto, de acordo com Porto-Gonçalves (2006), a apropriação da natureza pelo capital merece uma atenção especial, pois é necessário compreender a natureza enquanto riqueza e não como recurso. De acordo com o autor, devem ser consideradas as diferentes espacialidades e temporalidades locais, da mesma maneira que as diferenças culturais e as territorialidades desenvolvidas ao longo da história nos diferentes espaços, por diferentes grupos sociais, pois a racionalidade do capital, que tenciona para a uniformidade dos espaços, não deve imperar sobre as experiências humanas, mas sim, dar vistas ao desafio ambiental que se impõe.

O turismo rural diferencia-se enquanto produto do turismo convencional por ser planejado para pequena escala e adaptado ao espaço rural. Contudo, é uma atividade com potencial modificador do espaço enquanto espaço turístico, entendido como espaço de poder hierarquizado entre os atores envolvidos, constituído de redes, carregado de sentido e expressividade para quem o produz e o consome. (Kloster, 2013).

Para Marafon (2011) às atividades não-agrícolas do campo relacionadas a valorização patrimonial, paisagística e natural desse espaço, reestruturam a economia rural, uma vez que as atividades ligadas ao setor secundário e terciário demandam cada vez mais mão-de-obra para atender ao público crescente e as novas demandas inerentes a essas atividades, sobretudo o turismo:

Enfatiza-se a preservação e a proteção da natureza, valoriza-se a busca da autenticidade dos elementos paisagísticos locais, a conservação e a proteção dos patrimônios históricos e culturais, o resgate da memória e da identidade. Dessa forma, há a mercantilização das paisagens, com a consequente expansão das atividades de turismo e de lazer. (MARAFON, 2011, p. 161).

Ao falar da realidade do Rio de Janeiro, Rua (2006) aponta para o fenômeno do crescimento das atividades de turismo e lazer no espaço rural, como paralelas ao

inchaço urbano, sobretudo da capital. O autor aponta para o crescimento demográfico das áreas de interior e das modificações pelas quais passam as atividades de produção nesses novos espaços receptores de pessoas, sejam para atividades de lazer, turismo ou moradia.

De acordo com Del Rio (2017), diferente das atividades de turismo convencional, existe uma dificuldade em quantificar o crescimento do número de casas de segunda residência já que muitos países não desenvolveram sistemas de quantificação desse fenômeno. Mas segundo o autor, com o aumento de atividades ligadas ao turismo vinculado a natureza, como o turismo rural, existe um potencial de crescimento do número de casas de segunda residência e percebe-se que não há preparação para atender as novas demandas oriundas dessa nova configuração territorial e relacional entre campo e cidade, a exemplo do que acontece no México, país abordado pelo autor.

Para Tuan (2012) o turismo é uma atividade benéfica para economia, todavia não propicia a união do homem com a natureza, pois para esse contato é necessário maior tempo, por ser muito mais duradouro e estar ligado com as lembranças e experiências de uma pessoa sobre um ambiente. Ao fazer um passeio turístico, o turista tem em mãos a máquina fotográfica para fazer o registro de sua nova experiência. Contudo o registro fotográfico parece superar a própria experiência momentânea. Para o autor, o homem tecnológico tem poucos momentos de contato com a natureza, restritos a contatos indiretos e em ocasiões especiais. De acordo com esse autor, falta às pessoas das sociedades avançadas o envolvimento suave que permita sentir toda variedade de sensações agradáveis - ligadas ao máximo dos sentidos humanos possíveis - proporcionados pelo contato com a natureza.

3.2 A CASA NO CAMPO: AS DIFERENÇAS E SIMILARIDADES ENTRE TURISMO RURAL E SEGUNDA RESIDÊNCIA

A casa de segunda residência por vezes é associada ao turismo rural, porque seus atores têm pretensões semelhantes aos turistas, quando buscam vivenciar no campo o contato com novas experiências, com a natureza, o descanso, etc. Contudo, a segunda residência apresenta aspectos que a diferenciam do turismo, como o apego ao lugar por meio de vínculos afetivos.

Para Duval (2004) o conceito de casa, na atualidade, é mais amplo e flexível devido a mobilidade da população e a complexidade das relações no tempo-espaço. A representação de casa pode estar associada à percepção sobre o espaço e como se está ajustado nele. A casa, enquanto morada, é uma construção temporal e cognitiva que trás uma noção social e cultural na sua construção simbólica. As localidades, cada vez mais integradas, permitem o movimento de trânsito e a criação de conexões espaciais fluídas. Compreender a movimentação daqueles que tem segunda residência é dar valor e inteligibilidade para questões de representação social e vínculos com o espaço dentro da perspectiva da sociedade urbana contemporânea.

O estudo das residências temporárias ou segundas residências é recente. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as residências secundárias são chamadas de domicílio de uso ocasional:

[...] domicílio particular que na data de referência servia ocasionalmente de moradia. Ou seja, são aqueles usados para descanso de fins de semana, férias ou outro fim, mesmo que na data de referência, seus ocupantes ocasionais estivessem presentes. (IBGE, 2013).

Para Ribeiro, Osório e Buscioli (2014) as segundas residências são um fenômeno recente no Brasil, ocorrendo, sobretudo a partir da década de 1950, quando ocorreu o desenvolvimento do país, com a implantação da indústria automobilística, crescimento e expansão das vias rodoviárias e pelo surgimento e crescimento de “novos estratos sociais médios e urbanos”.

Para Silva (2011) o acesso às atividades ligadas ao lazer é determinado pelo fator econômico, pois está ligado a distribuição do tempo livre entre as classes sociais e também às oportunidades de acesso que se dão de maneira desigual, formando as “barreiras interclasses sociais”. De tal forma, algumas atividades de lazer são acessíveis apenas a determinadas classes econômicas.

O turismo nasceu dentro de uma concepção de elite. Desde as primeiras manifestações dessa atividade era uma representação de status social, desejada pela maioria da população. É somente no final do século XIX, quando ocorre o desenvolvimento industrial, e o trabalho passa a ser remunerado dando direito a férias que a classe média pode participar de atividades turísticas, consolidando-se

no século XX, com base no entendimento de que o lazer, o ócio e as viagens são necessidades básicas humanas, indiferente de classe social e do poder aquisitivo. (ROQUE, 2001).

O turismo rural também é um segmento que atende um público com renda mais alta, comumente com acesso a formação intelectual. Park (1973) ao falar sobre a relação que os moradores urbanos de grandes cidades e metrópoles têm com dinheiro, fala sobre as possibilidades que a obtenção de renda por meio da divisão do trabalho e a maior mobilidade social nas cidades possibilita a mobilidade dos sujeitos pelo espaço - o autor aborda a mobilidade urbana, mas pode-se, nesse estudo comparar-se com a mobilidade para além do perímetro urbano, uma vez que os cidadãos que desejavam ter sua casa de campo, reservaram parte de sua renda ao longo da vida para a aquisição desse bem de desejo e despendem de parte da renda atual para o deslocamento até o campo e manutenção de outra casa.

Para Park (1973), os avanços tecnológicos e comunicacionais permitem que o indivíduo amplie sua mobilidade e seu repertório cultural, expandindo-os para além do seu espaço de reprodução socioeconômica cotidiana. Para esse autor, nem sempre há uma motivação consciente para as ações mobilizadas em relação ao dinheiro - o que é possível perceber entre os proprietários de segunda residência no campo, que por vezes associam sua vontade em passar seu tempo de lazer no espaço rural à identificação com a história de vida dos pais, ou avós e/ou por momentos significativos que viveram na infância:

A existência de uma atitude sentimental indica que existem motivos para a ação, dos quais o indivíduo por eles movido não tem consciência plena; motivos sobre os quais ele apenas tem um controle parcial. Todo sentimento tem uma história, seja na experiência do indivíduo, ou na experiência da raça, mas a pessoa que age por esse sentimento pode não estar ciente de sua história. (PARK, 1973, p. 37).

De acordo com Del Rio (2017) no México, a partir da década de 1990, as autoridades federais passaram a investir no planejamento e transformação dos lugares voltados ao turismo ligado a natureza, como uma ferramenta de desenvolvimento econômico. Tais ações criaram espaços e propriedades no campo, que proporcionavam aventura, melhoria das condições de saúde, contemplação,

contato com novas culturas, e estavam voltados àquilo que os cidadãos buscavam, ou seja, outro estilo de vida, baseado em ideários urbanos sobre o campo.

No Brasil, assim como em muitos países, o setor de turismo e governo investem na promoção de atividades de lazer ligadas ao turismo natural. Contudo, quando se relaciona a casas de segunda residência, percebe-se que não há investimento prévio e planejamento (seja sobre a infraestrutura ou mudanças e impactos causados pela nova dinâmica) acerca das áreas receptoras dessa modalidade habitacional.

É relevante destacar, que o crescimento de casas de segunda residência pode impactar as áreas receptoras. Há o aumento no preço das terras e por consequência, da carga fiscal; aumenta a necessidade por infraestrutura e a demanda por serviços; ocorre a modificação e por vezes a degradação da paisagem; as oportunidades de trabalho e movimentações econômicas causadas pelos proprietários são oscilantes, assim como nas modalidades de turismo; ocorre a ocupação territorial e habitacional apenas por período temporário; há modificações ambientais e culturais nas áreas impactadas por crescente ocupação de moradores urbanos; desmatamento para construção de novas residências e produção de lixo e resíduos aumentam; alteração da paisagem e da estética original são resultados da demanda crescente de moradores urbanos no campo. (DEL REI, 2017).

Contudo, devem-se considerar as modificações positivas levadas pelos cidadãos. De acordo com Del Rei (2017), os moradores de segunda residência levam ao campo o capital intelectual – geralmente os moradores da segunda residência tem acesso à educação formal, ainda restrita aos moradores do campo – que ajuda a promover os produtos e as particularidades do espaço rural e quando movimentam a economia do campo, auxiliam na permanência dos jovens nesse espaço, evitando o êxodo.

Para que haja a dominação física do território, é necessário que o cidadão tenha recursos financeiros para comprar um terreno e se for necessário, comprar ou construir uma casa ou alugar esse espaço por determinado tempo. Dentre os entrevistados dessa pesquisa, há variação de salários (de cinco a vinte salários por família) e variação de formação (do Ensino Fundamental incompleto a pós-graduados) e atividades desenvolvidas.

A propriedade de uma casa de segunda residência não é acessível a todas as classes sociais, pois além dos gastos com a compra da propriedade, também há

gastos com a manutenção, funcionários e outros, que se somados ao custo de vida da família na cidade, torna a aquisição de uma propriedade rural viável apenas a uma parcela da população.

Existem os custos de deslocamento para o campo e a manutenção de duas casas, a residência fixa na cidade e a casa no campo. De tal forma, observa-se que há um público pré-alinhado a posse de uma casa no campo, pois apesar das propriedades poderem ser oriundas de herança, geralmente são adquiridas para a realização de um sonho de vida ligado a motivações emocionais intensas, tanto que mobilizam a ação de despender recursos financeiros e tempo para a realização desse anseio:

Essa casa de campo, que nós estamos fazendo hoje, era nosso sonho de consumo desde que casamos, era nosso projeto, porque os avós do esposo eram desse lugar, então sempre foi nosso projeto. Quando apareceu esse terreno, que comprei dessa amiga de Curitiba, parece que deu tudo certo, porque eu já fui ver outras casas prontas, mas eu não queria uma casa dentro da cidade, eu queria uma casa de campo mesmo e quando calhou da gente comprar esse terreno, que deu certo, já está em projeto faz uns 10 anos. Nunca deu certo, porque eu tive a casa no Alagados e tal... E agora que deu certo, que a gente tá construindo, hoje já está lá, eu nem acredito, o esposo já está todo empolgado que quando ele se aposentar, vai ir morar no campo, nós dois. O objetivo é sair dessa correria, como a gente é empresário, você corre muito, você se estressa muito, então para nós está sendo tudo de bom. É um sonho. Sonho realizando ainda, não está realizado, mais está realizando. (ENTREVISTA, 2016).¹²⁸

Essa casa que é para ser minha e do esposo, a gente comprou o terreno em 2013, mas eu vou pro Passo há mais tempo, então desde 2006 mais ou menos, então tá ligado ao amor, porque quando eu comecei a namorar com ele, eles [esposo e amigos] já tinham/alugavam uma casinha, uma outra casinha de madeira, bom, alugam até hoje. Por causa disso a gente passou a ir com frequência para lá. Eu antes passava por ali, quando era para ir para a Mariquinha [cachoeira encontrada na região do distrito de Itaiacóca]. Sempre gostei daquela região, mas não tinha uma parada ali, aí por causa do aluguel dessa casa passei a ter. (ENTREVISTA, 2016).¹²⁹

É ter mais uma casa, como eu não acho importante comprar uma casa, porque ter a propriedade casa não é o mais importante, eu alugo. Para mim está bom, eu alugo a casa e é minha por enquanto, é minha casa, claro que

¹²⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹²⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

não é minha de propriedade, mas é minha de uso, então não importa. (ENTREVISTA, 2016).¹³⁰

A possibilidade de arcar com a manutenção de outra casa também pré-defini uma classe econômica de pessoas que tem acesso a essa modalidade de residência. Alguns serviços especializados são encontrados apenas nos centros urbanos e levar profissionais para realizar determinadas atividades na casa de campo pode tornar o serviço mais caro. Algumas tarefas são realizadas pelos próprios donos, que consideram essas atividades tipicamente rurais e por isso sentem prazer ao realizá-las, já que tem a oportunidade de integrar-se ao modo de vida pela experiência, mas a maior parte do trabalho é desempenhado por outras pessoas, até mesmo residentes locais. Nesse sentido, as segundas residências oportunizam atividades remuneradas para os moradores locais que podem aumentar a renda, desempenhando essas funções:

Olha, pago aluguel relativo, ainda que a gente divide com as pessoas, acho que não, acho que vale a pena, é um custo benefício maravilhoso, não sou sócio de clubes, então não pago mensalidade nenhuma de clubes, mas trocaria facilmente isso pela casa [de campo], então acho que é um dinheiro bem gasto. [...] Toda a manutenção é feita por nós [grupo de amigos que alugam a casa] em relação à casa, então nós temos uma grande sorte que o senhorio da casa é um casal que tem carneiros, ele abre a porteira da divisa entre a nossa casa e a casa dele e solta os carneiros lá, e os carneiros 'cortam' toda a grama. Não tem que ficar cortando grama na casa, a gente não se preocupa com o terreno, o terreno fica sempre limpinho [...]. Mas a limpeza da casa, dentro e fora, é por nossa conta, então sempre que um dos sócios vai lá, sempre deixa a casa limpa, às vezes a gente faz um mutirão e faz uma super-faxina, já pensamos em contratar alguém da região para fazer essa faxina, mais isso não aconteceu ainda. (ENTREVISTA, 2017).¹³¹

A gente que começou a construir sim [tem gastos], porque para levar material para lá é mais, um pouco mais difícil, porque são 20 quilômetros, têm umas casas de material de construção lá perto, pessoas para fazer o serviço também. A gente acabou achando um pedreiro que morava lá, mas agora nessa parte que tinha que cuidar, que fazer alguma coisa para cuidar [manutenção específica como hidráulica e elétrica], tinha que ver um pessoal aqui da cidade para ir para lá, mesmo assim, por exemplo, para roçar lá o terreno, ainda bem que o meu vizinho de cima ele faz esse tipo de

¹³⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹³¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

coisa, porque se não você não encontra mão de obra lá, então se você quer cuidar da casa tem isso. (ENTREVISTA, 2016).¹³²

Gera [muitos gastos], ainda mais que você têm duas casas, você gasta gasolina para ficar indo e voltando, você tem gasto com a casa porque você tem que ficar pagando caseiro, diarista. A manutenção a gente contrata pessoas, porque meu marido não faz nada, ele não gosta e não sabe fazer nada, ele contrata prestadora de serviços do lugar mesmo, e às vezes como lá é, uma 'cidadezinha' [vila distrital] bem pequena, têm serviços que não tem, a gente leva daqui, prestadores daqui, como quando estraga uma piscina, alguma coisa, tem que levar daqui. Agora que a gente vai fazer os móveis têm que levar tudo daqui, os projetistas, porque lá não tem. (ENTREVISTA, 2016).¹³³

Outro aspecto a ser considerado é a faixa etária. Geralmente as pessoas adultas e idosas são as que buscam adquirir casas de segunda residência. Essas pessoas têm nas suas memórias as lembranças vividas no passado no campo e as memórias compartilhadas de outras pessoas, familiares ou amigos, que são marcadas por acontecimentos rurais, estimulando um apreço pelo campo. Também é nessa faixa etária em que as pessoas, dentro do processo produtivo, se deparam com problemas relacionados ao estresse da vida cotidiana urbana, que interferem na saúde física e mental, quando se inicia um processo de ruptura com o modelo de vida até então estabelecido, almejando mais tranquilidade, aproveitando ainda o fato de que já alcançaram estabilidade profissional e financeira que lhes permite investir em outra residência, além da fixa.

Porém, essa característica não exclui pessoas mais jovens do apreço pelo campo. Os entrevistados consideram que a maioria das pessoas que estiveram na casa de campo gostaram do momento oferecido, exceto alguns jovens, pois tem maior dependência quanto ao uso de equipamentos para acesso a internet ou outras redes de comunicação, nem sempre disponíveis nos espaços rurais:

Eu e o esposo adoramos, o filho mais velho também gosta, a mulher dele também. A filha mais nova não gosta muito, porque ela é adolescente, então ela não gosta, ela gosta de ficar aqui na cidade, ela tem programas e

¹³² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹³³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

ela está estudando, tem provas essas coisas, mas todo mundo gosta de um modo geral. (ENTREVISTA, 2016).¹³⁴

Ah, eu penso que não. Algumas pessoas não conseguem ficar muito tempo no rural, tem essa coisa de ficar na cidade e tal. Mas como lá era ir e voltar, acho que todo mundo gosta, sem distinção de idade. (ENTREVISTA, 2016).¹³⁵

Percebo, às vezes vão às amigas da filha da minha esposa, minha enteada. Em um grupo grande uma ou duas só gostam e, a maioria, sente falta do computador, do celular, lá não pega celular, sentem falta dessas comodidades. Lá não tem televisão também, não temos som, não temos nada. Então essas pessoas mais jovens sentem falta daquilo. Por outro lado os mais velhos gostam da casa justamente por ela ter estas características, não ter essas modernidades. (ENTREVISTA, 2016).¹³⁶

Existem similaridades entre o domicílio para turismo e o domicílio de segunda residência. Mas entre os pesquisadores há o consenso de que na segunda categoria há o sentimento de apego, existindo vínculos afetivos e psicológicos não apenas com o espaço, mas existindo relações de socialização com vizinhos, sejam moradores locais ou turistas. (FONSECA e LIMA, 2012).

O sentido de localidade é mais forte quando o sentimento de pertencimento a um lugar é intenso, fortalecido pela identidade com o local. Os valores tidos como base da identidade de um grupo são o que sustenta sua existência e os distingue dos demais. É na possibilidade de se estabelecerem relações de distinção de outros grupos que se define a identidade e a sensação de pertencimento a um local. (CARNEIRO, 1998).

Nessa perspectiva o sentimento de ligação com o espaço rural define o processo identitário com o campo e intensifica nos moradores de segunda residência a capacidade de vivenciar múltiplas identidades e de apresentar sua expressão de identificação vinculada ao rural na estadia no campo, não como consumidores do espaço e modo de vida, mas como quem idealiza ser morador do campo, mesmo que por um período curto de tempo.

¹³⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹³⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹³⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

De acordo com Carneiro (1998) a paisagem exerce grande influência no processo de reconhecimento de um determinado espaço como próprio ao indivíduo, família ou grupo, porque contém componentes que são marcos e funcionam como pontos de apoio da memória “rios, morros, montanhas, árvores..., que persistem mesmo que transformados ou destruídos pela ação do homem.” (CARNEIRO, 1998, p. 1). De maneira geral, o sentimento de afeto pelo espaço, ou a topofilia, é uma motivação da ação de adquirir uma segunda casa, sobretudo na contemporaneidade, quando a ideia mítica do campo representa a possibilidade de encontro com a natureza.

A paisagem enquanto parte constituinte das memórias positivas sobre o campo e parte do patrimônio cultural e natural desse espaço, conforme discutido anteriormente, representa a objetividade e a subjetividade, o encontro da natureza e da sociedade. Para Rosendahl e Correa (2001) a paisagem é configurada nas práticas sociais no seu processo de construção pelo imaginário social, sendo ancorada no solo, modelada pelo trabalho humano e as transformações naturais, sendo historicamente construída em um sistema de valores e apreendida de maneira diferente, no tempo e espaço, pela percepção dos sujeitos.

A paisagem rural tem poder de encantamento sobre os sujeitos e é uma das estruturas da construção do imaginário social urbano sobre a vida do campo. A paisagem rural representa a natureza e a possibilidade de sua contemplação e contato, congrega a ação em todos os sentidos humanos, pois o morador de segunda residência quer sentir a paisagem, em todas as suas manifestações:

Acho que é o verde... Lá não têm água, porque ali naquela região específica não tem cachoeira. Mas é o verde, a cor do céu, a cor do verde, a variação, e eu acho que o som, a ausência do barulho da cidade, e a presença do barulho do campo, que é passarinho, vaca... Mais pelos passarinhos. (ENTREVISTA, 2016).¹³⁷

¹³⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

Para mim é um conjunto todo de cheiro, de cheiro de mato quando chove, sem dizer o visual, do pôr-do-sol, do nascer-do-sol... Tudo, uma delícia, eu estou sonhando com tudo! (ENTREVISTA, 2016).¹³⁸

Primeiro é natureza por ela mesma, ver a natureza, ver as árvores, ver o campo, ver a chuva, à noite, ver as estrelas... Então, essa visão de natureza é a primeira coisa. A segunda é a natureza em movimento, às vezes eu fico horas vendo o vento balançar as araucárias, os eucaliptos, os cedros, ver os pássaros voando, ver os carneiros, ver os quero-queros correndo, gritando quando a gente passa perto do ninho, ver uma grimpã de pinheiro que cai das araucárias e tal... Então, esse movimento da natureza que eu gosto muito, chuva, os cheiros, eu gosto do cheiro de vaca, do cheiro de porco, eu gosto do cheiro de campo, eu gosto do cheiro de algumas plantas, de algumas flores, de algumas árvores frutíferas, então esse cheiro me agrada muito, o cheiro depois da chuva e tal... E também algumas sensações: de pisar na terra, de pisar na grama, de pisar na terra molhada, de catar lenha e a lenha estar molhada. De catar grimpã [ramo desprendido da araucária, com folhas pontiagudas, que quando seco, é comumente utilizado na região Sul, para iniciar pequenas fogueiras, o fogo do fogão-a-lenha...] e furar o dedo, entende? De catar mimosa, de colher mimosa do pé, essas artimanhas que você tem que saber para você: que horas que aquela fruta dá para tirar, que horas que você corta a lenha, corta a lenha depois guarda. São todas essas coisas, que tipo de lenha que pode pôr no fogão e queima mais rápido, que queima mais devagar, então tudo isso eu acho que é marcante. (ENTREVISTA, 2016).¹³⁹

Certamente o ambiente exerce poder de despertar nas pessoas sentimentos diferenciados, por conter os estímulos sensoriais que movimentam as emoções humanas. As pessoas têm apego por um lugar e pelo conjunto de memórias afetivas que se liga ao espaço e ao modo de vida, ou ao conjunto de fixos e fluxos que vivenciou naquele espaço em dado momento de sua história, e mesmo que não seja boa, o trabalho intelectual vai reposicionar as lembranças para tornarem-se mais agradáveis, conforme Silva, G. (2009) quando discute a construção ideológica de campo ligada a memórias afetivas da infância.

As memórias compartilhadas com familiares podem auxiliar na formulação do desejo em ter uma casa de campo. Todavia, a motivação maior está em algo intrínseco à pessoa, as suas preferências, aos seus sonhos e anseios. A casa de segunda residência é uma construção ideológica relacionada à história de vida das pessoas. Pode parecer mais cômodo fazer um investimento em uma casa na praia, em outro imóvel urbano, mas essas pessoas tem um sentimento que as motiva a

¹³⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹³⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

buscar o campo e seu patrimônio cultural. De acordo com os entrevistados, o fato de amigos e parentes já possuírem casa de campo pode influenciar ou não na aquisição dessa propriedade, pois esse é um desejo que é vinculado mais ao lado afetivo familiar e pessoal. O que exerce maior influência é a ligação das suas histórias familiares com o campo, algum vínculo afetivo construído ao longo de suas vidas:

Não, por outras pessoas terem não. Sempre foi nossa decisão. Sempre foi gosto pessoal. Era um objetivo que nós temos, desde que a gente casou, o objetivo era construir essa casa. Tivemos outra casa de campo, tivemos até na praia, mas não satisfazia, a gente queria uma casa de campo mesmo, e agora na realidade a casa de Alagados era casa de veraneio, essa é uma casa de campo mesmo. Então esse que é nosso sonho, e ali nós vamos ficar até morrer. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴⁰

A construção idílica do campo também se refere à desconstrução da ideia de cidade como espaço de vida completa e feliz, quando há um processo de desconstrução dos vínculos identitários ou sua redução, entendendo-se a cidade como o local da reprodução da vida, mas o campo como o espaço da vida, pois segundo Tuan (2012, p. 142) “Para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo”. Esse valor não pode estar associado a fragmentos de vida, mas sim, a vida humana em sua completude.

De acordo com Hazin (2008) as pessoas buscam na segunda residência um espaço onde podem realizar atividades sem a coação de outras pessoas, das obrigações cotidianas, do trabalho, podendo vivenciar liberdade de ações com suas famílias. A representação social de campo, estruturada na memória e lembranças, do espaço vivido e das relações sociais sobre ele, refletem no desejo de possuir a casa de campo como segunda residência.

De acordo com Spink (2013) é importante à compreensão do contexto, da ambientação, onde são produzidas e disseminadas representações sociais, para melhor compreendê-las e sua influência na sociedade. A autora aponta para a existência de três tempos que marcam a perspectiva temporal de análise: o tempo curto (da interação e funcionalidade), o tempo vivido (do que se adquire no grupo social) e o tempo lento, das memórias sociais e imaginário social.

¹⁴⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

Para essas pessoas que vivem o sonho da segunda residência, o tempo curto refere-se ao tempo urbano, do trabalho, dos deslocamentos, da pressão, da circulação de informações e capital. O tempo vivido é aquele das relações sociais, das quais são por vezes privados pelas limitações impostas pelo tempo curto. E o tempo lento é aquele vinculado às memórias do campo, destinado ao sentimento bucólico, motivador do desejo de (re)viver o rural, não com a superficialidade do turista, mas como o morador, que sente as experiências rurais no corpo.

Contudo, a experiência do tempo lento do segundo residente enquanto morador rural também integra a construção romantizada de campo, pois na atualidade o tempo do campo é o tempo do capital, da tecnologia, da produção, tanto quanto o tempo da cidade – mesmo que a percepção de aceleração ou não do tempo não seja homogênea para os dois espaços dentro de suas especificidades, já que é dependente do tipo de rotina de cada sujeito, seja ele urbano ou rural, mostrando as diferentes temporalidades de cada espaço, como aborda Santos (1996), ao falar das maneiras singulares de uso do tempo em cada lugar.

A apreciação da vida do morador do campo faz parte da concepção da vida rural (ambiente, modo de vida, valores, cultura, paisagem, entre outras) idealizada pelos citadinos. Segundo Tuan (2012), o pequeno agricultor camponês tem um profundo conhecimento da natureza e seu contato com ela é expresso no seu próprio corpo, a sua estreita relação com os ciclos da natureza e da vida nela escrita pelo nascimento, crescimento e morte, mesmo que essa relação de inerência seja descrita, em sua grande maioria, por pessoas sem calos nas mãos:

Para o trabalhador rural, a natureza forma parte deles – e a beleza, consubstancia o processo da natureza podendo-se dizer que o personifica. Esse sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada dessa intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada. (TUAN, 2012, p. 141).

De acordo com Pretto (2014) o morador do campo dificilmente reconhece seu espaço e modo de vida, a paisagem e a cultura rural como patrimônios, pois estão intimamente associados à reprodução social, tendo um primeiro sentido pragmático, ligado a manutenção da vida cotidiana. Entretanto, o morador de

segunda residência aponta o conjunto constituído pelo espaço físico (sobretudo enquanto paisagem no sentido da compreensão cultural) e a cultura rural como bens patrimoniais de grande significância, tanto que os motiva a buscar conhecer, integrar-se e apropriar-se do modo de vida rural e muitas pessoas preservam em suas residências secundárias pequenos museus particulares voltados à preservação de bens que consideram tipicamente rurais – ligados à história da família, como herança ou adquiridos pelo significado que possuem.

Para Tuan (2012) o visitante tem um olhar que se volta aos aspectos positivos de um espaço, diferente do olhar do nativo, estruturado na sua vivência cotidiana, reconhecendo a totalidade de um ambiente. O morador nativo tem um comportamento que reflete a tradição do local, conhecimentos e mitos. O olhar do visitante, contudo, traz uma perspectiva inovadora e consegue perceber em um ambiente a beleza e a feiura que não são perceptíveis aos olhos dos nativos.

A percepção diferenciada a respeito do campo a partir do olhar dos citadinos, intensifica a procura por eventos e atividades ligadas ao ambiente rural como feiras e os famosos caminhos e trilhas (ligados geralmente a ambientações étnicas e aos produtos turísticos oferecidos nesses circuitos, como vinho, queijos, atividades religiosas). Todavia, as pessoas que almejam uma segunda residência procuram distanciar-se dessas atividades, por considerarem que há uma artificialização exagerada do modo de vida rural:

Não, eu não gosto. Eu não gosto da artificialidade destes roteiros. O que eu gosto é de ir ao campo e me sentir um morador de lá. Não que eu procure ser um deles, o meu comportamento é muito parecido com o deles. Eu sou discreto, eu fico na minha, eu converso com o vizinhos, eu vou até a bodega, até a mercearia, eu vou lá nas festas, eu sempre ando devagar com o carro, eu não faço barulho, então é nesse sentido que é minha relação com esse lugar. Eu não gosto dessa artificialidade, de ir nos lugares como se fosse um pacote turístico. Eu prefiro curtir lá como é na realidade, a verdade verdadeira deles. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴¹

De acordo com Tulik (1995) para que uma residência seja considerada segunda residência é necessário que o sujeito tenha outra residência que considere como principal, opondo-se a ideia de primeira residência. Para essa autora uma das

¹⁴¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

questões que auxilia a definição da segunda residência é o tempo de permanência, e esta é uma das questões dentre as quais os autores convergem:

A temporalidade na ocupação corresponde a uma outra concordância entre os autores. Ninguém reside, permanente, numa residência secundária, mas ocupa esse espaço por períodos mais ou menos prolongados em função do tempo livre, da disponibilidade financeira e da distância do domicílio principal. Estes e outros fatores contribuem para explicar as concentrações de residências secundárias em certas áreas. (TULIK, 1995, p. 32).

A permanência no campo possibilita aos moradores de segunda residência atividades em que há estreita relação com as esferas sentimentais de atuação do ser humano no espaço. O campo representa a possibilidade de suprimir as insatisfações, pressões e o processo de alienação da sua própria vida, sentido nas cidades.

Para Pereira (2014) nas discussões conceituais que buscam diferenciar o turista do morador de segunda residência (denominado pelo autor como vilegiaturista) o turista seria o indivíduo que durante sua atividade de lazer está em constante deslocamento, buscando constantemente novas atividades que lhe gerem prazer, já os moradores de domicílio ocasional é aquele que vê na sedentarização fora do seu espaço de moradia cotidiano a realização do prazer. Contudo, o autor ressalta que o turista pode por vezes praticar vilegiatura e o vilegiaturista também pode praticar turismo durante sua estadia. A vivência de segunda residência seria aquela em que há uma organização de atividades que privilegia a experiência do tempo lento, das práticas sociais e do prazer no tempo de estadia.

Segundo Quinn (2004) a casa de segunda residência seria a resposta dada as condições de vida moderna nas cidades ocidentais contemporâneas, a vida acelerada e estressante. Para a autora, a expressão “fuga do urbano” consegue descrever a essência da prática que envolve os ideais de retorno, redescoberta e regeneração, vivida pelos proprietários de residência secundária. Essas pessoas experimentam a ambiguidade de viver a sua ‘vida moderna’ na casa principal e o combate a ‘vida moderna’ na casa secundária, o que envolve a relação complexa entre pertencer ou não ao espaço. A escolha do lugar da segunda casa, não é aleatório para esse grupo, pois os vínculos se constroem no acúmulo de

experiências ao longo da vida, e não trata-se apenas na questão de residir temporariamente, mas de pertencer àquele espaço.

De acordo com Hazin (2008) a casa da residência secundária pode até apresentar-se como um bem material, um investimento para renda futura, mas seu valor real está naquilo que representa para seu proprietário e a sua família. De acordo com essa autora, a casa de segunda residência é espaço de liberdade, de realizar atividades por paixão, de paz e tranquilidade, indo além do lazer, mas representando a possibilidade de um novo estilo de vida, mesmo que temporário, para essas pessoas:

Para nós não será [investimento financeiro], porque a gente não pretende vender. Esse apartamento quando a gente adquiriu, para mim foi pensando no financeiro, porque a gente não sabia se queria, mas foi um prédio na época era muito lindo, um prédio bom e bem localizado. Mas lá não, a gente não está fazendo um investimento porque a gente não pretende vender, queremos deixar para os filhos, porque é uma herança de família digamos, como os avós do esposo eram de lá, os pais dele, aí a gente quer que os nossos filhos também tenham. Porque na verdade nossos filhos cresceram lá, eles sempre iam passar as férias lá e adoravam. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴²

Acaba sendo [um investimento financeiro], mas acho que o fim é um investimento afetivo. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴³

Não, não [sobre ser um investimento financeiro], porque como ela é alugada, acho que é um investimento pela qualidade de vida, acho que é um investimento em mim, no sentido de que eu vivo melhor com ela, eu sou mais feliz com ela. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴⁴

A prática da segunda residência traria um sentido de vinculação sentimental com o espaço da casa, dando-lhe o sentido de habitar. A casa englobaria o sentido simbólico, social e espacial. Contudo, para a sociedade contemporânea, a casa tornou-se um espaço que atende as necessidades básicas de habitação e não poderia existir para o mesmo lugar o sentido de habitação e prazer. O ócio, a fuga

¹⁴² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁴³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁴⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

do cotidiano e a realização, devem estar associadas a outro espaço. Para tanto ocorre uma fragmentação espaço-temporal, para que seja integrado ao cotidiano da família moderna a vivência em um espaço de fuga, a segunda residência. (PEREIRA, 2014).

Para Pino Artacho (2015) a casa de segunda residência é vinculada ao capital, pois serve como uma posse que garante circulação e atuação entre diferentes espaços e também é um marco entre classes sociais. A segunda casa representa ainda a relação entre a mobilidade e a conectividade entre diferentes espaços e partes da história das pessoas que a vivenciam. Para o autor, a casa de segunda residência também se liga ao ócio do mundo contemporâneo e às necessidades criadas pelo capital de dar sentido há esse tempo, por meio da criação de necessidades de consumo, como a busca por qualidade de vida pelo contato com a natureza e da vivência do modo de vida bucólico idilicamente ligado a paz, a tranquilidade e a nostalgia.

Diferenciando-se do turismo rural, mesmo que o período de permanência no campo seja semelhante aquele das práticas turísticas, a experiência da segunda residência possui um sentido de libertação, de contemplação, de construção e (re)conhecimento do eu, sendo um tipo de lazer construtivo e recuperativo no sentido que Requixa (1980) expõe ao falar da influência na recuperação psicossomática, representa um período de tempo de lazer e melhoria da qualidade de vida, ligado a identidade, a memória a as sensações simbólicas e profundas sobre um espaço:

O “sentido” da vida não pode ser buscado, como muitas vezes somos forçados a crer, apenas num fim de semana, ou numa viagem, embora essas ocasiões possam ser consideradas como possibilidades de felicidade e formas de resistência para o dia-a-dia. (SILVA, 2011, 29).

Para reencontrar o sentido da vida, os moradores urbanos buscam o campo, enquanto espaço que possibilita uma relação com a natureza, seja ela a humana ou a humanizada. Os vínculos que se criam sobre o território rural, no seu sentido amplo de apropriação, resultam da história pessoal, da vida própria, ou das memórias conjuntas. Para Tuan (2012) mesmo que o ambiente não seja a causa da topofilia – relação de bem-estar com o espaço no sentido amplo – é capaz de oferecer estímulos sensoriais que dão forma as emoções ao contracenarem com a

paisagem, enquanto imagem, influenciando no tipo de valoração dada ao espaço vivido, pois “Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época.” (TUAN, 2012, p. 161).

Conforme apresentou-se anteriormente, as representações que se tem sobre o campo são mutáveis e influenciadas pelo momento histórico, determinadas pelo modo de produção e pelas determinações espaciais por ele designadas a cada espaço – a cidade enquanto espaço de produção do saber, da concentração do poder e do fluxo do capital, posteriormente como centro das angústias do homem moderno e o campo, visto primeiramente enquanto atrasado e espaço de produção agropecuária, entendido em seguida como refúgio e possibilidade de completude da vida humana.

Os avanços dos conhecimentos e das técnicas, resultantes do processo de modernização da sociedade, certamente exercem poder na relação que se estabelecem entre os locais, aproximando campo e cidade pela intensidade do fluxo de bens, serviços e valores sociais entre espaços constituídos por lógicas de produção e modo de vida tão distintos. Vários são os locais escolhidos para receber a segunda residência: vales, serras, regiões litorâneas e praias. Mas dentre esses, o campo é escolhido por um conjunto de peculiaridades ligadas, sobretudo as histórias e a representação social construída sobre esse espaço.

Muito se tem discutido sobre a importância em compreender o lugar da natureza na vida humana e na história da sociedade. O campo passou a ser entendido dentro de um contexto de ressignificação e recebeu uma valorização simbólica significativa. Para Joaquim (1997, p. 75) dentro da abordagem do turismo, o campo passa por um processo de consumo mítico, no que engloba sua cultura e os modos de vida “detentores de uma pureza e de uma autenticidade que se tornou forte atração turística”, surgindo uma aura bucólica tornada devaneio para o citadino.

A escolha do local de segunda residência, entretanto, é resultado de uma combinação de fatores, entre eles a proximidade de acesso ao campo. Para Assis (2003) as segundas residências geralmente são relacionadas às áreas próximas dos centros urbanos da residência fixa dos moradores, mas com a expansão urbana acelerada, há um processo de busca pelo distanciamento cada vez maior dos grandes centros.

Os entrevistados utilizam carro próprio para fazer esse deslocamento. De acordo com eles, a proximidade das áreas rurais aos centros urbanos é um fator de relevância para a escolha da segunda residência especificamente no campo. Para essas pessoas, a proximidade facilita o deslocamento rápido e para estadias menos longas, como feriados e fins de semana. Essa proximidade também torna o deslocamento mais barato – gasto com combustível, pedágios e desgaste do veículo. De tal forma, a distância da segunda residência determina a sua frequência e a permanência dos moradores nela:

Eu acho [que a proximidade dos centros urbanos influencia], porque assim, a gente já teve casa em praia, eu e o esposo. O que acontece com a casa de praia você vai muito pouco, até porque a nossa era longe, em Camboriú, e para ir à praia você tem que se programar, é muito complicado, e eu prefiro a natureza do campo do que a natureza de praia. O que faz a gente escolher entre campo e praia é também a distância sem dúvida, é bem pertinho, gostoso, você vai todo o final de semana. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴⁵

Eu acho que sim, porque está bem perto, dá meia hora de carro do centro da cidade, são 20 km, é asfaltado embora seja uma estrada perigosa é asfaltada, então eu acho que facilita bastante. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴⁶

Eu acho que no meu caso, o Passo-do-Pupo é fundamental, é uma vila com vários moradores, as casinhas são vendidas em terrenos menores, o que facilita a compra, não são chácaras. Há muita estrutura ali, tem borracharia, tem mercadinho, tem igreja. Um chama o outro, às vezes uma pessoa vai morar lá, um amigo já se interessa, às vezes primo, um irmão se interessa e vai morar também. Então o fato de ser um distrito, na verdade não chega a ser um distrito, é uma vilazinha dentro do Distrito de Itaiacóca favorece, facilita essa locomoção. (ENTREVISTA, 2016).¹⁴⁷

Os entrevistados não tem pretensão de adquirir casa em outra cidade, pois o estilo de vida seria semelhante àquele que tem na cidade de Ponta Grossa, mesmo que cite elementos pontuais que são atrativos em outras cidades. Também relatam que não consideram a aquisição de uma casa de praia, pois os deslocamentos se tornam dificultosos e caros e o fato de ter casa em uma praia específica “engessa”

¹⁴⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁴⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁴⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

às possibilidades de conhecer novas praias ao passo que preferem visitar várias praias quando se dirigem a região litorânea.

O campo, como o lugar da segunda residência não é escolhido apenas pelas facilidades de acesso dadas à proximidade dos centros urbanos e de maneira específica no município de Ponta Grossa, pela facilidade de acesso aos distritos, e pela infraestrutura que é encontrada nas vilas distritais. O espaço rural também é escolhido pela representação simbólica e pelo conjunto de sentimentos que compõem sua idealização.

Porque está mais próximo, em meia horinha você está lá, se for uma praia leva muito mais que isso. Numa outra cidade, também acho que fica um pouco mais difícil de chegar, então essa facilidade de chegar lá conta bastante, e a natureza, **porque tem laços também, conta bastante.** (ENTREVISTA, 2016, [grifos da autora]).¹⁴⁸

Sim, eu já pensei em ter uma casa em Curitiba, eu acho que seria muito interessante, eu gosto muito de lá. Então se eu tivesse condições financeiras eu teria, um apartamento, uma quitinete em Curitiba, uma quitinete para eu poder ir lá de vez em quando, para ir nos lugares que eu gosto de ir, mas eu não tenho dinheiro. Uma casa na praia eu acho que é um pouco engessador, tem que ir sempre à mesma praia, eu gosto sempre de ir a lugares diferentes, então a casa na praia, se eu tivesse bastante dinheiro talvez eu tivesse também uma casa na praia, mas não tenho e não alugo uma casa na praia, eu gosto de ficar no hotel, ficar no *camping*. Mar e campo é diferente, como o campo é **destes três lugares, outra cidade, praia e campo: campo é o que eu mais gosto.** E que para mim é mais fácil de ir porque em poucos minutos eu estou lá, por este motivo que resolvi ter a casa lá, para eu poder realizar sempre isso, sempre fazer esse deslocamento e ter lá um lugar para ficar, um lugar para comer, um lugar para dormir, um lugar para descansar, para mim é perfeito. **A minha vida em algum sentido assim, ela é antes e depois dessa casa, depois dela eu me sinto muito bem, muito bem mesmo, eu tenho um amor pela casa, e não é pela casa em si, mas pelo que ela representa, pelo que ela me proporciona, a mim e aos meus amigos.** (ENTREVISTA, 2016, [grifos nossos]).¹⁴⁹

A intensificação do turismo e da busca de casas de segunda residência tem alterado a posse da terra no campo. De acordo com Carneiro (1998) a venda de espaço para a construção e casas de campo altera a transmissão patrimonial do campo, pois comumente no momento da partilha de herança, a terra é vendida para

¹⁴⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁴⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

peessoas “de fora”. Para a autora esse processo é motivado pela desassociação da produção agropecuária e valor simbólico da propriedade rural ligado à família para os moradores permanentes. (CARNEIRO, 1998). O aumento das casas de segunda residência muda à dinâmica da posse da terra, mesmo que os terrenos vendidos sejam relativamente pequenos – o tamanho usual é o da casa e um pequeno quintal com pomar).

Percebe-se que a busca massiva dos moradores urbanos pelos espaços rurais, no caso do município de Ponta Grossa, pelos distritos rurais, tem causado um inchaço de moradores urbanos nesses espaços o que motiva algumas alterações ambientais e comportamentais percebidas pelos próprios moradores de segunda residência. É comum que se formem áreas de concentração de casas de campo, pela infraestrutura de acesso, de equipamentos existentes como comércios locais, formando pequenas ‘vilas’:

Percebo, até de uns três anos para cá, a gente viu um crescimento muito grande do número de pessoas que começou a alugar e comprar casas lá, e antes não tinha, antes eram moradores fixos lá, e agora passou a ser, eu não sei em que proporção, mais muita gente lá hoje, são moradores da cidade que têm segunda residência. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵⁰

Muda, e eu acho que é para pior. Uma das coisas que me agrada na casa do campo é o fato de você ir lá e ter um estilo de vida que é dos moradores locais, que eu gosto muito, eu aprecio muito isso, respeito muito e gosto muito, e ultimamente tem havido um aumento muito grande de pessoas que vêm da cidade com hábitos da cidade. Então, quando você vai dormir lá, tem som alto até de madrugada, coisas que muitas vezes a gente não tinha. Então, isso para mim quebrou um pouco. Quando eu fujo da cidade para ir lá, é como se eu fosse lá e encontrasse a cidade também lá. Gente passando com o carro correndo entre as casinhas... Claro que não é sempre que isso acontece, mais eu lamento. Claro que eu gostaria de ser o único morador da cidade que fosse lá. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵¹

Eu acho nos distritos, nas vilas há uma influência muito grande da vida urbana por esse aumento da segunda residência. Essas pessoas acabam influenciando demais, como se o estilo de vida deles fosse correto, então eu vejo alguns moradores do campo tentando viver como essas pessoas, e a própria presença deles lá urbaniza, como eu moro numa vila, é uma minicidade, ainda que as casa seja muito distantes e os terrenos tenham muitas árvores e tal. Então, acho que há uma influência grande, mas longe

¹⁵⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁵¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

quando saio dali e vou para alguma casa mais longe, quando vou para alguma propriedade mais longe, quando saio de carro pelas estradinhas, aí percebo que ainda se vive bem aquele estilo do campo, mesmo que essas pessoas ainda que elas tenham antena parabólica, ou usem celular, acho que elas ainda vivem a essência do campo, que é aquela vida com a natureza, com a produção do campo, com os animais, o estilo de vida, da pessoa sensível, acho que o campo ainda existe lá. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵²

Há, entretanto, cidadãos que buscam locais mais isolados para residir no campo, para evitar todas as perturbações das quais fogem nos centros urbanos. Outro problema relatado pelos proprietários de segunda residência é o aumento da violência no campo, não em mesma quantidade e intensidade dos espaços urbanos, mas já é uma preocupação para esse grupo de pessoas, para as quais uma das motivações em buscar áreas mais isoladas é a fuga da violência:

Isso [atos de violência] não ocorre com frequência, mas teve esse episódio que me deixou mais receosa, que tem que cuidar um pouquinho mais e tal. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵³

Recentemente, teve um caso assim que a polícia foi parar na frente da casa desse meu vizinho, porque um cara lá furou a blitz, estava com uma arma dentro do carro, então agora eu vou com mais cuidado, porque eu já fui sozinha assim bem cedo, 9 horas estava lá, e entrei na casa assim. Então agora eu já vou cuidando, olhando um pouco mais. Teve outro episódio de roubo, de tentativa de roubo ali na região. Tem que ir cuidando, como em qualquer outro lugar eu acho, mas é que antes, há alguns anos, a gente não ouvia falar disso lá. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵⁴

A única coisa que me incomoda no campo, assim como eu acho que é um stress, que é um stress urbano, é o medo de assalto que se pratica nas casas do campo. Então, às vezes eu vou dormir lá e eu levo uma espingarda, eu não gosto de levar ela, mas eu tenho que levar, porque é tudo muito vulnerável lá, então a casa é longe de tudo, se chega lá um assaltante, por exemplo, ninguém vai ficar sabendo, como acontece com as pessoas que vivem na zona rural. Então, isso é um fantasma que assombra a mim e aos meus vizinhos e me deixa muito tenso, eu lembro que no começo, já faz uns dez anos que eu moro lá, eu nunca pensava muito e agora a gente pensa muito. Às vezes a gente lembra disso e fica meio tenso, não relaxa totalmente como a gente fazia antes, deixar a casa aberta, a porteira aberta, no verão, por exemplo, ficar lá dentro com tudo aberto. É

¹⁵² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁵³ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁵⁴ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

tão fácil chegar alguém e assaltar todo mundo, e entrar na casa e render todo mundo lá dentro e ninguém para ver, então isso é uma coisa ruim, acho que é a única coisa ruim que eu vejo. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵⁵

Excetuando-se alguns problemas pontuais como o aumento da insegurança no campo, a vida nesse espaço trás muita satisfação aos moradores de segunda residência. A casa de campo foge a lógica da residência enquanto local de habitação, pois representa um refúgio, não no sentido vazio da abordagem do lazer, mas como possibilidade de (re)construção de si. A casa da segunda residência é o espaço da vida sonhada, do idílico, da afetividade:

Eu gosto 100% de lá! A única coisa que digamos que é 90%, que é meio rústico, e eu sou meio vaidosa, eu gosto de um salãozinho, em termos de pessoa, pessoal é 100% o resto é detalhe, mas eu gosto mais do que da cidade, de campo mais do que da cidade. [...] [Quanto à falta de alguns serviços mais especializados], mas a gente dá um jeito lá, vai para cidadezinha do lado, não tem problema, isso para mim não é empecilho não, ainda mais que tem carro. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵⁶

Muito diferente, me agrada muito. Não moraria lá, porque eu sinto falta das questões sociais e culturais que tem na cidade, que eu estou muito acostumado com elas, meu trabalho, bares, cinemas essas coisas, mas me faz bem ir lá de vez em quando. ((ENTREVISTA, 2016).¹⁵⁷

Os moradores da cidade que vão para o campo apresentam vínculos sentimentais de apego ao espaço e satisfação por conquistar a realização de um sonho, a casa de campo, que está vinculado às suas experiências e sensações mais pessoais. Depois de realizarem-se obtendo a casa no campo e poder vivenciar as experiências ligadas ao ideário de modo de vida rural de maneira mais realista, não tem pretensão de deixar sua habitação. A casa do campo para essas pessoas representa muito mais que um bem material, é um bem afetivo:

Não [pretende deixar de ter a casa de campo], tanto é a gente está fazendo uma capela lá, eu e uma amiga. A gente tá fazendo uma gruta, uma capela

¹⁵⁵ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁵⁶ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁵⁷ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

com um ar bem bonitinho, com uma janela, com um banquinho, perto do rio, que dá 1 km da casa, não dá isso, acho que dá uns 800 m da casa. A gente vai fazer uma capela, nós vamos ser cremadas e nossas cinzas vão ser jogadas ali, que **dali a gente não quer sair nunca mais**. Vamos fazer, já combinamos com todo mundo, o esposo quer que, se ele morrer antes que eu, ele quer ser cremado, nós todos queremos ser cremados, ele quer que jogue as cinzas por cima da chácara toda de helicóptero, alugar o helicóptero para jogar as cinzas dele, a metade, em cima de todo o campo da casa, e a outra metade joga na capela. Eu disse 'tá bom, se eu morrer depois faço isso, pode jogar a minha lá na capela que já tá bom, e no meu jardim de flores que eu vou ter eu quero também que jogue, perto do meu querubim'. (ENTREVISTA, 2016, [grifos da autora]).¹⁵⁸

Por tudo que aconteceu [falecimento do esposo], eu já pensei em vender, mas acho que não vai acontecer, eu acho que eu estou afim de dar um tempo para mim, para me organizar. Então eu dei esse cuidado que precisava na casa, para ela não deteriorar, até que eu possa resolver. E também é meio difícil, a emoção que eu tenho lá é meio contrastante, ao mesmo tempo que eu gosto do que tem lá, eu fico muito triste. Mas eu acho que vai chegar uma hora que isso vai mudar um pouco e vai ser mais fácil, então eu acho que eu não vou vender a casa, acho que não. (ENTREVISTA, 2016).¹⁵⁹

Não, seu eu não pudesse, de repente não ter mais ela eu ia procurar outra. Na verdade eu estou sempre indo para o campo, às vezes quando eu não vou para minha casa, eu vou com a bicicleta, com a moto ou com o carro, vou para o campo. Tomo uma dose de campo toda à semana, toda semana vou para esses lugares. Nem sempre vou para minha casa, às vezes pego uma estradinha, ando, paro lá num lugar, faço a mesma coisa que faço lá, entro no lugar, tomo uma cerveja, como alguma coisa, fico especulando lá com o dono do mercadinho, se tem alguém lá eu puxo assunto, então eu acho que toda a hora. Agora que você me pergunta, ficou claro para mim, e mesmo quando não vou à minha casa, vou para o campo, vou para o campo sempre, tanto que eu tenho ícones que são próprios da análise do campo justamente de tanto que gosto. (ENTREVISTA, 2016).¹⁶⁰

A ideia de contato com a natureza, com um modo de vida mais tranquilo, e a possibilidade de integrar a rotina e hábitos como o cultivo e consumo de alimentos com menos agrotóxicos remete a ideia de uma vida mais saudável. A qualidade de vida relacionada à saúde, diz respeito não apenas ao bem-estar físico, mas também a saúde mental.

¹⁵⁸ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁵⁹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

¹⁶⁰ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

Para Parolin e Belline (2015) existe um conflito na atualidade que afeta a saúde psicológica das pessoas e se estabelece justamente na ruptura da ligação ser humano-natureza. Frente ao processo de distanciamento com o natural, forma-se uma necessidade em reposicionar-se no espaço, tempo e sociedade, formando conflitos de caráter existencial e transcendental, pois enquanto entidades biológicas estamos intrinsecamente ligados a natureza. Entretanto, na contemporaneidade o estranhamento não se dá apenas na relação homem-natureza, mas também nas relações sociais, quando ocorre um processo de degradação e deslocamento identitários e da memória, que levam ao desejo de aproximar-se novamente dos ambientes naturais e compreender ‘qual é o nosso lugar no mundo?’.

O lazer está intimamente ligado à qualidade de vida e a saúde, ao auxiliar no desenvolvimento integral (bem-estar social, educacional, profissional, cultural entre outros) do ser humano. O lazer deve ser significativo e prazeroso e auxiliar na relação com o corpo, com os outros e com o meio-ambiente de vida, no contexto material e simbólico da realidade histórico-cultural. Assim, a casa de segunda residência representaria a possibilidade de realizar uma atividade de lazer, não vinculada ao turismo, mas sim a construção de outra identidade ligada ao modo de vida rural, entendido como mais saudável pelos entrevistados:

Muito, muito mesmo. Porque além dos hábitos alimentares, lá você se alimenta muito melhor, tem contato, têm um monte de coisas puras, sem veneno, sem agrotóxicos, e a tua paz de espírito, superimportante. Você caminha, você pensa, você está perto das pessoas que você gosta, não trabalha tanto, levanta um pouco mais tarde, porque aqui eu levanto as 6 horas, lá não, levanta as 9. Vai dormir mais tarde, fica na frente da lareira, é uma delícia! Reflete na tua qualidade de vida então. Reflete sim, quando você vai para um lugar desses, você volta com as energias renovadas, certeza! ((ENTREVISTA, 2016)).¹⁶¹

Total, eu até acho que eu devia ir mais lá, de tão bom que isso é para mim. Só o fato de eu desacelerar, já é ótimo, de eu fazer atividades físicas, cortar lenha, catar grimpá. O modo de vida rural é mais saudável. Totalmente. A alimentação, velocidade das coisas, ar puro, contato com a natureza, contato com bichos, isso é ótimo, faz bem. Contato com pessoas calmas, pessoas sinceras, honestas, a maioria das pessoas do campo são

¹⁶¹ Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

honestas, são de palavra, são fiéis, então esse desarmar. (ENTREVISTA, 2016).¹⁶²

Para Silva (2011) a sociedade contemporânea é marcada pela produtividade e essa lógica afetaria diretamente a compreensão do lazer. Para a autora o valor atribuído a algo está diretamente ligado ao desempenho de um produto e não ao “processo de vivência que lhe dá origem”, sendo as práticas realizadas compulsoriamente por moda ou status. De tal forma, a ideia dessa autora pode ser aplicada ao turismo, que busca vender o produto campo e modo de vida rural, mas não a vivência mais profunda e significativa desse espaço e seu patrimônio cultural e natural.

A ida as casas de campo são recorrentes na história e sim, por vezes podem ser associadas ao modismo – primeiramente, a ida ao campo era recomendada a elite como forma de tratamento para as doenças do corpo e da alma; posteriormente, quando a classe social abastada procura a fuga dos centros urbanos, no período da Revolução Industrial europeia, leva consigo classes menos favorecidas, buscando os subúrbios e campo; cidades se formam ao redor do desejo de habitar no campo da aristocracia. Um bom exemplo é o que se estabeleceu em Petrópolis, onde a casa de campo da monarquia serviu de ponto de partida para a instalação de casas de campo dos ricos que desejavam copiar ou estar perto dos monarcas.

Entretanto, percebe-se que a busca pela segunda residência no contexto histórico hodierno, caracteriza-se muito mais pela saturação com o modelo de vida urbano, dentro do ambiente das atuais cidades globalizadas capitalistas modernas, onde a exigência pela produtividade, a violência, a percepção do tempo transcorrer mais rapidamente, o barulho, o desassossego, a falta de vínculos afetivos mais profundos confiáveis, caracterizam e motivam o processo de fuga das cidades.

Determinados indivíduos, compartilham um conjunto de desejos, hábitos e costumes, baseados em suas experiências de vida e bagagem cultural, que determinam suas práticas cotidianas do universo objetivo e simbólico, sentem que a rotina cotidiana urbana, voltada a produção e manutenção da vida urbana, de acordo com o ritmo imposto pela venda da força de trabalho e pelo consumo, não supre

¹⁶² Informação fornecida por proprietário(a) de segunda residência à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2016.

mais sua necessidade humana, que também contempla o descanso, tranquilidade, sossego e paz psicológica:

A temporalidade do capital, sobretudo nesse período técnico-científico e informacional, com sua velocidade em permanente *frenesi*, relativiza de tal forma a relação que cada povo e cada cultura estabeleceu com o espaço, com o tempo, com a natureza em geral e com sua manifestação em cada ser específico e por suas relações entre si, que termina por tornar obsoleto qualquer sistema de normas, antes mesmo que tenha sido assimilado por cada um dos que seriam responsáveis por estabelecê-lo. Se o *ethos* é o conjunto de valores partilhado em comum por um determinado grupo humano, o ritmo com que os valores são estabelecidos implica procedimentos diferenciados, inclusive de tempos que, via de regra, estão sendo atropelados, não há palavra mais apropriada, por uma lógica imperativa que se acha, ela mesma, o próprio tempo, daí *time is money*: tempo é dinheiro. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 278).

Em contrapartida, constrói-se um conceito acerca do campo enquanto espaço de paz, tranquilidade, tempo lento, harmonia e confiança pelos vizinhos, pautada em memórias compartilhadas ou lembranças associadas ao espaço rural, na paisagem, no modo de viver e no sujeito do campo.

As cidades contemporâneas enfrentam um processo de ressignificação e ocorre uma ruptura com o modelo de vida urbana atual, demonstrando que não há planejamento adequado para atender os novos anseios de vida na cidade construído no ideário social urbano. Para o grupo de pessoas que sentem esse estranhamento, a aquisição de uma casa de segunda residência, torna-se um sonho de consumo e uma realidade, que compreende a ideia de refúgio da problemática da vida urbana cotidiana.

Conforme Aronsson (2004) na sociedade contemporânea as atividades da vida cotidiana acontecem espacialmente de maneira complexa. O trabalho, as relações sociais, o lazer, acontecem em diferentes espaços e por isso, é comum ter raízes em múltiplos lugares. Nesse sentido, a crescente mobilidade adquirida pelo desenvolvimento das técnicas de transporte e comunicação em massa tem grande papel como facilitador, sobretudo para os proprietários de segunda residência, que podem fixar suas raízes entre a mobilidade de espaços diversos. Nas residências secundárias de campo, geralmente essas pessoas se ocupam de atividades que propiciem conexão com a natureza e buscam exercitar a vida social, pois consideram que é uma oportunidade mais rica que na primeira residência. Isso mostra que a mobilidade e a possibilidade de criar raízes múltiplas no espaço,

expressa o desejo de fuga e a busca por experiências mais autênticas, por laços identitários, raízes, sem perder os vínculos com o espaço de residência diária, mais fragmentado e inquietante.

Essa antiga relação entre campo-cidade é composta por uma trama complexa de outras relações, que estão passando por um processo de reestruturação, que enfrentam o problema da indefinição de limites entre campo e cidade, pois são cada dia mais tênues, ao passo de que a cultura homogeneizadora do mundo capitalista urbano ultrapassa as fronteiras da cidade e chega ao campo. Essa diferenciação entendida a partir da ideia de campo e cidade como dois espaços opostos, se esvaecem com as novas configurações das relações. De tal maneira, faz-se necessário atualizar as pesquisas e definições referentes à discussão sobre esses limites.

O campo é constituído de diferentes coexistências que compreendem o novo e o velho, o antigo e o atual, o tradicional e o moderno são encontrados num mesmo espaço e constituem não apenas a paisagem como a cultura típica do campo. O turismo vê no campo e no desejo crescente pelo contato com um modo de vida mais tranquilo a possibilidade de expandir suas ações.

A venda do patrimônio cultural e natural rurais são um dos nichos de mercado do turismo. Esse patrimônio congrega não apenas o passado, nas formas materializadas, mas o modo de vida desse espaço que absorve no cotidiano o novo, o diferente, o moderno e se reestrutura frente às novas dinâmicas produtivas atribuídas ao campo.

As casas de segunda residência estão ligadas, sobretudo, a um lado subjetivo. Contudo, não se pode ignorar a influência da condição social na possibilidade de acesso a esse bem. Diferentemente do turismo, a casa de segunda residência tem um aspecto simbólico, histórico, da vida, de preferência. A casa de segunda residência não é um produto turístico, mas por vezes fruto dele, para algumas pessoas que se sentem motivadas a aquisição da casa de campo por desejar estar mais próximas a realidade rural que lhes exerce encantamento.

Quando associado ao lazer, a segunda casa permite a ocupação do tempo com atividades prazerosas, mas não vazias de sentido e significado. A casa de campo pode ser entendida como um espaço de fuga, contudo, uma fuga construtiva para dentro de si. Disponibilizar-se a estar no campo para vivenciá-lo como um

morador é querer contemplar a proximidade com a natureza, com a cultura, querer integrar-se a vizinhança.

A mudança de vida, mesmo que por um curto período de tempo - a permanência na casa de campo - representa para essas pessoas que tem a segunda casa, a cura do corpo e da alma e a religação com sua natureza e essência humana, pela contemplação participativa da natureza que se move. O deleite por estar vivendo o desejado momento de lentidão do tempo é apanágio para a alma cansada do homem urbano.

A casa de campo, a segunda residência (por vezes mais desejada que a primeira), a habitação permanente de uso ocasional, está ligada historicamente a emoção. Enquanto um modismo burguês se realiza na fuga do ambiente urbano industrial, que entende o ser humano como máquina de produção e consumo, por vezes alienado. O sistema opressor de emoções, racional e científico, não abre espaço para o coração acumulado de sentimentos e dúvidas (qual é o meu lugar no mundo?) fomentando o devir do homem moderno, pelo reencontro com sua natureza.

O turismo rural abriu passagem para a evocação do sentimento topofílico pelo campo, por meio da valorização de seus patrimônios naturais e culturais e do acesso à experiência desse modo de vida peculiar. Como expõe Rosas (2010, p. 94) “A própria sociedade urbana aceita estas diferenciações, no tocante à produção agrícola e, atualmente, com a oferta de serviços ligados ao lazer e ao turismo rural, levantando novamente a identidade cultural local (...)”, assim o reconhecimento das particularidades rurais, sobretudo pelos citadinos, proporciona ao morador do campo a valorização e reforça sua identidade rural e as distinções tornam-se vias de encontro entre esses dois grupos sociais.

As atividades do turismo legitimaram as ações pela preservação do patrimônio, mesmo que o preço a ser pago tenha sido o de transformar o patrimônio do seu valor de uso, de produção cultural para produto de consumo com valor econômico. Seja por meio do turismo ou da aquisição da segunda residência, o campo e o modo de vida passam por um processo de ressignificação onde o bucólico é o sonho e a casa de campo a realidade.

3.3 A VENDA DOS SONHOS: O MERCADO IMOBILIÁRIO E AS SEGUNDAS RESIDÊNCIAS

A revalorização do campo enquanto espaço de vida e moradia estimulou o crescimento do mercado de terras voltadas às pequenas chácaras e lotes para construção da casa de segunda residência. A casa de campo entrou em um processo de mercantilização dos sonhos e venda da felicidade, somada à venda da natureza e a um espaço simbolicamente vinculado às melhorias na saúde física e mental.

Para Henrique (2009), ao abordar o comércio de terrenos em condomínios urbanos, a representação do aumento do contato com a natureza é vinculada à aquisição da propriedade de um espaço, o endereço da felicidade, a propriedade privada que adquire valor de troca. Para o autor, o planejamento urbano das esferas públicas e privadas volta-se a criação e comercialização de espaços que atendam a demanda citadina contemporânea, fortemente ligada ao consumo, na materialização de áreas verdes.

De maneira semelhante acontece com a comercialização da casa de campo, uma vez que para os proprietários, essa nova residência representa um refúgio da vida urbana agitada, um encontro com a natureza, com a própria essencialidade. De acordo com Marafon (2011) as novas funções do campo passam a estar associadas a noções de patrimônio, pelo resgate da identidade e memória, o que aumenta a venda a paisagem e do modo de vida rural com a expansão das atividades de turismo e lazer.

A hostilidade da cidade, como percebida pelas pessoas que buscam o campo, tende a gerar a valorização de determinados espaços pelo capital, gerando ainda uma relação entre comércio e cultura – uma vez que se percebeu que há uma vinculação identitária dessas pessoas com o campo e o modo de vida rural - já que a posse da terra no campo se efetiva mediante a posse do capital no espaço urbano, garantindo para essas pessoas uma expansão cultural negada a outros.

O capital tem se apropriado da construção da noção de felicidade que geralmente contempla um amplo leque de produtos, desde o carro do ano à chácara, a casa de campo. Porto-Gonçalves (2009) elucida que na contemporaneidade, mesmo para aqueles que os bens de desejo são adquiridos por meio da criminalidade, não se pode dizer que exista exclusão do sistema da

produção de desejos, pois até onde se estende o alcance do olhar, em todas as mídias e cantos há formas de *marketing* oferecendo a venda do sonho da felicidade.

Exaltando as características peculiares construídas acerca do rural, observa-se que o capital agrega valor aos seus produtos por certa mercantilização do medo e da angústia. Nas cidades a resposta é dada pelos condomínios fechados, com amplas áreas verdes ao ar livre. No campo, respondida pela tranquilidade e segurança através do contato com o modo de vida rural, pautado nas relações sociais mais próximas, no tradicional e no familiar. De acordo com Henrique (2009) nos condomínios fechados, se prega o endereço da felicidade, por meio da aquisição da propriedade privada, em espaços livres dos conflitos urbanos, da agitação da vida da cidade, com estética e verde que respondem as necessidades de contato com a natureza e, do consumo. De acordo com o autor, as áreas verdes urbanas, são muitas vezes usadas como espaços de exclusão, já que há um padrão de consumidores interessados e aptos a adquirir tais benefícios.

Pode-se dizer que a construção do sonho da casa de campo também está vinculada a posse do espaço pelo capital, que exclui aqueles que não possuem formas de aquisição de um refúgio rural, sobretudo frente às constantes discussões que refletem a desigualdade da posse da terra no país. Segundo Pino Artacho (2015), a residência secundária, sobretudo no espaço rural, a sua característica de residência (moradia primária ou secundária), a mobilidade (vinculada à migração e turismo) e ao uso (o consumo do patrimônio cultural e natural do lugar da residência secundária); para o autor, ao analisar o caso da Espanha, a crescente demanda por casas de segunda residência tem como reflexo a reestruturação territorial com base no capital, uma vez que as fronteiras do valor atribuído à casa de segunda residência como investimento ou consumo tornam-se frágeis, pois dependem do momento da vida do proprietário.

Quando Henrique (2009) aborda a realidade urbana da apropriação da natureza, é possível atribuí-la também a um devir social que integra e garante acesso a bens de consumo e lazer a todos os cidadãos e cidadãs, seja no espaço urbano ou rural:

O espaço deve unir os homens entre si e com a natureza, mesmo uma natureza já plenamente socializada que pode se tornar ainda mais rica e interessante do que aquela natureza bruta. Um espaço cheio de vida, um espaço para todos e não um espaço excludente. No caso da natureza, esta

deveria passar, além da sua desfetichização, por um processo de desmistificação da sua aura romântica (vinculada) e ser definitivamente entendida como um elemento integrado à vida social, ao cotidiano da cidade, fruto de uma história social construída pelo trabalho humano e por vários sistemas de ideias. (HENRIQUE, 2009, p. 168).

Não é objetivo desse trabalho, discutir a questão agrária brasileira e a distribuição desigual do capital no campo e na cidade, mas é possível por meio das explanações aqui apresentadas observar que o modelo de cidade atual apresenta falhas graves que necessitam de atenção do Poder Público, sobretudo no que diz respeito à condição de saúde física e mental das pessoas que estão constantemente expostas a um modelo de vida estafante. Também representa um ensejo para repensar como (re)organizar o território urbano e o rural frente as novas dimensões da apropriação simbólica e material do espaço, enquanto lugar de (re)produção econômica, sociocultural e política.

3.3.1 O mercado imobiliário de casas de campo

Para Svenson (2004) a relação que o cidadão proprietário de segunda residência tem com a primeira residência (urbana) e a segunda (rural) pode ser considerada uma benção e uma maldição. A benção da casa da cidade seria a possibilidade de crescimento econômico e as facilidades atreladas a esse modo de vida e a benção da casa rural, a manutenção de laços sentimentais e históricos e o significativo valor sociocultural atribuído a esse espaço, transmitido entre gerações e a possibilidade de possuir um espaço de refúgio para a estafa da vida urbana e para o encontro com familiares e amigos. A maldição é passar a vida vivenciando sentimentos dicotômicos sobre o espaço de vida cotidiana sem a possibilidade ou desejo de tentar modificar a realidade diária.

De acordo com Hall e Müller (2004) nos anos de 1980 e 1990, houve um crescimento significativo no número de publicações que tratam a segunda residência. De acordo com os autores, a maior atenção dada a esse fenômeno se deve a migração regional e inter-regional crescente, no que diz respeito a casas de segunda residência em diversos espaços, não apenas no campo (aumentada pelo número de aposentados que buscam essa modalidade de residência), também ao reconhecimento do impacto ambiental, social e econômico das segundas

residências e a sua implicação no setor habitacional, exercendo pressão pela disponibilidade de novos espaços receptáculos para essas moradias, alterando questões como o desenvolvimento local, sobretudo para os moradores permanentes.

A crise econômica que afetou a economia brasileira, certamente afetou o mercado de terras urbanas e rurais. Para compreender qual a conjuntura atual do mercado imobiliário de casas de segunda residência, foram realizadas entrevista, com cinco imobiliárias que se dispuseram a responder um tópico guia composto de seis questões abertas. As entrevistas foram gravadas nas imobiliárias, com agentes responsáveis pela venda de chácaras e proprietários desses estabelecimentos comerciais e posteriormente transcritas. O número de entrevistados diz respeito àqueles que, dentre as imobiliárias procuradas, aceitaram contribuir com a pesquisa. Percebeu-se, no entanto, que entre as maiores imobiliárias da cidade de Ponta Grossa a negociação com propriedades rurais não é comum (mantendo-se apenas dois ou três terrenos como opção para venda), mas que também há imobiliárias especializadas nesse tipo de comércio.

De acordo com os agentes imobiliários, há uma conformação nas respostas sobre o reaquecimento do mercado desse setor a partir do final de 2016 e 2017. A localização é um elemento de grande importância durante a negociação de propriedades rurais, pois há preferência por propriedades que tenham proximidade à cidade, já que isso facilita o acesso para estadias mais curtas – menor tempo de deslocamento - e também se priorizam as boas vias de acesso, pois facilitam o acesso. Entretanto, quanto mais próxima do perímetro urbano é a propriedade, mais elevado é o valor de mercado, de maneira que uma propriedade menor, próxima a cidade, pode ter valor semelhante a uma maior um pouco mais afastada, com iguais condições de estrutura.

Os distritos de Uvaia e Guaragi são mais procurados pela topografia dos terrenos, pois o distrito de Itaiacóca apresenta relevo bastante irregular, o que dificulta o possível uso para agricultura ou pecuária e/ou posterior venda. A região de Itaiacóca é uma das que tem maior número de imóveis rurais para venda, com menor preço, contudo, a região mais procurada nas imobiliárias é próxima a Represa de Alagados.

De acordo com os entrevistados as modalidades de comércio mais praticadas para imóveis rurais são compra, venda e em menor número a permuta. A

oferta de propriedades para venda cresceu no período de crise, pois segundo os agentes imobiliários, muitas pessoas optam por ter uma propriedade de campo como uma poupança para momentos de dificuldade financeira, outros não conseguindo arcar com os gastos de manutenção e deslocamento a propriedade no período de recessão econômica vendem o imóvel. Outro fator apontado como causador do crescimento da oferta de imóveis rurais para venda é o aumento da criminalidade no campo, deixando muitos moradores rurais desconfortáveis em continuar vivendo em um espaço que conta com assistência policial escassa.

As especificações feitas pelos compradores dependem muito do perfil e da finalidade da compra do imóvel rural. Para os agentes imobiliários, o maior número de solicitações é de um espaço para vivenciar lazer em família. Para isso buscam um terreno pequeno, de até dois hectares, com casa minimamente estruturada. A proximidade de rios e presença de água no terreno é um elemento que agrega valor, assim como estruturas construídas como piscinas, hortas e pomares.

A presença de mata em toda propriedade e ausência de casa ou construções em mau estado de conservação desagregam valor, pois os compradores voltados ao lazer querem adquirir um espaço já estruturado, com facilidades para manutenção e que despendam de pouco investimento posterior de dinheiro e trabalho.

Também há citadinos que buscam um terreno rural com finalidade de lazer e incremento de renda. Essas pessoas buscam propriedades maiores, com boa condição de desenvolvimento de atividades agropecuárias, sobretudo piscicultura e possível implantação de atividades de turismo e lazer. De tal maneira, procuram propriedades rurais com disponibilidade de água, terrenos pouco acidentados e proximidades de via para escoamento da produção ou acesso de consumidores dos produtos para lazer:

Depende muito, dependendo do que a pessoa quer fazer. Amanhã, por exemplo, vou mostrar uma propriedade para um cara que tem um negócio de piscicultura. Então, ele já tem um sítio dele, gosta de criar peixe, ele tem intenção de vender peixes, mas ele quer uma área mais molhada, com mais água e uma área grande. Tem gente que quer fazer pomar, quer plantar coisinhas, plantar uns vegetais, quer uma área maior. E tem gente que quer uma área só pra levar os filhos, as crianças, então já quer uma casa melhor,

um terreno menor. Depende, depende muito, depende de cada perfil de pessoa. (ENTREVISTA, 2017).¹⁶³

Para os agentes imobiliários, o perfil mais comum de compradores é composto por famílias, com adultos de idade entre trinta e sessenta anos. São pessoas com escolaridade de diversos níveis, rendas variadas, mas, sobretudo referente à classe média, média alta e alta. Geralmente a aquisição de propriedades rurais é feita por pessoas casadas com filhos e/ou netos, que procuram o campo com finalidade de lazer ou para deixar uma propriedade rural como herança para os familiares. Muitos citadinos que adquirem a propriedade rural como segunda residência nunca tiveram vivência rural, mas são filhos ou netos de moradores rurais, como um investimento financeiro de longo prazo. Outros têm memórias afetivas de momentos vividos ao longo da vida, sobretudo na infância, no ambiente rural e gostariam que os familiares mais jovens, especialmente as crianças, possam viver experiências semelhantes:

Eu vejo pessoas de idade, que querem morar no sítio, vejo pessoas de classe média e vejo pessoas de classe alta, todos os tipos. As vezes, pessoas de classe mais baixa, geralmente é o senhor, aquele senhor, casal de senhor de idade, que eles não aguentam mais morar na cidade e querem morar no mato. Eu vendo muito para casal jovem, com filhos. Querem comprar uma área, então vejo muito casais de 30, 40 anos... Têm filhos e querem uma área rural, levar e ensinar a criança, mais ou menos, como se lida num sítio. (ENTREVISTA, 2017).¹⁶⁴

Conforme apresentado por Pretto (2014) a posse da propriedade no campo por citadinos ocorre por diferentes maneiras como a compra ou a herança. No presente trabalho observa-se que a posse da terra também pode ser temporária – no caso do aluguel – mesmo que essa modalidade seja pouco utilizada. É comum que as pessoas adquiram propriedade em locais que já conhecem, costumam frequentar ou tem algum conhecido ou familiar que tem propriedade na localidade, existindo um sistema de troca de informações e sondagens sobre o lugar pretendido por meio das relações sociais.

¹⁶³ Informação fornecida por agente imobiliário à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no segundo semestre de 2017.

¹⁶⁴ Informação fornecida por agente imobiliário à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no segundo semestre de 2017.

A permuta por imóveis urbanos também é uma modalidade de aquisição de segunda residência apontada pelos agentes imobiliários. A troca de um imóvel urbano por uma pequena propriedade rural foi apontada como uma das modalidades utilizadas por recém-aposentados que desejam mais tranquilidade para a nova fase na vida, tendo contato com a maior qualidade de vida que esperam obter vivendo no campo, ou de pessoas idosas que querem deixar o campo para morar na cidade – devido à proximidade com serviços básicos como os de saúde.

Outra característica referente ao comércio de casas de campo é a necessidade de o comprador ter capital suficiente para poder permutar ou comprar a propriedade rural com custeio próprio, uma vez que não há linhas de financiamento para essa modalidade de compra de imóveis destinados ao lazer. A posse da casa de segunda residência, dessa maneira, fica restrita a certa camada da sociedade que tenha potencial financeiro para aquisição e manutenção de um imóvel rural, somadas as despesas de locomoção geradas pelo trânsito entre as duas casas, o que denota que a distribuição de terras e mesmo o acesso a alternativas de lazer desvinculadas do ambiente de vivência cotidiano, são restritas, pouco acessíveis a classes de menor renda e que o anseio por desfrutar de ambientes que proporcionem melhor qualidade de vida para si e os familiares não é acessível a todas as camadas da sociedade.

Entretanto, a casa de segunda residência se mostra como potencial item de emparelhamento do consumo entre classes, quando há oportunidade de acesso a esse tipo de moradia (seja para lazer ou investimento) não apenas para pessoas de alta renda. Para as pessoas com menor renda e que possuem casa de segunda residência, essa é uma oportunidade de desfrutar de lazer com a família por um custo acessível, o que talvez não fosse possível para deslocamentos frequentes mais longos (casa de praia ou em outro município, estado ou país), ou mesmo turismo (nacional ou internacional). A casa de campo oferece uma possibilidade de mudança da rotina familiar por um valor já integrado ao orçamento. Assim a casa de campo funciona como um investimento financeiro e uma possibilidade de expansão de vivência socioculturais à classes menos favorecidas, mesmo que a estrutura para lazer não seja a mesma.

Conforme apontam Hall e Müller (2004) em muitos lugares do mundo, as casas de segunda residência não são bem aceitas por aumentarem a pressão por habitação, formando a necessidade de estoque de terras que inflacionam e

inviabilizam o acesso à terra por moradores locais ou classes com menor poder aquisitivo. Todavia, no Brasil, quando se observa a literatura disponível, não há grande preocupação por parte dos órgãos de regulação fundiária em criar mecanismos que garantam a boa gestão territorial, evitando possíveis problemas futuros com a formação de “ilhas ou bolhas de consumo do espaço” para casas de segunda residência (seja no campo, nas regiões litorâneas ou de serras), o que poderia auxiliar na regulamentação fiscal e na eficácia da manutenção da qualidade ambiental local para moradores permanentes desses espaços.

Em Ponta Grossa, observa-se que ainda não há nenhum tipo de regulamentação para a comercialização de áreas de habitação voltadas ao lazer, nem mesmo em espaços com certa fragilidade ambiental, como é o caso da Represa de Alagados, manancial de onde provem grande parte dos recursos hídricos utilizados pela população urbana, e que aparece para os agentes imobiliários como uma das regiões mais procuradas para compra de segunda residência.

Segundo a observação dos corretores acerca dos comentários dos cidadãos que buscam segunda residência, poucas pessoas desejam deixar definitivamente a vida na cidade e morar apenas no campo. A maioria dos compradores de segunda residência deseja vivenciar o campo, o modo de vida e as características específicas idealizadas sobre esse conjunto rural ou oportunizar a vivência para familiares e amigos. De acordo com esses profissionais, as pessoas buscam um espaço para poder ter a experiência de cultivar alimentos e consumir produtos sem uso de agrotóxico e também a tranquilidade que não tem na cidade ao longo da semana de trabalho, a melhor qualidade de vida, referindo-se a saúde física e psicológica:

A violência é um fator que agrava bastante, barulho... Eu vejo, eu também gosto de mato, gosto de ir para o mato, gosto de ficar bastante. Então, eu vejo que as pessoas estão meio saturadas disso tudo [modo de vida urbano contemporâneo]. Tem gente que não quer sair, mas eu vejo que quem gosta está saturado da cidade, com certeza. Mas depende de família, depende de renda, é um mal necessário. (ENTREVISTA, 2017).¹⁶⁵

¹⁶⁵ Informação fornecida por agente imobiliário à autora durante entrevista, na cidade de Ponta Grossa, no segundo semestre de 2017.

De acordo com os agentes imobiliários o impacto ambiental dos citadinos no campo não é significativo, pois as casas são distantes umas das outras, os citadinos passam relativamente pouco tempo nas suas casas de campo e vão para elas especificamente em busca das características bucólicas: para ter paz e tranquilidade, vivenciar o silêncio e a contemplação da natureza, de maneira que durante a estadia buscam se integrar ao meio de vida local.

De acordo com Pretto (2014), em estudo realizado nos distritos rurais de Ponta Grossa, a autora constata que alguns moradores locais, caracterizam a presença crescente dos citadinos como positiva, uma vez que geram renda e oportunidades de trabalho local; entretanto, outros moradores reclamam da poluição sonora e agitação causada pelos citadinos, especialmente nos fins de semana, período de permanência dessas pessoas nas residências.

A percepção negativa do aumento de casas de segunda residência também ocorre pelos próprios moradores de segunda residência, sobretudo os que tem casa de campo há mais tempo. Essa contradição se dá quando percebem que a crescente procura por casas de campo faz com que aumente o fluxo de transeuntes nas vias de acesso aos distritos rurais, exista perturbação sonora, maior agito e movimentação, entre outros aspectos que consideram negativos, em um espaço que antes era considerado privativo e calmo.

Todavia, os agentes imobiliários apontam que, apesar de muitos citadinos almejarem aventurar-se tendo uma casa de campo, as pessoas que adquirem essas propriedades e permanecem com o bem por mais tempo, são aquelas que têm “vocação e amor pelo campo”, ou seja, suas histórias de vida estiveram ligadas em algum momento à vida rural ou é necessário ter certa aptidão para a vida no campo. A falta de tempo para visitas mais frequentes, a impossibilidade de atuar mais na manutenção da propriedade, os valores gastos com a manutenção e a desilusão com o trabalho exigido para manter a propriedade em bom estado são fatores que também culminam para a decisão de se desfazer da casa de campo.

A aquisição da casa de campo como segunda residência por citadinos pode ser vista como um fenômeno que engloba as diversas escalas da vida humana desde o anseio da aquisição até a prática da vivência durante a estadia no campo, pois denota os caracteres cultural, econômica e espacial, que estruturam essa maneira de moradia. E pode-se ainda dizer que envolva até mesmo o caráter político da organização e gestão dos territórios do campo e da cidade e entre eles, uma vez

que os modos de vida urbano e rural contemporâneos relacionam-se diretamente ao capital, à criação dos desejos e necessidades de consumo, a possibilidade de aquisição de bens materiais e imateriais (culturais, na forma do lazer), e ao modo de vida que se estabelece nos distintos espaços.

O capital redefine o desenho do espaço conforme suas necessidades, (re)criando padrões de ocupação do tempo e dos territórios, do consumo, da mobilidade, da cultura, das informações e serviços. Mesmo que as cidades, sobretudo os grandes centros e metrópoles, continuem concentrando o capital, a população, a produção de bens materiais e imateriais, a gestão e a decisão, novas regiões ganham destaque, sendo áreas de potencial desenvolvimento para as novas atividades advindas do momento contemporâneo da sociedade.

A concentração urbana ainda mantém certa centralidade na cidade no que diz respeito ao acesso a bens e serviços e nomeadamente a (re)produção do capital, mas as novas configurações espaciais dão visibilidade e maior poder de atração a lugares até então inferiorizados, a exemplo da relação campo-cidade – o campo deixou de ser apenas o espaço de atraso tecnológico e desponta pelo seu potencial produtivo, plural e pela sua importância cultural, especialmente quanto ao patrimônio cultural rural. As formas de apropriação e vivência nas cidades hodiernas mudaram, assim como a prática espacial de quem vive na cidade, e com a intensificação da mobilidade (não apenas espacial, também econômica, política, cultural) levam a maiores fluxos materiais e imateriais, onde a distância é superada pela velocidade da fluidez.

A noção de segunda residência não é nova, contudo, na contemporaneidade apresenta uma nova configuração, dada a atual conjuntura sociocultural. A maneira de ver o tempo, o cotidiano, o espaço e as relações sociais ressignificam a relação com os múltiplos espaços onde há possibilidade de vivência, dando novas conotações materiais e simbólicas a eles. A disponibilidade de tempo e dinheiro e a necessidade de vínculos sociais trouxeram uma repaginação para o lazer moderno, com novos formatos de necessidade a serem atendidas dentro das possibilidades e dos desejos.

A realidade da vida nas cidades contemporâneas é complexa e a busca por casas fora do contexto urbano reflete o caráter precário da urbanização, no sentido de não atender as novas necessidades, sejam elas criadas pelo capital ou pelas aflições impostas pelo modo de vida acelerado e estafante. São necessárias novas

concepções acerca da qualidade de vida no ambiente urbano e instrumentos de planejamento e gestão que sejam capazes de recriar o espaço social de vida diária, que dá indícios de chegar à exaustão.

No viés econômico e sociocultural é necessário compreender as novas visões de mundo da sociedade e a complexa teia de relações sociais e espaciais dinamizada pela mobilidade, para redefinir o uso do território, tendo como desafios o direito à vida com qualidade física e mental nas cidades, e o zelo pelas novas formas de apropriação do espaço rural para que sejam evitados os problemas socioambientais decorrentes de processos massivos de interação sociedade-natureza.

O crescimento do número de casas de segunda residência aponta para o surgimento de diferentes lógicas de apropriação e transformação do espaço pela sociedade. Esse fenômeno de moradia denota os efeitos e conteúdos socioespaciais do capital, atrelados ao ócio e ao lazer, e o surgimento de diversos atores que produzem novos espaços, ambiências e sociabilidades, dando novos sentidos ao campo e a cidade e ressignificando velhos e novos processos de experiência geográfica no mundo, por meio da experiência de pertencimento, da criação de símbolos, do reforço/enfraquecimento dos vínculos identitários, da representação social e da imaginação, capazes de articular a vivência em diversos espaços, a considerar especificidades das suas histórias de vida e da formação socioespacial.

Nesse sentido, a casa de campo, enquanto moradia, possibilidade econômica, desejo e identificação com o espaço, reflete a nova forma de compreensão da realidade cotidiana por uma parcela da população urbana, que não sente repulsa pelo ambiente urbano, mas sim a necessidade de completar-se podendo vivenciar experiências rurais. Entende-se que a relação com a primeira e segunda casa, com a cidade e o campo, com o urbano e o rural, não seja dicotômica, mas sim complementar, e possibilitada pela mobilidade e pela capacidade de vivenciar múltiplos territórios, múltiplas vivências e múltiplas culturas, expressando a realidade complexa e fluida da vida humana no espaço geográfico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o âmbito emocional das ligações do ser humano com o espaço é um desafio às ciências, sobretudo à Geografia, onde ainda há carência no que se refere a esse aspecto das pesquisas, sobretudo no que diz respeito às motivações emocionais de permanência ou mudança de espaço de vida cotidiana. As pessoas estão constantemente buscando novos espaços para ocupar, modificando a natureza e as relações sociais estabelecidas nesses lugares.

O fenômeno da segunda residência não é novo, mas na contemporaneidade apresenta novas configurações que refletem o atual contexto da sociedade. Observa-se o crescimento do número de pessoas que optam por ter a segunda residência em um cenário espacial diferenciado - no caso deste estudo, o campo - com um contexto cultural específico, em que vivenciam a multiplicidade de territórios, enquanto conceito geográfico e forma de apreensão/compreensão/construção da realidade. Esse trabalho trata de uma análise baseada em um recorte territorial, e dada à diversidade de 'campos' que existem, torna-se importante ressaltar essa opção de recorte, pois cada região tem uma dinâmica própria e isso resulta em um rural com características também singulares.

As interpretações referentes ao campo e a cidade se modificam no decorrer da história, influenciados pelo modo de produção capitalista, determinado pela evolução da técnica e das mudanças socioculturais. A interpretação sobre a cidade foi por muito tempo concebida como espaço ligado à produção do saber, da cultura, do desenvolvimento econômico e social, o espaço que favorecia a melhoria das condições de vida das pessoas.

Entretanto, com o crescimento desordenado das cidades, motivado pelo fluxo de pessoas do campo (êxodo rural) – por procura de melhores condições de vida ou porque não conseguiram espaço diante o avanço do capitalismo agrário, quando proprietários de terra substituem mão-de-obra por tecnologia e porque o Estado não apresenta nenhum plano efetivo de fixação das pessoas do campo no campo - a cidade passou a ser o espaço de acúmulo de pessoas e de diversos tipos de problemas econômicos e sociais, que afetam a qualidade de vida dos moradores. Associado a esse processo de inchaço urbano, os cidadãos ainda enfrentaram um processo de ruptura gradativa da ligação com a natureza.

O distanciamento da relação com a natureza não é apenas um processo que pode ser vinculado ao econômico, através da exploração dos meios naturais ou distanciamento do campo, ele também resultou na desestruturação do lado mítico desse contato, quando ocorre a superação da subjetividade pela razão, emoção pela lógica, junto com o desenvolvimento tecnológico e científico. A cidade, enquanto espaço construído pelo conhecimento humano, passou a ser considerada o espaço de desenvolvimento, da cultura, do humano, da razão. O campo, associado ao ambiente natural, foi considerado o espaço de indomável, do atraso, do inculto, das tradições.

Contudo, o ser humano não pode ser entendido apenas como parte objetiva, uma vez que é composto de parte subjetiva com construção mental carregada de simbologia na sua relação e interpretação do espaço e com as outras pessoas. O atual modelo de vida urbana racional e individualista reflete a evolução desse distanciamento e prioriza o ser humano enquanto parte do processo produtivo (produção e consumo) omitindo-se à porção subjetiva humana. Uma das esferas ligadas a essa subjetividade seria o direito ao lazer, ao ócio, à contemplação.

O capital criou angústia em relação à vida urbana. Atrelado a esse processo, há uma (re)valorização pela vivência em outros espaços, que se tornariam complementares à vida cotidiana (espaços de fuga da realidade diária); todavia, essas novas necessidades podem ser travestidas como 'o sonho' e/ou 'necessidade' de revisitar valores perdidos e o contato com a natureza, tornando o espaços de ambiente natural, ou menos artificializados, atrativos a um público urbano.

O êxodo urbano, facilitado pela mobilidade cada vez maior, reflete essa nova relação com o espaço e o tempo, e a casa de segunda residência reflete uma nova espacialização de um processo social atual, na qual o papel do consumo e da identificação com o espaço tem significativa importância.

O campo considerado, por muito tempo, como espaço de atraso e de pouco desenvolvimento, passou por um processo de ressignificação e revalorização. A busca pelo maior contato com a natureza e com o modo de vida mais tranquilo deu outra visibilidade aos espaços rurais. O atual período revela a privatização do rural, em decorrência, sobretudo, da venda da natureza, transformada em mercadoria de consumo (seja o ambiente natural ou a paisagem), assim como o patrimônio cultural rural.

O campo deixou de ser um lugar inerte. Agora é valorizado pelo contexto espacial, ambiental e cultural, que dão sentido a vida cotidiana dos moradores locais e tem poder de atração sobre outros grupos sociais, como os citadinos. Certamente, nem todas as pessoas, sejam moradoras do campo ou da cidade, tem uma relação identitária homogênea pelo seu espaço de vida, mas (re)criam alternativas por meio de negociação espaciais, econômicas e socioculturais, que permitam a composição da rotina por novos mundos, apropriados pela sua diferença e complementariedade, como o caso da posse de duas residências em espaços totalmente distintos.

O barulho, a agitação, as cobranças sobre o produtivismo no trabalho, os contatos pouco afetuosos e o excesso de impessoalidade nas relações sociais, o crescimento da violência, entre outros fatores, causou um processo de estranhamento com o espaço urbano para aos seus moradores. Esse processo estimula nas pessoas o desejo de vivenciar outros modos de vida em outros espaços, um deles é o campo.

Campo e cidade tem cada vez maior integração e tornam-se espaços de consumo, cada qual pelas especificidades materiais e imateriais. Com a nova divisão do trabalho, configura-se uma nova divisão territorial, promovida pela melhoria e avanços tecnológicos nos meios de comunicação e transporte, que permitem além da maior mobilidade, que as pessoas vivam e trabalhem em lugares diferentes. Não obstante, os espaços de vida ganham formas mais complexas e integradas e a fluidez da vida contemporânea se revela nas novas maneiras de se deslocar e se apropriar do espaço e na capacidade de interagir e se integrar com diferentes realidades, mantendo vínculos plurais em diversos contextos.

É o que acontece com os antigos moradores do campo que migraram para a cidade e hoje fazem o movimento de retorno à vivência do campo, tendo outra perspectiva de relação com esse espaço, que antes era de onde provinha a subsistência e hoje reconfigurou-se em espaço do lazer, mesmo que durante a estadia no rural desempenhem atividades relacionadas ao cotidiano do campo; nessa perspectiva o campo é o espaço vislumbrado da vida tranquila, menos agitada, contudo, associado a uma estrutura mais realista de lembranças daquele que já vivenciou as dificuldades da realidade da vida diária no campo. A cidade é o espaço que agora oferece oportunidades de crescimento e estabilidade financeira, associada a uma vida inquietante, entretanto, com facilidades não encontradas no

rural, explicitando um contexto paradoxal que existe entre a construção simbólica sobre campo e cidade.

Resultado do avanço do capitalismo globalizado, as relações entre cidade e campo são estreitadas. As facilidades de acesso (boas vias de trânsito, posse de automóvel) facilitam o contato entre esses dois espaços que embora mais ligados pela intensidade de suas relações, mantém suas especificidades. Para as pessoas que buscam vivenciar experiências em outros espaços de vida, o turismo é uma das atividades voltadas ao lazer que atendem a essas expectativas.

O turismo rural surge nesse contexto, enquanto possibilidade de contato com a natureza e com o modo de vida rural; pela venda “das coisas do campo” - o patrimônio cultural rural formado pelo conjunto da paisagem e do modo de vida (saber-fazer, costumes, tradições, simbologias). A reestruturação dos sistemas produtivos rurais alterou o caráter do campo como responsável apenas pela produção agropecuária, e o turismo se apresentou como uma possibilidade de auferir renda (extra ou principal), sobretudo para as famílias de pequenos agricultores, que por vezes não dispõe de grandes porções de terra, mas tem produções variadas e buscam incrementar a propriedade para torná-la atrativa enquanto espaço de consumo voltado ao público urbano, a exemplo dos pesque-pagues, cafés rurais e rotas voltadas a um produto específico, o vinho, por exemplo.

Entretanto, também se entende que quando há o confronto da cultura e da identidade locais com identidades diferenciadas (urbanas e/ou forasteiros, estrangeiros), ocorre um processo de valorização do local frente ao externo. O campo, que passou por uma reestruturação produtiva e simbólica, recebeu novas funções e passou a exercer outras atividades, sem perder a caracterização rural. Entretanto, é necessário ressaltar que é recorrente na literatura e no imaginário social a romantização do campo, o que de certa forma banaliza a realidade vivida por moradores permanentes.

Certamente que nos planos de turismo elaborados para o campo é necessário ter especial atenção para que a cultura não se torne um bem patrimonial vazio de significado, com preço, mas sem valor: patrimônios culturais e naturais de quem? Para quem? Para o quê? Essas perguntas devem ser respondidas na garantia da valorização da vida humana, indiferente do seu espaço de reprodução e do tipo de atividade e circulação de capital que há nele, já que o patrimônio tem

valor se atribuído inicialmente por aqueles que o (re)produzem no seu dia-a-dia, ou por aqueles que buscam vivencia-lo.

Também se percebe que quanto ao acesso ao consumo do espaço e dos bens de lazer, no que diz respeito à segunda residência no campo, há uma limitação territorial restrita a certas classes econômicas, pois 'fugir' da cidade tem um preço. Existe uma relação entre o capital e a cultura (o desejo em acessar outro modo de vida), pois quem pode pagar, tem maiores possibilidades de expansão da mobilidade, do consumo e da atuação sobre diferentes espaços geográficos, e a possibilidade de acesso a novas experiências se restringe à medida que o acesso ao capital é restrito. A aquisição e a manutenção de uma casa de campo são economicamente inviáveis para alguém que não tenha capital, mesmo que a propriedade seja considerada um investimento futuro. A casa de campo está na intermediação entre o imaginário e o poder de compra.

A valorização de determinados espaços pelo capital - nessa pesquisa o campo - impulsionada por hostilidades cotidianas da cidade, como percebida pelas pessoas que buscam a segunda residência, tende intensificar a relação entre comércio, cultura contemporânea e emoção – uma vez que se percebeu que há uma vinculação identitária dessas pessoas com o campo e o modo de vida rural. A posse da terra no campo se concretiza se relacionada a posse do capital no espaço urbano, o que garante acesso para algumas pessoas à expansão cultural e trânsito espacial, negada a outros.

Nesse contexto, a dominação de espaços de interesse para o capital se concretiza no mercado imobiliário na compra ou aluguel da casa de campo, mesmo que a posse da terra não seja o mais significativo para a maioria dos moradores de segunda residência. Entretanto, não se pode negar a importância do capital como a via de acesso à realização de um sonho. De tal maneira, a realização do sonho da casa de campo também está ligada à posse do espaço pelo capital, que exclui os que não têm formas de aquisição do refúgio rural, reforçando a desigualdade da posse da terra no país.

Tenha a casa de campo o valor de moradia e posse da terra (dominação), de consumo do consumo do modo de vida rural (apropriação), ou como a realização de um sonho construído sobre o simulacro nostálgico da realidade do campo, não há como desvincular a casa de campo da complexa relação entre o simbólico e o material.

Existem diferenciações e similaridades entre o turismo rural e aquisição da casa de segunda residência, mas a diferença está pautada, sobretudo nos vínculos afetivos com o espaço e com os moradores locais. Também se pode dizer que o cidadão que tem uma casa de campo, busca o contato mais real com o modo de vida rural, aquele vivido no cotidiano dos moradores do campo.

A busca pelo modo de vida rural com a aquisição da segunda residência, contudo não é, necessariamente, uma negação a cidade ou do seu modo de vida como um conjunto amplo - tanto é que essas pessoas não desejam mudar definitivamente para o campo - mas de alguns elementos do modo de vida urbano contemporâneo, que causam desconforto por estarem atrelados ao cotidiano dos cidadãos e/ou se intensificarem no decorrer do tempo, com a ampliação da atuação da globalização e do capitalismo que alteram a dinâmica das cidades, das pessoas, no tempo e espaço.

O desejo de posse da casa de campo mostra uma reação e uma adaptação à forma de vida urbana. O que se efetiva na 'fuga da cidade' não é um sentimento totalmente tofóbico em relação ao urbano, mas sim o desejo de uma inversão do cotidiano e um escape da modernidade. Os moradores urbanos tecem a construção simbólica do modo de vida rural, como uma oposição a vida urbana.

O ensejo da casa no campo se dá com a identificação de que há no ambiente urbano um conjunto de circunstâncias que causam desaconchego, capazes de motivar a ação do dispêndio de capital (tempo e dinheiro) para adquirir outra casa e, que há no campo um conjunto, composto por outras características que é ansiado, dando sentido aos pensamentos e à ação sobre a necessidade de mudança.

A compreensão do estilo de vida do campo congrega a tranquilidade, o contato e a contemplação da natureza, a possibilidade de uma alimentação mais saudável, relações sociais pautadas na confiança e na amizade. A construção idílica do campo para o ser humano contemporâneo é presente no ideário social, da maneira apontada por Williams (2011) quando aborda a construção histórica da ideia bucólica romantizada sobre esse espaço.

Observa-se que a busca pelo campo está ligada de certa maneira a um processo cíclico de revalorização de um ou outro espaço, campo ou cidade, motivado por diferentes razões. Quando o ideário social de cidade representava o que era bom, esse espaço era almejado como espaço para viver. Posteriormente,

com o adensamento das cidades e o crescimento dos problemas urbanos, a cidade suja e repleta de pobreza era deixada pela aristocracia que buscava tratamento no espaço rural, para as moléstias físicas e psicológicas.

Mais tardiamente, os subúrbios passaram a representar os espaços mais adequados para a vida, por estarem associados à tranquilidade, aos espaços com mais verde, associados aos jardins que serviam de refúgio à vida urbana. Muitas vezes o impulso da busca da casa de campo era um modismo referente a cópia das classes mais abastadas, ou representava um ideário de contato com a natureza e vida mais saudável.

No período hodierno, a busca pela segunda residência parece estar associada a um processo de construção de um universo simbólico, que envolve mito e memória, fantasias e lembranças e compõe a trama que dá ao campo um ar de pureza, de paz. A representação social do campo, na qualidade de universo simbólico, envolve os acontecimentos do universo cotidiano, a ciência, as ideologias e diz respeito à construção de um ideário social, sobre o espaço do campo e seu modo de vida peculiar.

O ambiente urbano e o modo de vida da cidade passam a ser o ambiente não-familiar, objetivo e linearizado para alguns moradores da cidade, motivados por diferentes causas, que os leva a construir uma representação de campo, muito ligada as emoções. As sensações da vida urbana não são necessariamente ruins em sua completude, mas causam desconforto. Logo, a percepção desse espaço ganha nova significância, somada a um sentimento adormecido de desejo de retorno ao campo, à felicidade despreocupada da infância, ao encontro da natureza, ao paraíso perdido. Também se considera a relação de pertença ao espaço, como se no campo, o cidadão sentisse que seu corpo tem um lugar integrado, de possibilidade, de participação na transformação da vida e da paisagem, a exemplo daqueles que se sentem bem em plantar, ver crescer e saber que sua ação modificou o meio.

As pessoas que buscam as casas de campo são um grupo diferenciado, pois geralmente suas histórias de vida estão ligadas a memórias rurais compartilhadas pela família ou por algum grupo social que frequentam, ou as próprias lembranças do passado vivido no espaço rural. A memória dessas pessoas geralmente se estrutura em recordações felizes, ligadas a sua infância e a pessoas

que desempenharam forte papel afetivo na sua vida, como os pais, avós, tios, padrinhos.

Sendo assim, para as pessoas que são atores sociais dessa pesquisa, a casa de segunda residência possui não apenas o valor da posse territorial material é muito mais ligada à apropriação simbólica de um espaço e de um modo de vida construído enquanto representação social de um espaço de refúgio dos desassossegos da vida urbana, que ainda remetem à reconstrução de momentos felizes da infância ligados a presença da família e a inocência pueril.

As interpretações de campo e cidade, os problemas urbanos da contemporaneidade refletem no estado sentimental das pessoas. Muito mais que as sensações desconfortantes causadas pela vida urbana, o anseio da casa de campo se constrói no terreno da memória. O exercício da memória, que tem caráter atemporal, é revisitar e reconhecer a lembrança dos momentos e redefinir o que será e como será lembrado ou esquecido.

De tal maneira, o campo é a memória revisitada nos momentos de inquietude urbana. A casa do campo do passado remoto, com a grama verde, as flores e os frutos do pomar, a sensação do vento, o calor do sol, o cheiro do mato, os piados e mugires, a canção harmoniosa dos pássaros que voam na liberdade, os avós, os pais, a comida preparada na lentidão do fogão a lenha, as brincadeiras com os primos, a lua e as estrelas escondidas entre as nuvens. Um universo de símbolos, repletos de significados construídos na intimidade da sua história de vida pessoal, compartilhado com família, amigos e ligados à paixão pelos elementos de um espaço peculiar, o campo, com seu modo de vida, sua gente.

O processo de fuga da cidade, não apenas espacial, mas, especialmente sentimental, constrói-se na apropriação simbólica e sentimental do campo e do modelo de vida nesse espaço. Nos momentos em que deixam a cidade, os moradores urbanos deixam de lado momentaneamente sua urbanidade para viver a almejada ruralidade. Os proprietários de segunda residência constroem territorialidades distintas e produzem identificações múltiplas para vivenciar plenamente seu modo de vida cotidiano e a sonhada vida no campo.

Esses sujeitos vivenciam o processo que Haesbaert (2007) chama de *des-re-territorialização*, pois quando deixam o espaço urbano, mesmo que por um período de tempo determinado, tem por motivação, em muitos casos a perda dos vínculos identitários com seu território e passam a vivenciar certo estranhamento

que os impulsiona a buscar outros espaços para viver. Mas simultaneamente, se reterritorializa no campo, seja pela dominação ou apropriação desse território e nele vivencia suas múltiplas identificações/identidades, hora com mais intensidade como urbano, hora como rural, estabelecendo vínculos mais ou menos acentuados nas relações sociais e culturais.

De tal modo, percebe-se que a noção de territorialidade vivenciada por esses sujeitos reflete a materialidade e imaterialidade em unidade nesse processo, formando territorialidades e territórios múltiplos. A fluidez no espaço geográfico vivida por quem reside na cidade e no campo permite experimentar paralela e sucessivamente diferentes territórios, reconstruindo constantemente o seu próprio.

Essa multiterritorialidade permite que esses sujeitos vivenciem o hibridismo cultural, pensando a cultura como parte do processo identitário, pois coexistem nesses indivíduos a multiplicidade de experiências, de expressões, de maneiras de apropriação do território e de inserção nos diferentes grupos sociais.

Destarte, ainda observa-se nesse processo o território enquanto rede, que contempla o movimento e a continuidade do espaço no tempo, sobretudo com a intensificação das relações entre campo e cidade, enquanto materialidades, e do modo de vida rural e urbano enquanto expressões culturais e identitárias, dentro de uma perspectiva integradora, que contempla o funcional e o simbólico e a complexidade da formação territorial.

Diante do que foi exposto, é possível afirmar que o desejo em vivenciar o mundo rural, se materializa na aquisição de uma casa de segunda residência. Os fatores motivacionais mais expressivos desse fenômeno são o desejo por novas experiências culturais, a busca pela essência humana/ligação com o meio natural e o modo de vida tranquilo encontrado no campo, a ligação histórico-familiar (os avós ou pais eram do campo, mudaram para a cidade e agora há um movimento de "retorno às origens", a ruptura com o modelo estabelecido de estilo de vida urbano - motivado pelo estresse causado pelo atual modelo de cidade brasileira (trânsito caótico, violência, dificuldade de acesso e demora de trânsito entre espaços, verticalização, falta de áreas verdes e espaços de lazer de qualidade -, a questão locacional (os proprietários buscam adquirir imóveis rurais pela facilidade de deslocamento), e também a questão econômica (poder econômico que possibilita a posse de um imóvel rural).

As questões referentes ao processo de saída temporária da cidade e busca pelo rural, são engendrados por um conjunto amplo de motores motivacionais que perpassam os campos sentimentais e materiais, modificando a dinâmica nesses dois espaços. As modificações levadas pela crescente atividade turística e pelo aumento de casas de segunda residência para os cidadãos, não significa que o modo de vida rural esteja se extinguindo, ou que se aproxime totalmente do urbano, ou tão menos que haja uma homogeneização entre o urbano e o rural - já que os novos objetos e modernidades são absorvidos de diferentes formas em cada espaço, dependendo daquilo que já está estabelecido em cada lugar de maneira singular (economia, cultura, relações sociais, políticas, entre outros). O que ocorre é que o maior contato e acesso a modernidade, leva a possibilidade de novas formas de pensar e agir, mas são preservadas em sua maioria traços rurais, que formam o conjunto tradicional do modo de vida rural.

Destaca-se que não é possível dizer que há um espaço melhor que outro, ou seja, o campo não é melhor que a cidade ou vice-versa, dentro do atual contexto histórico. O que ocorre são diferentes maneiras de perceber o espaço, que conforme se observou, varia no tempo e no espaço. Existe uma mudança de perspectiva de observação e apreensão da cidade e do campo, nesse momento histórico, seja pessoal ou social, que influencia um determinado grupo de pessoas a adquirir uma casa além da sua residência principal.

Com base nos estudos realizados, se percebe necessária a revisão da conceituação do que é campo e cidade, pois a realidade heterogênea e dinâmica da sociedade brasileira atual exige novas perspectivas de abordagem para a elaboração de projetos e ações que contemplem essas realidades. Como afirmam Bovo e Morigi (2015) quando tratam da condição ambiental urbana e a falta de espaços verdes nas cidades, não se demonstra muita preocupação dos órgãos planejadores e gestores dos recursos públicos voltados à melhoria da qualidade de vida dos moradores das cidades, sobretudo vinculados ao bem estar dessas pessoas relacionados ao ambiente que vivem.

Compreender as dinâmicas que se motivam essa relação subjetiva vivida pelos moradores urbanos que buscam a casa de campo é importante para o planejamento e gestão territorial, pois esse processo interfere nas relações espaciais e sociais do campo e da cidade. Existe nas cidades algo que as torna desagradáveis para um número crescente de habitantes e compreender essas aflições poderia

ajudar na formulação de projetos e ações que melhorem a qualidade de vida nas cidades, da saúde física e mental das pessoas e tornar o ambiente da cidade mais agradável, belo e harmonioso.

Simultaneamente esse processo de busca da segunda residência reflete-se na necessidade de planejar as ações sobre o território rural, pois o aumento da procura por esse espaço requer a melhoria das condições de acesso, de infraestrutura comunicacional e serviços relacionados à segurança pública. Também no tocante as atividades turísticas, os moradores do campo precisam de atenção, para que o turismo possa ser aproveitado como forma de melhoria nas suas condições de vida, pelo acesso ao trabalho e renda, e que não comprometa o modo de vida dessas pessoas, a ponto de tornar o campo para elas um espaço desagradável, motivando o êxodo rural; no sentido contrário, o turismo rural deve ser entendido como uma possibilidade de manter as pessoas que desejam no campo, viver de maneira digna.

As tensões reais da história de vida dos citadinos que sonham com a casa de campo não podem ser apreendidas apenas como basicamente psicológicas ou metafísicas, mas encaradas como parte do processo de construção humana e dessa forma como possibilidade de mudanças de sistemas que apresentam-se de maneira ultrapassada e geram um amplo leque de problemas econômicos, sociais e culturais.

De tal maneira, entende-se ainda a importância em compreender os sentimentos das pessoas pelo seu espaço de vivência, os vínculos identitários, os anseios, aflições e alegrias. O campo e o modo de vida rural são construídos no ideário urbano como refúgio, mas também como possibilidade de reencontro consigo mesmo, de paz e harmonia, de contemplação e afeto. O 'sonho da casa no campo' é materializado pela segunda residência que representa todo o jogo de emoções que se formam no subjetivo humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Mendes de. O tema da fuga da cidade para o campo na literatura – O caso de Eça de Queiroz. In: MOREIRA, Roberto José; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. **Mundo Rural e Cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério. **Identidades e Territórios**: Questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007.

ARONSSON, Lars. Place Attachment of Vacation Residents: Between tourist and Permanent Residents. In: HALL, Collin Michael; MÜLLER, Dieter K. (Orgs.). **Tourism, Mobility and Second Homes**: Between Elite Landscape and Common Ground. Clevedon: Channed View Publications, 2004.

ASSIS, Lenilton Francisco de. Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. **Revista Território**, Rio de Janeiro, Ano 7, n. 11, 12 e 13, p. 107-122, set./out. 2003.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.33-52.

BOURDIEU, Pierre. Tradução de Fernando Tomaz. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOVO, Marcos Clair; MORIGI, Josimari Brito. O verde e o urbano: diferentes perspectiva ambientais e sociais. In: COLAVITE, Ana Paula; PAROLIN, Eloisa Silva de Paula; MASSOQUIM, Nair Gloria (Orgs.). **Geografia, espaço e sociedade**: uma análise plural. Campo Mourão, Fecilicam, 2015. p. 129–149.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Glossário**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/>>. Acesso em 10 de jan. 2016.

CAMPOS, Roberto Cintra. **Não-lugares** : condomínios horizontais fechados em Goiânia (1990-2006). 2007, 153 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura.) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11026>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. **Turismo rural na agricultura**: uma abordagem geográfica do circuito italiano de turismo rural (CITUR), Município de Colombo - PR. 2007, 397 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. Elementos para o Debate Acerca do Conceito de Turismo Rural. **Turismo em Análise**, São Paulo, n. 1, v. 21, p. 3-24, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14203/16021>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. 2. ed. São Paulo: Editora FFLCH, 2007,

CARNEIRO, Maria José. Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa. In: MOREIRA, Roberto José; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. **Mundo Rural e Cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.

CAVACO, Carminda. Turismo, comércio e desenvolvimento rural. In: ALMEIDA, Joaquim Acio; RIEDL, Mário (Orgs.). **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, EDUSC, 2000. p. 69-94.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito a cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHRISTLIEB, Federico Fernández. Geografía Cultural. In: HIERAUX, Daniel; LIDÓN, Alicia (Orgs.). **Tratado de Geografía Humana**. México: Anthropos, 2006.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. A Geografia Cultural e o urbano. In CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167- 186.

_____. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IHGRS, 2009.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CRUZ, Daniel Nery da Cruz. A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade. **Revista Eletrônica Metávoia**, São João Del-Rei, n.13, p. 33-46, 2011. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>>. Acesso em: 23 out. 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DUVAL, David Timothy. Mobile Migrants: Travel to Second Home. In: HALL, Collin Michael; MÜLLER, Dieter K. (Orgs.). **Tourism, Mobility and Second Homes: Between Elite Landscape and Common Ground**. Clevedon: Channed View Publications, 2004.

ENDLICH, Angela Maria. Centralização, concentração e primazia na política urbana. In: MENDONÇA, Francisco; LOWEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Márcia da

(Orgs.). **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

FERREIRA, Patricia. Ecologia Social e Turismo Comunitário: os Faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello – Pr. In: LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza (Org.). **A paisagem como patrimônio cultural: Campos Gerais e Matas com Araucárias no Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

FERREIRA, Rafael Bastos. Fenomenologia da paisagem: prolegômenos de uma geografia das essências. **Revista Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity**. Belém, n. 9, p. 63-74, mai./ago. 2017.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; LIMA, Renata Mayara Moreira de. Segunda Residência: Conceito, Características e Significados. In: FONSECA, Maria Aparecida Pontes da (Org.). **Segunda Residência: Lazer e Turismo**. Natal: EDUFRN, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOMES, Christianne Luce. Lazer-Concepções. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Rio de Janeiro: EdUFF, 1997.

_____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HALL, Collin Michael; MÜLLER, Dieter K. (Orgs.). **Tourism, Mobility and Second Homes: Between Elite Landscape and Common Ground**. Clevedon: Channed View Publications, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993.

HAURESKO, Cecilia. **Lugares e Tradições: As comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros**. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

HAZIN, Ana Lucia. Segunda Residência: uma representação de um estilo de vida e de lazer. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 24, n. 1, p. 45 – 54, 2008.

HENRIQUE, Wendel. **O Direito à Natureza na Cidade**. Salvador: Edufba, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de dados agregados. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em março de 2013.

JOAQUIM, Graça. Da identidade a sustentabilidade ou a emergência do turismo responsável. In: **Revista Sociologia - problemas e temáticas**, Lisboa, v.12, nº 23, 1997, p.71-100. Disponível em: <<http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/857/1/7.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

KLOSTER, Silvana. **Riscos e potencialidades da atividade de turismo rural na Microrregião de Ponta Grossa**. Ponta Grossa, 2013 - Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2013.

LEDROUT, Raymond. **Sociologia Urbana**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1971.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LIMA, Maria Helena Palmer. **Cidade-campo, urbano-rural: uma contribuição ao debate a partir de pequenas cidades em Minas Gerais**. 2007. 272 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MARAFON, José Glaucio. Relações campo – cidade: uma leitura a partir do espaço rural fluminense. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SUZUKI, Júlio César; MARAFON, Gláucio José (Orgs.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Dilemas na conceituação do campo e do rural no Brasil. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SUZUKI, Júlio César; MARAFON, Gláucio José (Orgs.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. ESPAÇO URBANO: memória social e patrimônio cultural. **Revista Terr@ Plural**, Ponta Grossa, UEPG, v.3, n.2, p. 323-334, jul./dez. 2009.

MOREIRA, Roberto José; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho (Org.). **Mundo Rural e Cultura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

MOREIRA, Roberto José. Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11., 2003, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2003. Disponível em:

<http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1222&Itemid=171>. Acesso em: 24 abr. 2017.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MOREIRA, Virginia; CALLOU, Virginia. Fenomenologia da solidão na depressão. **Mental**, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 67-83, nov. 2006. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/420/42000705.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 29-109.

MÜLLER, Dieter K. Second Homes in Sweden: Patterns and Issues. In: HALL, Collin Michael; MÜLLER, Dieter K. (Orgs.). **Tourism, Mobility and Second Homes: Between Elite Landscape and Common Ground**. Clevedon: Channed View Publications, 2004.

PANIS, Marcelo. O patrimônio cultural e as novas territorialidades turísticas em comunidades rurais: uma realidade emergente no Distrito de Rincão da Cruz – Município de Pelotas/RS. **RA´E GA**, Curitiba, n. 17, p. 77-92, 2009.

PAROLIN, Eloisa Silva de Paula; BELLINE, Luzia Marta. Natureza e existência na história de vida dos pescadores de Porto Rico, estado do Paraná. In: COLAVITE, Ana Paula; PAROLIN, Eloisa Silva de Paula; MASSOQUIM, Nair Gloria (Org.). **Geografia, espaço e sociedade: uma análise plural**. Campo Mourão: Fecilcam, 2015.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Tradução Sérgio Magalhães Santeiro. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **A urbanização vai à praia: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

PINO ARTACHO, Julio A. del. **Estructuras residenciales y movilidad: más allá de la segunda residencia**. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2015.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3 - 15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 25 maio 2013.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PRETTO, Fabelis Manfron. **O (re)conhecimento do patrimônio cultural rural: as vivências dos moradores do distrito de Guaragi, Ponta Grossa (PR)**. 2014, 177

f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2014.

QUINN, Bernadette. Dwelling Through Multiple Places: A Case Study of Second Home Ownership in Ireland. In: HALL, Collin Michael; MÜLLER, Dieter K. (Orgs.). **Tourism, Mobility and Second Homes: Between Elite Landscape and Common Ground**. Clevedon: Channed View Publications, 2004.

REQUIXA, Renato. **Sugestões e Diretrizes para uma Política Nacional de Lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

RIBEIRO, Renata Maria; OSÓRIO, Elizabeth Débora; BUSCIOLI, Roberson da Rocha. Residência secundária e moradia: estudo do bairro Beira Rio em Rosana-SP. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, São Paulo, v. 02, n. 10, p. 76-91, 2014. Disponível em: <http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/>. Acesso em: 17 nov. 2014.

RODRIGUES, Adyr. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, Joaquim Acio; RIEDL, Mário. **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, EDUSC, 2000. p. 51-68.

ROQUE, Andreia Maria. **Turismo no espaço rural: um estudo multicaso nas Regiões Sul e Sudoeste de Minas Gerais**. 2001, 103 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2001.

ROSAS, Celso Antonio da Fonseca. **A (des)construção da dicotomia rural-urbano no Extremo Noroeste Paulista**. Uberlândia, 2010, 243f. - Tese (Doutorado em Geografia) de doutorado. Uberlândia, 2010.

ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 82-106, fev. 2006.

SANTOS, Milton. **1992: A redescoberta da natureza**. Aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, São Paulo, v. 6, n. 14, 2003. p. 95-106.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. Cidade e Memória: dimensões da vida urbana em Caetité (1940- 1960). In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; ORRICO, Evelyn Goyannes. (Orgs.). **Memória, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções do território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Relação cidade campo: as metamorfoses da cidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SUZUKI, Júlio César; MARAFON, Gláucio José (Org.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90: Revista do programa de pós-graduação em história**, Porto Alegre, v. 8, n. 13, p. 128-133, 2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2015.

SCHNEIDER, Sergio; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, Joaquim Acio; RIEDL, Mário. **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, EDUSC, 2000. p. 15-50.

SILVA, Ângelo. **Sociologia Urbana**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

SILVA, Gislene. **O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos**. Florianópolis: Insular, 2009. 311 p.

SILVA, Karen Melo da. **Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial: diversidade na Colônia de Pelotas – RS**. 2009, 228 f. (Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Sociologia Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

SILVA Débora Alice Machado da et. al. **Importância da recreação e do lazer**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Dilemas na conceituação da cidade e do urbano no Brasil. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SUZUKI, Júlio César; MARAFON, Gláucio José (Orgs.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SOUZA, Tatiana Roberta de. Lazer e Turismo: Reflexões Sobre Suas Interfaces. **Anais...** VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: Saberes e fazeres no turismo: Interfaces. Caxias do Sul: UCS, 2010.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: Guareschi, Pedrinho; Jovchelovitch, Sandra. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 95-118.

SVENSON, Stephen. The Cottage and the City: Na Interpretation of the Caanadian Second Homes Experience. In: HALL, Collin Michael; MÜLLER, Dieter K. (Orgs.).

Tourism, Mobility and Second Homes: Between Elite Landscape and Common Ground. Clevedon: Channed View Publications, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Edue, 2012.

TULIK, Olga. **Residências secundárias:** presença, dimensão e expressividade do fenômeno no Estado de São Paulo. Tese (Livre-Docência) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo. 1995.

TULIK, Olga. **Turismo Rural.** São Paulo: Aleph, 2003.

TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza:** Mito, História e as Terras Selvagens. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – BIBLIOTECA CENTRAL
PROF. FARIS MICHAELE. **Manual de Normalização bibliográfica para Trabalhos Científicos da Universidade Estadual de Ponta Grossa.** 3. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2010. 141 p.

VEIGA, José Eli. **Cidades imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, out. 2000. Disponível em: < <http://r1.ufrj.br/esa/index.php?cA=db&al=163&vT=da&vA=18>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília – Distrito Federal: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. Tradução Marina Corrêa Treuherz. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura.** Trad. por Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 7-72.

ZUSMAN, Perla Brígida et. al. **Geografia culturales**: aproximaciones, intersecciones y desafíos. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2011.

**APÊNDICE A– Tópico guia para entrevista com moradores de segunda
residência**

Os dados a seguir são resultado de entrevistas realizadas com moradores de segunda residência, no município de Ponta Grossa- PR, nos anos de 2016 e 2017.

As entrevistas foram realizadas pela autora, seguindo tópico guia que contam com trinta e uma questões abertas apresentadas, buscando compreender a vivência dos moradores no campo, sobre a casa, as relações sociais estabelecidas no campo, a história de vida dessas pessoas e quatro questões fechadas referentes a identificação, renda e escolaridade dos entrevistados.

Foram entrevistados treze cidadãos que possuem casa de segunda residência nos distritos rurais do município. Sete são mulheres e seis são homens. A idade varia de vinte e sete a sessenta e dois anos. São pessoas com formação desde o ensino fundamental incompleto à pós-graduação e com diversas profissões. Todos são residentes na cidade de Ponta Grossa e nunca viveram no campo antes de possuírem a casa de segunda residência.

As entrevistas foram gravadas com uso de celular e posteriormente transcritas. Tiveram duração média de uma hora e trinta minutos e foram realizadas na cidade de Ponta Grossa, buscando respeitar as preferências dos entrevistados, quanto ao local, para que se sentissem mais a vontade – comumente em suas residências urbanas.

Em determinado momento das entrevistas as respostas apresentaram respostas comuns para o grupo, o que revelou uma realidade semelhante entre o grupo entrevistado, e por se tratar de pesquisa qualitativa seguiu-se o ponto de saturação das respostas. (BAUER; GASKELL, 2005).

ENTREVISTA

Número de entrevistados: 13.

Equipamentos utilizados: caderno de campo para anotações complementares, tópico guia, celular.

Local: sede urbana do município de Ponta Grossa.

A entrevista foi organizada atendendo as seguintes exigências:

Gosta de poesias, contos, música, canto, dança, pinturas, fotografias... Que tragam lembranças relacionadas ao modo de vida rural?

Quando está na casa de campo, quais atividades realiza (no cotidiano)?

Quando vai para sua casa de campo, quem o (a) acompanha?

Todos da família gostam de ir para a casa de campo? Quem mais gosta?

O que trás ou utiliza da cidade quando está na casa de campo?

Com que frequência visita sua casa de campo? Permanece quanto tempo?

O fornecimento dos mantimentos para casa costuma ser feito?

() no distrito (mercearia, mercadinho, bar...)

() na cidade mais próxima (supermercados)

Durante as refeições, na visita à casa de campo, costuma preparar/consumir alimentos produzidos na zona rural?

O que utiliza para se deslocar? Para ir até a casa e dentro do distrito.

A proximidade das regiões rurais (no caso de Ponta Grossa, a proximidade com os distritos) é um fator de relevância na escolha pela segunda residência no campo?

Quando está na zona rural participa de alguma celebração religiosa? Quais?

Participa de algum tipo de festividade? No local ou fora? Quais?

Costuma fazer visitas a outros moradores? Aos moradores da zona rural ou da cidade? Tem dias específicos? Existe diferença na relação com os seus vizinhos da cidade e os vizinhos do campo?

Quando optou por ter uma segunda residência no campo, o que procurava/queria ter/encontrar? “Qual é a sua”? Essência, filosófico, sentimento...

Pretende vender sua casa/deixar de frequentá-la algum dia? Por quê?

Você costuma convidar pessoas à frequentar sua casa de campo?

Há outros amigos, parentes e conhecidos que tenham casa de campo? Se sim, isso interferiu na sua decisão para também ter uma casa no meio rural?

Você mudaria definitivamente para sua segunda residência? Por quê? (Existe algo na cidade que incomode?)

Você considera sua casa de campo como um investimento financeiro?

A casa de campo gera muitos gastos? Há caseiro? Como é feita a manutenção?

Por que optou pelo investimento em casa de campo e não na região litorânea (praia) ou outra cidade?

Na paisagem o que é mais marcante para o (a) senhor (a)? O que mais gosta de sentir na paisagem? (o que na paisagem estimula sua audição, olfato, visão...)

Qual é o seu grau de satisfação em relação AO MEIO RURAL (sobre espaço/ambiente e a comunidade onde vive, segurança...)

O que mais gosta no meio rural?

Acredita que a casa de campo trás benefícios para sua saúde física e/ou mental?

Coisas e *habitus* que possui/faz no distrito:

() fogão à lenha

() forno de barro externo

() fogão à gás

() uso do cavalo

☐ uso de carroça	☐ móveis atuais
☐ estrebaria	☐ panela de ferro, barro
☐ galinheiro	☐ máquina de costura
☐ pocilga (chiqueiro)	☐ TV
☐ Paiol de milho	☐ computador
☒ Equipamentos agrícolas tração animal	☐ telefone residencial
☐ Ferramentas de trabalho (machado, foice, enxada...)	☐ máquina de lavar
☐ despensa	☐ Aparelho de som/rádio
☐ simpatias e benzimentos	☐ geladeira
☐ acordar e dormir “cedo”	☐ acesso a internet
☐ Fogueira de São João/ Pedro	☐ telefone celular
☐ capelinha	☐ Água de poço
☐ Encontros de oração (terço)	☐ Água de olho d’água
☐ móveis antigos	☐ Água tratada (SANEPAR)
☐ enfeites artesanais	
☐ casinha (banheiro)	
☐ retratos de família na parede	
☐ tanque de peixes	
☐ cortar lenha	

Outros?

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome:

Identidade de gênero:

- ☐ Feminino ☐ Masculino ☐ Outro

Idade:

Escolaridade:

- ☐ analfabeto – nunca estudou ☐ apenas lê e escreve

☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ nível técnico
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série completo	☐ superior completo
☐ 2º grau incompleto	☐ pós-graduação

Renda familiar (Valor base: Salário Mínimo Brasileiro em 2016 R\$880,00)

- ☐ 0 – 1 salário
- ☐ 1 – 3 salários
- ☐ 3 – 6 salários
- ☐ 6 – 10 salários
- ☐ 10 – 20 salários
- ☐ Mais que 20 salários

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS APÊNDICE A

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 1

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2016 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

(X) madeira () alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria () Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas (X)

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal (X) Propriedade ()

É uma casa com um terreno, grandinho assim mais é um terreno, como se fosse aqui na cidade um grande terreno. Acho que uns quarenta metros de largura por uns cem de profundidade

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (x) Aluga o terreno para outros ()

Onde você mora?

Aqui em Ponta Grossa, no bairro de Olarias.

Já morou no campo?

Não, nunca.

A quanto tempo tem casa de campo?

A mais ou menos dez anos.

Sua casa tem finalidade de renda?

Não, ele é só para curtidão

Gosta de poesia, cantos, música, alguma expressão artística que lembre o modo de vida rural?

Gosto, gosto da gosto. Poesias que falam da natureza, gosto das músicas regionais, gosto das músicas gaúchas, das poesias gaúchas. Sertanejas menos, sertanejas um pouco menos. As duplas mais clássicas eu gosto, essas duplas universitárias não gosto.

Quando está na casa de campo, que atividades realiza?

A, são várias. Eu gosto de curtir a natureza, de ouvir os pássaros, eu gosto do cheiro do mato, eu gosto de me relacionar com os meus vizinhos, eu gosto de comer fruta no pé, eu gosto de dar uma volta descalço andando no mato, eu gosto de cortar lenha essas e outras atividades que faço lá né. Eu gosto do silêncio, na verdade eu gosto do que não tem na cidade, gosto do não-cidade no campo, e além dessas coisas, do campo também eu gosto. Gosto de ir lá na mercearia, gosto do dono da mercearia, comprar a linguiça que ele mesmo faz, docinho de abóbora em forma de coração, essas coisas.

Você gosta de cultivar?

Não. Eu já plantei um pinheiro lá, uma araucária. Horta assim não.

Quando vai para sua casa de campo, quem o acompanha?

Os meus amigos, os meus amigos que são sócios, às vezes eu faço lá algum evento, um jantar, um café, algum encontro com outros amigos que vão lá também né. Eu tenho um grupo que anda de bicicleta, às vezes nós pedalamos até lá, ou de lá nós saímos para pedalar. Eu vou com a minha mulher né, com a filha dela, às vezes com as amigas/amigos dela, amigos da filha dela.

Todos da família gostam de ir para a casa de campo? Quem mais gosta?

É, nem todos os meus amigos gostam. Então vão aqueles amigos que gostam mais do campo, já sabem da minha casa e sempre estão ali. A minha mulher gosta bastante né, a minha enteada não gosta, não curte muito, ela é mais urbanóide né. Lá também têm os meus vizinhos e a gente também tem um bom relacionamento né, a gente está sempre vindo um na casa do outro e tal. Mas são os meus amigos, aqueles que gostam da natureza.

Percebe que as pessoas da cidade, mais jovens não gostam tanto deste modo de vida?

Percebo, às vezes vão às amigas da filha da minha mulher, da minha enteada. Em um

grupo grande uma ou duas só gostam e a maioria sente falta do computador, do celular, que lá não pega celular, sentem falta dessas comodidades. Lá não tem televisão também na casa, não temos som, não temos nada. Então essas pessoas mais jovens sentem falta daquilo. Por outro lado os mais velhos gostam da casa justamente por ela ter estas características, não ter essas modernidades.

O que leva ou utiliza da cidade quando está na sua casa de campo?

Olha, às vezes eu levo algum tempero, levo coisas industrializadas, assim como café, açúcar que eu compro no mercado, água mineral - porque lá a água vem do poço e a gente não sabe muito bem como é aquela água. Mais olha, basicamente produtos de limpeza, essas coisas para o dia-a-dia.

Com que frequência visita sua casa de campo? Permanece quanto tempo?

Olha, varia muito. No inverno eu vou mais, porque é uma casa mais agradável para o inverno. Então eu vou uma vez a cada duas semanas em média. Olha, a maior parte das vezes eu vou e volto no mesmo dia, mais algumas vezes eu durmo lá, passo o fim de semana todo. Mais a maioria das vezes é ir de manhã e voltar à tarde. Às vezes eu vou à tarde fico uma hora lá e volto. Às vezes eu dou uma escapada assim rápida pra dar uma olhada na casa, ver se faço um café lá e volto embora. Mais a maioria das vezes eu fico o dia inteiro lá. Os amigos, assim como eu, eles vão lá e passam o final de semana, às vezes, mais a maior parte das vezes eles vão lá e passam o dia.

O fornecimento dos mantimentos para casa costuma ser feito onde?

A maior parte das coisas na cidade, mas quando acontece alguma emergência aí eu compro no mercadinho perto da casa, lá no Passo do Pupo. Eu já comprei gás, já comprei açúcar e café, linguiça né. A linguiça eu compro sempre, é muito gostosa lá. Doces, cerveja, cachaça. Consumo produtos feitos pelos moradores, mas não muito. Na verdade, eu não conheço muito aqueles produtos feitos pelos moradores. Vendem coisas da horta né. Eu vou diretamente nas duas, três vendas que têm ali. Eu sei que daí os moradores abastecem essas vendas. Então, direto do produtor eu não passo, mas ali nas vendas eu sempre vou.

Durante as refeições, na visita à casa de campo, costuma preparar/consumir alimentos produzidos na vizinhança de sua casa?

Não, não, sempre produtos que eu levo do mercado aqui de Ponta Grossa ou então que

eu compro lá né.

O que utiliza para se deslocar? Para ir até a casa e dentro do distrito?

Então, eu vou de carro, vou de moto à vezes também, e alguma vezes de bicicleta. Quando vamos andar de bicicleta, a casa é uma base para banho, descanso. Mas quando eu vou mesmo pra lá, ou eu vou de carro ou de moto. Ah eu vou a pé, tudo a pé, aliás é uma grande oportunidade de caminhar, eu gosto muito de caminhar por lá. Eu não fico só andando por lá, eu vou ali nas colinas gêmeas que é perto, eu gosto de andar dentro do distrito, nas ruazinhas que têm ali. E sempre que eu vou fazer compra por ali, ou na casa de um outro amigo, sempre a pé.

Você percebe a presença de mais moradores que tem mais residências secundárias?

Percebo, até de uns três anos para cá, a gente viu um crescimento muito grande do número de pessoas que começou a alugar e comprar casas lá, e antes não tinha, antes eram moradores fixos lá, e agora passou a ser, eu não sei em que proporção, mais muita gente lá hoje, são moradores da cidade que têm segunda residência lá.

Você percebe que isso muda ou altera de alguma maneira o modo de vida local?

Muda, e eu acho que é pra pior. Uma das coisas que me agrada na casa do Passo é o fato de você ir lá e ter um estilo de vida que é dos moradores locais, que eu gosto muito, eu aprecio muito isso, respeito muito e gosto muito, e ultimamente tem havido um aumento muito grande de pessoas que vêm da cidade com hábitos da cidade. Então, quando você vai dormir lá, tem som alto até de madrugada, coisas que muitas vezes a gente não tinha. Então, isso pra mim quebrou um pouco. Quando eu fujo da cidade pra ir lá, é como se eu fosse lá e encontrasse a cidade também lá. Gente passando com o carro correndo entre as casinhas... Claro que não é sempre que isso acontece, mais eu lamento. Claro que eu gostaria de ser o único morador da cidade que fosse lá.

Você acredita que a proximidade dos distritos à cidade é um fator que leva as pessoas à comprarem casa de segunda residência nesses espaços?

Eu acho que no meu caso, o Passo-do-Pupo é fundamental, é uma vila com vários moradores, as casinhas são vendidas em terrenos menores, o que facilita a compra, não são chácaras né. Há muita estrutura ali, tem borracharia, tem mercadinho, tem igreja. Um chama o outro né, às vezes uma pessoa vai morar lá, um amigo já se interessa, às vezes primo, um irmão se interessa e vai morar também. Então o fato de ser um distrito,

na verdade não chega a ser um distrito, é uma vilazinha dentro do Distrito de Itaiacoca favorece, facilita essa locomoção e esse fenômeno que é essa segunda residência lá.

Quando está no distrito participa de alguma celebração religiosa? Quais?

Às vezes eu vou na festa da igreja lá né, mais eu não lembro de ter ido lá para isso. Às vezes eu vou lá e descubro que a festa acontece. Esses dias eu fui dormir lá no sábado, amanheceu e tinha festa. E claro nós fomos à festa, a gente participou da festa, a gente almoçou na festa e fez umas fotos e tal, então sim, quando tem algum evento lá na localidade e a gente está por lá, a gente vai

Gostei, apesar de eu não ser religioso, eu gosto dessas atividades. Eu gosto de perceber as diversidades culturais, diferentes da minha, é legal, é legal conviver lá, cumprimentar as pessoas, mostrar pra elas que você é dali, a gente sempre se vê passando, quer dizer, é uma oportunidade, é divertido até, têm coisas divertidas, têm jogos, têm brincadeiras, participar do churrasco, é bem bacana. Eu gosto.

Você procura participar de outras atividades no espaço rural, além do lugar da segunda residência?

Olha não é muito, na verdade quando eu fico sabendo e não tem nenhuma outra atividade eu vou só pra isso, mais geralmente acontece quando eu estou lá né. To indo lá num final de semana qualquer, pra me divertir lá, pra passar lá e teve alguma festividade aí sim eu vou lá dar uma volta vou passear vou ver como é que é e tal, mas não que eu me desloque daqui pra lá apenas pra isso não, é raro, já aconteceu, mas não é muito frequente.

E você procura participar de roteiros turísticos com atividades no campo ?

Não, não não não eu não gosto, eu não gosto da artificialidade destes roteiros. O que eu gosto é de ir no campo e me sentir um morador de lá né, por isso que eu não gosto dos moradores urbanos que se comportam desta forma né, porque eu quando eu vou lá eu procuro... Não que eu procure ser um deles, o meu comportamento é muito parecido com o deles. Eu sou discreto, eu fico na minha né, eu converso com o vizinhos, eu vou até a bodega, até a mercearia né, eu vou lá nas festas, eu sempre ando devagar com o carro, eu não faço barulho, então é né, nesse sentido que eu é essa minha relação com esse lugar, eu não gosto dessa artificialidade de ir nos lugares sabe, como se fosse um pacote turístico né, eu prefiro curtir lá com é na realidade, a verdade verdadeira deles né.

Costuma fazer visitas a outros moradores? Aos moradores do distrito ou da cidade? Tem dias específicos?

Não com muita frequência. Eu não sou muito de ir na casa dos outros sem avisar, aliás muito não, eu nunca vou na casa dos outros sem avisar. Então quando eu to lá, eu to caminhando por lá e um vizinho me convida pra entrar, me convida pra almoçar, me convida pra alguma coisa, pra tomar um chimarrão né, aí eu vou, vou com satisfação né, mas não que eu vá lá e procure ir na casa dos outros isso nunca faço. [Quanto à hospitalidade]: Olha eu sinto depois de quebrado o gelo de eles me conhecerem né, claro né, a gente acaba criando comportamentos meio parecidos com os da cidade. Mas como eu gosto de caminhar por lá né, eu vou quebrando o gelo e aos poucos eles vão me convidando. [Quanto à visita para moradores urbanos]: É, às vezes acontece, acontece, já aconteceu de fazermos um jantar né, uma das coisas que eu gosto de fazer lá na casa é jantar né, aí você convida as pessoas aqui da cidade e moradores de lá também, então a gente forma um grande grupo né, pra comemorar alguma coisa ou pra jantar fazer um encontro né, tomar vinho fazer sopa, aí nós nos reunimos lá, pessoa de lá e pessoas da cidade.

Você convida as pessoas para frequentarem sua casa de campo?

Convido, às vezes eu não quero que ninguém vá lá né, às vezes eu quero ir sozinho, sozinho, sozinho, até nem minha mulher vai né, às vezes eu quero ir só com ela, nem com a filha dela, só eu e ela. E às vezes eu convido os meus amigos, eu gosto que meus amigos vejam a minha casa, que eles sintam a mesma coisa que eu, é como se eu desse um presente pra eles, é a possibilidade de eles passarem um dia lá, passarem um final de semana lá, ofereço a casa para eles irem lá se eles quiserem né, nunca regulei a casa para os meus amigos mais próximos é claro né. Eu tenho um ciúme da casa, por mais que seja simples e não tenha nada de caro lá, mais eu tenho muito ciúme dela, então pros meus amigos mais chegados eu empresto e levo sempre eles lá.

Quando optou por ter uma segunda residência no campo, o que procurava/queria ter/encontrar?

Então, eu acho que é uma coisa que... São várias coisas né, fugir da cidade é uma delas, sair desse ritmo da cidade e entrar num ritmo mais lento, mais tranquilo. Pra mim é um ambiente mais honesto o campo, mais sincero, e isso me agrada, me agrada muito o homem do campo. Acho que estes são os motivos de eu ir lá, eu gostos muito das

pessoas, muito. Eu gosto de conversar com elas, de dar corda para as pessoas, eu sou do tipo socrático, que pergunta e fica ouvindo as respostas. Eu gosto de falar de mim pra eles, mais eu gosto de ouvir deles pra mim né, então isso me diverte muito, eu fico horas à vezes na banquinha, conversando com o dono da banca, da mercearia, os vizinhos... Gosto do ar livre, muito da natureza, desse contato com a natureza, o ar puro, de comer fruta no pé, acho que lembra muito a minha infância, acho que eu busco um estilo de vida que eu tinha quando era criança, que eu morava numa casa de madeira que tinha fogão à lenha, então eu acho que são vários motivos né, uma recuperação da minha antiga infância, a fuga da cidade, o contato com a natureza, o contato como homem do campo, eu acho que é isso. Acho que o campo é poético, acho que o campo é sensível, eu acho que o campo é sincero, verdadeiro, acho que lá no campo eu sou bicho, sou homem animal né, essa coisa da natureza, eu acho que no campo eu relaxo, eu desestresso né, eu respiro melhor eu faço as coisas mais devagar... Eu gosto do cheiro de campo, eu gosto do cheiro de merda de vaca, do cheiro de mato, de chuva que cai, de estar lá com chuva, com sol, pra mim tanto faz né. Se eu to lá e tá chovendo eu não acho ruim, mesmo que eu fique dentro de casa o tempo todo. Ficar olhando os passarinhos, os quero-quero, que tem muitos lá né, eu gosto. Me sinto, me sinto vivo lá, me sinto vivo, feliz, me sinto bem! É um outro tipo de sentimento.

Qual é o seu grau de satisfação e de sua família em relação AO MEIO RURAL (sobre espaço/ambiente e a comunidade onde vive)?

Muito diferente me agrada muito, não moraria lá, porque eu sinto falta das questões sociais e culturais que tem na cidade, que eu to muito acostumado com elas né, meu trabalho né, bares, cinemas essas coisas, mas me faz bem ir lá de vez e quando.

Pretende vender sua casa/deixar de frequentá-la algum dia? Por quê?

Não, seu eu não pudesse, de repente não ter mais ela eu ia procurar outra. Na verdade eu estou sempre indo pro campo né, às vezes quando eu não vou pra minha casa, eu vou com a bicicleta, com a moto ou com o carro eu vou pro campo. Eu tomo uma dose de campo toda a semana, toda a semana eu vou pra esses lugares né. Nem sempre eu vou pra minha casa né, às vezes pego uma estradinha, ando, paro lá num lugar, faço a mesma coisa que faço lá, entro no lugar, tomo uma cerveja, como alguma coisa, fico especulando lá com o dono do mercadinho, se tem alguém lá eu puxo assunto né, então eu acho que toda a hora. Agora que você me pergunta, ficou claro para mim, e mesmo quando eu não vou na minha casa, eu vou pro campo, eu vou pro campo sempre né,

tanto que eu tenho ícones que são próprios da análise do campo justamente de tanto que eu gosto.

Há outros amigos, parentes e conhecidos que tenham casa de campo? Se sim, isso interferiu na sua decisão para também ter uma casa no meio rural?

Sim, acho que aprendi isso com meu pai né, meu pai era bem de uma cidade pequena, ele sempre gostou disso e me levou pro campo né, eu tinha também um tio que era agrônomo, que já morreu, aliás, os dois morreram e meu tio também fez um trabalho de agrônomo junto às fazendas de Campo Mourão, e a gente ia sempre pro campo. Meu tio que me ensinou a ver o homem do campo, respeitar o homem do campo né, nunca deixar de cumprimentar alguém que tá ali na janela, na frente da porteira né, sempre cumprimentar sempre ser gentil né, e eu gosto disso. É familiar, é histórica da minha vida e da minha família, principalmente meu pai e meu tio. É, isso é comum de certa forma né, tios que tinham chácaras né, meu avô tinha uma chácara que eu não conheci, mas minha mãe sempre falava dessa coisa de campo né, e tem um monte de pessoas que a gente conhece que tem casas na praia, tem casa no campo ou que vão pro campo, que gostam de ir nas pousadas de campo, essas fazendas-pousadas e tal né, então isso já é comum né a algum tempo. Eu acho que minha escolha viria naturalmente sabe, é, porque esse prazer que eu tenho pelo campo, e essa admiração que eu tenho pelo homem do campo, ela viria à tona, é claro que quando eu era criança eu sentia isso, mas não sabia, aí com o tempo eu fui desvendando isso mais é claro que eu ia chegar a essa conclusão que eu gosto muito. E antes de ter a casa do campo eu sempre tive as idas pro campo, eu sempre ia pra lá né, então era uma necessidade de ir quase toda a semana pro campo. É ter mais uma casa né, como eu não acho importante comprar uma casa, porque ter a propriedade casa não é o mais importante né, eu alugo, então pra mim tá bom né, eu alugo a casa e é minha por enquanto, é minha casa, claro que não é minha de propriedade mas é minha de uso, então não importa, e se não é lá pode ser em qualquer outro lugar. Mas eu gosto do Passo do Pupo.

Você mudaria definitivamente para sua segunda residência? Por quê? (Existe algo na cidade que incomode?)

Muitas coisas incomodam, o morador da cidade me incomoda, o ritmo da cidade me incomoda, a falta de educação das pessoas da cidade me incomoda, essa falta de moral, sabe, cada um vivendo por si, cada um querendo levar vantagem sobre o outro,

coisa que a gente não vê lá, no campo. A poluição, a cidade sempre cinzenta, os prédios, isso é ruim. Mas não mudaria definitivamente, porque essa necessidade que eu tenho, e que eu contemplo ela lá né, ela é muito essencial pra mim né. Mas quando fico mais um dia, dois dias, aí eu sinto falta da cidade, talvez se eu fosse obrigado a ficar lá eu me acostumassem a ficar por lá, mas mesmo assim eu acho que não, por outro lado eu também gosto muitos das coisas urbanas, eu gosto de caminhar no meio do povo, eu gosto de andar pela rua a pé, eu gosto de tomar um café, de ler um jornal, de ir ao cinema, ao teatro né, eu gosto de ir num barzinho, ver música ao vivo né, então essas coisas. Eu gosto de ver as figuras diferentes da cidade né, então isso eu sinto falta, o meu trabalho fica na cidade, os meus alunos, os meus orientandos. Então, essa relação eu sentiria falta. Eu acho que não moraria lá.

Você considera sua casa de campo um investimento?

Não, não porque como eu te disse ela é alugada né, mas acho que é um investimento pela qualidade de vida, eu acho que é um investimento em mim, no sentido de que eu vivo melhor com ela, eu sou mais feliz com ela.

A casa de campo gera muitos gastos?

Olha, eu pago aluguel relativo, ainda que a gente divide com as pessoas, eu acho que não, eu acho que vale a pena, é um custo benefício maravilhoso, eu não sou sócio de clubes, então eu não pago mensalidade nenhuma de clubes né, mas trocaria facilmente isso pela casa, então eu acho que é um dinheiro bem gasto. Aí nesse sentido sim é um investimento né, em mim, na minha saúde, na minha paz de espírito e principalmente naquilo que eu gosto de fazer que é estar lá. Toda a manutenção é feita por nós [grupo de amigos que alugam a casa] em relação à casa, então nós temos uma grande sorte que o senhorio da casa é um casal que tem carneiros né, então ele abre a porteira da divisa entre a nossa casa e a casa dele e solta os carneiros lá, e os carneiros cortam toda a grama, então a gente não tem que ficar cortando grama na casa, a gente não se preocupa com o terreno, o terreno fica sempre limpinho, tem merda de carneiro lá, mas tranquilo né, o terreno sempre limpo. Mas a limpeza da casa, dentro e fora, é por nossa conta, então sempre que um dos sócios vai lá, sempre deixa a casa limpa né, às vezes a gente faz um mutirão e faz uma super-faxina, já pensamos em contratar da região pra fazer essa faxina, mais isso não aconteceu ainda.

Por que optou pelo investimento em casa de campo e não na região litorânea (praia) ou

outra cidade?

Sim, olha, eu já pensei em ter uma casa em Curitiba, eu acho que seria muito interessante, eu gosto muito de lá né, então se eu tivesse condições financeiras eu teria, um apartamento, uma quitinete em Curitiba eu teria, uma quitinete para eu poder ir lá de vez em quando né para ir nos lugares que eu gosto de ir, mas como eu não tenho dinheiro, eu não tenho né. Uma casa na praia eu acho que é um pouco engessador assim, tem que ir sempre à mesma praia, eu gosto sempre de ir a lugares diferentes então a casa na praia, se eu tivesse bastante dinheiro talvez eu tivesse também uma casa na praia, mas não tenho e não alugo uma casa na praia, eu gosto de ficar no hotel ficar no *camping* né. Mar e campo é diferente, como o campo é destes três lugares, outra cidade, praia e campo é o que eu mais gosto né, e que para mim é mais fácil de ir porque em poucos minutos eu estou lá, por este motivo que resolvi ter a casa lá, para eu poder realizar sempre isso né, sempre fazer esse deslocamento e ter lá um lugar para ficar né, um lugar pra comer, um lugar pra dormir, um lugar pra descansar, pra mim é perfeito. A minha vida em algum sentido assim, ela é antes e depois dessa casa, depois dela eu me sinto muito bem, muito bem mesmo, eu tenho um amor pela casa, e não é pela casa em si, mas pelo que ela representa, pelo que ela me proporciona, a mim e aos meus amigos.

Na paisagem o que é mais marcante para você? O que mais gosta de sentir na paisagem? (o que na paisagem estimula sua audição, olfato, visão...)

Primeiro é natureza por ela mesma né, ver a natureza, ver as árvores, ver o campo, ver a chuva, a noite, ver as estrelas... Então, essa visão de natureza é a primeira coisa. A segunda é a natureza em movimento, às vezes eu fico horas vendo o vento balançar as araucárias, os eucaliptos, os cedros, ver os pássaros voando, ver os carneiros né, ver os quero-queros correndo, gritando quando a gente passa perto do ninho né, ver uma grimpá de pinheiro que cai das araucárias e tal... Então, esse movimento da natureza que eu gosto muito né, chuva né, então é isso, os cheiros né, eu gosto do cheiro de vaca, do cheiro de porco, eu gosto do cheiro de campo né, eu gosto do cheiro de algumas plantas né, de algumas flores, de algumas árvores frutíferas, então esse cheiro me agrada muito, o cheiro depois da chuva e tal... E também algumas sensações, de pisar na terra, de pisar na grama, de pisar na terra molhada, de catar lenha e a lenha estar molhada, entendeu? Sabe, é isso mesmo, de catar grimpá e furar o dedo, entende? De catar mimosa, de colher mimosa, sabe, essas artimanhas que você tem que saber pra você, que horas que aquela fruta dá para tirar, que horas que você corta a

lenha, corta a lenha depois guarda. São todas essas coisas, que tipo de lenha que pode pôr no fogão que queima mais rápido, que queima mais devagar, então tudo isso eu acho que é marcante.

O que mais gosta no meio rural?

A é difícil dizer o que eu mais gosto, mas eu acho que o homem do campo, as pessoas de lá. Você passa assim, numa estradinha, e dar com a mão pro cara que está lá na janela na casinha lá em cima, isso me dá uma grande satisfação.

Você acredita que sua casa no campo traz benefícios para a sua saúde física?

Total, eu até acho que eu devia ir mais lá, de tão bom que isso é para mim. Só o fato de eu desacelerar né, já é ótimo, de eu fazer atividades físicas, cortar lenha, catar grimpá. O modo de vida rural é mais saudável. Totalmente. A alimentação né, velocidade das coisas, ar puro, contato com a natureza, contato com bichos, isso é ótimo, faz bem né. Contato com pessoas calmas, pessoas sinceras, honestas, a maioria das pessoas do campo são honestas, são de palavra, são fiéis né, então esse desarmar. A única coisa que me incomoda no campo, assim como eu acho que é um stress que é um stress urbano, é o medo de um assalto que se pratica nas casas do campo né. Então, às vezes eu vou dormir lá e eu levo uma espingarda que eu tenho, eu não gosto de levar ela, mas eu tenho que levar, porque é tudo muito vulnerável lá, então a casa é longe de tudo, se chega lá um assaltante por exemplo, ninguém vai ficar sabendo, como acontece com as pessoas que vivem na zona rural. Então isso é um fantasma que assombra a mim e aos meus vizinhos e me deixa muito tenso, eu lembro que no começo, já faz uns dez ano que eu moro lá, eu nunca pensava muito e agora ultimamente a gente pensa muito. Então às vezes a gente lembra disso e fica meio tenso, não relaxa totalmente como a gente fazia antes, deixar a casa aberta, a porteira aberta, no verão por exemplo e ficar lá dentro com tudo aberto. É tão fácil chegar alguém e assaltar todo mundo, e entrar na casa e render todo mundo lá dentro e ninguém pra ver né, então isso é uma coisa ruim, acho que é a única lá que eu vejo.

Você sente que houve uma mudança nos padrões de vida, na segurança, na urbanização?

Eu acho assim ó, nos distritos, nas vilas há uma influência muito grande da vida urbana por esse aumento da segunda residência né. Essas pessoas acabam influenciando demais, como se o estilo de vida deles fosse correto, então eu vejo alguns moradores

do campo tentando viver como essas pessoas né, e a própria presença deles lá urbaniza, como eu moro numa vila, é uma minicidade, ainda que as casa seja muito distantes e os terrenos tenham muitas árvores e tal né. Então, eu acho que há uma influência grande, mas longe quando eu saio dali e vou pra alguma casa mais longe, quando eu vou pra alguma propriedade mais longe, quando eu saio de carro pelas estradinhas, aí eu percebo que ainda se vive bem aquele estilo do campo, mesmo que essas pessoas ainda que elas tenha antena parabólica, ou usem celular né, acho que elas ainda vivem a essência do campo né, que é aquela vida com a natureza, com a produção do campo, com os animais, o estilo de vida, da pessoa sensível, eu acho que o campo ainda existe lá.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

(x) fogão à lenha	() Encontros de oração (terço)
(x) fogão à gás	(x) panela de ferro
() forno de barro externo	() máquina de costura
() uso do cavalo	() TV
() uso de carroça	() computador
() estrebaria	() telefone residencial
() galinheiro	() máquina de lavar
() pocilga (chiqueiro)	(x) tanque
(x) Paiol de milho “sem milho”	(x) móveis antigos
() Equipamentos agrícolas tração animal	() móveis atuais
(x) Foice	(x) enfeites artesanais
(x)Machado	() Aparelho de som/rádio
(x) despensa	() geladeira
() simpatias e benzimentos	() acesso a internet
() acordar e dormir “cedo”	() telefone celular
() tanque de peixes	(x) Água de poço
(x) cortar lenha	()Água de olho d’água
(x) Fogueira de São João/ Pedro	(x) Água tratada (SANEPAR)
() capelinha	() casinha (banheiro)
	() retratos de família na parede

Outros?

Puxa vida, de tipicamente rural, bom tem a rede né, eu gosto de ficar deitado na rede, mais eu acho que não é rural né, é essa coisa da cadeirinha, da cadeira na varanda né a gente faz muito isso lá né, acho que tipicamente rural, fogueiras, a gente faz fogueira com grimpá de pinheiro de lá, aliás faz isso a noite, céu limpo né, fora essas que você falou acho que não tem. Costumo sair fazer caminhadas à noite, pra curtir a noite. Costumo, pedalar também, gosto muito de pedalar, às vezes levo a bicicleta e vou pedalar por lá daí volto, daqui a pouco eu volto pra casa. Gosto muito de andar de moto por lá, de jipe né, andar nas estradinhas rurais né, desbravar aquela região de Itaiacóca que é cheia de estrada né, e bacana.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

() Feminino

(X) Masculino

Idade: 55 anos

Renda: 9 salários mínimos

Escolaridade:

() analfabeto – nunca estudou

() 2º grau incompleto

() apenas lê e escreve

() 2º grau completo

() 1ª a 4ª série incompleto

() nível técnico

() 1ª a 4ª série completo

() superior incompleto

() 5ª a 8ª série incompleto

() superior completo

() 5ª a 8ª série completo

(x) pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 2

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto

Data: 06/2016

Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

(X) madeira () alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal (X) Propriedade ()

O terreno tem 1200m², então tem a casa, tem uma parte, um pouco na frente e atrás também têm árvores frutíferas.

No começo a gente pensava em fazer alguma coisa lá, porque como ele gostava de cozinhar, então a gente pensava em fazer alguma coisa comercial, agora já não tem mais, não sei, talvez os filhos podem pensar o mesmo, ou... Eu ainda não pensei sobre o assunto sabe.

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (X) Aluga o terreno para outros ()

Onde você mora?

Moro em Ponta Grossa, no bairro Oficinas.

Você já morou no campo ou sempre morou na cidade?

Sempre morei na cidade

Há quanto tempo você tem a sua casa no campo?

Essa casa que é pra ser minha e do esposo, a gente comprou o terreno em 2013, mas eu vou pro Passo a mais tempo, então desde de 2006 mais ou menos, então tá ligado ao amor, porque quando eu comecei a namorar com ele, eles já tinham/ alugavam uma casinha, uma outra casinha de madeira né, bom, alugam até hoje né, e daí por causa disso a gente passou a ir com frequência pra lá né. Eu antes, eu passava por ali, quando era pra ir para a Mariquinha, aí, sempre gostei daquela região, mas não tinha uma parada ali né, aí por causa do aluguel dessa casa passou a ter né.

Essa casa ela é própria ou alugada?

É, essa casa era alugada, daí depois a gente sempre observava do lado dessa casinha que o vizinho alugava tinha uma outra casa que agora é de uns amigos nossos né, mas a pessoa que era dona anterior, ela chegava na casa e a gente estava na “arinha” da nossa casinha, a pessoa chegava na casa, ligava o alarme, dava uma olhada na casa e saía, e a gente assim: “nossa, que casa que a gente “ía” fazer isso?”, e depois de um tempo a gente começou a ver se tinha algum lugar por lá, algum terreno. Aí quando a gente ficou sabendo, na verdade foi o esposo, que ficou sabendo que tinha uma pessoa que queria vender né, um terreno por lá, foi daí que a gente comprou.

E a sua casa é de alvenaria ou madeira?

Ela é de alvenaria, mas no terreno já tinha uma casinha de madeira, é, uma casinha bem pequena, a gente manteve ela, porque a gente queria aproveitar ela, eu sempre gostei de coisas de madeira, ele também, então a gente queria fazer uma coisa... deixar os dois assim, o novo com o velho. Deixar os dois em contraste.

Você gosta de poesia, canto, dança, fotografia que remetam ao modo de vida rural?

Eu acho que sim, a gente ia pra lá e levava violão, compunha músicas lá, o esposo escrevia, aí eu era responsável pela parte melódica lá, de botar melodia nas músicas. Então ele também gostava de fotografia, eu também, então tem muita foto de lá, a gente gostava de fotografar, eu gostava de quando era nós que estávamos na casa e os amigos vinham, eu sempre recebia com flores, eu saía catar flores por lá, eu gostava também assim do contato com as pessoas que moram lá né realmente.

O professor falou que você tinha uma amizade assim

É aham, a gente gosta de ouvir história, história de vida, então daí acaba comprando um ovo do vizinho né, e a gente assistia filme lá também né, acho que é isso...

E quando você está à na sua casa de campo, que tipo de atividades você realiza no cotidiano?

Pois é lá era assim né, mais pra reunir os amigos né, então era muita gente pra fazer a janta, jantar, fazia almoço, feijoada, então era pra reunir os amigos, dar risada, pra cantar, iam amigos músicos também pra lá sabe, então passeios naquela região a gente não fazia muitos não, ficava mais sempre ali mesmo, em casa. E daí arrumava as coisas pra fazer lá, levava livros pra ler, ficava curtindo a natureza, porque depois eu vou te

mostrar ali, o lugar é muito bonito, a vista é muito bonita. Então eu ficava lá fora, ficava até a noite, coisas assim, bucólicas.

Quando vai para sua casa de campo, quem acompanha?

Na nossa casa era nós dois, mas também tinha uma outra casa alugada né, que era daí os sócios da casinha, que eram todos os amigos e as mulheres, e aí de repente vinham as pessoas que eram amigos do esposo, ou amigos meus, então era bem variado né, mas família também, a minha família, família dele, aí geralmente tudo girava em torno também de comida, sabe, eu volto a falar como ele cozinhava, então tinha muito isso. Acho que ele gostava disso de receber as pessoas...

E você percebe que as pessoas gostavam muito de ir para a casa de campo?

A eu acho que sim, era difícil assim, alguém recusar convite, mesmo quando tava muito frio né, porque lá fica mais frio do que aqui, então, e eu acho que as pessoas curtem esse contraste né, sair do urbano, do barulho, e aproveitar a natureza, o silêncio, passarinho né.

Você percebe que há uma distinção por idade, as pessoas mais velhas gostam mais, os jovens também gostam, as crianças curtem?

Ah eu acho que todo mundo. Deixe eu pensar. Ah, eu penso que não, eu acho que às vezes assim algumas pessoas não conseguem ficar muito tempo né, no rural, e né, tem essa coisa de ficar na cidade e tal, mas como lá era ir e voltar, acho que não tem, todo mundo gostava sem distinção de idade.

O que leva ou utiliza da cidade quando está na sua casa de campo?

Já tinha lá, mas a gente levava roupa de cama, livro, computador, violão, que mais, é... o que ia cozinhar, então passava no mercado, fazia compras, daí ia pra lá... acho que isso basicamente e outros né, roupa tal, não dá pra deixar nada lá.

Com que frequência visita sua casa de campo? Permanece quanto tempo?

Ah, nos últimos tempos, até então 2014 né, era quase todo o fim de semana, como a outra casa estava sendo construída tinha que sempre dar uma olhada né, então o esposo acabava indo durante a semana pra lá, eu por causa do trabalho e horário assim, mais fixo não conseguia ir, mas sábado a gente ia pra lá, era praticamente, talvez

agora nos últimos anos quase todo o fim de semana. Ah, a gente ia sábado e voltava domingo, ou ia sexta e voltava sábado à noite.

O fornecimento dos mantimentos para casa costuma ser feito onde?

Às vezes comprava lá alguma coisa. Lá têm dois lugares que vendem né, enfim, uma vendinha assim né... Então o seu Toninho sempre teve uma linguiça muito gostosa, então a gente comprava dele, algumas vezes, aí tinha uma outra vizinha que tinha ovos, também comprava dela às vezes, mas como a gente já ia com o cardápio pensado a gente fazia muita compra aqui mesmo. É mais ou menos esses que te falei, ovos, linguiça, uma vez eu fui pegar couve na casa do vizinho pra feijoada, acho que é isso. Nessa outra casinha, que alugava com os amigos, ali só tinha mimosa né, não tinha nada plantado. Lá na outra ainda tava começando a plantar alguma coisinha pra ver como que a terra também... Então dali a gente não fez nada.

Quando vocês vão pra lá, vão de carro?

De carro.

E nos arredores da propriedade, andam a pé ou de carro?

A pé.

A pé para aproveitar?

Aham, você conhece lá o Passo? É porque é uma região pequena sabe, eu fazia um giro sempre assim, passava no cemitério lá, porque o bacana do cemitério que ele é bem democrático assim, as flores são no chão, então quando da primavera fica bem lindo, e todos os túmulos têm flor daí né. Então eu gostava de sair e passava por lá pra catar flor, não do cemitério, do lado do cemitério, fazia uma ou outra volta, passava no campo de futebol, mas essas voltas eu fazia mais sozinha porque o Chico gostava mais de ficar na rede, e eu tinha que dar as minhas voltinhas.

Para você a questão da proximidade da cidade com os distritos, induz as pessoas às casas de segunda residência?

Ah eu acho que sim, porque está bem perto né, dá meia hora de carro do centro da cidade, são 20 km, é asfaltado embora seja uma estrada perigosa é asfaltada, então eu acho que facilita bastante.

Você participava de alguma celebração religiosa nos arredores da casa de campo?
Não.

Alguma festividade?

A gente não participou de nenhuma. Não, de nenhuma.

Vocês faziam visitas ou eram visitados pelos vizinhos?

Não era troca de visitas, a não ser daí com um outro casal, que foi morar ali né do lado, aí sim, bastante né. Mas com os moradores mais antigos era pra conversa né, ia lá, comprava alguma coisa, conversava, ou eu passava, ia catar flor e tal daí passava, dava uma conversadinha.

Mas havia uma boa relação?

Tinha, aham. Sempre levava a máquina fotográfica junto né, teve até uma certa vez que eu fui nessa senhora que vende ... 13:46 ... Aí eu estava com a máquina pendurada assim, daí ela bem assim “mais você não vai me filmar né?” Eu disse não, imagine se eu fosse filmar eu iria falar pra senhora, iria pedir antes né. Mas era isso basicamente né, conversas assim, durante a caminhada né, por lá.

Quando da opção pela segunda residência, o que vocês esperavam encontrar?

Ah eu acho que a natureza né, a natureza, a tranquilidade, o sossego, os passarinhos, os amigos, eu acho que é isso, poder ter essa coisa da contemplação da natureza, basicamente isso né, nós dois gostávamos e acho que essa coisa do interior sempre foi importante pra mim. Meu pai nasceu no interior, pertinho de palmeira né, então não sei se sempre teve essa coisa da gente ir pra lá quando criança, e também era um lugar sossegado, sem barulho, esse barulho da cidade, de vaca. Tinha um padrinho também, ele morava em Palmeira, na chácara. Então acho que desde criança teve essa coisa de gostar do interior sabe, de se sentir bem, acho que é isso também, de se sentir bem que a gente busca indo pra lá né. Gostava, foi ele até que achou o lote tal. No começo eu nem sempre fiquei muito empolgada, mas daí depois que eu acabei gostando do lugar e tal.

Você tem pretensão de deixar de frequentar essa sua casa algum dia, de vender talvez?

Olha, por tudo que aconteceu eu já pensei assim em vender, mas acho que não vai acontecer sabe, eu acho que eu to afim de dar um tempo pra mim, pra me organizar né,

então eu dei esse cuidado que precisava na casa, pra ela não deteriorar né, até que eu possa resolver o que.. Então eu não quero resolver nada precipitado, então por isso que até agora eu não vendi, e também é meio duro, a emoção que eu tenho lá é meio contrastante, ao mesmo tempo que eu gosto do que tem lá, eu fico muito triste. Mas eu acho que vai chegar uma hora que isso vai mudar um pouco e vai ser mais fácil né, então eu acho que eu não vou vender a casa, acho que não.

Vocês costumavam receber amigos?

Aham.

Seu histórico familiar é de pessoas com casas no campo, a sucessão de pessoas próximas que tem casa no campo, influencia essa decisão, uma vez que você já tem um contato prévio?

Ah eu acho que sim, e acho que esse contato que se tem entre a cidade e o campo, eu acho que influencia sim.

Você mudaria definitivamente pra lá?

Acho que sim. Porque eu acho que Ponta Grossa está crescendo bastante né, por exemplo, lá pro lado que minha mãe mora está saindo dois prédios grandes, o trânsito está ficando cada vez mais difícil, não que seja assim um... eu acho que o que eu gosto é do silêncio sabe também né, eu gosto dessa coisa que tem isso no campo e, apesar de lá ter tido uns acontecimentos meio graves e tal, de roubo, mas já pensei de ir morar pra lá. Bom, isso era o nosso plano né, também, e ele ficou interrompido. Mas eu penso assim de talvez morar pra lá um dia.

Tem algo na cidade que te incomoda, que te motivaria a morar no campo?

O barulho, deixe eu ver se tem mais alguma coisa. Acho que arrumar confusão assim, não gosto, gosto das coisas mais tranquilas, a paisagem é mais bonita né! Claro que a cidade tem coisas que eu gosto muito né, casa antigas né, eu gosto de Ponta Grossa, eu gosto da minha cidade, mas o campo oferece outras coisas.

Você considera a casa de campo um investimento financeiro?

Acaba sendo né, mas acho que o fim era um investimento afetivo.

Os gastos com a casa de campo são muito altos?

Pois é, bom, a gente que começou a construir sim né, porque pra levar material pra lá é mais, um pouco mais difícil né, porque são 20 quilômetros né, têm umas casas de material de construção lá perto mais tem isso né, pessoas pra fazer o serviço também. A gente acabou achando um pedreiro, pedreiro dá pra se dizer, que morava lá né, mas agora nessa parte que tinha que cuidar, que fazer alguma coisa pra cuidar, é, tinha que ver um pessoal aqui da cidade pra ir pra lá, mesmo assim por exemplo pra roçar lá o terreno, ainda bem que o meu vizinho de cima ele faz esse tipo de coisa, porque se não você não encontra mão de obra lá né, então se você quer cuidar da casa tem isso.

Então você não tem caseiro?

Não porque a casa não está terminada sabe. É os vizinhos ajudam a olhar, os vizinhos de cima eles são muito queridos sabe, são moradores a muito tempo dali, aí eles cuidam dando uma olhadinha.

E por que optar por uma casa de campo e não uma casa na praia ou outra cidade?

Olha, porque tá mais próximo, em meia horinha você está lá, se for uma praia leva muito mais que isso né. Numa outra cidade, também acho que fica um pouco mais difícil de chegar, então essa facilidade de chegar lá conta bastante, e a natureza né, porque tem laços também, conta bastante. Se bem que têm outras cidades pequenas que eu gosto muito que é Palmeira, que é Lapa, que eu também moraria.

Você gosta de tranquilidade?

Eu gosto, a gente vai ficando mais velha, mas não é só isso né, é o perfil, a personalidade que interfere essas coisas também.

Na Geografia a gente utiliza um conceito que é o de paisagem, no qual paisagem é mais do que apenas se vê, é aquilo que você sente através de todos os sentidos. O que na paisagem do campo você mais gosta.

Puxa vida, eu acho que...

O que é mais marcante?

Acho que é o verde, né o verde... Lá não têm água né, porque ao redor, cachoeira, porque ali naquela região específica não tem né, mas é o verde, a cor do céu, a cor do verde, a variação, e eu acho que o som, a ausência do barulho da cidade, e a presença do barulho do campo, que é passarinho, vaca, mais mais pelos passarinhos.

Qual o seu grau de satisfação com o meio rural em relação à segurança, seus vizinhos, o lugar que você vive?

Bom. Pois é, agora eu vou pra lá assim ultimamente pra dar uma olhada na casa, ver se está tudo ok lá, converso com o vizinho, e têm os amigos dos vizinhos ali também que eu vou visitar, mais menos do que eu ia né. Então recentemente teve um caso assim que a polícia foi parar na frente da casa desse meu vizinho porque um cara lá furou a blitz, porque o cara estava com uma arma dentro do carro, então agora eu vou com mais cuidado, porque eu já fui sozinha assim bem cedo, 9 horas estava lá, e entrei na casa assim. Então agora eu já vou cuidando, olhando um pouco mais que aí teve um outro episódio de roubo, de tentativa de roubo ali na região sabe. Tem que ir cuidando sabe, como em qualquer outro lugar eu acho, mas é que antes, há alguns anos a gente não ouvia falar disso lá né.

Você percebe que houve uma mudança?

Isso não ocorre com frequência, mas teve esse episódio que me deixou com uma coisa de que tem que cuidar um pouquinho mais e tal. Lá não tem muito pra vender não, então teve o irmão do meu amigo que acabou comprando um lote lá também, foi no ano passado, retrasado e esse foi o único morador. Ah um casal de conhecidos também, que eram de Curitiba e foram morar pra lá, com o objetivo também de vender sanduíche natural, fazer uma coisa assim de ter uma vida mais natureba sabe. Esses dois casos, mais vai muita gente pra lá pra passeio de bicicleta mas vão e voltam.

E no campo, o que que você mais gosta?

Puxa... O que que eu mais gosto... Da paisagem, é a paisagem, mas não só isso né, isso que te falei, gosto do contato com as pessoas que moram lá, do que a vida no campo propicia, você andar, fazer caminhadas pela região, é encontrar os amigos, chamar os amigos é coisa que a gente fazia com frequência, do ar, da sonoridade do campo, acho que é isso.

Você acha que a sua casa no campo traz benefícios para sua saúde física ou psicológica?

Traz pra tudo! Emocional, física, aham.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☒ fogão à lenha	☒ panela de ferro
☒ fogão à gás	☐ máquina de costura
☐ forno de barro externo	☐ TV
☐ uso do cavalo	☐ computador
☐ uso de carroça	☐ telefone residencial
☐ estrebaria	☐ máquina de lavar
☐ galinheiro	☐ tanque
☐ pocilga (chiqueiro)	☒ móveis antigos
☐ Paiol de milho “sem milho”	☐ móveis atuais
☐ Equipamentos agrícolas tração animal	☒ enfeites artesanais
☒ Foice ☒ Machado	☐ Aparelho de som/rádio
☒ despensa	☐ geladeira
☐ simpatias e benzimentos	☐ acesso a internet
☒ acordar e dormir “cedo”	☐ telefone celular
☐ tanque de peixes	☐ Água de poço
☐ cortar lenha	☐ Água de olho d’água
☐ Fogueira de São João/ Pedro	☒ Água tratada (SANEPAR)
☐ capelinha	☐ casinha (banheiro)
☐ Encontros de oração (terço)	☐ retratos de família na parede

Existe alguma coisa que vocês faziam lá e que não faziam aqui?

Uma vez a gente fez doce de leite com o fogão a lenha né, que é uma coisa que a gente... A gente comprou leite da vizinha da frente, e porque era fogão a lenha que levava tempo, eu acho que essa né, o fogão a lenha a gente não tinha aqui na cidade, então né essa coisa de fazer a comida, de usar o fogão a lenha eu acho que é uma coisa bem do campo.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☒ Feminino

☐ Masculino

Idade: 48 anos

Renda: 9 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☐ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☐ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☒ superior completo
☐ 5ª a 8ª série completo	☐ pós-graduação

Algo a mais que você considere relevante no âmbito sentimental da casa de campo?

É, eu acho que sim, e eu acho que tem a ver, pra mim acho que se pensar assim tem a ver com o amor, tem a ver com a amizade, acho que com arte também, afeto, história de vida, acho que é isso assim o principal.

Emociona bastante.

Aham é, porque é assim né... na verdade a gente sabe que a morte pode acontecer a qualquer hora e qualquer momento...

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 3

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2016 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

- ☐ madeira ☒ alvenaria ☐ mista

Sua casa de campo é?

Casa própria ☒ Alugada individual ☐ Alugada junto com outras pessoas ☐

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal ☒ Propriedade ☐

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (x) Aluga o terreno para outros ()

Você já morou no campo?

A gente sempre morou na cidade, mas nós já tivemos casa de lazer, de campo no alagado. Porque como a gente mora em apartamento toda a vida e com os dois filhos pequenos a gente optou por ter uma casa pra se divertir, convidar os amigos, porque o apartamento não dá pra fazer barulho né e eu sou muito ligada à natureza, adoro a natureza, então eu sempre tenho que estar perto e por isso que eu gosto de casa de campo

Aqui, vocês sempre moraram aqui em Ponta Grossa

Aqui, eu não nasci aqui, eu vim pra cá criança ainda e o Esposo nasceu aqui em Ponta Grossa mas bem dizer passou a infância em Ipiranga, bem dizer já é uma cidade do interior, já é né mais um contato com a natureza, mas a gente sempre morou aqui, desde que casou sempre Ponta Grossa.

Há quanto tempo vocês têm essa casa de campo, casa de lazer?

Então, a primeira casa que nós tivemos foi mais ou menos em 2003 por aí, eu adquiri uma casa de campo lá no Alagado, daí a gente ficou tempo com essa casa, só que daí começou a entrar muito ladrão sabe, daí você comprava as coisas e ia na casa e quando você voltava não tinha mais nada, e assim foi 5, 6, 7 anos aí eu falei: “Ah Esposo, não quero mais essa casa”. Sabe quando você perde o gosto pela casa? Daí eu falei então tá, vamos comprar um terreno. Daí a gente ia quase todo o final de semana numa casa de campo de um amigo nosso que é de Curitiba, que tem uma casa bem... belíssima casa lá em Ipiranga e a gente ia pra lá. Aí a gente foi pegando gosto, aí como a gente é bem amigo ela vendeu metade do terreno dessa chácara dela pra gente, então a gente vai construir agora uma casa do lado, estamos construindo já mas ainda não está pronta, mas a gente tá muito animado com a casa

A casa que vocês tinham, era de alvenaria, de madeira?

Era de alvenaria uhum, era linda a casa, num lugar lindo, eu tenho fotos lindas daquele lugar. Ela era bem na frente do morro do Alagado e na frente da nossa casa tinha um pír e aí você nossa, o que você vislumbrava naquele rio, a lua cheia era lindo, pôr do

sol, então ali a gente curtiu bastante. Nessa casa de campo eu já não vou ter essa visão porque o rio fica mais pra baixo, mas alí era lindo e era de alvenaria. A gente reformou, a gente comprou a casa pronta já, a gente reformou, pintou, fez lá fora, fiz jardim, fiz... eu sempre adoro querubim, sabe aqueles anjinho? Puis um querubim, fiz um chafarizinho, então ficou bem do jeito que eu gostava.

E a que vocês estão construindo também é de alvenaria?

Aham, também. Também vai ter um querubim.

Então a casa de vocês era uma casa própria, mas vocês costumam visitar também a casa de um amigo?

É então, agora não sei como vai ser né, depois que a gente construir a nossa, daí a gente vai posar uma vez na casa de cada um certamente. Eu vou ficar... O Esposo ele está tão animado que ele quer tipo morar lá nessa casa, porque a Rafa, a minha filha mais nova ela tem 17 anos, vai fazer 18, está em fase de vestibular, está fazendo o vestibular, se ela passar daí a gente já está tranquilo se ela passar fora ou aqui não sei, daí a gente vai passar tipo quatro dias nessa casa de campo e três dias aqui trabalhando até porque a nossa empresa o filho cuida, e nós já estamos na idade de passear um pouco

Você gosta de poesia, música, cantos que lembrem/ tragam lembrança do modo de vida rural?

Claro! Até porque meu pai era né, meu pai e minha mãe tipo, minha mãe é mineira, veio da roça, ela morava tipo na roça mesmo, e meu pai é de São Paulo e também veio, daí quando eles eram juvenzinhos, tipo minha mãe tinha uns 15/ 16 ela veio pra São Paulo, ela saiu de Minas, de Dom Joaquim e veio pra São Paulo. Meu pai também veio do interior de São Paulo e veio pra capital, então eles tinham muita tradição papai e mamãe, aí quando a gente morou em São Paulo que eles casaram e tal, quando eu tinha uns 8 anos nós viemos em quatro irmãos de lá, tiveram nós quatro daí a gente veio pra Ponta Grossa, papai foi transferido pra uma empresa grande aqui, porque a empresa que hoje é a Metal Gráfica Iguaçu, na época era outro nome, não, era Metal Gráfica mesmo, ele veio pra gerenciar esta empresa grande, então quando nós chegamos em Ponta Grossa imagine, não tinha nada né, tinha rua de terra e umas casinha de madeira, aí o papai sentia falta dessa coisa de campo, aí ele comprou uma chácara, comprou três chácaras aqui em Ponta Grossa, aí a última nossa era Imbituba,

então o que que me reporta, o que que me leva a ser ... e daí quando eu era a adolescente eu já namorava o Esposo, a gente ia pra essa chácara do papai que ficava ai em Imbituva e ficava lá o dia inteiro, aquelas musiquinhas sabe, e as músicas do tempo dele, casinha branca, aquelas colchas de retalho eu me lembro bem, então isso eu gosto As músicas de raiz assim. Nossa, meu pai era muito sensível sabe, então ele ensinou bastante essa parte pra gente, ele era muito festeiro, ele gostava, ele era alegre, a mãe já não, mas ele... Então a gente ficou com isso até hoje sabe

E quando vocês vão para a casa de campo, que atividades que vocês realizam lá?

Geralmente baralho, joga bastante! A gente caminha, porque tem um lago lá, tem um lago, daí a gente pesca, pega peixe, a gente caminha em volta desse lago, a gente cozinha bastante, inventa muita coisa assim de assados, e lá a gente junta muitos amigos, porque aqui em Ponta Grossa a gente não tem oportunidade de, tipo aqui, mora em apartamento então você vê, eu não faço muita coisa aqui. Lá eu faço jantar, nós temos uma confraria, que quando é minha vez a gente faz lá, daí todo mundo cozinha, daí vai todo mundo lá, dorme todo mundo lá é bem gostoso. Então a gente faz bastante coisa nesse sentido sabe, a gente junta muito amigo lá. E lá quando tá só nós lá a gente caminha, vai pescar no lago, a sabe essas coisas

Quem geralmente acompanha você durante a sua estadia na casa de campo?

Então, meus filhos gostam, mais agora tipo assim, que nem quando eu ia pro alagado ia todo mundo, a família inteira, mas depois eles vão crescendo, chega final de semana vão pras baladas, um vai pra cá, outro vai pra lá, aí vai eu e o Esposo. Mas meu filho casou agora, então eles retornam, e agora eles estão retornando, mas o que atrai meu filho lá é que tem uma pista de moto, ele faz motocross, treina essas coisas então estão fazendo ainda uma pista lá no fundo então eu tenho certeza que ele não vai sair de lá. Porque nós, os amigos, têm bastante amigos, os irmãos, as irmãs vão, as mães

A família e os amigos

Aham

Todos gostam de ir para lá?

Tipo, eu e o Esposo adoramos, o Railan também gosta, a mulher dele também, que o Railan é meu filho, a Rafa não gosta muito porque ela é adolescente, então ela não

gosta, ela gosta de ficar aqui na cidade, ela fica aqui, ela tem programas e ela está estudando, tem provas essas coisas, mas todo mundo gosta de um modo geral

O que você costuma levar para a casa de campo?

Isso que é duro né. Então, agora que eu vou morar levar coisas mais fixas, mas como ainda eu só vou fim de semana né, levo roupa, alimento, lá tem mercado perto daí a gente compra tudo lá, mas daqui eu levo roupa e o cachorro. Alguma coisa de eletrodomésticos tem lá, lógico, aqui eu tenho tudo, quando eu penso em fazer alguma coisa aí eu levo daqui, tipo uma fritadeira ou máquina de fazer pão, essas coisas.

Com que frequência que vocês costumam frequentá-la?

Olhe, antes eu ia mais, agora eu vou um pouco menos até por causa da Rafaela mesmo né, porque daí como ela está em fase de vestibular, todo o fim de semana quase ela inventa, ela já fez um monte de vestibular, ela tá no terceiro, então ela está fazendo um monte de vestibular primeiro sabe, então a gente leva, deixa mais por causa dela, mas geralmente todo o fim de semana quando dá

Qual o tempo médio de permanência?

Eu vou na sexta e volto domingo à tarde para dar tempo de ir à missa

Quando na casa de campo, onde que vocês costumam comprar os mantimentos? Costumam levar coisas da cidade?

É tipo, lá em Ipiranga eu compro lá mesmo no mercado e às vezes eu levo daqui porque lá mercado o horário é diferente sabe, não abre domingo à tarde, nem sábado à tarde então eu levo daqui coisas diferentes, eu compro lá as coisas. Eu gosto de comprar as coisas típicas do lugar e, lá em Ipiranga tem uma linguiça defumada maravilhosa, eu compro lá e ainda levo pra casa, e as coisa lá de um modo geral são muito mais baratas que aqui, tipo carne de gado, ovos, frango caipira, eu trago tudo de lá para a cidade sabe. Tem lugares que vendem coisas orgânicas a gente conhece então eu pego bastante coisa de lá pra trazer. Eu trago mais de lá pra cá do que levo pra lá entendeu?

Vocês saem comprar dos vizinhos lá?

Quando sabe que tem, sai, quando é época de morango, tem uma mulher que vende morando uma delícia, sem agrotóxico, orgânico. Então lá é tudo assim, eu gosto de trazer as coisas de lá, a linguiça de lá é uma delícia, a cozinha típica do lugar.

E quando vocês tinham casa aqui no alagado, também tinham esse mesmo costume?

Não, quando eu tinha casa no alagado eu tinha que levar tudo, o mercado inteiro. Lá não tem vendinha perto. Não, tinha uma vendinha do late Clube né, mas o que tinha lá dentro: pão de casa que a mulher fazia, óleo, arroz, feijão e só. Se quisesse uma margarina, uma coisa diferente, um doce...

Aí você tinha o hábito de sair e comprar nas proximidades

Tinha, quando faltava a gente saía. Mas do pessoal que mora lá assim. Mas quando a gente a sabia que vendia sim. A gente comprava ovo caipira sabe, o Esposo adora ovo caipira, se bem que lá no alagado é muito difícil ter alguém, no iate por ali é só lazer, então a gente levava tudo, mas a gente sabia quando tinha pão de casa essas coisas.

E quando vocês vão para a casa de campo, vocês costumam preparar esses alimentos que vocês comprem ou plantam lá?

Então, lá no alagado, porque essa aqui minha não está pronta ainda, lá no alagado eu tinha uma hortinha sabe, eu fazia uma horta atrás, coisa muito bem básica, agora lá nessa casa eu quero ter uma horta mesmo, até porque eu vou ter um caseiro, aí ele cuida, mas eu quero plantar

Lá na outra casa não tinha caseiro?

Não, lá na outra casa tinha um cara que todo mundo pagava pra ele cuidar de várias casas, então todo mundo tinha alarme né, mesmo assim entrava ladrão como eu já te relatei, entrava ladrão toda a semana. Então lá não dá pra plantar porque não tinha quem cuidasse e lá eu não ia com tanta frequência como aqui entendeu, lá eu ia mais de 15 em 15 dias mais no verão né, porque lá é uma casa de veraneio né. Agora aqui em Ipiranga eu até queria criar uns frango lá no fundo porque eu adoro ovo caipira, só que frango dá trabalho, mas eu vou fazer horta sim. Tem que fazer um fechadinho pra eles. E vou fazer um pomar, tem um pomar lá, a gente tá cuidando, tirando... A gente já está começando a plantar as coisas lá, pra quando a casa estiver pronta já tem um monte de coisa.

Qual o meio de transporte que você utiliza para chegar lá?

De carro.

E para se deslocar nas proximidades?

Se for por perto, tipo assim, se for na casa de alguém assim a gente vai a pé, mais geralmente de carro porque é longe né, pra ir no mercado essas coisas que a nossa é mais retirada, não é dentro da cidade, bem dentro, ela é mais retirada então a gente vai de carro

Para você a proximidade da zona rural com a cidade é um fator relevante e que influencia na escolha da casa de campo em detrimento a da casa de praia ou uma casa na cidade?

A eu acho, porque assim, a gente já teve casa em praia, eu e o Esposo, o que que acontece com a casa de praia, casa de praia você vai muito pouco, até porque a nossa era longe, em Camboriú, veja, Ipiranga daqui dá 24 km, é 40km, e pra ir à praia você tem que se programar, é muito complicado, e eu prefiro a natureza do campo do que a natureza de praia, o que faz a gente escolher entre campo e praia é a distância sem dúvida, é bem pertinho, gostoso, você vai todo o final de semana né

Quando você está lá na casa do campo, você costuma participar de alguma celebração religiosa?

Tem, se eu tiver lá, eu tenho tempo, eu sou bem praticante, se eu estiver lá eu vou na igreja do Pe. Nelson, ele é chato mas eu vou. Você conhece o Pe. Nelson? Ele é muito metódico, mas eu vou, tipo, se eu ficar lá duas semanas, três semanas, toda a semana eu vou, em alguma atividade eu vou. Lá no alagado, tipo lá no alagado não tinha, o que que eu não gostava de ir pro alagado é o seguinte, que a gente sempre ia nos feriados né, religiosos ou não, então a páscoa sempre passava lá, e aí a gente não ia naquelas celebrações que eu acho super importante, o Padre chegava lá na capela e nós “ó pra lá”, eu ia mesmo, a gente ia, e não era perto, era lá dentro da capela a missa mas eu ia. Eu procuro sim, sempre.

E festividade, vocês têm o hábito de ir quando estão na casa de campo?

A gente participa, até porque lá em Ipiranga no caso era todos os parentes do Esposo, sabe, os políticos são todos amigos então quando tem alguma festa de igreja alguma coisa, participamos, participamos das coisas da vila, da praça, da igreja, desses vilarejos mais distantes que eles fazem festa nas igrejas, porco no rolete, essas coisas a gente vai

Vocês têm o hábito de visitar os moradores próximos a sua casa de campo?

Fazemos, aham, é que assim, como eu te disse, a gente tem um segmento bem grande de amigos, a gente é amigo assim digamos que quem mora assim pra cidade a gente é amigo de quase todo mundo, então eles fazem muita coisa, até porque te convidam, você vai todo o fim de semana, lógico que não é toda a vida que eu tô lá que eu vou na casa, mas sempre visitamos

Principalmente nos fins de semana e feriados?

É mais no fim de semana, nos feriados prolongados e tal.

E você acha que existe uma diferença em relação aos vizinhos que vocês têm aqui na cidade com os do campo?

A sim, meu Deus, sem comparação, lá são pessoas simples, tanto é que eu vou te relatar uma história: quando a gente começou a frequentar Ipiranga e tal, que essa minha amiga construiu uma casa belíssima lá em Ipiranga, e ela era de Curitiba, e ela toda fresca, ela é tipo minha irmã que Deus pôs no mundo sabe, por isso que eu me acho no direito de falar isso que eu vou te falar, e ela fresca, ela veio do mundo assim da alta sociedade, e o marido dela era presidente da SANEPAR, pense, veio pra Ipiranga, construiu uma casa, e eu já conhecia Ipiranga antes dela, até porque os parentes do Esposo são de lá, e quando ela chegou a gente se afinou sabe, Deus faz e a gente se acha no mundo né, a gente se afinou muito, aí ela falava, ai meu Deus, dá a impressão que ninguém gosta de mim aqui nesse lugar, você chega todo mundo faz festa, eu falei sabe por que? Porque você tem esse jeito de fresca, vem com essa roupas de Curitiba, de salto e não sei o que, toda chique, eu falei o povo daqui é simples, o povo daqui é do mato, o povo não gosta disso, por que qual é a visão que eles têm de quem vem de fora, da capital, toda bem vestida, bem arrumada, linda maravilhosa: ai uma metida. Eles mesmos se retraem, então esse que é o problema, você tem que se ambientar com o pessoal que está lá, porque são pessoas super simples, igual aqui nesse apartamento, no prédio que eu moro só mora marajá, totalmente diferente a vizinhança daqui com a de lá, embora que a gente tem amizade com todo mundo, até porque eu sou síndica, tem que ter, mas tem bastante diferença, nossa, lá o povo é simples, eles são eles, bem mais você, eu gosto, gosto dessa simplicidade assim, aquelas criançadinha sabe, eu adoro, roça mesmo, eu gosto muito

E quando vocês optaram por ter uma residência no campo, o que vocês procuravam, o que vocês queriam lá?

Ai minha filha, essa casa de campo, onde nós estamos fazendo hoje, era nosso sonho de consumo desde que casamos era nosso projeto, porque os avós do Esposo eram desse lugar, então sempre foi nosso projeto, então quando apareceu esse terreno, que eu comprei dessa amiga que veio de Curitiba, sabe, parece que deu tudo certo, porque eu já fui ver outras casas prontas lá mais eu não queria uma casa dentro da cidade, eu queria uma casa de campo mesmo e quando calhou da gente comprar esse terreno, que deu certo, tipo já tá em projeto faz uns 10 anos, nunca deu certo porque até depois eu tive a casa no alagado e tal e agora que deu certo, que a gente tá construindo, hoje já tá lá, eu nem acredito, o Esposo já tá todo empolgado que quando ele se aposentar ir morar no campo, nós dois o objetivo é sair dessa correria, que como a gente é empresário você corre muito, você se estressa muito, então nossa, pra nós está sendo tudo de bom. É um sonho. Sonho realizando ainda, não tá realizado, mais tá realizando.

Algum dia pretendem deixar de frequentar essa casa ou vendê-la?

Não, tanto é que deixe eu te contar, a gente está fazendo uma capela lá, eu e essa minha amiga a gente tá fazendo uma gruta, uma capela com um ar bem bonitinho, com uma janela, com um banquinho, perto do rio, que dá 1 km da casa, não dá isso, acho que dá uns 800 m da casa. A gente vai fazer uma capela, nós vamos ser cremadas e nossa cinzas vão ser jogadas ali, que dali a gente não quer sair nunca mais. Aham, vamos fazer, já combinamos todo mundo, o Esposo quer que... Olha só o Esposo o que ele quer: ele quer de helicóptero, que se ele morrer antes que eu, ele quer ser cremado, nós todos queremos ser cremados, daí ele quer que jogue as cinzas por cima da chácara toda de helicóptero, alugar o helicóptero para jogar as cinzas dele, a metade, em cima de todo o campo da casa, e a outra metade joga na capela, eu disse tá bom, se eu morrer depois eu faço isso, pode jogar a minha lá na capela que já tá bom, e no meu jardim de flores que eu vou ter eu quero também que jogue, o meu querubim.

Vocês têm o hábito de convidar mais pessoas pra irem até lá?

Sempre, sempre a gente vai com bastante gente, mas às vezes a gente gosta de ficar só nós dois sabe, às vezes eu sinto falta disso e ele também, que a gente se dá muito bem eu e ele, até porque cansa muito também né muita gente, e às vezes você quer descansar né seu espírito, o corpo tal, aí você não convida ninguém, vai só os dois. Sempre vai gente com a gente, nunca vai sozinho, até porque a gente não gosta muito,

a gente gosta de gente então a gente sempre convida o irmão, as irmã da gente, a mãe, minha mãe é velhinha e ela adora ir sabe pra pescar no lago, a minha sogra que não gosta muito. Ela é mais urbana, minha mãe como veio da roça ela é simples de tudo, então ela adora

E há outras pessoas, amigos, parentes, conhecidos, que tenham casa de campo?

Então, essa minha amiga de Curitiba, um casal de melhores amigos meus aqui de Ponta Grossa tinham uma casa de campo ali em Uvaia, uma delícia, a gente ia direto lá, só que ele optou por vender pra reformar a casa dele aqui na cidade, então ele optou por vender essa chácara, que era linda a chácara dele e fez e uma mansão aqui, com piscina e tudo, eu ainda até comentei com o Esposo, eu não teria feito isso, mas eles curtem mais agora que eles ficam mais nessa casa, mas eu não teria vendido o campo pra fazer uma casa na cidade né, é porque você fica só no mesmo lugar. Eu já gosto de sair, porque por mais que você tenha uma casa linda, que nem eu já tive casa com piscina, não que nem você ter uma casa no campo, você sai, você vê aquelas árvores, aquele pôr do sol maravilhoso, os pássaros, eu gosto disso, eu não trocaria, mas têm bastante amigos que tem casa de campo assim

E isso interfere na decisão de adquirir uma casa no campo, você acha que influencia?

Não, de outras pessoas terem não, sempre foi nossa decisão

Sempre foi gosto pessoal. Era um objetivo que nós temos, desde que a gente casou o objetivo era construir essa casa em Ipiranga. Tivemos outras casa de campo, tivemos até na praia como eu já te disse, mas não satisfazia, a gente queria uma casa de campo mesmo, e agora na realidade a casa de alagado era casa de veraneio, essa é uma casa de campo mesmo! Entendeu? Então esse que é nosso sonho, e ali nós vamos ficar até morrer

Então você mudaria definitivamente pra lá?

Depois que meus filhos tivessem formados sim, mudaria

Por que que você quer mudar pra lá?

Porque lá é uma delícia, é um sossego, você não ter que ficar se preocupando, eu sério, eu faço 40 km por dia dentro dessa cidade, eu dirijo o dia inteiro, via pra lá, vai pra cá, vai no banco, faz isso, faz aquilo, trabalha, eu trocaria essa vida por aquela de sossego,

you levantar, caminhar na beira do lago, passear, lidar com as tuas mãos nas coisas, pegar sentir de perto, sentar no sol, ler um bom livro, eu adoro ler, sabe? Eu trocaria.

E o que que tem na cidade que incomoda vocês?

Não é que incomoda, é um mal necessário né, você tem que trabalhar, você tem que ganhar dinheiro pra poder fazer tudo isso, porque a vida na cidade é muito estressante eu acho, eu acho que você vive muito em função do tempo, você tem que levantar cedo, você tem que fazer isso até tal hora, você tanto tempo pra ficar no trânsito, você tem 10 minuto pra sair daqui da minha casa e chegar no meu trabalho, na loja, então eu acho que você muito escravizado do tempo, até porque se pensa muito, chega de noite você está... E lá não, pense que delícia, só vendo coisa boa, espera né que seja, lógico que você não vai viver num castelinho, não é, você vai trabalhar, você vai fazer um monte de coisa

Mas são outros tipos de atividades?

É, atividades que são prazerosas, embora que eu goste de trabalhar, eu gosto dessa vida corrida. Talvez no começo, se eu fosse pra lá ficar definitivo eu sinta um pouco de... Mas eu vou procurar coisa pra fazer, eu entrei numa comunidade social lá, que faz trabalho social, mulheres do interior, da li mesmo, na MEC, eu já entrei na MEC, a gente faz um trabalho com as mulheres dali, que moram nos matos, que são de, elas são grávidas e não tem enxoval, não tem uma educação sexual, não tem nada. Então a gente faz esse tipo de trabalho sabe, a gente montou uma equipe lá e uma vez por semana a gente se reúne pra ajudar essas mulheres de interior. Sabe a gente desses lugares de avencal, esses lugares mais distantes que têm nos matos assim, daí a gente não vai ficar sem fazer nada

E você considera a casa de campo um investimento financeiro?

Pra nós não será porque a gente não pretende vender, entendeu? Que nem aqui esse apartamento quando a gente adquiriu, pra mim foi pensando no financeiro, porque a gente não sabia se queria, mas como foi um prédio que na época era muito lindo, um prédio bom tal, tal, tal bem localizado, mas lá não, a gente não está fazendo um investimento porque a gente não pretende vender, deixar pros filhos porque é uma herança de família digamos, como os avós do Esposo eram de lá, os pais dele, aí a gente quer que os nossos filhos também tenham, Porque na verdade nossos filhos cresceram na cidade de Ipiranga, eles sempre iam passar as férias lá e adoravam a

cidadezinha, deste tamanhozinho, tinha cinco mil habitantes na época, era bem bom, mas não é hoje como antes

As despesas com a casa de campo são altas?

Gera, ainda mais que você têm duas casas, mas gera bastante gasto, que na realidade você recebe bastante pessoas, você gasta gasolina pra ficar indo e voltando, você tem gasto com a casa porque você tem que ficar pagando caseiro, pago diarista, sabe, vou lá e pago a diarista que vai lá, em casa também. Não mais que aqui, mas gasta.

E como é feita a manutenção da casa?

Manutenção a gente contrata pessoas, porque meu marido não faz nada, ele não gosta e não sabe fazer nada, aí ele contrata prestadora de serviços do lugar mesmo, e às vezes como lá é meio digamos, uma cidadezinha bem pequena têm serviços que não tem, daí a gente leva daqui, prestadores daqui sabe, que nem quando estraga uma piscina alguma coisa tem que levar daqui. Até porque que nem agora que a gente vai fazer os móveis têm que levar tudo daqui, os projetista e tátátá, porque lá não tem, tem até mas é.... sabe?

Porque optou por um investimento numa casa de campo e não em uma casa na praia, por exemplo?

Então, como eu já te disse porque a gente sempre quis ter uma casa de campo, até porque pra gente, eu acho que pra gente chegar é mais fácil, casa de praia dá muita mão de obra, eu já tive casa de praia e te digo que eu não gostei, quando eu tive a minha casa de campo, a minha outra, a gente frequentava muito mais, a gente aproveita muito mais do que casa de praia, e outra que eu e o Esposo temos um pensamento, a gente não gosta de passar todo o verão na mesma praia, então quando você tem uma casa de praia, você tem que passar o verão toda a vida no mesmo lugar, casa de campo não, casa de campo bem dizer é uma segunda casa, por isso que você já faz uma casa de campo meio perto da tua né até pra se locomover é muito melhor, eu optei por casa de campo, uma porque a gente gosta, as nossas raízes, tá no sangue, esses dias eu fui pra Minas conhecer o lugar que a minha mãe tinha nascido, gente quando eu cheguei naquele lugar que lugar mais lindo! Era uma cidadezinha, Dom Joaquim, sei lá quantos habitantes têm lá, não deve ter cinco mil habitantes, só que ela era uma cidadezinha tipo Ipiranga mesmo, têm uma cidadezinha no meio e onde eu nasci era mais retirado, nossa quando eu cheguei lá eu estava nos anos 1930! Lindo, lindo, lindo, eu adoro lugar

assim, então por isso que eu adoro casa de campo mesmo, sabe raízes, não sei, é feeling mesmo sabe? Não sei, eu gosto, sempre gostei.

Na Geografia trabalhamos um conceito que é o de paisagem, que vai além do: “Eu estou olhando aqui uma paisagem”. Paisagem é aquilo que você sente na tua pele, no teu olfato, no tato, paladar, tudo isso faz parte da paisagem. O que você mais gosta na paisagem do campo?

[SUSPIROS PROFUNDOS] Tudo, você fazendo essa pergunta e eu pensando, que nem agora estamos construindo, eu sento num lugar e eu contemplo muito a natureza, então quando eu sento num lugar e fico olhando tudo aquilo eu penso: “Meu Deus como você é maravilhoso!” Como ele pode ser tão perfeito? Por isso que eu gosto disso, eu sento, por isso que eu quero meu jardim ali, tudo, meu lugar lindo, porque o que eu sinto, é tudo isso que você falou, é o toque, é o cheiro, o barulho, o barulho da cascata que tem o riozinho, você fica escutando, meu Deus, pra mim é a melhor coisa do mundo, é coisa que eu adoro, sabe quando você está loca pra ir, pra sentir isso? Não é só pra ver, tipo que você vai ver a árvore, pra ver flor, é pra sentir né, eu gosto de sentir aquele ar, aquele sol, dá impressão que é diferente daqui. Mas eu acho que é, eu pra mim é um conjunto todo, de cheiro, de cheiro de mato quando chove né, sem dizer o visual, do pôr-do-sol, do nascer do sol, tudo, uma delícia, eu estou sonhando logo, com tudo!

Que bom que vocês poderem realizar o sonho de ter, e estarem tão integrados!

Nossa, tá tanto... Dá até gosto de ver a alegria do Esposo, ele tá tão alegre que ele não vê a hora. Ele fala: “Ai meu Deus do céu, eu quero que até o fim do ano esteja tudo pronto!” Mas não é assim, tem que dar uma, que eu quero fazer esses jardim e essas coisas que eu te falei, eu preciso contratar um paisagista, eu estou procurando até, você sabe de alguém até, você que trabalha nessa área? Eu peguei alguns números com uma decoradora, mas não conversei com ninguém ainda.

É que no caso de vocês a necessidade é de alguém especializado

É, eu quero uma pessoa bem sensível pra fazer o que a gente quer, tipo eu quero, sabe quando eu fico idealizando o término não da casa em si, da casa não, do que nós queremos fazer lá, do jardim, tem bosque lindo sabe, e do lado desse bosque eu queria fazer um jardim, um jardim pra mim me retirar dentro de mim mesma entendeu? Eu vou estar lá, ficar sozinha, ficar olhando, eu adoro ficar olhando, que nem quando eu cheguei no lugar mais lindo que eu já olhei na minha vida, Noronha, que eu cheguei lá,

que você chega naquela ilha, a hora que você chega não acredita naquilo que você está vendo. Você já foi lá? Ainda não. Vá, é o lugar que todo o seu humano tinha que conhecer, é o lugar mais lindo que Deus foi capaz de fazer, não tem, juro pra você, quando eu cheguei em Noronha, eu fiquei meia hora, tudo mundo olhando e... Eu fiquei meia hora sentada numa pedra olhando aquilo. Você olhava aquele mar perfeito sabe, uma consonância assim, meu Deus, pra mim foi o lugar inesquecível, sabe aquela coisa inesquecível? Nunca mais esquece, pra mim foi isso. E eu gosto disso, por isso que eu quero fazer essas coisas lá, porque eu gosto de sentir as coisas que Ele deu pra nós, é tão bom, eu adoro

Qual que o seu grau de satisfação com o meio rural?

Ah eu gosto 100% de lá! A única coisa que digamos que é 90%, que é meio rústico, e eu sou meio vaidosa, eu gosto de um salãozinho, em termos de pessoa, pessoal é 100% o resto é detalhe, mas eu gosto mais do que da cidade, de campo mais do que da cidade. Só faltam então os serviços mais especializados, mas a gente dá um jeito lá, vai pro centrinho e faz, vai pra cidadezinha do lado, não tem problema, isso pra mim não é empecilho não, ainda mais que tem carro.

O que que você mais gosta no campo?

Eu o que eu mais gosto é a natureza como eu te disse, mas o que eu mais gosto de fazer? Ah sabe o que que eu gosto? Eu gosto de chegar e saber um monte de coisas, encontrar a pessoas, ir pro mercadinho da vila, conversar com um, com outro, com outro, eu sou louca de conversadeira, você já sabe, e eu gosto de sentar e contemplar, não tem, pra mim é a parte melhor, mas eu gosto de pessoas também, gente simples de conversar sabe, de conhecer a cultura deles, de aprender né porque na realidade você aprende com eles, com a simplicidade deles né

Você acha que a casa de campo ela traz benefício à saúde, física, mental?

Muito, nossa, muito mesmo, porque além dos hábitos alimentares, lá você se alimenta muito melhor, você tem contato, você têm um monte de coisas puras, sem veneno, sem agrotóxicos, e a tua paz de espírito né, super importante, você caminha, você pensa, você está perto das pessoas que você gosta, não trabalha tanto, levanta um pouco mais tarde né, que aqui eu levanto as 6 horas, lá não, levanta as 9, vai dormir mais tarde, fica na frente da lareira, ah é uma delícia! Reflete na tua qualidade de vida. Reflete sim, quando você vai pra um lugar desses você volta com as energias renovadas, certeza!

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☒ fogão à lenha	☒ panela de ferro
☒ fogão à gás	☒ máquina de costura
☐ forno de barro externo	☒ TV
☐ uso do cavalo	☐ computador
☐ uso de carroça	☐ telefone residencial
☐ estrebaria	☒ máquina de lavar
☒ galinheiro	☐ tanque
☐ pocilga (chiqueiro)	☐ móveis antigos
☐ Paiol de milho “sem milho”	☒ móveis atuais
☐ Equipamentos agrícolas tração animal	☒ enfeites artesanais
☒ Foice ☒ Machado	☒ Aparelho de som/rádio
☒ despensa	☒ geladeira
☒ simpatias e benzimentos	☐ acesso a internet
☐ acordar e dormir “cedo”	☒ telefone celular
☒ tanque de peixes	☒ Água de poço
☒ cortar lenha	☐ Água de olho d’água
☒ Fogueira de São João/ Pedro	☒ Água tratada (SANEPAR)
☒ capelinha	☐ casinha (banheiro)
☐ Encontros de oração (terço)	☒ retratos de família na parede

E outros equipamentos ou hábitos que vocês tenham e que sejam mais ligados à vida rural, lembra de algum?

Tratorzinho de cortar grama, carrinho de mão, essas coisas, tesoura, pá, enxada, só usa lá, aqui não usa. É, manutenção, o que a gente usa lá que não usa aqui, mas basicamente as mesmas coisas, só as coisas lá de fora mesmo, que usa mais lá, lanterna, lanterna a gente usa lá, disco de arado, pra fazer as coisas no fogão, aqui eu não uso, lá eu uso bastante, coisas típicas mesmo, acho que só que eu me lembre mesmo.

Algun comentário a respeito da história de vocês, da ligação familiar sua e do seu marido com o campo?

Como a família do Esposo é de lá os avós, e os meus pais também gostam de campo, então eu acho que fica carregado na gente, já é inerente nosso esse, esse gostar do campo, eu acho que a gente já é genético, a gente você já nasceu gostando, por mais que veja, a gente viveu a vida inteira na cidade, por que que a gente gosta? Não sei, eu acho que tudo é familiar né. Se bem que o Esposo, o pai e a mãe dele moravam em Curitiba, era político lá em Curitiba e tal, ó que ele por sua vez nunca deixou de ir pra Ipiranga o Esposo, ele fugia do pai dele pra passar as férias, porque ele sempre gostou do mato, e até hoje ele é assim, ele gosta muito. É do meu pai também, porque meu pai sempre teve chácara, chácara com tudo isso aí que você leu, paiol, com área de porco, com peru, com frango, trator, máquina de arroz, tudo aquelas coisas, então a gente cresceu e o Esposo também, porque a gente casou, todo o fim de semana a gente ia pra lá, então a gente acostumou, a gente aprendeu a gostar desse tipo de coisa, de chimarrão, tem chimarrão também que eu uso lá e aqui não, tomar chimarrão de manhã. Então a nossa influência é de família mesmo, de opção de vida também, é melhor a qualidade de vida mesmo, a gente quer isso também pra nós, a gente trabalhou muito, casamos novos eu e o Esposo, eu tinha 18 e ele vinte e poucos, então a gente quer ir pro campo, estamos sonhando.

Sobre a sua casa no campo existe algo que você queira acrescentar?

Então, a nossa casa no campo como a gente é muito família, nós somos muito família, o Esposo é o melhor pai do mundo, em termos de “corujisse” ele é pior do que eu, então o que é o objetivo do Esposo pra essa casa de campo: ele quer fazer essa casa pra nós, pra levar os filhos fiquem perto dele, e os netos também cresçam com esse contato com a natureza, com essa... Ele sempre fala pra mim: “Eu vou fazer tudo o que os meus filhos gostam lá.” Meu filho o que que ele gosta: moto. Então eu vou fazer uma pista de moto lá no fundo, ele já separou um terreno pra fazer a pista pra que o filho dele venha. O que que a Rafa gosta, gosta de amigos, então ela fez um quarto grande, com um monte de cama, com uma piscina, entendeu? O objetivo dessa casa de campo pra nós é ficar perto da família, porque a cidade não propicia isso, porque trabalham, chega o final de semana vai descansar, vai fazer suas coisas, ficam vendo televisão, fazendo esses programas urbanos né, e eu e o Esposo acabamos ficando muito sozinhos, então a gente quis fazer essa casa de campo pros filhos ficarem perto sabe, crescer com os netos, estamos com os filhos quase casando, minha filha estava namorando um cara de Ipiranga, eu estava torcendo pra ela casar com ele, pense que bom né, ia ficar ali perto de nós, mas não deu certo, namorou e não deu certo, talvez ainda dê, estão meio

assim. Mas o nosso objetivo é esse, nosso sonho é ficar perto da família. Vamos ver se os filhos vão né, não vão abandonar nós né, os dois velhinhos tomando chimarrão na área, falo assim: “Esposo, nós dois tomando chimarrão na área de chinelo havaiana, tem coisa melhor que isso?” É ser feliz né, é se encontrar eu acho. A gente não tem tempo aqui nem de se encontrar, nem de saber do teu eu interior como é que tá né, eu acho que a gente nesses lugares assim a gente é mais a gente, você fica mais você. Volta, é tão bom, você volta com as forças renovadas pra cidade. É, geralmente as pessoas falam isso, a eu me sinto mais eu, eu me sinto mais humano, eu me sinto mais pessoas, porque querendo ou não o modo de vida mais urbano engessa muito né, você tem que seguir um horário, quem busca uma casa de campo ou pra morar ou mesmo pra passar um fim de semana assim, quer uma outra coisa, que não encontra aqui. Claro, e por isso que meu pai meu Deus, o sonho, era tudo pra ele aquele sítio, tanto é que ele morreu lá né, que dó, ele morreu, ele não estava, ele não morreu lá, ele morreu no hospital mas foi o último lugar que ele viu o sítio dele, porque ele estava, tanto é que quando eu quando eu cheguei no hospital para vê-lo ninguém sabia que ele já estava inconsciente, estava com aquelas roupas, ele chegava na chácara: “Ai, vou por aquelas roupas de briga!”

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

(X) Feminino

() Masculino

Idade: 51 anos

Renda: 20 salários mínimos

Escolaridade:

() analfabeto – nunca estudou

() 2º grau incompleto

() apenas lê e escreve

() 2º grau completo

() 1ª a 4ª série incompleto

() nível técnico

() 1ª a 4ª série completo

() superior incompleto

() 5ª a 8ª série incompleto

() superior completo

() 5ª a 8ª série completo

(x) pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade**Entrevista 4**

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

() madeira (X) alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal () Propriedade (X)

A propriedade dispõe de aproximadamente 1 alqueire de terra

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (X) Aluga o terreno para outros ()

Onde você mora?

Eu moro em Ponta Grossa.

Você já morou no campo ou sempre morou na cidade?

Não, antigamente não, só depois de 12 anos mais ou menos pra cá que tem a residência.

Há quanto tempo você tem a sua casa no campo?

Faz uma média de 12 anos, mais ou menos isso, de 12 pra 14 anos, em Itaiacóca.

Ela é só a casa ou tem um terreno maior em volta?

Não, ela é uma casa, com aproximadamente um alqueire e meio junto, que faz a chácara no caso né.

E esse terreno, vocês usam só pra lazer, pra descanso, ou tiram alguma renda dele?

Não, não é tirada nenhuma renda dele, só pra lazer mesmo, só pra descanso.

O senhor gosta de música relacionada ao campo, poesia, programa de TV, alguma revista, que remeta ao modo de vida rural?

Adoro, adoro esse tipo de coisa, tanto na televisão como música sabe, eu adoro esse tipo de coisa.

Quando o senhor vai lá para a casa de campo, que tipo de atividade realiza?

A lá sempre a gente sempre tem uma coisinha pra fazer, arrumar uma cerca, que nem, dar uma carpida, que nem o pessoal fala, então sempre a gente tem, nunca se vai mesmo pra descanso, sempre se vai pra fazer alguma, realizar algum trabalho.

Mas são trabalhos mais específicos de uma vida no campo mesmo?

É, exatamente, é um trabalho assim, voltado pra esse tipo, manutenção, exatamente a manutenção né.

Quando vai lá quem que vai junto?

Geralmente, tá eu, sempre eu com a Branca, com a Jussara, e tem meu pai e minha mãe que sempre acompanham junto né, sempre é eles.

Todos da família gostam ou alguém tem mais preferência pela casa de campo?

Todos eles, quem não gosta muito é a minha esposa, já não é muito de, é mais urbana, o filho, ele gosta.

E quando vai pra lá o que o senhor leva da cidade?

Aqui a gente sempre tem que passar no mercado e fazer uma comprinha né, porque lá você não tem assim, um mercado próximo nem nada, então você sempre tem que estar levando as coisas pra lá.

Com que frequência vocês vão pra lá?

Eu vou de cada 15 dias pra lá.

Costumam permanecer quanto tempo?

Fico de sábado a domingo lá, feriados também, fim de ano, férias.

Mas a permanência?

É, de cada 15 dias assim que vou, aí fica dois ou três dias.

E alimentos, vocês só compram aqui ou compram em algum barzinho ou mercadinho próximo à propriedade?

Geralmente é comprado só aqui mesmo, lá é muito raro.

E costumam comprar algum mantimento dos moradores locais?

Tem, sempre tem, é que lá sempre tem assim, os armazéns pequenos, mas não é uma estrutura grande assim, às vezes falta algum mantimento, alguma coisa deles lá, então, mas sempre tem, até os vizinhos compram nosso, é que às vezes tem uns vizinhos, esses dias falei pro meu pai né, a gente fica bobo né, pessoal de lá mesmo foram comprar mandioca lá na chácara que não tinha, não plantam, falei nossa, tem caminhão de verduras que passa lá, pra você ter uma ideia, tem o caminhão de verduras, tem o caminhão de carne, assim sabe.

Os vizinhos são moradores fixos ou são moradores de segunda residência, assim como vocês?

É mais morador de lá, agora que o pessoal da cidade está indo pra lá sabe, tem muito pessoal, pessoal da cidade aqui, eles estão indo, nossa 90% da cidade assim indo pra comprar um terreno, que eles querem sair um pouco da rotina aqui.

O aumento de moradores de segunda residência, é notável?

Nossa, tem bastante.

Em pouco tempo?

Nesses 12 anos mais ou menos, que a gente tá lá, assim que vai pra lá, a gente vê bastante assim o aumento sabe, aumentou muito.

Sobre o ambiente com a ida do pessoal da cidade, ficou mais tumultuado ou permanece inalterado?

É mais o estilo de campo porque geralmente assim, a pessoa que vai comprar, eles não vendem de pouca terra, vamos supor assim, como se fosse um terreno na cidade, geralmente eles vendem assim de alqueire, um alqueire sabe, menos do que isso eles

não vendem, então se torna assim uma casa um pouco mais retirada da outra né, por isso que fica mais aquele, de casa de campo mesmo né.

Vão buscando sossego?

Isso, é muito raro, você chega lá, pra ter uma ideia assim, o que você escuta é o barulho da água, passarinho sabe, é sossego, sossego mesmo, quando tem a festa na igreja, que tem a igreja um pouco mais, uns 500 metros pra cima da chácara tem uma igreja, só quando tem festa, alguma coisa lá que dá um agito a mais, mas fora disso é, pode que nem diz meu pai, pode andar por lá a vontade que ninguém te vê.

Vocês consomem alimentos produzidos na sua propriedade?

Sim, a gente tem horta, a geralmente a gente tem frangos, tem porquinho, tem uma vaquinha que dá leite, planta mandioca, planta milho, tira milho verde, então sempre tem bastante, bastante coisa que a gente, alface, repolho, bastante coisa tirada de lá sabe.

Costuma trazer e consumir os alimentos de lá na cidade também?

Trago também.

Na cidade não costuma vender os alimentos produzidos no campo?

Para o consumo, só pro consumo da gente assim.

Qual o meio de transporte utilizado para chegar até lá?

Eu tenho um carro que eu vou.

E para andar nas proximidades, utiliza-se do automóvel também?

Não, lá é só a pé mesmo.

Você acha que a proximidade dos distritos aqui, no caso de Ponta Grossa, é um fator atrativo para a aquisição da casa de campo?

Sim, porque daí já se torna um pouco mais difícil até da gente manter uma casa longe, então pelo menos aqui não é tão longe, mas quando começa a ficar, se tornar muito longe fica até inviável da gente ter daí né, se torna caro mesmo.

Costuma participar celebração religiosa ou festa local?

Não, fico mais pela casa, que nem diz caseiro mesmo, não sou muito de participar dessas.

Tem o hábito de visitar ou receber visitas de outros moradores próximos?

Sim.

Tem algum dia específico pra receber visitas, mais no feriado, ou as visitas são aleatórias?

É bem, é mais ou menos isso que funciona assim sabe, lá é mais ou menos, não tem um dia.

É notável alguma diferença dos seus vizinhos da cidade para com os do campo?

A geralmente da diferença porque as pessoas que são de lá mesmo, que nasceram e se criaram lá são totalmente diferentes de uma pessoa da cidade mesmo né, eles já são mais reservados da parte deles, então a diferença é grande sabe, bem grande a diferença entre vizinhos da cidade pro interior mesmo. São bem mais fechados.

Mas possui uma boa convivência?

Tenho convivência boa.

Quando optaram por adquirir uma casa de campo, qual o principal objetivo?

É, ali é são vários fatores que entram, um pelo financeiro, porque você tá investindo né, talvez mais tarde ter um retorno, vem a parte do sossego, do descanso também, porque você no dia a dia da cidade é estressante, no meu caso de trabalho é muito estressante demais, então você dá graças de chegar no final de semana pra você pegar, ficar bem quietinho lá né, então por mais que você trabalhe, você faça alguma coisa lá, mas não é como se fosse na cidade, é totalmente diferente né, nossa, é muito bom mesmo.

Pretendem em algum momento vender essa casa?

A, pensar em vender a gente pensa mais tarde né, no caso né, porque a gente vai ficando velho também, e tudo né, vai chegar uma hora que você também vai ter que dar uma parada né, então é que nem a gente falou, isso aí geralmente você faz uma poupança né, a respeito disso, é uma poupança que é feita, um investimento assim que, que ele vai te dar retorno, mas vai ser a longo prazo, é melhor do que você ter um dinheiro jogado, talvez numa poupança, que você sabe que vai ficar 10 anos e não vai,

e você não vai ter nada, e nesse você tem, pelo menos que nem diz, você tendo terra, você tem ainda dinheiro né, uma reserva.

Tem o hábito de convidar pessoas para frequentar a casa?

Não, muito difícil, os familiares sempre vão, mas a gente não convida eles pra ir né, quando a gente vê eles já estão chegando.

Possui parentes, amigos ou conhecidos que tem casa de campo?

Tenho, tenho mais um tio meu que tem, ele mora no Guaragi.

Alguma pessoa, amigo ou conhecido influenciou a sua compra da casa de campo, seu tio talvez?

Ele tinha antes, foi influenciado nele, nele e tem um outro tio meu que ele não é dessa, não é de Ponta Grossa, ele é de Guamiranga, e o tempo que eu era criança, nossa, eu gostava de ir pra lá só por causa disso, porque daí tinha, lá dele não era pouco terreno, era bastante terreno, então quando era criança já gostava disso né, então foi, foi fazendo influência dele, daí esse meu tio comprou, não saia da casa dele até então, quando a gente teve a da gente, deixou de ir na casa dele um pouco, se afastou, desejo antigo.

Você mudaria definitivamente pra lá?

Não, porque, você veja bem, aqui na cidade a gente tem o conforto, com telefone, com tudo né, lá você não tem um telefone ainda, você não tem uma televisão que pegue canal de Ponta Grossa, se não for por parabólica você não assiste televisão lá né, então tá deixando muito a desejar, falta muita coisa lá ainda né. É, mas não tinha vontade não.

Tem algo na cidade que te incomoda?

Na cidade tem muitas coisas né, uma da cidade mesmo é o trânsito, o trânsito de hoje né, esse é, eu já nem ando mais por dentro da cidade, saio tudo pelas laterais, eu quando vou trabalhar já saio por baixo aqui e vou cortando tudo, porque, dentro do centro é muito raro andar, essa é uma das que incomoda a gente, tá louco. É o movimento demais né, muito estressante demais você andar dentro do centro, tá louco, não tem mais condição, andar a pé não tá fácil, de carro tá um pouco pior, então não tá fácil, tá demais. A violência tá ficando grande em Ponta Grossa né, até agora final de semana, não sei, teve o caso do mercado Condor né, então você vê, eu tenho um

vizinho, tenho vizinhos meus que moram no Rio Verde aqui, que o rapaz foi entrar dentro da casa dele, não deu tempo de abrir a porta da garagem, os cara pra roubar o carro dele mataram ele, quatro quadras daqui da minha casa, então tá demais, violência grande mesmo.

O senhor considera então a casa de campo um investimento financeiro?

Sim, também.

A casa de campo gera muitos gastos?

Se você tiver um caseiro pra cuidar, ela gera, é um dinheiro sem retorno né, uma casa de campo, porque a casa de campo é assim, pra você ter um conforto dentro dela, você não pode deixar ela decair né, e tudo que você vai fazer você tem que pagar pra fazer né, por mais que você vai lá e trabalhe, que você faça alguma coisa, você não consegue manter ela né, então você tem que sempre tá pagando pra alguém ajudar, então é, vai dinheiro. Também, porque tudo que você vai fazer você precisa de equipamento, precisa de uma roçadeira, você precisa de uma luz pra puxar uma água, que trabalha por bomba, ou trabalha por carneiro lá né, então tudo vai dinheiro, e você nunca para de gastar você tendo uma casa assim né.

Vocês não tem caseiro?

Não, lá a gente não tem caseiro. A gente mesmo cuida. Durante a semana fica meu pai com a minha mãe que cuidam na realidade né, meu pai e minha mãe que cuidam mesmo sabe, porque a gente já teve caseiro lá e não deu certo o caseiro sabe, o caseiro, que nem diz, ao invés de ajudar só atrapalhava mais né, então não vale a pena daí né, então às vezes é preferível você ter alguém da família que ajude, que esteja lá, do que você ter um estranho pra cuidar.

Por que optar por uma casa de campo e não por uma na praia ou outra cidade?

É que assim, a casa de campo, eu tô dentro da, como posso dizer, de Ponta Grossa, vamos supor assim, então pra mim se deslocar até essa casa de campo são 45Km, e hoje pra mim ter uma casa na praia, o que que eu ia gastar, por baixo uns 250Km pra mim ter uma casa lá, e eu não ia poder frequentar direto essa casa né, então pelo menos aqui é mais perto e foi onde a gente optou por ter uma casa de campo mesmo né, por ser isso.

O que mais lhe agrada na paisagem do campo? Na geografia que é minha área de formação, consideramos a paisagem não só aquilo que vemos, mas também aquilo que ouvimos, cheiramos, as sensações que a paisagem nos proporciona, o que mais lhe toca?

Lá, pra você ter uma ideia, quando você abre a porteira pra entrar dentro da chácara, você já começa fazer a volta por um tanque que a gente tem lá que são de peixes, ali você já começa ver a natureza por ali, você olha pro lado da frente da casa, já enxerga um morro cheio de árvores né, que hoje ainda é preservado ainda bastante lá, então você desce na casa, 90 metros da minha casa que tem lá, você já tem um rio, que chamam o rio roça velha, a gente já tem uma vertente de água natural mesmo, donde é bombeada a água da casa né, passarinhos você vê de monte lá né, o que você não encontra na cidade você vê lá, então é isso que é o gostoso, é conjunto. Você vê, esses dias eu vindo embora, encontrei um, não sei se é servo que eles chamam, é um negócio que você não vê aqui por perto né, só vai ver num lugar, isso que vai ficando gostoso, interessante né, de você ir num lugar desse, sem contar que se você andar por lá, o que você vai achar de coisa bonita que tem na natureza mesmo né.

Costuma caminhar para “curtir” a paisagem?

Saio, saio bastante e gosto, porque no tempo de frio não, mas quando tá calor, eu entro dentro do rio e ando longe dentro da água, é gostoso né, então você vai ver, o que você vê de coisa diferente lá dentro, vale a pena mesmo, nossa, muito bom.

Qual seu grau de satisfação lá com o ambiente rural, em relação à segurança, vizinhança, infraestrutura e serviços?

É, a estrada assim, a gente não vai dizer que é uma estrada boa, ela não é assim uma estrada 100%, mas é uma estrada 80%, por ser estrada, 15Km de estrada de chão, mas você anda bem nela, bem que eu digo assim, poucos buracos, com chuva você pode entrar e sair lá que não tem problema nenhum, muito difícil você ficar com o carro atolado né, é, parte de segurança é um pouco difícil né, porque lá não tem assim uma guarda municipal, não tem uma ronda, não tem nada né, então é, que nem diz, ali você fica a Deus dará né, é na sorte, que nem diz né, porque.

Vocês já tiveram algum problema lá?

Já, no começo da nossa chácara a gente teve um roubo lá dentro, a gente chegou lá e só achou a geladeira que tinha lá, que não puderam tirar, mas o resto levaram tudo, até

a fiação do poste de energia foi levada, o que falta mesmo é a segurança assim, se tivesse uma guarda, uma coisa assim, mas tem os vizinhos sempre por perto lá né, que um cuida do outro, então fica nisso aí. Tô satisfeito porque os vizinhos são gente boa, não são ruim assim, são gente boa, não tenho problema nenhum com os vizinhos a respeito disso sabe, é que nem eu falei, ali um cuida do outro, como se fosse mesmo na cidade, os vizinhos são sempre a segunda família que a gente sempre fala né.

Em relação ao modo de vida rural, o que mais lhe agrada?

No campo, a o fato de você só pegar o carro e chegar lá, você vê o ambiente diferente da cidade, a natureza diferente o respirar do ar diferente, então é isso que, que vale a pena sabe, você estar num lugar desse, você se sente bem, que a natureza é totalmente diferente, você chega lá, o ar que você respira nossa, é gostoso, você sente aquele cheiro gostoso do ar, não é que nem a poluição da cidade assim, que você vê aquele ar pesado né, que você tá respirando, lá não, lá você, até você desce, no caso, a vertente de água lá, você desce lá e respira aquele ar geladinho né, porque são cobertos com árvores e coisarada, então ali que é o gostoso.

Na sua opinião a casa de campo traz benefícios à saúde, física, mental?

Traz, traz porque a partir da hora que você chega lá né, você esquece de toda a tua rotina que você tem na cidade, pra você ter uma ideia, lá eu não uso relógio né, eu sei que tá na hora de entrar pra dentro pra almoçar, eu sei por instinto sabe, porque lá, como diz você relaxa mesmo né, você chega num lugar desse você relaxa, mesma coisa como se fosse fazer uma pescaria, você chega na barranca do rio e esquece dos teus problemas e tudo, lá é mais ou menos isso, você acaba esquecendo dos problemas que você tem dentro da cidade né, bem gostoso.

Sobre a vida do campo, ou sobre o modo de vida rural, algo que eu não tenha perguntado e o senhor queira acrescentar?

Não eu acho que a vida de campo assim pra mim mesmo hoje, eu ainda sou novo na casa, mas quem sabe pra frente um pouco mais de idade, talvez até arrisque de a gente pegar, não sei, sei lá, da gente pegar e ficar mais tempo num lugar desse né, esquecer um pouco a cidade mesmo, porque a cidade é cansativa, então que nem eu falo, você estando num lugar desse, você esquece da vida né, gostoso, porque, você vê, você olha aqui você vê vizinhos, lá você só vê mato, só vê passarinho, galinha, esse que é o gostoso, vale a pena.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

(x) fogão à lenha	() Encontros de oração (terço)
(x) fogão à gás	(x) panela de ferro
(x) forno de barro externo	(x) máquina de costura
() uso do cavalo	(x) TV
() uso de carroça	() computador
(x) estrebaria	() telefone residencial
(x) galinheiro	(x) máquina de lavar
(x) pocilga (chiqueiro)	() tanque
(x) Paiol de milho “sem milho”	() móveis antigos
(x) Equipamentos agrícolas tração animal	() móveis atuais
(x) Foice	(x) enfeites artesanais
(x) Machado	(x) Aparelho de som/rádio
(x) despensa	(x) geladeira
(x) simpatias e ‘benzimentos’	() acesso a internet
(x) acordar e dormir “cedo”	() telefone celular
(x) tanque de peixes	() Água de poço
(x) cortar lenha	(x) Água de olho d’água
() Fogueira de São João/ Pedro	(x) Água tratada (SANEPAR)
(x) capelinha	() casinha (banheiro)
	(x) retratos de família na parede

Outro equipamento assim, tipicamente rural que o senhor tem só lá?

Lá tem uma máquina de, uma picadeira que eles chamam. Tem a debulhadora de milho, tem a máquina de fazer quirera, tem um monte de equipamentos.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

() Feminino	(x) Masculino

Idade: 46 anos

Renda: 5 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☐ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☒ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior completo
☐ 5ª a 8ª série completo	☐ pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 5

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

- ☐ madeira ☒ alvenaria ☐ mista

É, lá tem duas, três casas né, tem uma casa do caseiro que é de madeira, tem a casa que a gente fica, que é um ranchinho, assim que a gente chama, que tem uma parte de madeira que a gente aproveita, e uma parte de material, e tem uma casa grande no alto ali, que é onde meu avô construiu, que é toda de alvenaria, daí tem a parte da piscina, e tem o quiosque ali, que a gente aproveita, churrasqueira.

Sua casa de campo é?

Casa própria ☒ Alugada individual ☐ Alugada junto com outras pessoas ☐

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal ☐ Propriedade ☒

O imóvel possui área total de 22 hectares

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda ☐ Não cultiva o terreno ☐ Aluga o terreno para outros ☐

Onde você reside atualmente?

Na cidade de Ponta Grossa.

Você já morou no campo?

Não, eu só visito o campo finais de semana, ou dias de semana agora, no caso, pra trabalhar agora.

A quanto tempo vocês tem casa de campo, a sua família?

Eu acredito que é desde 2004, ou 2003 mais ou menos, então já fazem mais de 15 anos, uns 15 anos por volta.

É tudo de uma pessoa só, ou um conjunto de pessoas?

Quando compraram a chácara, era meu vô, meu pai e meu tio, então no caso, o meu vô e os filhos do meu vô, meu tio e minha mãe que entrou na sociedade do meu pai, daí agora, meu vô saiu dessa sociedade e passou a parte dele pra minha mãe e pro meu tio, então agora é só da minha mãe e do meu tio. Tem um terreno, 22 hectares.

Esse terreno, vocês utilizam ele só pra lazer ou ele dá alguma renda pra família?

Até ano passado, ele era usado só pra lazer, única e exclusivamente, daí como eu me formei em agronomia, o meu namorado tem bastante interesse na lida do campo, em ter o seu próprio negócio, ele fez a minha cabeça, não, mentira, a gente conversou junto né, e a gente acha que dentro do mercado de trabalho, é muito difícil essa inserção tudo, como a gente tem a terra que é o principal problema, vamos dizer assim, que poucas pessoas tem, a gente tá utilizando ele pra agricultura, mais eu e meu namorado mais, eu acabei envolvendo meu tio e o meu pai como, a gente montou uma estrutura porque a chácara é deles né, eu to arrendando um pedaço da chácara pra gente plantar, por isso que eu tenho contrato de arrendo com eles, então eu não podia fazer uma estrutura física lá, que demandasse dinheiro e, como uma construção, sem que eles tivessem participação, porque a chácara é deles, então a gente fez um acordo, e a gente montou um negócio, vamos dizer junto, que é essa estufa, daí ela é dividida em três partes, os investimentos né, então tem investimento do meu tio, tem investimento do meu pai e tem o meu investimento, então são três partes iguais nesse nosso negócio, daí a gente tá plantando tomate dentro dessa estufa, com essas três pessoas envolvidas, e paralelo a isso, eu e meu namorado, tem uma parte que a gente arrenda que a gente plantou melancia no final do ano passado, colhemos esse ano, e vamos

continuar plantando daí nesses outros espaços daí, não envolvendo os donos da chácara, arrendando uma parte dela.

Expressões artísticas como poesia, fotografia, pintura, música, relacionadas ao modo de vida rural, você gosta?

Gosto, gosto muito. Estilo de música que eu gosto, gosto mais de sertanejo universitário porque é mais divertido, mas assim, aquele de raiz, moda de viola, é coisa assim, que é bom de sentar e ouvir, de descansar, de relaxar, eu acho que o meu gosto musical pra começo de história já envolve muito isso sabe, e eu vejo, talvez em pintura, filme, essas coisas assim, nesse sentido, aquela coisa, aquela paz, de relaxar, a vivência assim, eu tenho muita ligação assim com isso, de gostar desse ambiente mais calmo, do silêncio sabe, não gosto de barulho assim, da cidade, como a gente mora aqui, na rua principal, então passa o ônibus o dia inteiro, para carro o dia inteiro, os carros passam por cima dessa lombada de madrugada e fazem a maior confusão, então lá é um lugar sossegado assim, então quando eu remeto a isso assim, de pinturas, de filmes, de músicas que lembram isso assim, essa calma, essa coisa mais tranquila, eu gosto bastante, desde criança, a gente sempre teve envolvida assim nisso, então faz parte da minha vida assim.

Quando você vai lá pra casa de campo, que tipo de atividade você realiza?

Eu tenho duas atividades né, antes da gente ter o negócio a gente ia pra lazer mesmo, pra passear, pra fazer churrasco, pra pescar, eu não sou muito de pescar, mas eu ficava junto ali enquanto pescavam, vamos catar pinhão, acender o fogão a lenha, assar pinhão na chapa, tomar chimarrão, que eu caso não tomo na cidade assim, só de vez em quando, mas lá a gente sempre toma chimarrão, também andar a cavalo, eu andava bastante antigamente, hoje em dia eu não ando muito mas, também andava bastante a cavalo, esse tipo de coisa assim, mais pra passear mesmo, ou estar em contato com a natureza assim, sentar na grama, brincar com os cachorros e paralelo a isso agora também eu vou pra trabalhar né, lidar nesse negócio, então, fazer a poda do tomate, aplicar inseticida, fungicida, fazer os tratos culturais que demandam a cultura ou preparar as partes que a gente arrenda pra próxima plantação de cultura.

Quando você vai pra casa de campo, quem vai com você?

Quando a gente vai pra trabalhar, sempre vai meu namorado, porque a gente vai junto né, nosso negócio paralelo assim, e nos finais de semana, geralmente vão os meus

pais, às vezes o meu avô e a esposa dele, às vezes o meu tio, muito poucas vezes, meu tio vai mais no verão por causa da piscina assim, ele não é muito fã da parte de mato, ele é fã da piscina, e assim, os meus amigos, geralmente o point é lá, porque daí é um lugar bom pra passar o dia, que dá pra fazer bastante coisa, da pra pescar, dá pra passear, pra catar pinhão, essas coisas assim, então quando a gente resolve de a, convidar um amigo pra sair a gente geralmente não vai em barzinho a noite, a gente geralmente vai no sábado e passa o dia na chácara, independente se tá calor ou tá frio, da pra aproveitar bastante o dia assim.

Quando você vai pra lá com a tua família, com seu namorado, você percebe que todo mundo gosta de estar lá?

Sim.

Quem gosta mais, todos gostam igual?

Acho que todo mundo gosta igual, não sei, acho que a gente partilha dessa experiência, todo mundo gosta igual assim, só vamos dizer assim, dentro da minha família, o meu tio não tem tanta essa ligação, ele é mais da cidade sabe, ele não é muito de sujar o pé de barro assim, mas os demais, as pessoas tirando meu tio, que vão com a gente, todo mundo gosta igual.

Quando você vai pra lá, o que que você leva da cidade?

É a gente leva comida, comida sempre, porque a gente tá sempre repondo as coisas lá né, pra fazer o almoço, leva carne pro churrasco, leva pão, esse tipo de coisa, e às vezes uma muda de roupa, porque lá a gente mantém um guarda roupa cheio de coisa, a gente mantém uma dispensa com bastante coisa, então a gente leva o que não dá pra manter por muito tempo, porque que nem arroz, farofa, essas coisas de comida assim, que não estraga a gente mantém no armário, não precisa levar assim, um monte de coisa, ou agora que tá frio a gente leva um pouco de cobertor pra, porque quando a gente vai em mais gente, pra repor um pouco, mas nem isso a gente se preocupa, tem toda estrutura lá, cama, roupa se precisar pra trocar, um pouco de alimentação, e o lugar pra ficar, você não precisa levar lanterna, luz, que tudo tem instaladinho lá.

Com que frequência que vocês vão lá pra casa?

A trabalho, eu vou, como a gente tá lidando assim, no período de safra vamos dizer assim, eu, não só na colheita mas como no desenvolvimento da cultura, a gente vai pelo

menos três vezes na semana útil assim, de segunda a sexta, a gente vai pelo menos três vezes, pra cuidar do nosso negócio, pelo menos isso, tem dia que vai sete dias na semana, cinco pelo menos, mas quando é só pra lazer, nos finais de semana daí, sábado ou domingo, quando é verão assim, a gente aproveita bastante os sábados, que daí eu posso ir só com os meus amigos, podemos passar o dia, e nos domingos, mais com a minha família assim, que a gente vai pra passear, porque é o dia que eles estão livres, meus pais não tem férias, então, eu, pra trabalhar, ou nos finais de semana.

Quanto tempo você permanece lá?

Então, pra trabalhar a gente vai e volta todo dia, embora eu não concorde muito com isso, a gente sai daqui às oito e volta, e sai de lá às seis e quinze, chegá lá por umas nove e volta aqui pra cidade por volta das sete, e quando a gente vai pra passear também, daí às vezes a gente vai depois do almoço ou antes, vai pra almoçar lá nos domingos né, e sábados também, sábados e domingos mais ou menos nesse horário, pra almoçar ou um pouco antes do almoço, um pouco depois do almoço, e fica também, sempre até de noite assim, até escurecer, quando a gente tá a lazer mesmo, dá pra ficar até umas oito, nove horas assim, tranquilo, horário de verão dá pra ficar até as onze, por causa que tem sol né.

Fornecimento lá, como é feito, alimentos?

Não, é tudo a gente que leva pra lá né, de lá a gente não compra nada assim, tem mercado, tem um restaurantinho perto assim, mas o que a gente utiliza lá de alimentação mesmo, é o que a gente leva aqui da cidade.

Durante as refeições que vocês fazem lá na casa de campo, vocês costumam comer o que vocês produzem, ou não, consomem mais o que levam daqui?

É que assim, como eu falei a gente tem um negócio, então dentro do nosso negócio a gente tá produzindo tomate agora, a gente não conseguiu colher ainda, então não estamos consumindo, na melancia quando a gente colheu, a gente consumia, mas não é uma coisa que você vai, tipo, almoçar melancia, é uma sobremesa assim, um complemento, quando tinha melancia lá, claro que a gente comia melancia, aí a parte de horta assim, de ter salsinha, cebolinha, alface, repolho, essas coisas, depende, não da gente porque a gente não planta isso enquanto donos da casa, eu e os meus pais, eu plantaria se fosse um negócio, até temos planos pra isso, mas depende de quem mora lá, quem cuida da chácara que é o nosso caseiro, então até os anos, até uns tempos

atrás, agora a alguns meses, nosso caseiro não tinha interesse, ou ele plantava muito pouco, ele plantava só alguma coisa assim pra dizer que plantava, e a gente nunca conseguia colher direito assim sabe, tinha, pegava alface lá com cinco, seis folhas sabe, então o cara não cuidava, agora a gente té com um caseiro novo, que parece bom assim, e ele tá pedindo as coisas então, preparou os canteiros bonitinho, então a princípio quando tem coisas na horta a gente consome claro, salsinha, cebolinha, alface, repolho, mas depende, não depende da gente, não é coisa que a gente planta, depende da pessoa que trabalha lá, produzir, ter interesse de plantar, daí a gente consumir, mimosa, essas coisinhas que tem na árvore a gente come com certeza, mas depende mais de quem cuida.

Qual o meio de transporte utilizado para ir até a área?

Carro, a parte de transporte público lá é bem complicado sabe, porque o ônibus passa, ele sai lá do Biscaia, ali do Abapã talvez, ele sai lá bem cedo, tipo sete horas da manhã, sete e meia ele passa vindo pra cidade, e ele só volta pra lá as, ele sai aqui da cidade acho que as quatro da tarde, então ele passa lá por umas cinco, são os únicos horários de ônibus sabe, isso de segunda a sábado, ou de segunda a sexta, então se a gente fosse, como a gente vai de final de semana não compensaria, também esperar, ou se a gente precisasse do transporte também tinha que pensar nessa questão de ir só a tarde, ou voltar só de manhã, também é complicado depender do transporte público, então é mais o transporte particular mesmo.

E nas proximidades, costumam deslocar-se a pé ou de carro?

Dentro da propriedade a gente anda a pé, porque é relativamente pequeno, ai vinte e dois hectares é bastante, mas a parte útil assim ali é pouco, então a gente anda sempre a pé, às vezes a cavalo né, quando vai passear, na verdade a gente nunca vai num lugar de cavalo, sempre vai passear de cavalo e aproveita pra ir num lugar ou outro, fazer compra assim, ai faltou um ovo, faltou farinha, faltou alguma coisa, a gente pode ir ali no mercadinho que tem ali perto, também dá uns quatrocentos metros a gente vai a pé, ou se precisar alguma coisa mais longe assim, ou ir em algum vizinho a gente sempre vai de carro.

A região de Ponta Grossa tem uma certa proximidade com seus distritos, para você esse fator influencia na escolha de uma casa de campo?

A, com certeza, porque se você escolhe, quando a gente foi, meus pais estavam vendo pra comprar essa casa de campo, se fosse um lugar muito longe assim, que pegasse muita estrada de terra, que fosse muito buraco, tivesse que fazer muita curva, já ia complicar, porque você não tem daí, vamos dizer um tempo pra se deslocar mas, gasta mais combustível, gasta mais o carro né, vai demandar de um investimento maior vamos dizer pra você chegar no teu lazer, agora, nossa chácara é muito boa ali, porque o asfalto passa praticamente na frente assim, então toda estrada é muito bom, asfaltada, não tem muito buraco, é um lugar tranquilo, acho que o fato de ter bastante lugarzinho próximo assim, facilita bastante, ajuda assim a escolher a casa né.

Quando você vai para a casa de campo, participa de alguma celebração religiosa?

Olhe, quando a gente posa do sábado pro domingo a gente sempre vai no culto assim, sempre não, mas boa parte das vezes a gente vai, lá gente não sabe direito quando que é o dia, tem dias que tem missa e tem dias que tem culto, mas a gente já foi algumas vezes assim, pelo menos, sei lá, umas dez vezes a gente já foi no culto lá, às vezes participa da missa, da festa, quando tem ali a festa religiosa, a gente vai, é bacana assim, e a igreja é bem pertinho da pra ir a pé, então, é tranquilo.

Festividade, vocês participam só lá na comunidade perto, ou vocês tem hábito de ir em festa de interior?

Antes a gente ia mais sabe, de uns tempos pra cá a gente tem ficado meio aquietado assim, fica mais na chácara, mas antes a gente ia bastante festa de igreja assim, de interior lá na barra funda, na barra grande, a gente ia mais, agora a gente não tem ido tanto, acho que a gente vai se acomodando, ficando mais velha.

E vocês tem hábito de visitar os vizinhos lá do campo ou não?

Não, na verdade assim, o meu pai tem um amigo lá, que é quem vendeu um cavalo pra ele, às vezes ele vai passear na casa dele quando ele vai a cavalo pra tipo a, vamos andar a cavalo junto, mas assim, os demais vizinhos a gente não visita, que nem eu e o namorado vamos conversar com o Dagmar lá, se a gente quer emprestar um implemento, ou a gente quer trocar uma ideia sobre a parte de fertilizantes, alguma coisa assim, coisas específicas, mas de passear assim, pra bater papo não.

Mas tem uma boa relação com a vizinhança?

Sim, se cumprimenta, passa na rua, a gente sabe que eles existem e eles sabem que a gente existe, mas só, tipo serviço assim, quando precisa alguma coisa, que nem a, a gente precisava comprar calcário, precisava que alguém trouxesse o calcário pra gente, a gente foi conversar com um vizinho que tem caminhão, pra ele buscar o calcário pra gente, então a gente pagou pra ele um serviço né, mas a gente tem uma relação amigável, não tem encrenca com nenhum vizinho.

Você acha que há diferença entre seus vizinhos e os do campo?

É que como a gente não mora lá né, a gente só visita, só vai finais de semana, a gente não cria vínculo assim com eles, que nem aqui na casa da cidade, a gente tá aqui a minha vida inteira a gente morou aqui, minha mãe morava aqui antes né, então sempre com a mercearia também facilita bastante esse contato com os vizinhos, as notícias chegam, as pessoas vem conversar ali né, então aqui a gente tem mais contato, conhece mais os vizinhos, mas lá pelo fato de não morar lá, se a gente morasse, participasse mais das missas, por exemplo das celebrações, acho que já teria um contato, mas hoje não, hoje não tem, hoje aqui os vizinhos são mais próximos do que lá.

Quando vocês optaram por comprar uma casa de campo, sua família, o que vocês buscavam no campo?

A eu acho que um refúgio da cidade assim, porque a gente sempre foi muito mateiro assim, até antes era mais legal, quando eu era criança assim, era bem divertido, porque a gente ia acampar, a gente levava barraca, daí montava as barracas, daí ia às vezes nuns buracos lá, às vezes ia no Alagados, às vezes ia em vários lugares assim né, então os meus pais, minha família ali, ela procurou um lugar pra ter vamos dizer assim, sempre esse lugar pra poder ir com mais estrutura, que fosse nosso e tudo mais, particularmente, eu não sei se foi uma boa escolha, porque daí você não vai em nenhum outro lugar né, tipo chega final de semana você não vai no Alagados, você não vai na cachoeira da mariquinha, você não vai conhecer as furnas gêmeas, ou você não vai passear no parque de Vila Velha, porque tem a chácara pra ir, então acaba tipo limitando assim os passeios do final de semana, mas como patrimônio da família é uma coisa boa, mas eu acho que se buscava mesmo era essa coisa de sair da cidade, sair da rua principal, da poluição, de, esse tipo de coisa, barulho, e procurar um lugar mais calmo, mais tranquilo, mais verde, que você visse árvores, que você pisasse na grama, que você sabe, pudesse rolar, sei lá, na grama e não ficar doido, ter um monte de

pedras, um lugar assim, pra sentar, pra relaxar, pra desestressar, tirar as energias ruins assim, descarregar.

Vocês tem pretensão de vender a casa de campo ou algum dia deixar de frequentá-la?

Não, não, tanto, eu acredito que nem os meus pais, que eu não mando nada dos meus pais nem do meu tio, mas acredito que os meus pais não tem interesse nenhum de vender assim, ainda mais que a gente tá investindo lá, que a gente tá colocando o negócio, que a gente tá tentando tirar uma lucratividade pra pelo menos manter a chácara né, porque é uma despesa, e o meu tio, por mais que ele não goste tanto do mato, do campo, ele gosta da piscina, então ele também falou, ele já me falou que ele não tem pretensão nenhuma de vender assim, então os dois sócios ali, ambos gostam do espaço, da localização, da estrutura que foi feita ali, hoje, hoje pelo menos não assim, pode ser que daqui 10 anos as coisa mudem, mas hoje nenhum deles tem intenção nenhuma de vender.

Vocês costumam convidar pessoas pra irem visitar a casa de vocês?

Ah sim, dos amigos assim, o meu namorado, na verdade, a gente sempre tá meio falido sabe, a gente nunca tem dinheiro pra nada, então se a gente convida alguém pra ir num barzinho a gente vai gastar bastante, agora se a gente convida alguém pra ir pra chácara, a gente não gasta tanto, porque a gente aproveita um dia inteiro e vai ali uma carne, um pão, um negócio mais simples, mais sossegado, cada um faz um pouquinho, e o dia é muito mais agradável, você consegue conversar mais, aproveitar melhor o dia, e, é sempre um lugar que a gente pensa em convidar os nossos amigos assim, quanto eu e meu namorado, e os meus pais também, convidam assim os parentes, os amigos deles pra ir passear, conversar, é bem aberto assim, o tio convida o pessoal do futebol dele, que ele patrocina um time assim, pra fazer festa lá, então sempre se reúne e é bem aberto assim pra amizades nossas, pessoas de fora ou parentes mesmo.

Antes de vocês terem a casa de campo, já tinha alguém da família ou então amigos que tinham casa de campo, e que influenciaram essa opção?

Sim, é o que a gente já tinha esse contato com o campo né, e assim, eu acho que um pouco também a história né, do meu vô veio do sítio, ele veio, ele morava numa fazendinha, lá numa chácara, tinha um moinho de trigo, então daí ele largou as coisa de lá e veio pra cidade, trouxe, a minha mãe nasceu no campo e veio pra cidade, o meu pai, a família dele também era do campo e veio morar na cidade, então já tinha aquela

raiz assim, de ter crescido pisando na terra, subindo em árvore, daí veio pra cidade e aqui também eles buscaram essa coisa né, de que nem acampar, de visitar lugares, tinha um amigo nosso em Carambeí que morava numa fazenda, os próprios parentes assim que são, que ficaram no campo né, que a gente ia visitar eles, então acho que isso tinha, que a gente ia lá, daí passeava no lugar, aproveitava, visitava o riozinho, não sei o que, então acho que tem bastante influencia, se a gente não tivesse esse contato, nunca teria partido essa vontade de ter um lugar próprio assim?

Vocês mudariam definitivamente pra lá?

Eu e o meu namorado, a gente tem planos de começar, como a gente tá investindo nesse negócio assim, a gente tem planos de começar a nossa vida no meio rural, na verdade não lá na chácara que os meus pais tem agora, mas o meu namorado, a família dele tem um terreno também mais perto aqui da cidade assim, dá uns, indo pra Carambeí, então da ali uns, sei lá, uns 10 minutos da cidade, tá mais próximo, mais interessante, é um terreno mais plano, mais próprio pra agricultura, só que não tem estrutura ainda que nem lá na chácara, tem luz, tem água encanada, tem, já tá tudo meio pronto, já tem casa, ali não tem nada, mas se a gente conseguir, nosso plano é guardar um dinheiro e montar uma casinha primeiro ali, porque a gente sempre pensou assim em começar nossa vida ali sabe, por mais que é perigoso, não sei o que, mas tendo um caseiro junto, mas se a gente conseguir né, ter dinheiro pra bancar o caseiro, porque a gente sempre pensou assim, já pensou que maravilhoso você criar um filho no campo sabe, ele poder ter espaço pra correr, ter espaço pra se sujar, pra aprender virar canteiro, pensa que, sabe, pisar na terra, comer minhoca, sabe, esse tipo de coisa, não ter medo do passarinho, conhecer os nomes dos passarinhos, uma coisa que a gente pensa, uma coisa muito saudável para as crianças, a gente não pensa em ficar lá a vida inteira claro, porque depois demanda de estudo, demanda de escola, demanda de ter facilidade de acesso para as coisas, assim pra negociar e tudo, mas a gente pensa muito em começar nossa vida de casado, nossa vida conjugal, numa chácara pra conseguir tocar o negócio, apesar de que a gente tá repensando por causa dos assaltos que tá tendo e que é muito perigoso, mas o nosso plano inicial sempre foi esse sabe, de começar ali e daí depois voltar pra cidade assim, porque o começo da vida assim hoje a gente pensa muito nos filhos assim, seria muito saudável começar ali.

Você considera a casa de campo um investimento financeiro?

Sim, eu e meu namorado, a gente vê isso como um negócio assim, além de ser toda a estrutura, tranquilo, bonito, gostoso né de estar em contato com a natureza, a gente pretende viver disso assim, a gente pretende viver da agricultura, parece, acho que até meio bizarro assim né, tipo, pessoas jovens, menos de trinta anos pensando em ser produtores rurais, mas eu acho que é uma coisa diferente, a gente pensa que comida sempre, todo mundo vai precisar comer um dia né, a gente não sobrevive de comprimido, então a comida é uma coisa que sempre vai precisar, então a gente vê isso como um negócio e a gente acha que é, começar a vida ali seria uma boa, viver disso, ser, usar da agricultura, usar desse espaço pra tirar a nossa rentabilidade é o que a gente espera conseguir, é meio difícil mas vai dar certo.

Casa de campo dá muito gasto?

Dá, Nossa Senhora, dá muito gasto, tipo, tanto que ali na chácara assim, todo esse tempo que os meus pais, meu tio, eles viveram ali, nunca teve nenhum lucro da chácara, só prejuízo, porque é luz que você tem que pagar, é telefone que você tem que pagar, é o caseiro que você tem que pagar, a ração dos cavalos, é ração dos cachorros, é ração pros peixes, é gasolina pra roçadeira, é só gasto, é um investimento assim, é tipo, sei lá, mais que um plano de saúde que você tem que pagar ali, porque é um lazer, tudo bem, mas pra poder curtir o lazer não pode estar cheio de mato em todo e qualquer lugar, tem que tá limpo, as criação, os cachorros tem que ter o que comer né, então, porque tem que ter cachorro né, o que que é uma chácara sem cachorro?!, que a gente gosta dos bichinhos, tem as galinhas, então, tipo é uma coisa, demanda bastante investimento, tipo é um gasto assim, e daí agora com esses negócios que a gente tá inventando tá tentando reduzir um pouco esse gasto, mas ele demanda de bastante investimento sim, e mensal né, porque é uma coisa que você tem que ter todo mês ali, sei lá quanto que o pai e o tio pagam todo mes, mas só nisso, o salário do caseiro é uns dois mil reais contando com encargos, porque ele é registrado, daí mais a ração dos cavalos, ração dos peixes, ração, milho pras galinhas, ração dos cachorros, sei lá, pelo menos uns mil e pouco, então eu acho, eu acredito que dá em torno de uns 4 ou 5 mil por mês pra manter tudo assim, luz, telefone, despesinha geral assim, a madeira que precisa pra alguma coisa, cola, parafuso, prego, sei lá, tudo acho que vai dinheiro, gasolina.

A manutenção é só o caseiro quem faz ou vocês ajudam?

A gente brinca um pouco, a parte do nosso negócio em si, a gente, eu e meu namorado que mantemos assim né, mas a parte de lazer, o que meu pai e o meu tio pagam pra ele, é pra manter a chácara em ordem assim, tá roçada, está limpa a casa, tá, a criação tá alimentada, então o caseiro faz a parte mais grossa assim né, é uma coisinha ou outra que a gente faz, tirando o negócio da parte da chácara, dentro do nosso negócio a gente que mantém tudo.

Por que escolher uma casa de campo e não uma casa em um outro ambiente, por exemplo, uma praia, outra cidade, uma casa, um apartamento no centro?

Eu acho que é por ser o refúgio né, vamos dizer assim, você vai ter uma casa em outra cidade, você vai ter os mesmos testes que você tem na sua casa né, carro passando, conversa, som alto do vizinho, reclamação, sei lá, na praia, até meu vô tem uma casa na praia, a gente vai pra lá, mas é muito temporada, você não aproveita muito vamos dizer assim, você vai uma semana durante o ano todo, então você fica 365, 360 dias fechada pra você aproveitar 5 dias, agora a chácara por ser perto também né, então é uma coisa que você pode ir todo final de semana, então vamos dizer pelo menos duas vezes por mês, já é muito mais do que você aproveitou a praia né, ou um outro espaço, e se você fosse duas vezes por semana, duas vezes por mês, num hotel fazenda, numa viagem, você gasta muito mais do que manter um espaço.

Lá na geografia a gente estuda muito conceitos, por exemplo, território, lugar e tem um conceito que estudamos que é o de paisagem, não é só a cena, mas o que integra a cena, por exemplo, o que eu sinto na pele, o som que ouço, a sensação que tenho, então, pensando nesse conceito de paisagem, o que da paisagem rural você mais gosta?

Eu gosto do silêncio que não é silencioso sabe, vamos dizer assim, você não escuta os mesmos sons que você escuta aqui na cidade, não tem carro, não tem buzina, não tem coisas que se escuta aqui sabe, criança correndo na escola, porque a gente mora do lado da escola né, não tem esse som, ele é muito mais quieto, mas você nunca tá em total silêncio, porque é a galinha fazendo, ciscando, é o passarinho na árvore, é o pinhão caindo, quando dá aquele vento, é o vento batendo que você sente o vento batendo, aqui você não sente por causa das casas, o ar parece que é mais puro assim, é diferente você respirar aqui e você respirar lá, talvez assim, cientificamente falando seja pouca diferença, mas parece que o nosso organismo fica melhor lá sabe, fica mais a vontade assim, então o que eu gosto mesmo é do silêncio, tanto é, às vezes a gente

liga o rádio, o som essas coisas, e vai escutar o toca disco ali, mas eu não me importo de ficar no silêncio sabe, eu gosto de tá ali, de ouvir o cantar dos passarinhos que é diferente assim, porque tem muitos passarinhos diferentes lá, eu gosto disso assim, gosto do silêncio, o silêncio bagunçado.

Qual o seu grau de satisfação em relação ao meio rural, segurança, estrutura pra ir até lá, o ambiente, os vizinhos, etc?

Vamos dizer assim, eu sou muito satisfeita com que eu encontro lá, mas eu não que eu ache cem por cento seguro né, tanto que tem um rapaz que ele quase entrou na nossa chácara lá, ele é meio, ele tem problema mental assim, mas assim como ele tem problema mental e entra na nossa chácara, por ser cercada com arame farpado, então ele pode passar por uma cerca, cortar ou pular a porteira, ele tem essa liberdade de entrar ali, aqui na cidade também o cara pode entrar aqui e assaltar a gente por exemplo né, então vamos dizer assim, não é uma segurança total, aí eu me sinto totalmente seguro lá, não me sinto, porque pode ser que alguém entre lá em algum momento, ou se a gente vai passar final de semana, se não bater o cadeado no portão, o portão fica aberto, então é muito fácil pra alguém entrar ali e passar, o espaço é grande pra fugir, pra correr, pra acontecer qualquer coisa, não me sinto totalmente segura lá, mas eu acho que a probabilidade de acontecer esse tipo de coisa é menor do que aqui na cidade né, vamos dizer assim, aqui na cidade é muito mais fácil de eu ser atropelada, lá vai ser muito mais difícil, mas eu acho que assim, questão de gosto por estar lá, o ambiente, eu acho, sei lá, que é satisfatório.

No contexto todo, o que você mais gosta do meio rural?

Eu gosto da cor, eu gosto do contraste do verde com o azul assim, e quando tem alguma planta florindo assim, aquele destaque no meio do verde, eu gosto de olhar assim e ver aquela coisa, aquela coisa contrastante assim sabe, eu gosto de cores fortes assim, e aqui por mais que veja um monte de casa, mas tipo, não é a mesma coisa, porque, sei lá, por não ser natural, por a gente está acostumado a ver isso, apesar de lá também ser uma paisagem igual, ela muda conforme as estações do ano vamos dizer assim né, o inverno é diferente, a cor do inverno é diferente da cor do verão, da primavera, então eu gosto dessa magia de cores que tem ali sabe, gosto de olhar isso, e sinto assim parece que me acalma, me faz bem, eu gosto disso, é o que eu mais gosto de olhar, o caminho mesmo que a gente, quando a gente tá indo pra chácara também, eu acho aquele caminho muito bonito assim, porque ele tem bastante árvore

que fecha assim o caminho, daí você parece que tá, sei lá, meio andando por uma estrada que vai, eu imagino assim, que tipo, quando a gente tiver indo pro céu, é uma estrada parecida sabe, com um montão de árvore no caminho assim, um lugar bonito, que você gosta de olhar, que você se sinta acolhido assim, parece.

Você acha que uma casa de campo traz benefício pra saúde?

A com certeza, eu acho que é, como eu falei, um refúgio, então é onde você se desestressa, onde você sai da rotina diária, não no meu caso, porque eu to indo trabalhar lá né, mas assim, pra quem só vive na cidade quando você vai lá, é a troca da rotina, onde você descansa, onde você tem a visão diferente, como eu falei o ar parece diferente, eu acho que o contato, de você ter mais facilidade em pegar nas flores, pisar na grama, em se sujar, acho que a terra é engraçada, porque é uma terra bem barrenta assim, bem argilosa, parece que aquilo gruda na mão da gente, parece que é difícil de sair, mas não é ruim sabe ficar com ela, parece que faz bem, volta pra cá, não é a mesma coisa assim, apesar de que lá, a eu tô suja, mas é uma sujeira que não te incomoda, aqui não, qualquer coisa que você faz, você já sente que é diferente, e vamos dizer assim, eu falando enquanto negócio eu tenho andado muito preocupada, mas assim, por causa do negócio, mas o espaço em si, é o espaço que eu gostaria de estar sabe, eu me sinto bem naquele espaço, apesar de que mexe com meu psicológico o fato de eu não ter o retorno financeiro que eu espero hoje, mas eu sei que é a longo prazo assim, é uma coisa que me satisfaz, estar ali, melhor do que se eu estivesse trabalhando numa empresa, por exemplo, eu tenho os estresses mas o negócio é meu também pensando nesse sentido, é a minha herança, é da minha terra né, e a gente tá começando o nosso negócio, se eu tivesse aqui eu estaria trabalhando pra alguém, em alguma empresa como eu já trabalhei, fechada num escritório muitas vezes, resolvendo problema de alguém, resolvendo o negócio de alguém que não é o meu negócio sabe, então apesar de hoje, vamos dizer, eu ter alguns problemas pelo fato do negócio não estar correndo tão bem quanto eu gostaria, não é uma coisa que me faz, vamos dizer, me faz não querer estar ali, prefiro estar ali do que estar na cidade, trabalhando em si.

Você percebe que teve um crescimento quantitativo de moradores urbanos nos arredores da sua propriedade?

Eu não sei dizer nesse sentido, pra falar bem a verdade assim, em questão de números porque como eu disse, a gente via ali só como lazer, então a gente só ia final de semana, a gente não tem muito contato com aquela população daquele povoado, vamos

dizer assim, então eu não tenho como dizer se, eu não vejo isso, então não sei dizer se teve ou não teve.

Você acha que a escolha da sua profissão, que é bem relacionada a área rural, ela foi incentivada por esse contato com o campo?

Com certeza, com certeza, sem sombra de dúvida, primeiro porque eu sempre tive uma facilidade maior, sempre gostei mais da parte de biológicas, química, física, física não, química biologia, eu sempre gostei mais do que humanas, história, filosofia, sociologia sabe, não, teórico demais pra minha cabeça, sempre gostei de coisas mais palpáveis assim, e dentro da biologia principalmente era tudo muito vivo, era tudo muito, dá pra pegar, apesar de que a fotossíntese você não enxergue, dá pra ver que a planta tá crescendo sem tá comendo nada, ela tá sobrevivendo do solo e da luz, então é uma coisa que tá acontecendo na verdade, então eu sempre fui muito mais de biológicas assim, mas justamente por ter mais esse contato sabe, da gente tá sempre acampando, da gente tá visitando parentes assim, agronomia assim eu não digo, até hoje eu me pergunto por que que eu fiz agronomia, deveria ter feito biologia, ser professora faceira do estado, mas não, ou sei lá, também, ou farmácia sei lá, ou engenharia química, deveria ter feito alguma outra dessas coisas, ou não, sou feliz tendo feito agronomia, porque conheci bons amigos, amigos que eu levo pra vida inteira, me fez uma parte da pessoa que eu sou hoje, talvez se tivesse outro curso seria outra pessoa, mas eu acho que a escolha entre ficar em biológicas assim, ficar nessa parte, sem sombra de dúvida teve muito a ver com a nossa vivência do campo assim, na casa, mas também em outros lugares, nos passeios assim, sempre gostei muito disso, então a escolha da minha profissão tem tudo a ver com esses passeios, essas coisas.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

(X) fogão à lenha	() Equipamentos agrícolas tração animal
(X) fogão à gás	(X) Foice
() forno de barro externo	(x)Machado
(X) uso do cavalo	() despensa
() uso de carroça	(X) simpatias e benzimentos
(X) estrebaria	() acordar e dormir “cedo” ¹
(X) galinheiro	(X) tanque de peixes
() pocilga (chiqueiro)	(X)cortar lenha
(X) Paiol de milho “sem milho”	

☒ Fogueira de São João/ Pedro	☒ móveis atuais
☐ capelinha	☐ enfeites artesanais
☐ Encontros de oração (terço)	☒ Aparelho de som/rádio
☒ panela de ferro	☒ geladeira
☐ máquina de costura	☒ acesso a internet
☒ TV	☒ telefone celular
☐ computador	☐ Água de poço
☒ telefone residencial	☒ Água de olho d'água
☐ máquina de lavar	☐ Água tratada (SANEPAR)
☒ tanque	☐ casinha (banheiro)
☒ móveis antigos	☐ retratos de família na parede

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☒ Feminino	☐ Masculino

Idade: 27 anos

Renda: não tenho renda fixa.

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☐ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☐ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior completo
☐ 5ª a 8ª série completo	☒ pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 6

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

() madeira (X) alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal () Propriedade (X)

A propriedade dispõe de aproximadamente 10 alqueires de terra

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (X) Aluga o terreno para outros ()

Onde você reside atualmente?

Ponta Grossa.

Vocês sempre moraram aqui ou já moraram em outro lugar?

Anteriormente morava na Vila Odete.

Já morou alguma vez no campo?

Ainda não, mas a ideia é ir morar no campo.

E a casa lá do campo, a quanto tempo você tem?

14 anos.

A propriedade possui outros sócio-proprietários?

É uma sociedade, somos em dois sócios, eu e meu cunhado, irmão dela.

O terreno, ele é utilizado apenas pra lazer ou ele gera alguma renda?

No momento ele tá sendo só pra lazer, mas futuramente a gente quer trabalhar em cima do terreno.

Poesia, músicas, quadros, fotografias relacionadas a vida do campo, você gosta?

Música, música.

Você sente que essas expressões artísticas trazem lembranças do modo de vida rural?

Exatamente, sinto sim.

Quando você está na casa de campo, que tipo de atividade você realiza lá?

Eu vou andar a cavalo, vou pescar.

Quem da família costuma frequentar a casa?

Normalmente eu, a minha esposa e a minha filha, e o namorado da minha filha.

Todos gostam de ir pra lá?

Todos.

Quem mais gosta, todo mundo gosta igual?

Todo mundo gosta igual. Falou em ir pra chácara, todo mundo já tá pronto.

Quando vocês vão pra lá, o que que vocês levam da cidade?

Levamos a vontade de ficar lá.

E com que frequência vocês vão pra lá?

Todo final de semana, todo feriado, férias a gente quase não vai, vai também, mas a gente vai mais final de semana, feriado. A gente é escravo do serviço.

E quanto tempo vocês permanecem lá?

O máximo possível.

Fornecimento de mantimentos, como que é feito lá, assim, vocês levam daqui a comida?

A gente leva daqui.

Se faltar algo compra lá?

Compra lá daí, mas dificilmente a gente compra alguma coisa lá.

Dos vizinhos, costuma comprar algo?

Não.

Durante as refeições que você faz na casa de campo, você costuma consumir alimentos que tem lá ou não?

Sim, lá normalmente temos verduras, verduras, ovos caipiras, então essas coisas a gente sempre consome de lá, frutas também a gente tem lá, laranja, limão, essas coisinhas assim de, então a gente consome tudo que tem lá.

Trazem alguma coisa de lá para a cidade?

A sempre traz pra casa um pouquinho, quando tá na época boa de plantar a gente sempre traz.

E como vocês vão pra lá?

A gente usa o automóvel da gente.

E quando você precisa rodar nas proximidades, vai de carro ou a pé?

Quando é pertinho, que nem a gente vai na igreja, a gente vai a pé, normalmente, às vezes quando tá chovendo a gente vai de carro, normalmente a gente vai a pé.

Cavalo você usa pra se deslocar?

Usa, a não, cavalo é só pra passear.

Você acredita que no caso de Ponta Grossa, a proximidade dos distritos com a cidade de alguma maneira favorece que as pessoas escolham ter uma casa de campo?

Acho que sim.

Você participa de celebração religiosa ou festa local?

Normalmente nas missas.

E você tem hábito de ir às festividades, fogueira, bailes locais, etc?

Quase não, a gente fica mais na chácara.

Você faz visitas aos outros moradores?

Não, quase não né.

Você percebe diferenças entre os vizinhos daqui e de lá?

Os vizinhos de lá são mais simpáticos, os daqui são mais fechados. Pessoal de lá tem mais facilidade de relacionamento.

E quando você optou por ter a casa de campo qual o seu principal objetivo?

A gente buscava esse sossego, essa tranquilidade que a gente encontrou né, na cidade é aquele agito, aquela coisa doida, e lá você se sente bem, você vai lá e fica o final de semana, você relaxa, você chega aqui, você trabalha tranquilo, às vezes quando você não vai pra lá, você trabalha aqui, parece que você tá faltando alguma coisa pra gente né, então lá é uma coisa assim, como diz de outro mundo.

Você pretende algum dia vender essa propriedade?

No momento não, mínima vontade de vender.

Você tem hábito de convidar pessoas pra visitar a sua casa de campo?

Sim.

Você percebem que as pessoas gostam de frequentá-la?

Gosta, todo mundo que vai lá se encanta, todo mundo, não querem vir embora.

Alguém na família, amigos que tinham casa de campo antes de você?

Os meus avós vieram do sítio, minha mãe também morava e isso deixa uma certa marca na gente, uma marca de afinidade com o campo, as raízes da gente né.

Você acredita que isso influenciou no desejo de ter uma casa de campo então?

Eu acho que sim.

Vocês mudariam definitivamente pra lá então?

Depende, se mudar a lei, eu e minha mulher temos a mesma ideia, mesma coisa, tenha a ideia de, também de, ter alguma coisa pra ajudar no orçamento, mas lidar com alguma coisa mais leve, mais tranquila, quem sabe criar bichos, mas ela vai criar cavalo, eu vou criar carneiro.

Tem alguma coisa na cidade que lhe incomoda?

Barulho, barulho da cidade é, é insuportável, nós que moramos numa avenida aqui olha, a gente não consegue dormir mais, a gente, então é tão diferente, você chega lá no

sítio, você dorme a noite toda, você não acorda, aqui, eu por exemplo, acordo cinco, seis vezes durante a noite, não consigo dormir direito, no meu caso eu acho que é o barulho, barulho incomoda muito.

Você considera a casa de campo um investimento financeiro?

Sim, com certeza, e lá é uma área que sempre vai valorizar né, uma área que cada vez, cada ano que passa, valoriza mais, então é um investimento sim.

Gera muito gasto uma casa de campo?

Gera, gera, porque você tem que manter, que nem no nosso caso a gente tem que ter um caseiro, então você tem um caseiro registrado, você tem custo de luz, custo de a, então gera, gera um custo razoável, hoje, em média de uns 1500, 1800 reais por mês, pagando caseiro, luz, sempre tem, todo dia tem uma coisinha pra você fazer na chácara né, é uma roçadeira que quebra, é um, então, é uma cerca que estraga, então você tem que tá toda vida pondo dinheiro, investindo sabe.

Então vocês tem caseiro lá?

Sim. Mora na propriedade.

A manutenção lá, como que é feita, só o caseiro, você ajuda quando vai pra lá?

Na verdade é só o caseiro que cuida mais lá, a gente não tem tempo né, a gente só vai lá pra desfrutar mesmo, então, quando a gente tem um tempinho, que a gente fica lá uns dois, três dias, que nem, tira uns dias de férias, a gente vai fazer alguma coisinha porque a gente gosta, mas quem cuida mesmo é o rapaz que trabalha pra gente lá.

Porque uma casa de campo e não uma casa na praia, uma casa de cidade?

Que eu acho assim, cada um tem um gosto né, tem pessoas que gostam de praia, nós temos casa na praia, mas faz cinco anos que nós não vamos, nós temos casa na praia mais faz cinco anos que a gente não vai, acho que faz uns cinco, seis anos que a gente não vai né, por que?!, porque a gente prefere ir na chácara, então a gente aluga a casa na praia, mas a gente vai pra chácara, nós gostamos da casa de campo, então a praia, eu acho que hoje no caso, seria pras pessoas mais jovens, tem pessoas que gostam mais né, nós que já somos mais idosos, de mais de idade já, eu prefiro a casa de campo.

Na geografia estudamos conceitos como o de paisagem, que vai além daquilo apenas pode-se enxergar, mas também o que se sente olhando um lugar, o vento, o que você ouve, toda aquela sensação de estar em um ambiente, o que você mais gosta da paisagem do campo?

Eu gosto de andar no meio do mato, eu gosto de olhar as árvores, gosto de ver os passarinhos, passarinhada, tem bastante passarinho né, então eu gosto de chegar lá e já ir pondo comida pra eles, então eu gosto mais da, da parte do mato, de estar no meio do mato, curtindo aquele ambiente, como se diz, bem nativo mesmo sabe, então é.

Qual é o seu grau de satisfação com o meio rural, com a estrutura que tem pra ir até lá, com o seu terreno, com os vizinhos, com a segurança?

De 0 a 10 é 10, não tem meio termo, lá é bem tranquilo, até hoje faz 14 anos que a gente tem a chácara lá, nunca aconteceu nada lá, pessoal bem tranquilo, assim a gente mora, é do lado de uma vila sabe, tem lá um, mas olhe, nunca ninguém mexeu em nada lá, nunca, bem bacana mesmo, bem, pelo menos a gente, o grau de, nunca teve assim dizer, a uma pessoa entrou lá que você viu lá e foi mexer nas tuas coisas, nunca, pode deixar coisas lá, que nunca ninguém mexeu em nada, então a segurança é bem tranquila, eu acho que é mais seguro do que aqui, na verdade aqui se você deixar alguma coisa pra fora ali, já era, lá não, lá o pessoal não mexe.

Vocês foram bem recebidos pela comunidade local?

A quando a gente sai na vila ali, todo mundo acolhe bem a gente né, todo mundo quer conversar, e bater papo né, então o pessoal é diferente, é um pessoal diferenciado né, é o contrário daqui, aqui por exemplo, se você sair na rua, todo mundo, se você cumprimentar, ué, porque tá me cumprimentado, lá não, lá a pessoa faz questão de cumprimentar, conversar, de repente para, nem conhece você, já tão conversando com você, então, nossa, é bem.

O que que você mais gosta no meio rural?

A eu gosto de tudo, não tem o que eu não goste, mas o que eu mais gosto na minha chácara é dos meus cavalos, de chegar lá e pegar um cavalo e sair andar no meio do campo lá então é isso que eu mais gosto, mas no meio rural assim num todo, eu gosto de tá lá, gosto de um todo, não tem a onde escolher alguma coisa pra dizer que eu gosto mais, eu gosto de 100% do que eu tenho lá.

Você acredita que a casa de campo traz benefício pra saúde, saúde física, saúde mental?

Acredito que sim.

É perceptível o aumento do número de moradores de segunda residência, você conseguiu notar isso ao redor da sua propriedade?

Tem, tem bastante, aumenta, é inclusive ali, todo mundo, quer comprar um terreno, ninguém tem, hoje ainda tava conversando com o rapaz que tava no dentista agora, ele tá bem doido querendo comprar um terreno pra lá, porque achou o lugar muito bonito, muito gostoso, então sempre o pessoal hoje quer ir pro sítio, ele quer trabalhar na cidade, mas ele quer passar o final de semana sempre no sítio né.

Você nota que isso aumentou a 5 anos, uns 10, desde que você tem a casa lá?

Eu acho que nos últimos 5 anos aumentou bastante, aumentou muito assim, a procura por, por terrenos né, por tanto valorizou muito aquela região, que nem a região nossa ali, hoje é uma região bem valorizada sabe, por causa disso, porque a procura é bem grande.

E vocês percebem que a presença de moradores de segunda residência interfere no modo de vida ou não?

E lá outra coisa, que nem a gente, eu, por exemplo, tenho televisão, tenho tudo, mas faz muito tempo que eu não sei o que é ligar uma televisão quando eu chego lá, porque você quer o sossego né, o que nós ligamos lá é o rádio, pra gente escutar os programas sertanejos que tem na região, mas enquanto tá fazendo o almoço, mas televisão lá, faz muito tempo que eu não sei o que é ligar lá, não sei nem se funciona, ao contrário daqui, aqui a gente chega, a primeira coisa você vai pra frente da TV.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

(x) fogão à lenha	() pocilga (chiqueiro)
(x) fogão à gás	(x) Paiol de milho “sem milho”
() forno de barro externo	() Equipamentos agrícolas tração animal
(x) uso do cavalo	(x) Foice (x) Machado
() uso de carroça	() despensa
(x) estrebaria	() simpatias e benzimentos
(x) galinheiro	

☐ acordar e dormir “cedo”	☐ móveis antigos
☒ tanque de peixes	☒ móveis atuais
☒ cortar lenha	☒ enfeites artesanais
☒ Fogueira de São João/ Pedro	☒ Aparelho de som/rádio
☐ capelinha	☒ geladeira
☒ Encontros de oração (terço)	☒ acesso a internet
☒ panela de ferro	☒ telefone celular
☐ máquina de costura	☐ Água de poço
☒ TV	☒ Água de olho d’água
☐ computador	☐ Água tratada (SANEPAR)
☒ telefone residencial	☐ casinha (banheiro)
☐ máquina de lavar	☐ retratos de família na parede
☐ tanque	

Outras coisas que tenha lá na casa de campo de vocês, que não tenha aqui, por exemplo, que seja mais típico de quando vocês estão lá?

Piscina.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☐ Feminino	☒ Masculino

Idade: 53 anos

Renda: 4 ou 5 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☒ 5ª a 8ª série incompleto
☐ apenas lê e escreve	☐ 5ª a 8ª série completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ 2º grau incompleto
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ 2º grau completo
☐ nível técnico	☐ superior completo
☐ superior incompleto	☐ pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade**Entrevista 7**

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

() madeira (X) alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal () Propriedade (X)

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (X) Aluga o terreno para outros ()

Qual seu endereço atual?

Ponta Grossa, na cidade.

Vocês sempre moraram aqui ou já moraram em outro lugar?

Eu sempre morei aqui, meu marido morava em outro lugar antes de casar comigo.

Já moraram alguma vez no campo?

Ainda não, mas estamos fazendo planos.

A quanto tempo vocês tem a casa?

14 anos.

O terreno é utilizado para obtenção de renda?

Pois agora usamos apenas para lazer, está nos nossos planos começar a trabalhar nele um dia.

Poesia, músicas, quadros, fotografias relacionadas a vida do campo, vocês gostam?

Fotografias, eu gosto de fotografias, imagens, quadros, temos até pinturas são do campo.

Essas expressões artísticas, trazem uma lembrança do modo de vida rural, olhar uma foto, uma paisagem, escutar uma música sertaneja, uma música caipira, remete lhe o modo de vida rural?

Lembra e faz você sentir vontade de tá lá já, tipo assim, que a gente tem muita vontade de morar lá, então quando você ouve uma música, quando você vê um quadro bonito, um campo, um cavalo né, um passarinho né, essas coisas, te dá aquela vontade de tá lá, você já lembra, puxa, mas quando que eu vou poder chegar lá na chácara e curtir isso sem ter que olhar no relógio, tipo assim, ter esse tempo pra fazer esse tipo de coisa, então as fotos fazem com que a gente tenha vontade de tá lá.

Quando você vai para a casa de campo, quais as atividades rotineiras?

Eu vou pescar, às vezes eu gosto de plantar alguma coisinha, mexer ali na terra, né, passear, andar lá por meio das flores, ver o que que tem lá, o que tá nascendo, curiosidade das plantinhas que tem, se essa plantinha é medicinal, se é uma coisa que vai florescer, gosto bastante de ficar olhando sabe, admirando assim, passeando por meio das árvores lá, e ver se os peixes estão aparecendo, não tá aparecendo, sabe, aquela cuidado, aquele zelo com as coisinhas que tem lá.

Quem da família costuma acompanhar você nas idas à casa de campo?

O meu esposo, a minha filha, e o namorado dela.

Todos gostam de ir pra lá?

Todos.

O que você costuma levar da cidade para lá?

A gente leva a vontade de ficar lá, que você pensa que sossego, que tranquilidade, que aqui na cidade tem barulho né, a noite toda é carro passando, é cachorro latindo, aquela bagunça, e lá não, lá você não tem tanta, você leva esse gosto de estar lá e deixar aqui a bagunça, barulho né, esse tipo de coisa que a gente leva pro sossego junto com a gente, vontade de chegar lá e encontrar o sossego e deixar a correria, o relógio, essas coisas que faz a gente acelerar tanto, lá é bem mais tranquilo.

Com que frequência vocês vão pra lá?

A gente quase não tira férias, a gente trabalha, às vezes nós paramos uma semana durante o ano, mas às vezes não, então, quando nós paramos às vezes nós vamos pra chácara também, ficamos lá, mas geralmente a gente quase não para, a gente só trabalho.

E quanto tempo vocês permanecem lá?

A gente geralmente vai no sábado a noite, e volta no domingo bem de noite assim, que nem agora né, com o horário de frio, a gente vem, por umas nove horas já tá de volta, mas quando é verão a gente fica até umas dez horas mais ou menos, enquanto tá clarinho lá a gente tá lá, e anoitece a gente permanece lá, tipo assim, sei lá, é no mínimo um dia inteirinho, vamos de manhã e voltamos à tarde, mas geralmente nós vamos no sábado, pelo menos um dia na semana nós passamos lá.

Fornecimento de mantimentos, como que é feito lá? Você costuma levar comida daqui?

Sim, quase tudo a gente leva daqui da nossa mercearia.

Quando falta alguma coisa, aí compra nas proximidades?

Uma coisa bem necessária, que tipo, faltou né, de repente, tipo um ovo, se a galinha não botou e precisa fazer uma maionese, aí você vai comprar, mas geralmente a gente leva as coisas daqui, e se não em às vezes passa sem também né, se não levamos, esquecemos, deixe pra lá.

E dos vizinhos, tem algum vizinho que vende ovo, leite, o não tem esse hábito de comprar?

Não temos esse hábito.

Vocês trazem alguma coisa de lá pra cá?

Alguma coisa a gente sempre traz, sempre traz, quando tá na época boa de alguma fruta ou verdura a gente sempre traz.

Qual o meio de transporte utilizado para chegar até lá?

Utilizamos nosso carro mesmo.

E para rodas nas proximidades da propriedade?

Quando é bem próximo damos preferência por andar a pé, somente quando chove ou então é muito longe, aí vamos de carro.

A cidade de Ponta Grossa têm muitos distritos que são próximos, você acha que essa proximidade estimula a compra da casa de campo?

Penso que sim. Com certeza, porque a vida da cidade é muito agitada né, e as pessoas, você pode ver que cada vez mais, você tem menos tempo pra fazer uma visita, pra ter um pouco de lazer né, e se você tiver uma casa de campo, você vai, você descansa um pouco, porque aqui é muito corrido na cidade, você podendo ter uma casa pra você ir, né, um cantinho pra você ficar, eu acho que uma coisa assim, que as pessoas olham e imaginam, nossa aqui é tão corrido, lá é bem melhor, então elas vão procurando alguma coisa nesse sentido, porque antes tempo, uns anos atrás, no tempo da minha mãe quando ela era mais jovem, a ideia era sair do campo, do mato, pra ir pra cidade fazer vida, e de certo foi saindo, foi aglomerando tanto a cidade de gente que começou a ficar assim meio que quase insuportável todo mundo assim, estressado, todo mundo é meio mal humorado, e daí eles tão vendo que a vida no campo seria mais tranquila, então de repente parece que os que vieram, estão aqui, mas os filhos, os netos deles, estão voltando, buscando esse sossego de repente, e eu acho interessante isso.

E quando vocês estão lá, vocês participam de celebração religiosa, festa?

Sim, missa quando a gente tá lá, culto, que não é sempre que tem a missa, uma vez por mês apenas, daí quando tem o culto, geralmente a gente vai, e quando tem festa também a gente dá um chego, porque é bem próximo, então, tem, a gente vai lá dá uma passadinha nas festas.

E nas festividades, fogueira, bailes locais, costuma participar?

Quase não né.

Vocês fazem visitas à vizinhança?

A gente fica mais por lá mesmo.

Você percebe que tem diferença dos vizinhos daqui para com os de lá?

Tem, que tipo os vizinhos daqui, às vezes são mais fechados, e os vizinhos de lá, você às vezes mal conhece, já 'oi, tudo bem?', já puxa aquela conversa, assim, se encontra

às vezes na rua, ou pela cerca, às vezes tá dando uma caminhada em volta, ele já vem, já comprimente, já conversa com a gente né, e aqui na cidade a gente se dá com os vizinhos, mas você vê que são os mais antigos, os vizinhos mais novos, tipo, os antigos mudaram, os mais novos já é mais difícil de se relacionar com a gente né, então eu acho que assim, na parte de vizinho o sítio é melhor, o povo é mais simpático né, eles vem, eles conversam com a gente, eles fazem você se sentir bem né, a gente também gosta né, porque vai lá, conversa com um, conversa com outro.

E quando vocês optaram por ter a casa de campo, o que que vocês queriam? O que vocês buscavam no campo?

Você vai se apaixonando cada vez mais, quanto mais você vai, mais você gosta, a gente vai fazendo planos, nossa se eu tivesse com mais frequência aqui, eu podia ter um vaso de flor aqui, eu ida poder cuidar melhor dele, de repente, assim como você vai só nos finais de semana daí a gente às vezes pede pro caseiro não planta pra não ficar incomodando, então você vai gostando e vai planejando como nossos sonhos, de ir pra frente, uns dois anos, no máximo, se Deus quiser, ir morar lá, e você vai imaginando que você vai fazer, como é que vai ser quando você tiver lá, como é que vai ser os nossos horários assim, nossa, você vai assim né, já planejando, é tão gostoso né, então acho assim que, quando a gente comprou essa chácara, a gente, no momento, não tinha esse pensamento, ai a gente vai morar lá, mas com o passar do tempo assim, a ideia foi amadurecendo, e tá bem, estamos bem com vontade mesmo.

Vocês têm pretensão de em algum momento vender essa propriedade?

Não, a não ser que alguma coisa bem grande viesse a acontecer, mas pensar em vender assim, não, sabe a ideia é deixar pra nossa menina que né, mais tarde, mas não tenho vontade de vender.

Vocês tem hábito de convidar pessoas pra visitar a casa de campo?

Sim. Fazer uma festinha, parentes, é mais os parentes mesmo assim sabe, os mais chegados, a gente costuma fazer um almoço de vez em quando, levar o pessoal pra passear a filha às vezes leva os amigos dela no final de semana, a gente abre assim, mas só quando a gente tá junto assim, não tipo, abrir e as pessoas ir pra lá quando a gente não estiver, a gente estando junto a gente tem esse hábito de convidar as pessoas.

Vocês percebem que as pessoas gostam de ir lá?

Gostam! Gostam mesmo, vão lá, acham bonito, pessoal gosta de lá.

Existia alguém na família, amigos que tinham casa de campo, que vocês conheciam, antes de vocês terem?

Tipo assim, os meus avós eram do sítio, a avó dele era do sítio, a mãe dele também já morava em sítio antes né, então acho que a gente já teve uma coisa de raiz assim, tinha amigo da gente também, que tinha uma fazenda, então a gente ia, gostava da ideia também né, daí até que deu certo da gente conseguir comprar essa chácara, mas a gente já visitava assim, às vezes tinha vontade de ir, nós íamos aqui no Alagados passear, com o Jorge, ele tem um barco, nós íamos passear de barco, daí já ficava ali naquela, debaixo dos pinheiros ali tudo, a gente sempre gostou. A gente olhava, quem sabe um dia vou ter uma chácara, então já vinha essa vontade de repente, acho que das raízes do nosso passado né, que o tio dele também mora num sítio, então a gente já tem essa vivência de morar no sítio.

Então isso influenciou a aquisição?

Isso, porque se você leva alguém totalmente urbano, ele chega lá e não se adapta, pessoa que é criado na cidade, que nunca teve esse contato com o campo, vai, a gente já teve experiências assim, de levar colegas que falavam assim, aqui é bonito mas pra passar um dia, não pra morar, eu não me acostuma morar num lugar desse retirado de tudo, então você vê que a pessoa, que ela é mais urbana, que ela não teve uma raiz, ela não, não se adaptaria, agora a gente já ficava né, a gente já vai, já fica, e tem vontade, então eu acho assim que, quem saiu de um lugar mais de sítio, ele fica bem, agora quem é totalmente da cidade, é difícil, não vai se acostumar.

Vocês mudariam definitivamente pra lá?

Sim, eu acho assim, que é pra gente ter uma vida melhor, eu acho assim que até a saúde da gente fica melhor lá, é mais tranquilo, você tá em contato com a natureza, você estando lá, você pode plantar, mais até as verduras, as coisas que a gente consome, e colher, você estando ali, você vai cuidando, e que nem a gente tá aqui, lá é difícil que nem eu já te falei, a gente plantar e cuidar das coisas, então eu acho assim, que a gente moraria lá, pra ter esse sossego, acho até a saúde da gente, tudo melhoraria se a gente fosse morar pra lá, essa é a nossa ideia assim, de ir não pra fincar a cara, trabalhar né, que nem louco assim, mas fazer alguma coisa, não ir lá e

ficar vivendo de brisa né, que nem mais tarde eu falo pra esse daqui, de repente a gente comprar, nós temos cavalo, mas comprar uns cavalos, tirar cria, vender, um serviço mais leve né, de repente, mas ter um custo, uma renda também, então indo lá a gente tem vontade de fazer com que algo se produza lá pra ajudar também né, no orçamento da gente, na renda daí né, que a renda só de aposentado não dá pra viver daí.

Tem alguma coisa na cidade que você sinta que incomoda?

Eu penso assim, muito na insegurança que a gente vive aqui na cidade, assim, eu acho assim, esses assaltos, essa piazada que pega você, ou num semáforo, ou no teu trabalho, alguma coisa assim, eu acho que isso vai deixando a gente muito com medo, sabe assim, de você ter uma porta aberta e é sujeito a entrar qualquer pessoa, e no sítio você estaria mais seguro ao mesmo tempo que não, porque a casa fica meio né, no meio do mato, mas lá você teria os cachorros, você teria alguma coisa que podia te ajudar, de repente até sei lá, eu acho assim que aqui na cidade o que me incomoda mais é essa insegurança que a gente vive, é esse medo de pessoas que vem e te assaltam, não são punidos, então, isso que incomoda mais a gente que qualquer outra coisa.

Para você a casa de campo é um investimento financeiro?

Um investimento sim, só valoriza.

Os custos com a manutenção costumam ser muito altos?

Ali sempre tem que tá investindo, que nem por enquanto a gente só tá colocando dinheiro né, então ela tem, não tem assim uma renda de lá, que nem eu falo, a gente paga o caseiro, paga água, paga luz, os canos que estouram de repente, uma coisa ou outra né então tem bastante gasto.

Possui um caseiro que cuida da propriedade, ele mora lá?

Sim.

A manutenção é feita somente pelo caseiro?

Sim, os cuidados da propriedade ficam por conta dele.

Por que a escolha por uma casa de campo e não uma casa na praia ou uma casa de cidade?

É porque uma casa na chácara, que na praia de repente, você tem um determinado período do ano pra você ir, que fica bom o tempo de verão, inverno você não tem muito o que fazer numa, morando na praia, na casa de campo, você tanto aproveita o verão, por ser mais fresco, e o inverno porque geralmente numa casa de campo você tem o fogão a lenha que é muito acolhedor, então é assim, um lugar que você tem o prazer de tá o ano todo, qualquer estação do ano que você chegar lá tá bom, se tiver calor você pendura uma rede numa árvore, pendura e você fica lá, passa um repelente e fica, e já na praia, já é uma coisa que talvez ela te cansa de repente, dede ficar muito tempo lá assim, eu acho que é uma coisa mais cansativa, então por isso que nós optamos, porque acho que nós dois gostamos do campo então, por isso uma casa de campo, pra morar né, não uma casa na praia pra ir morar lá, a gente não cogita a possibilidade, talvez depois, mais tarde, passar um mês, dois meses lá, mas morar lá não, morar na chácara.

Na geografia consideramos a paisagem não só aquilo que vemos, mas também aquilo que ouvimos, cheiramos, as sensações que a paisagem nos proporciona, o que mais lhe toca na paisagem do campo?

Eu gosto daquela parte assim que você senta naquele gramado daí você, que nem você fala, vem aquele vento, aquela, aquela paz, aquela luz que vai lavando a mente da gente assim, vai tirando as coisas ruins né, eu gosto mais de chegar e sentar lá na grama, de frente pros tanques, e não tá pescando, mas tá ali sentada, e tipo assim, vai relaxando, tanto a mente quanto o teu físico, essa parte eu gosto muito.

Qual é o seu grau de satisfação com o meio rural, infraestrutura geral, vizinhança, segurança, tudo que envolve o campo?

Um grau alto, um grau muito bom, porque pra gente ir, a locomoção da gente daqui até lá é excelente, a estrada é toda asfaltada, lá é bom de estar, as pessoas, como a gente falou antes, se encontra na rua, para, conversa, às vezes nem conhece, depois que você conversou, que alguém vai te contar, esse mora ali, mora lá, então é um grau assim, bem bom de satisfação sabe, de 9, 10, acho que é 10, de 0 a 10.

O que que você mais gosta no meio rural?

É, eu também gosto de tudo ,mas gosto muito, muito de mexer na terra, mas eu não tenho muito tempo, mas se eu tenho assim, eu gosto de ir lá, de cavar um buraco, de plantar uma florzinha, de plantar alguma coisinha, não faço muito, mas é uma coisa que

eu gosto bastante, parece que é muito gostoso assim, mexer na terra, você cuidar, arrumar, ajeitar pra você plantar e depois ver crescer né, então uma coisa que eu gosto bastante é mexer na terra no meio rural, com a mão assim sabe, tipo fazer as coisinhas com a mão, bem assim, é uma coisa que eu gosto.

Você acredita que a casa de campo de alguma maneira traz benefícios pra sua saúde, saúde física, saúde mental?

100%, acredito nisso, acho que lá tudo melhora a saúde, até remédio, às vezes eu reclamava que eu tomava muito remédio aqui em casa, e a gente ia pra lá, e eu primeiro esquecia de levar, quando voltava, eu esquecia até que tinha que tomar por que eu não precisava, parece que chegava lá até a dor saía de perto da gente, então, acho assim que a casa de campo faz um benefício muito grande pra gente, física e mentalmente.

Há um crescimento do número de moradores de segunda residência nos distritos, você percebe esse aumento na sua vizinhança?

Sim, dá pra ver que aumentou e também que o número de pessoas interessadas também tem aumentado. Pessoal sempre comenta.

É perceptível que a presença dos moradores de segunda residência interfere no modo de vida ou não?

Já busca uma tranquilidade, fica mais quietinho, até um vizinho da gente próximo, porque a gente tem a cidadezinha né, o vilarejo, é meio perto da nossa chácara, e tem um senhor lá que ele tinha um, tipo um restaurantinho, um mercadinho, ele também saiu daquele lugar e comprou uma chacinha mais pro meio do mato lá assim, pra ficar mais sossegado, ele diz que em frente a casa passava muito carro, então a gente vê que as pessoas eles estão buscando ficar mais sossegado, sair do agito, eles não levam som, não levam nada, os únicos sons que eles procuram buscar é o dos pássaros mesmo, os cantos da bicharada, essas coisas assim.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☒ fogão à lenha	☒ estrebaria
☒ fogão à gás	☒ galinheiro
☐ forno de barro externo	☐ pocilga (chiqueiro)
☒ uso do cavalo	☒ Paiol de milho “sem milho”
☐ uso de carroça	

☐ Equipamentos agrícolas tração animal	☒ telefone residencial
☒ Foice	☐ máquina de lavar
☒ Machado	☒ tanque
☐ despensa	☐ móveis antigos
☒ simpatias e benzimentos	☒ móveis atuais
☒ acordar e dormir “cedo”	☒ enfeites artesanais
☒ tanque de peixes	☒ Aparelho de som/rádio
☒ cortar lenha	☒ geladeira
☒ Fogueira de São João/ Pedro	☒ acesso a internet
☐ capelinha	☒ telefone celular
☒ Encontros de oração (terço)	☐ Água de poço
☒ panela de ferro	☒ Água de olho d’água
☐ máquina de costura	☐ Água tratada (SANEPAR)
☒ TV	☐ casinha (banheiro)
☐ computador	☐ retratos de família na parede

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☒ Feminino	☐ Masculino

Idade: 49 anos

Renda: 5 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☐ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☒ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior completo
☐ 5ª a 8ª série completo	☐ pós-graduação

Alguma coisa que você considere importante, pelo que você entendeu na minha pesquisa assim, que vocês ainda querem falar, que eu tenha esquecido de perguntar e que vocês achem importante, acrescentar sobre o sentimento sobre o campo, sobre o sonho de vocês de morar lá?

Eu não sei, mas eu acho assim que é bem interessante esse trabalho teu, por que você tá indo ao encontro de uma realidade, que é como te falei, hoje em dia parece que as pessoas procuram mais sair do agito, pra ir pro campo, então a gente tem bastante colegas da gente que tão na nossa faixa etária, que tão pra se aposentar, daqui um ou dois anos, e que pensam em buscar um lugar mais tranquilo pra ter uma vida mais sossegada, então é uma coisa assim, uma realidade, que nem de repente você fazer uma pesquisa dessa com uma pessoa que sempre viveu lá no Rio de Janeiro, esse pessoal que não faz ideia do que é morar no campo, jamais, mas que nem a gente que já é mais simplão assim, tenta voltar pra lá, então acho assim que é uma coisa bem real que a gente vê conversando com as pessoas que muita gente tem essa vontade né, de sair e de voltar pra ficar tendo mais sossego, por isso eu acho interessante, muito legal teu trabalho.

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 8

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

() madeira (X) alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal (X) Propriedade ()

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (x) Aluga o terreno para outros ()

Onde o senhor reside atualmente?

Ponta grossa né, cidade de Ponta Grossa.

O senhor já morou no campo?

Não, morar não

Há quanto tempo o senhor tem a casa de campo?

Faz um ano e meio mais ou menos

Tem um terreno; qual o tamanho aproximado?

Ele dá 1000 metros

Utiliza o terreno somente para lazer ou como fonte de renda também?

Não, para lazer na verdade.

O senhor gosta de poesia, música, novela que se relacione à vida no campo?

Gosto.

O senhor acha que isso traz lembranças sobre a vida no campo?

É lembranças, e eu gosto da vida no campo, do mato...

Quando vai para casa de campo, que tipo de atividade costuma realizar?

Na verdade agora estou construindo mais um quarto e vou aumentar a cozinha, é isso que eu estou fazendo agora.

Quando está lá costuma realizar alguma atividade que não costuma fazer aqui?

Planta às vezes, sai um pouquinho ali, não fui pescar ainda, mas eu gosto de pescar né, tem um rio perto lá, é o que a gente faz né, lida na terra entendeu?

Quem costuma lhe acompanhar na casa de campo?

Eu, minha mulher e meus filhos, vão meus parentes, alguns amigos de vez em quando.

E todas as pessoas da sua família gostam de ir para lá?

Gostam.

Costuma levar algo aqui da cidade para a casa de campo?

Mantimentos né, tem que levar o gás, água para tomar, para beber, para fazer comida, tudo isso.

Com que frequência o senhor vai para lá?

Praticamente toda a semana.

E quanto tempo permanece?

Eu chego sábado e volto domingo, todo final de semana.

Durante as refeições lá, vocês consomem somente os alimentos que levam daqui ou vocês plantam alguma coisa lá e daí fazem a colheita?

Na verdade não tem assim que nem fruta essas coisas por enquanto, mas tem como diz cebola, essas coisas, tempero a gente tem lá fora isso não tem. É, que nem fruta a gente plantou bastante, mas não deu ainda, não produziu ainda.

Qual o meio de transporte utilizado para chegar lá?

De carro.

Nas proximidades, costuma andar a pé, anda de carro?

Na verdade eu fico só ali só no terreno.

A proximidade com a cidade facilita a aquisição dessas casas, é um fator importante na sua visão?

Sim, porque se fosse longe já era mais complicado, é difícil eu ir e daí como a gente está construindo não dá tempo né, tem pouco espaço de tempo no final de semana, por isso que ali é mais perto, é mais fácil.

O senhor vai a alguma festa, alguma celebração religiosa?

Não, a gente nem sai, a gente só fica ali na casa.

Quando tem alguma festividade, alguma festa no interior tem o hábito de ir ou não?

Não, eu não tenho.

Costuma visitar vizinhos ou propriedades próximas a sua?

Na verdade eu não visito, é muito difícil eu ir na casa do vizinho, mas tenho vizinho que sempre está ali.

Ele quem lhe visita?

Ele sempre está lá.

Tem algum horário específico do dia, ou dia específico ou vai todo final de semana mesmo?

Isso, eu chego lá ele já vem ali para a gente conversar.

Você acha que tem diferença dos vizinhos de lá com os vizinhos daqui?

Eles têm um jeito diferente né.

E o que o senhor acha? Consegue descrever?

Que eles são mais simples assim tem um jeito mais... Eles cumprimentam mais a gente, eles conversam mais do que na cidade, da cidade já é mais difícil assim.

Quando pensou em comprar a casa, o que o senhor queria? Por que ir para o campo?

Porque eu gosto, de mato e outra, sair assim um pouquinho da cidade, como diz para descansar na verdade, a gente vai descansar a mente, porque o corpo não descansa, porque daí a gente chega lá vai mexer com uma coisa, com outra, mas pelo menos descansa a cabeça é por isso. Dá uma refrescada.

Pretende algum dia vende-la, deixar de frequentar ou não?

Deixar de frequentar não, mas vender não digo que não, se aparecer um negócio bom a gente vende e compra em outro lugar.

O senhor costuma convidar as pessoas para ir lá?

Mais tipo assim quando tem um feriado grande, daí a gente convida, mas final de semana a gente não convida, é muito difícil.

Vai até lá buscando tranquilidade?

É daí a gente vai lá para trabalhar, e daí já sabe, se tiver mais alguma pessoa, algum convidado, você tem que ficar.

Algum parente ou conhecido que possuía casa de campo?

Já.

E o fato de eles terem essas casas, influenciou o senhor a ter uma também?

Não.

É uma coisa sua mesmo?

É uma coisa que apareceu, como te falei apareceu o negócio eu achei que dava e comprei.

O senhor tem vontade de mudar para lá definitivamente ou não?

Ter eu até tenho, só não sei se eu acostumo. A gente é criado na cidade desde pequeno eu acho que não acostuma direto lá né, mas eu tenho vontade tipo de ficar uma semana lá e uma semana aqui, ou fica uma semana lá e vem passar o final de semana aqui, mas morar assim direto eu acho que não fica, não acostuma.

Tem alguma coisa aqui na cidade, no ambiente urbano que lhe incomoda?

O trânsito, tudo, cada vez complicando mais, telefone direto, a gente lida com comércio direto, lidando com o povo assim né, mas não é que incomoda mesmo, é junta tudo, aí sempre final de semana a gente quer sair né, convivência né, com a cidade vai sei lá, como posso dizer, vai enchendo a cabeça da gente tem que sair para resolver um pouco.

Você acha que a casa de campo é um investimento financeiro?

Também.

A casa gera muitos gastos?

Não, a de campo não.

O senhor tem caseiro?

Não.

A manutenção da casa é toda feita pelo senhor?

Eu mesmo.

Por que o Senhor optou por comparar uma casa no campo e não numa praia, em uma outra cidade ou um apartamento?

Na verdade em outra cidade ou na praia é longe, aqui é mais perto e eu gosto do campo, prefiro campo do que a praia.

Na geografia temos um conceito que a paisagem não é apenas aquilo vemos, mas também o que a sentimos na pele, ouvimos com os ouvidos, a sensação, escutar né, considerando a paisagem como a sensação, o que mais lhe agrada numa paisagem do campo?

Eu gosto de tudo, não tenho que não goste, tudo é bonito, tudo é bom.

Qual seu grau de satisfação com o campo?

Estou muito satisfeito.

A situação de deslocamento por exemplo, tem estrada boa, tem infraestrutura?

Não, é boa a estrada, não é ruim, só quando tá sem chuva, aí é poeira né, do contrário.

A questão da segurança?

A segurança lá não, como diz é boa, não é ruim, é tranquilo.

Como é sua relação com as pessoas de lá?

Eu não saio assim, só o vizinho da frente, ele é gente boa, é que a gente todos passam ali, todos cumprimentam a gente, nunca viu, mas cumprimenta o povo de lá tranquilo.

O que senhor mais gosta no campo, no ambiente, na vida rural?

Eu gosto de sentar assim de noite e ficar olhando o céu, e, entendeu, escutando um sapo, um grilo, não sei.

Acredita que a casa de campo traz benefícios para a saúde?

Sim. Física, mental, tudo é muito bom.

Percebe que teve um crescimento na busca por esse tipo de residência, notou essa procura?

Tem, como diz que tem muita gente, quem pode compra, quem tem uma condição de... Consegue comprar.

O senhor percebe isso há quanto tempo?

Há faz tempo assim, como diz quem tem chance de comprar compra, a maioria do pessoal gosta, mato assim campo.

Algo que talvez eu tenha esquecido de perguntar sobre a sensação sua lá na casa?

Não, eu acho que você perguntou assim tudo, não tenho que, o que fora isso acho que não.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☐ fogão à lenha	☐ panela de ferro
☒ fogão à gás	☐ máquina de costura
☒ forno de barro externo	☐ TV
☐ uso do cavalo	☐ computador
☐ uso de carroça	☐ telefone residencial
☐ estrebaria	☐ máquina de lavar
☐ galinheiro	☐ tanque
☐ pocilga (chiqueiro)	☐ móveis antigos
☐ Paiol de milho “sem milho”	☒ móveis atuais
☐ Equipamentos agrícolas tração animal	☒ enfeites artesanais
☒ Foice ☒ Machado	☐ Aparelho de som/rádio
☐ despensa	☒ geladeira
☒ simpatias e benzimentos	☐ acesso a internet
☐ acordar e dormir “cedo”	☒ telefone celular
☐ tanque de peixes	☐ Água de poço
☒ cortar lenha	☒ Água de olho d’água
☐ Fogueira de São João/ Pedro	☐ Água tratada (SANEPAR)
☐ capelinha	☒ casinha (banheiro)
☐ Encontros de oração (terço)	☐ retratos de família na parede

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☐ Feminino	☒ Masculino

Idade: 51 anos

Renda: 3 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☐ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☐ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior completo
☒ 5ª a 8ª série completo	
☐ pós-graduação	

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 9

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

- ☐ madeira ☒ alvenaria ☐ mista

Sua casa de campo é?

- Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

- Apenas casa e quintal (X) Propriedade ()

Se propriedade:

- Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno () Aluga o terreno para outros ()

Onde a senhora mora atualmente?

Jardim Los Angeles, Ponta Grossa.

A senhora já morou alguma vez no campo?

Não.

Quanto tempo vocês têm a casa no campo?

Um ano e meio.

Tem terreno?

Tem.

Qual é o tamanho do terreno?

Acho que é uns 1000 metros.

A casa é para descanso, pra lazer?

É pra lazer, pra descanso, pra lazer de final de semana, pra descansar.

Vocês têm pretensão de que ela se torne alguma fonte de renda?

Não, é só pra descanso mesmo, só pra ter onde ir final de semana descansar.

A senhora gosta de poesia, de música?

Gosto de música.

Que remeta ao campo, que remete a vida rural?

Gosto, gosto.

Quando está na casa de campo que tipo de atividade costuma realizar?

Fico lidando por lá, tem que chegar lá e limpar a casa, que fica fechada a semana inteira né, daí eu levo meus bordados e fico bordando, escutando música.

Quem costuma ir para lá?

Vai nós, vai o meu irmão, meus cunhados que gostam de ir, vai um casal de amigos nossos também que gosta.

Todos da família gostam de ir?

Todos, todos.

Tem alguém que gosta mais?

Não, acho que todo mundo gosta igual assim, mais é pra ir pra descansar mesmo, pra ir quando tem um feriado né, quando, gostam de ficar até tarde fazendo bagunça e dançando, escutando música.

O que costuma levar da cidade para lá?

A gente só leva coberta, e roupas e comida assim né, vai no mercado pega algumas coisa pra passar o final de semana, mas eu deixo lá já, eu tenho uma compra lá né, então eu só levo assim um, uma fruta, um leite né, pão.

Com que frequência vocês costumam ir?

Todo final de semana, a gente vai no sábado e volta domingo, dois dias, quando tem um feriado prolongado que dá certo de mais gente ir junto, a gente vai, fomos passar natal e ano novo, a gente passou lá, foi o primeiro ano passado.

O alimento consumido na propriedade é levado daqui da cidade?

Leva daqui, leva, a gente nunca comprou de lá, leva gás daqui, leva tudo daqui.

Durante as refeições realizadas lá, vocês consomem algum alimento produzido na propriedade?

Não, a gente leva tudo daqui né, única coisa que tem lá é tempero só, salsinha, cebolinha né, manjerona, tem os pé lá mas, árvore de fruta, mas ainda tá pequeno.

Como vocês vão até lá?

A gente vai de carro.

A senhora acha que o fato da casa de campo ser perto da cidade é um fator que influencia na compra, é importante?

É, bastante, porque é bem perto daqui né, daqui a Carambeí 10 minutos, de Carambeí lá mais uns 20 minutos, 25 minutos, então é bem perto né, da pra ir mais, mais seguido né, com mais frequência.

A senhora tem hábito de participar de alguma celebração religiosa lá?

Não, não.

Festividades, quando tem festa no Guaragi, rodeio ou alguma comemoração, vocês têm hábito de ir?

Não, não temos não.

Costumam visitar os vizinhos?

Os vizinhos vão lá, vão, eu vou numa vizinha da frente, mas o marido dela todo final de semana vai lá, ele mora em Carambeí e tem uma casa na frente da nossa lá, mas ele vai todo final de semana, a gente chega e ele já vai lá.

A senhora percebe alguma diferença entre os vizinhos da cidade e os do campo?

A eu, aqui eu me dou com todos os meus vizinhos, né, a gente conversa e tudo né, mas lá é, assim, eles são assim, pessoas mais humildes, mais, não sei, acho que eles se dão mais com o povo mesmo né, diferente da cidade né.

Quando vocês optaram por ter casa de campo, o que vocês buscavam?

Era só pra descansar mesmo, pra sair da, do ferver da cidade, por causa de eu trabalhar com comércio, então, então é agito, pessoa o dia inteiro, telefone, celular, mais é pra descanso mesmo.

Vocês pretendem algum dia vender essa casa?

No momento não, mas futuramente né, a gente não sabe.

Vocês costumam convidar pessoas da família, ou então amigos pra irem lá?

Sim, sim.

Existia algum parente, algum amigo de vocês que tinha casa de campo?

Tanto do meu lado quanto do meu marido, do lado dele a vó dele, que é falecida agora, ela toda a vida morou no campo, nos Pinheirinhos né, na saída lá pra Guarapuava né, pra esses lados e a minha tia morava numa fazenda aqui em, também perto dos Pinheirinhos, morou a vida inteira lá, até agora ela faleceu e o marido dela faleceu, mas os filhos têm a fazenda, tem a fazenda.

E vocês frequentavam essas casas?

Eu na verdade não, o meu marido sempre frequentou onde a vó dele morou né.

Você acha que isso influencia no desejo pela casa?

Acho que pra ele sim né, acho que influenciou, porque ele sempre, sempre visitou a vó dele, sempre passou final de semana, férias né, mas assim pra mim não porque eu nunca fui assim de, ia passar final de semana no Alagados que tem um primo do meu pai que tem casa no Alagados, então antigamente sempre ia né, mas a compra agora da casa mesmo foi mais por ele né.

A senhora mudaria definitivamente pra lá?

Não, acho que não acostumo, acho que é só mais pra final de semana e um feriado mesmo, mas pra morar mesmo, acho que não.

A senhora considera a casa de campo um investimento financeiro?

Acho que pra quem quer lidar com gado né, esse tipo de coisa acho que sim né, pra nós acho que não.

Costuma gastar muito com a casa de campo?

Não, no momento não, que a gente só vai de final de semana e é pouca coisa que a gente leva, lá mesmo não tem muito gasto, a gente só tem gasto com luz, e pouco, e quando precisa levar gás e mantimento, no momento não, caseiro não tem, tem um pessoal que mora lá por perto, então, eles atendem, eles sempre estão por lá.

Como é feita a manutenção e limpeza da residência?

A gente mesmo que faz.

Por que vocês optaram por comprar uma casa de campo e não outro apartamento na cidade ou uma casa na praia?

Só pra descansar mesmo, só pra, a casa de praia ia ficar longe, fazer uma fazenda, uma chácara já ia ficar mais complicado, mais gasto, ia ter que ter caseiro, mas assim só uma casa mesmo com terreno, mais pra descanso mesmo.

Na Geografia utilizamos um conceito no qual a paisagem é mais do que apenas se vê, é aquilo que você sente através de todos os sentidos. O que na paisagem do campo a senhora mais gosta?

A eu gosto de manhã quando a gente levanta bem cedo lá, assim tipo umas sete e meia, assim pra domingo, é cedo, sete e meia, quinze pra oito, eu gosto, a gente tem uma mesa pra fora na área, eu sirvo o café naquela mesa, e aí tem muita paisagem, muita árvore, muita casa, aí eu gosto de ficar ali, tomando café olhando aquela paisagem, e é bonito de manhã, tem aquela serração, aquela neblina cedo, é bonito, é diferente, bem diferente.

A senhora é satisfeita com a vida no campo?

Sim, é bem seguro, os vizinhos são bons, o que precisar deles, eles sempre estão por perto, se precisar, são vizinhos assim, bem gente boa, aqui na cidade já é um pouco diferente.

O acesso lá é bom?

É bom, agora é poeira por causa da chuva, porque não tá chovendo, mas é bom, a estrada é bom.

O que a senhora mais gosta na vida do campo?

Olha, eu gosto que a gente fica lá bem de boa assim, muito, bem diferente da cidade, que aqui a gente lida, serviço o dia inteiro e você, é uma correria que você, vai pro centro pagar conta, vai no mercado, é telefone, internet, é tudo, e lá não, lá é bem sossegado, bem tranquilo, a gente chega lá e esquece que tem uma vida fora de lá, lá, o meu celular pega lá, tem um cantinho na janela que é só o meu celular que pega, internet também pega, mas assim, a gente não leva, não levou televisão ainda, eu levo o rádio porque eu não fico sem música, mas é bem diferente, uma vida na cidade, vida na cidade é estressante, o dia a dia é estressante, e lá não, lá você fica sossegado, não tem muito o que fazer, mas é bom.

Tem alguma coisa na cidade que lhe incomoda?

Não, não.

Acredita que de alguma forma a casa de campo lhe traga benefícios pra saúde, física, psicológica?

A traz mais psicológica, que nem na praia, agora esse feriado a gente foi pra praia, na praia você não toma remédio, você não sente dor, você não tem nada, é diferente, não sei o ar, o clima é diferente, e no campo é a mesma coisa, diferente da cidade, acho que é por causa do estresse da cidade, que você, todo dia você tem dor e, e toma remédio, e no campo, no campo e na praia é diferente.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☒ fogão à lenha	☐ panela de ferro
☒ fogão à gás	☐ máquina de costura
☒ forno de barro externo	☐ TV
☐ uso do cavalo	☐ computador
☐ uso de carroça	☐ telefone residencial
☐ estrebaria	☐ máquina de lavar
☐ galinheiro	☐ tanque
☐ pocilga (chiqueiro)	☐ móveis antigos
☐ Paiol de milho “sem milho”	☒ móveis atuais
☐ Equipamentos agrícolas tração animal	☒ enfeites artesanais
☒ Foice ☒ Machado	☐ Aparelho de som/rádio
☐ despensa	☒ geladeira
☒ simpatias e benzimentos	☒ acesso a internet
☐ acordar e dormir “cedo”	☒ telefone celular
☐ tanque de peixes	☐ Água de poço
☒ cortar lenha	☒ Água de olho d’água
☐ Fogueira de São João/ Pedro	☐ Água tratada (SANEPAR)
☐ capelinha	☒ casinha (banheiro)
☐ Encontros de oração (terço)	☐ retratos de família na parede

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☐ Feminino	☒ Masculino

Idade: 45 anos

Renda: 3 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☒ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☐ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior completo
☐ 5ª a 8ª série completo	☐ pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 10

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

- ☐ madeira ☒ alvenaria ☐ mista

Sua casa de campo é?

Casa própria ☒ Alugada individual ☐ Alugada junto com outras pessoas ☐

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal ☐ Propriedade ☒

Dá 112 mil metros quadrados, ou seja cinco alqueires.

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda ☒ Não cultiva o terreno ☐ Aluga o terreno para outros ☐

Onde o senhor reside atualmente?

Moro em Ponta Grossa, no Los Angeles.

O senhor já morou no campo alguma vez?

Morar mesmo não, eu tenho propriedade rural já fazem 20 e tantos anos mas, mas morar lá mesmo não. Às vezes a gente para, fica um pouquinho, mas morar mesmo não.

A quanto tempo o senhor tem a casa no campo?

Essa que eu possuo agora fazem 11 anos, mas já tive outras propriedade rural mesmo fazem 11 anos que eu vou mantendo

O imóvel se constitui apenas da casa ou tem propriedade?

Tem duas propriedades porque eu lido com Carneiro

Esse terreno gera alguma renda ou destina-se apenas para lazer?

Ele gera alguma renda, pois eu lido com ovinos

Essa é a principal atividade. O senhor gosta de fotografia, de música, quando olha alguma foto do Campo se emociona?

Gosto eu sou bem Ruralzão.

O senhor acha que elas trazem uma lembrança do campo, do modo de vida rural?

Trazem. Porque é de Infância, porque eu sou do interior, meus pais vieram do Campo, meu pai era apaixonado por área rural e eu herdei dele.

Quando na casa de campo, que tipo de atividade faz lá?

Eu lido com meus Carneiros, castro, vacino, faço cercas, lido com trator, planto, lido com tudo que é atividade rural, o que ela exige toda a segunda-feira eu estou lá lidando.

Alguém o acompanha?

Normalmente eu vou sozinho, prefiro ir sozinho, vou sozinho, passo o dia todo lá, raros casos, eu levo alguém comigo. Os filhos gostam de fazer festa lá. Eu vou na segunda-feira passar o dia lá, e diariamente eu estou lá. É o que me desestressa, é o campo, eu vou todo dia no final do dia, senão o dia todo, hoje antes de gravar eu estava lá

E quando para lá o que leva da cidade?

Mantimentos. Eu levo alimento para os meus Carneiros, eu levo ração para os cachorros, levo o combustível para o trator e alguma coisinha para mim comer, uma

semente para plantar, tudo no seu tempo, mas normalmente semanalmente eu levo comida para o cachorro e ração para os Carneiros

Com que frequência o senhor vai?

Todo dia.

Quanto tempo costuma permanecer?

Permaneço no mínimo umas duas horas por dia lá.

Os mantimentos são comprados aqui na cidade ou compra algo lá perto?

Não, eu levo do mercado, levo daqui mesmo.

Durante as refeições realizadas lá na casa de campo, costuma consumir o que leva daqui ou o que produz lá?

Eu consumo que eu levo daqui um tanto, e frutas eu pego lá normalmente, ovos.

Como o senhor vai até lá?

Eu vou de caminhão, de caminhonete ou de carro pequeno.

E lá, como o senhor anda na propriedade?

A maior parte a pé.

O senhor acha que o fato de ser perto de Ponta Grossa, é um fator que influencia o senhor a ter, que facilita?

Com certeza esse é o fator principal a distância da minha casa. Com certeza se fosse mais distante eu não teria condições de ir todo dia, nem semanalmente como as casas que eu tive anteriormente. A razão principal realmente é a localização e a distância da minha casa, esse é o fator que eu mantenho meu sítio.

Quando para lá e tem alguma festividade religiosa, o senhor frequenta ou não?

Só em Ponta Grossa mesmo.

Festividade no campo tem o hábito de ir ou não?

Eu vou direto né, eu toco lá.

E o senhor gosta de ir em festa de interior?

É a preferência, só vou em festa do interior quase, aqui na cidade muito difícil.

O senhor costuma fazer visita aos seus vizinhos próximos à propriedade?

Só os parentes.

Dia específico assim?

Não, visita esporadicamente.

E os vizinhos do campo, tem alguma relação?

Não, eu não tenho vizinho de cerca, tudo lavoura, o único morador da região sou eu, tem mais distante, mas divisa de cerca não tem.

O que o motivou a ter a casa de campo, o que buscava?

Como eu te disse isso aí é uma questão de sangue, tenho 4 irmãos, meu pai era apaixonado por área rural e vivia disso, e meus sonhos sempre era ter uma propriedade rural, desde que comprei nunca mais deixei de ter, na verdade é a paixão mesmo pelo sítio, não tem como ficar sem, para mim é sangue e sonhava um dia me aposentar e morar no sítio no interior, hoje eu aposentei e continuo morando na cidade, na verdade a paixão pelo sítio não é a produção, não é ganhar dinheiro, é por gostar mesmo, gostar da natureza.

Pretende algum dia vender essa casa ou deixar de frequentar?

Não necessitando, não. Porque é próximo da minha casa, é um local que eu estruturei bem, a maioria das coisas que tem lá eu quem construí, conheço buraco por buraco. Quando comprei ela no campo, eu vim lá da propriedade anterior a essa daí era aqui na região de Itaiacóca, no início até sentia uma dificuldade de ficar ali por ser Campo. Água bastante ali é limitado, não tinha uma árvore sequer, e hoje eu arborizei bem, têm as árvores, consegui resgatar bastante água, hoje tem a minha cara, o meu sangue ali. A de Itaiacóca vendi. O dia que eu construí uma granja de peru, foi o dia que eu vendi, foi o pior negócio que eu fiz. 30 km de estrada de chão, mais 30 km de asfalto e daí problema com funcionário, perus morrendo, vendendo rações, fiquei uns cinco ou seis meses e foi o tempo que eu coloquei a propriedade para venda e comprei essa outra, não teve como, era um lugar muito bonito, também tinha minha cara, foi o primeiro lugar que eu peguei, mas não deu, eu vim para cá e aqui graças a Deus estamos felizes. Lá é

bonito, não era bem Itaiacóca, era o Município de Campo Largo, só que era região de Itaiacóca, mesmo nessa minha era a propriedade mais bonita que tinha lá, provavelmente a minha, só que como eu falei, daí começou com essa granja de animais fechados, aí é muito distante para administrar, não teve como, daí acabei colocando para venda vendi e essa daqui é dentro de casa

Tem o hábito de convidar as pessoas para visitar a sua casa de campo?

Tenho orgulho quando as pessoas vão lá para ver, normalmente vão lá e tira alguma foto, o que eu tenho lá com os meus carneiros é uma coisa fora do normal. Os amigos mesmo ou mesmo os clientes que eu tenho, clientes de carneiro, aí eu sempre levo o pessoal para mostrar o que eles estão comprando, então eu gosto de levar, agora para frente eu estou pensando em fazer um centro de eventos na minha casa, fazer alguma coisa para eventos, esse será o próximo investimento na minha área.

Tem pessoas que o senhor conhece, parentes ou amigos que tenham casa de campo?

Tenho amigos, tenho tios.

O senhor acha que isso interfere no desejo da pessoa de ter uma casa de campo?

Na verdade eu acredito que não, quando a pessoa gosta e ela tem possibilidade ela vai comprar, isso é uma questão de gosto, ou também pode até definir, mas se você não tiver o gosto, não tiver no sangue isso daí você compra e vende, você não vai ficar. É muito trabalho e mesmo a pessoa que não é rural começa a ir escurecendinho a pessoa já quer ir para cidade. Na área rural não é assim tem que gostar. Eu vou lá, caminho pelo campo à noite, eu gosto né. Eu gosto do mato, então para mim não é nada estranho e se a pessoa não for de lá e não tiver gosto mesmo não é só por influência da amizade que vai chegar, pode até comprar, mas ele vai comprar e já vender. Tem que ter gosto mesmo, eu comprei na época; que tenho sítio já faz 21- 22 anos comprei um, vendi aquele, comprei outro vendi, eu estou no quarto ou quinto, já eu fui vendendo para melhorar por causa da distância, eu trabalho no mercado e se tiver alguma coisa longe você não aproveita, daí você vai lá uma vez por semana ou uma vez por mês, que era o caso meu lá na outra, eu ia uma vez por semana, depois uma vez a cada 15 dias por problemas de saúde, foi uma vez por mês, aí não adianta, como essa é bem próxima eu consigo ir para lá todo dia para aproveitar mesmo.

O senhor tem vontade de mudar definitivamente para lá?

Eu queria, mas eu acredito que pelo nosso trabalho em si isso vai ser praticamente impossível, apesar de que é questão de tempo ou um dia dá uma freada aqui no supermercado, mas eu morar definitivamente eu acredito que não, você não vai morar sozinho né, e a família não vai né, até vai lá fica uns dias, já volta. Ficar definitivamente não apesar de que eu tenho a casa montada lá, toda montada bem estruturada, lá é tão bom quanto eu tenho aqui, talvez até melhor do que essa daqui, o que eu tenho aqui em casa eu tenho lá tudo montadinho, só que é longe. É mais questão de tempo, se um dia aparece aqui, mas é tão próximo uma da outra, até ficaria lá uma semana uma semana aqui.

Tem alguma coisa na cidade que te incomoda?

Não, não tem nada, seria a questão da insegurança, mas a insegurança que a gente tem aqui também teria no sítio a mesma coisa né. Eu gosto da cidade como gosto do interior, não tem nada assim que eu diga que prefiro o mato ou a cidade, para mim os dois está ótimo, é só insegurança, mas a insegurança no sítio de interior, não é o caso do meu sítio, o meu é dentro da cidade praticamente, mas se for muito distante torna-se mais perigoso principalmente pessoal da idade, melhor morar na cidade, na cidade tem muito mais recursos e também aqui na cidade não tem nada assim que... E também eu moro aqui já fazem 20 anos, é um lugar tranquilo e a gente é conhecido, até os cachorros conhecem a gente, então não tem nada que me incomode.

O senhor considera a casa de campo um investimento financeiro?

Casa de campo... Eu não digo a casa de campo, mas a área rural, até falei esses dias para meu filho se quer fazer um investimento compre uma área rural, isso é garantido, porque as áreas rurais é o que tem é o que Deus fez, porque apartamento, casa, e mesmo loteamentos na cidade não tira, áreas rurais não, a que eu tenho aqui eu comprei fazem 10 anos, 11 anos, eu vendi a minha lá por 320.000 e comprei essa por 320.000 eram 33 alqueires e aqui são 5, aqui eu tô na beira da pista da BR 151, ali em cima do pedágio, e lá era um 30 km de estrada de chão eu paguei 320.000 nessa daqui, a uns 4 ou 5 anos, atrás quando cogitou-se vendê-la ela foi avaliada em 3 milhões, agora, não há uns quatro ou cinco anos atrás eu fui consultar esses tempos atrás, há uns dois anos atrás, uma área ali perto da minha que estava para venda e estava para R\$ 28 o metro quadrado sem nada em cima. Imagine o investimento que é se você comprar uma área rural bem colocada, bem posicionada, que tenha potencial produtivo é o melhor investimento que você pode fazer, então no tempo dos meus pais para você

ter uma fazenda com 200 ou 300 alqueires de terra, 50 ou 100 alqueires era um sítio, daí há muitos anos atrás saiu a questão do loteamento, de chácara de 5.000 metros quadrados, que é um lote mas hoje chácaras de 5.000 metros quadrados são uma chácara que nem hoje, se tiver 30 ou 50 alqueires já é uma fazenda. O que era sítio lá traz, as áreas rurais foram diminuindo pela valorização, a primeira propriedade que eu comprei eu comprei 6 alqueires e meio de terra dentro da cidade de Tibagi, um quilômetro e meio da rodoviária, eu paguei R\$6000, vendi um carro que eu tinha que nem era do ano por R\$7000 uma propriedade daquela lá hoje deve valer no mínimo uns dois ou três milhões, para você ver como valorizou. Hoje quem tem, tem, quem não tem não tem. Em Itaiacóca uns 15 anos atrás comprava terrenos por mil o alqueire na época, hoje não se fala em menos de 40 e 50 mil não bem colocado.

Por que o senhor acha que valorizou tanto?

Porque aumentou a população, e como eu falei, aumentou a procura e Deus não faz mais terra, é o que tem. Daí foi valorizando, o pessoal que gosta, às vezes tem uma casa de campo, não tinha lazer, todo mundo é o sonho de ter, se vão ficar não sei, mas que querem, então a área rural é um dos melhores investimentos que se pode ter hoje, mesmo se eu pudesse comprar, está quase inviável investir em terra, porque é muito alto investimento não dá para fazer muita coisa com 10 alqueires de terra, mas o montante de dinheiro é muito. É um capital enorme quem tem acha uma área boa e deixa.

Você acha que aumentou a procura por ter essa casa de segunda residência?

O pessoal gosta às vezes até de tirar umas férias, o pessoal quer ir pro trampo né, hoje eu calculo sempre pelo meus amigos, pelo pessoal que a gente conversa aí né; é eu não sei se não está meio a meio à procura da praia e do Campo, então aumentou muito as casas de pousada, campinho, o pessoal gosta muito de se retirar um pouco, então procura é enorme, deve ser por isso a valorização das áreas, mas é que é um investimento excelente, não tem a menor dúvida.

A propriedade gera muito gasto?

Não, minha área é uma área bem produtiva, bem enxutinha. Eu não tenho caseiro. Minha área eu comprei para ser uma área bem tranquila, quando eu preciso fazer uma roçada eu vou lá com o trator, e minha área eu levo de 10 a 12 horas para roçar inteira com trator, é bem prático, eu vou lá duas 3 horas, brinco com tratorzinho, e como eu

tenho carneiro, eles fazem limpeza então, e daí caseiro lá, para criar porco, para comer galinha, para ficar lá carregando criança no colo, é melhor nem ter, então o que eu fiz: coloquei alarme, coloquei câmeras, coloquei tudo, não dá 15 minutos de casa, eu prefiro eu cuidar, daí só dá lucro, só dá alegria.

Por que o senhor optou por ter uma casa de campo e não uma casa de praia, em outra cidade?

Casa na cidade eu tenho outras, mas é para alugar, para fazer dinheiro, para lucrar, isso pensando na aposentadoria, e aí casa de praia eu não sou muito fã, não gosto de ir lá, ficar um ou dois dias, só para levar enquanto eu tinha as crianças pequenas, mas nunca passou na minha cabeça ter uma casa de praia, passou comprar um *motorhome*, *trailer*, aí é diferente, agora você ir lá dá muito serviço, não é minha praia por isso eu prefiro ir no campo. Tanto é que se você for lá, na praia tem um monte de casa para vender, apartamento, tem para escolher, agora a área rural não tem por exemplo aqui em Ponta Grossa, Piraí que eu tenho muitos parentes lá, eu não vi nenhuma placa de vende-se nos terrenos por aí, você pega aqui para Curitiba também não tenho visto placas de vende-se. Essa é a diferença.

Na geografia a gente tem um conceito que é o de paisagem, não entendemos a paisagem só como uma foto, mas o conceito de paisagem como quando você está em um lugar, aquilo que você vê, aquilo que você ouve, o cheiro que você sente, a sensação da pele, esse é o conceito de paisagem para a geografia. Na paisagem do campo quando está lá, o que o senhor mais gosta?

O que eu mais gosto na paisagem... Eu vejo todos os meus carneirinhos, aquilo me faz bem, ficar observando, aí você para e perde-se um tempo ali, ou quando também eu tenho uns tanquezinhos lá, vai lá no lago fica olhando os Peixinhos, tratando os peixinhos, e aí isso é o que eu mais gosto de fazer, ou também quando eu fiz uma plantação de aveia agora no Inverno, o que seria o resultado ali também é satisfatório, e também se for falar tudo que a gente vê, e sente, na verdade é tudo desde uma árvore que eu planto e acompanho o crescimento, porque eu planto, eu sei tudo o que eu plantei lá, sei o tamanho, como foi difícil, a sensação até mesmo da árvore que você plantou, que Eu Plantei, é uma satisfação assim quando eu olho lá olha, lá hoje a paisagem e dou uma olhada para trás, como era, daí eu vejo que alguma coisa eu fiz pela natureza. Então tudo aquilo é satisfação, quando eu entrei lá tinha uns Pinheirinhos

pequeninhos, hoje eu como meus pinhãozinhos, não tem como dizer, uma sensação para mim tudo é bom.

Qual o seu grau de satisfação com o campo, infraestrutura geral, com a propriedade e como ela está colocada, com a segurança, sente-se satisfeito?

Sim com certeza. Eu poderia quem sabe vender essa e comprar uma maior, mas eu estou totalmente satisfeito com a minha com a colocação pela segurança que eu tenho ali, se você entrar no fundo tem um poço artesiano, lá tem um celular que pega, então eu estou ali a um quilômetro e meio do posto de combustível, a um quilômetro e meio do supermercado, se for preciso eu estou praticamente na cidade, então Outro fator que me deixa muito satisfeito ali é que eu posso levar criança, levar quem quiser, não corre risco esse terreno meu ali não, em 11 anos eu vi duas cobras, não tem nem cobra nem nada, então você veja: já ao contrário da outra que eu não podia ir lá e soltar uma criança porque tinha muitas cobras, além do risco que corre a minha lida; tudo ali é abençoado o que eu tinha de transtorno na outra nessa aqui nada, e se eu for te contar a história da outra nós vamos longe, de coisa que eu não consegui interpretar até hoje, nós vamos longe, e essa daqui não.

O que mais gosta no meio rural?

Eu gosto de mata e águas, isso que eu gosto, mato e água, por isso eu estou formando uma floresta ali, talvez eu não consiga ver lá, porque demora muito para formar, mas eu vou deixar uma herança boa ali, com água, as árvores, onde eu vou sempre trago uma água, uma árvore, tem um sombreiro lá que eu trouxe, tá grande já, de onde eu vou eu trago, só não trago água porque eu não tenho como trazer. Então para mim uma área rural tem que ter mata e água, e de preferência que não seja muito plaina, tem que ser meio ondulado, e os animais que a gente consegue atrair, na minha ali eu já consegui ver veado, tatu, lebre, pássaros, passarinhos, então está atraindo né, então que eu gosto mesmo é matas, águas e animais. É o que eu gosto.

O senhor acha que a casa de campo traz benefícios para saúde física e psíquica?

Trás, com certeza traz. Que bom se a gente pudesse ir lá, ter tempo de produzir uma verdura, uma fruta, a carne, tudo natural, é uma coisa que eu não tenho nem dúvida disso, é totalmente diferente, mesmo o sabor, como eu falei, a minha eu não tenho tempo de ir lá, produzir lá, eu tenho os pássaros, e plantei uma horta, quando eu produzia eu tinha uma horta, e o sabor era outro, bom se a gente pudesse fazer isso,

produzir pelo menos o principal do alimento ali né, a saúde é outra não precisa ir muito longe, os antigos de lá viviam tão bem né, talvez lá na frente eu tenho um pouco mais de tempo, mas tem tudo para produzir, tenho terra boa, tenho água e uma corrente, eu tenho carneiros porque é alta né, mesmo esterco poderia utilizar o orgânico né, é uma corrente. Com certeza né, aqui eu estresso, eu vou lá e esqueço tudo, na segunda-feira eu esqueço, eu não tenho funcionário, lá esqueço meus funcionário aqui e não tenho problema nenhum, tanto é que você, se você conversar comigo e com a minha mulher você vai ver que o temperamento é outro, ela não vai lá, eu vou. A vida de campo para mim se resume em um exemplo, talvez uma palavra só: não ter relógio é isso para mim, a minha vida de Campo iria pegar o relógio, jogar fora e olhar a hora pelo sol. Essa é a minha vida de campo e o meu sonho de consumo, jogar relógio fora, como eu defino, como é não ter horário para nada. É, jogou o relógio fora, não se preocupa mais com nada, olhar animais crescerem, produzir a planta, trabalhar lá um pouco, faz uma produção, planta na época certa, depois só espera crescer e colhe, tem o tempo certo para tudo, jogou fora o relógio acabou o seu problema, esse é meu sonho de consumo, relógio, celular nem nada, só vir para cidade receber a aposentadoria comprar o que eu não conseguisse produzir lá, voltar e se fechar.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

(x) fogão à lenha	(x) tanque de peixes
(x) fogão à gás	(x) cortar lenha
() forno de barro externo	() Fogueira de São João/ Pedro
() uso do cavalo	() capelinha
() uso de carroça	() Encontros de oração (terço)
(x) estrebaria	(x) panela de ferro
(x) galinheiro	() máquina de costura
() pocilga (chiqueiro)	(x) TV
(x) Paiol de milho “sem milho”	() computador
() Equipamentos agrícolas tração animal	() telefone residencial
(x) Foice	() máquina de lavar
(x) Machado	(x) tanque
() despensa	(x) móveis antigos
(x) simpatias e benzimentos	(x) móveis atuais
() acordar e dormir “cedo”	(x) enfeites artesanais
	(x) Aparelho de som/rádio

(x) geladeira	(x) Água de olho d'água
(x) acesso a internet	() Água tratada (SANEPAR)
(x) telefone celular	(x) casinha (banheiro)
(x) Água de poço	() retratos de família na parede

Outras coisas que o senhor tenha lá na casa de campo que sejam características e que não tenha na cidade?

Tenho a piscina, a churrasqueira, bom aqui eu tenho uma churrasqueira também, mas não tenho duas, um belo jardim que aqui não tem lá eu tenho

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

() Feminino	(x) Masculino

Idade: 52 anos

Renda: 16 salários mínimos

Escolaridade:

() analfabeto – nunca estudou	() 2º grau incompleto
() apenas lê e escreve	(x) 2º grau completo
() 1ª a 4ª série incompleto	() nível técnico
() 1ª a 4ª série completo	() superior incompleto
() 5ª a 8ª série incompleto	() superior completo
() 5ª a 8ª série completo	() pós-graduação

Sempre brinco que meu sítio é meu paraíso, disse que se tiver alguém indo embora antes do que eu, eu dou a minha vez, pois eu já estou no céu, pode ir me deixando por aqui mesmo porque eu já tenho meu pequeno paraíso, podia deixar eu ali eternamente, está bom né, se existe o meu paraíso é o sítio. Eu não consigo ficar lá 24 horas por dia, mas por mim eu ficaria. Como eu falei, eu gosto de cidade, não tenho nada contra, mas meu sítio é um caso à parte, do meu sítio eu vejo a iluminação da Souza Naves, aqui, as luzes da cidade clareia o meu sítio, para você ter uma ideia então. Talvez lá no fundo de Itaiacóca, quando velho, às vezes fica inviável, você ficar né, mas no meu caso não,

na verdade você está dentro da cidade, então graças a Deus eu consegui conquistar um espaço que quase que único, quem vai no meu sítio meu sítio é um sítio muito bem colocado, é uma área boa de tamanho, dá para trabalhar à vontade, o que não tinha lá eu consegui fazer que era aumentar as águas e as florestas, que hoje já estão bem fechados, todos com palanque de concreto, meu aprisco é uma coisa de cinema, tudo que eu fiz eu fiz bem feito para não mexer mesmo; eu já tenho cercas boas mas estou trocando tudo por palanques de concreto, para não ter que mexer mesmo, quando eu ficar velho e não puder fazer força eu não vou precisar mexer nisso, então por isso que eu não venderia meu sítio. Eu pretendo deixar para os meus filhos, pois só se eles forem muito bem sucedidos para eles comprarem uma área dessa, mesmo dividindo em três ali lá para frente vai ser difícil comprar dentro da cidade um pedaço de terra desse tamanho. Posso comprar alguma outra, mas vender essa daí não, vai ficar para os meus filhos.

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 11

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

() madeira (X) alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal () Propriedade (X)

Lá na verdade, é um alqueire e meio mais ou menos, por aí.

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda () Não cultiva o terreno (X) Aluga o terreno para outros ()

Onde a senhora mora atualmente?

Em Ponta Grossa, Centro.

Já morou no campo alguma vez?

Não, mas eu gostaria de ter morado.

A quanto tempo vocês têm a casa lá do campo?

Lá fazem bem, acho que do tempo do meu pai, acho que bem uns 30 anos, em média isso, pode ser um pouco mais um pouco menos.

Vocês usam o terreno apenas para descanso, para lazer ou tiram alguma renda dele?

Não, sem renda, tem uma parte separada lá que foi concedido para um vizinho, na parte de cima da estrada, que ele planta milho ali, mas é separado da casa né, mas não que gere lucro, renda, só emprestado pra ele.

Você gosta de poesias, contos, músicas, novelas que remetam o mundo rural?

Sim.

Acha que isso traz lembrança do modo de vida no campo?

Traz, traz, é bem gostoso.

Quando vocês vão para lá, que tipo de atividades que vocês costumam realizar?

Quando a horta tá feita, agente vai na horta, da uma ajeitada, quando não tem a horta a gente vai pro jardim pra ver se tem alguma fruta também, faz um arrastão.

Atividades relacionadas à manutenção da casa mesmo?

É, a faxina, procura dar uma ajeitada.

Quem costuma ir junto para lá?

Vai eu, o irmão vai mais né, mais seguido, final de semana eu, a minha sobrinha, meu outro irmão que também leva a gente.

Todas as pessoas gostam de ir pra lá, da família?

Gostam, meio a meio né, uns gostam outros não.

Quem que mais gosta?

Na verdade, teria o meu irmão, eu, a sobrinha também gosta bastante.

O que vocês levam para lá da cidade?

Na verdade a alimentação né, toma um café ou faz um almoço alguma coisa né, que lá na verdade não tem comércio assim né, perto, se você precisar de um pão, um leite, um café né, já tem que levar daqui.

Com que frequência vocês vão para lá?

É como eu disse, ele vai umas duas ou três vezes na semana né, tem mais tempo, a gente já vai mais final de semana, às vezes não dá, vai no outro.

E permanecem quanto tempo?

A tarde né, a tarde, até teve um tempo que a gente ia e pousava lá, pra dar uma ajeitada na casa, agora com esse horário de verão até fica mais fácil né, então já dá pra pensar em dormir, atender.

Então os mantimentos vocês compram todos aqui e levam, ou esporadicamente compram lá?

Lá é difícil né, se você tiver que comprar alguma coisa você tem que ir até o Guaragi né, lá no centrinho, então é mais fácil levar daqui né, já deixar lá.

E quando vocês fazem refeição lá, costumam preparar alimentos que são produzidos lá?

Quando tem sim, mandioca, uma salada né, alguma coisa que tenha lá, fruta suco né, já faz lá mesmo.

Qual o meio de transporte utilizado para chegar até lá?

Ele usa o ônibus né, porque se ele vai duas ou três vezes na semana, ele pega o ônibus aqui em cima e desce lá né, praticamente, eu no caso, com elas, a gente pega carona, ou meu irmão leva ou nosso amigo leva, então não é tão difícil.

E para deslocar-se lá dentro do distrito?

É que na verdade lá você não tem muito o que andar pra ver, a vizinhança é longe um do outro, nem sempre eles vão, então você só circula por ali mesmo.

Você acha que os fatos de os distritos aqui de Ponta Grossa serem próximos a cidade, terem asfalto até lá, facilitam a aquisição de uma casa de campo?

Sim, uma estrada que seja mais ou menos boa, se torna mais fácil pra pessoa se deslocar até lá, não é como antes, aquelas estradinhas tudo de terra e, a era difícil né, lá até ter saído o asfalto era estradinha de chão mesmo, depois com asfalto melhorou bem, a estrada tomava um outro rumo né, quando foi feito asfalto já se tornou assim, mais perto também né, antes se tinha que desviar ali, e era chão né, batido, terra, com asfalto nossa, vai rapidinho, não tem problema de estragar carro, nem nada, bem que lá tem o asfalto até a rua principal, depois é chão né, terra, mas assim, está bem conservadinho, não fica tão difícil.

Quando vocês vão para lá participam de alguma celebração religiosa?

Não bate o dia, mas a gente já foi assim, porque lá sai festa, tem missa na igreja, não sei se é uma vez na semana, mas não bate né, da gente chegar lá.

Festividades tem o hábito de participar?

Já fomos mais assim, tinha bastante, tem né todo ano festa, acho que tem duas festas por ano lá, teve agora da, de Aparecida né, e acho que tem mais uma festa lá, não me lembro qual que é, mas tem festa bem movimentado lá, bem bom.

E outros locais que tenham festa no interior, vocês não tem hábito de ir?

Não, até porque não dá tempo, da gente estar deslocando, aqui ainda, nossa, quando a mãe era viva, a mãe até ia assim, mais seguido né, mas pra gente já é mais difícil.

E lá, fazem visitas às outras pessoas ou vizinhos próximos?

Mais para o caseiro, que mora em baixo lá, que tem o casal, tem a vó, a gente mantém um contato assim, agora com a vizinhança é como te disse, vizinhança mais próxima é bem mais longe, o da frente é difícil ele estar lá, então é meio isolado.

Você nota que tem uma diferença entre as pessoas, os vizinhos daqui e os de lá?

A sim, com certeza, vizinhança aqui na cidade é difícil, eles moram aqui, a gente tem contato de muro e de portão, mas não que você vá visitar, tem um contato mais direto com a pessoa né, um relacionamento mais próximo. É difícil pelo corre-corre do dia a dia, vai trabalhar, volta, quer descansar, não dá aquela disposição de visitar, até mesmo parente da gente, às vezes fica, se ver, que cada um tem a sua vida, então é bem

complicado, meu relacionamento mais próximo é aqui a minha irmã né, vai e vem, mas é bem difícil, agora lá não, você chega lá, sempre tem uma pessoa lá pra te receber, sei lá, é mais, não é que tenha proximidade, quando você chega lá, você conversa, pergunta de lá, pergunta daqui, tem mais assunto, mais novidade.

E quando vocês optaram por adquirir essa casa de campo, qual era o objetivo?

Ter um lugar pra você ficar mais tranquilo, fugir da, do agito da cidade, né, ter um momento assim, de desligamento, até de problema, você fica lá, olha a natureza né, respira um ar mais puro, lá por enquanto não tem tanta poluição, mas é gostoso, ficar mais assim em silêncio, ficar tranquilo, quer conversar, conversa, não quer, não conversa, sai andar né, é bom, desligar um pouco, é gostoso.

Pretendem vender a casa ou deixar de frequentar?

Não, por enquanto não, só assim, sei lá, mas não tem intenção.

Vocês costumam convidar pessoas para ir lá, da família, amigos?

Sim, alguns.

Já tinha amigos, parentes ou algum conhecido que tinha casa de campo, antes de vocês adquirirem?

Já.

Você acha que isso influenciou a aquisição da casa?

Eu creio que sim, é como eu te falei, pela tranquilidade né, por você se desligar um pouco da cidade, até mesmo de problemas né, você vai lá e relaxa, teu pensamento né, muda de direção, se você tem algum problema assim, você já espairece, não que você vai eliminar o teu problema, mas naquele momento ali você dispersa né, vê um passarinho, vê um bichinho, olha lá o jardim né, tranquiliza um pouco.

Você mudaria definitivamente pra lá?

Já teve uma época que eu tinha intenção de morar direto lá, mas as coisas mudam né, na vida da gente, tomam outro rumo, teu pensamento já desvia, mas eu tive vontade, quem sabe né, pra frente, pode até ser.

Considera a casa um investimento financeiro?

Sim, ainda mais se você reforma, deixa, porque a casa de alvenaria pega um valor diferenciado, então eu acho que é, com certeza.

A casa dá muito gasto?

Não, porque o gasto lá é só energia elétrica, os impostos né, que também, mas não são um absurdo.

Tem caseiro lá?

Tem.

E a manutenção lá da casa, como é feita, vocês fazem, o caseiro faz?

Na verdade os dois né, quando um não faz o outro tem que fazer.

Porque vocês escolheram ter casa de campo, e não uma casa de praia, ou comprar um outro imóvel aqui na cidade?

A, justamente pra você ter um lugar para você ter um escape, que aqui na cidade, tudo bem que é um investimento, mas lá você tem essa opção de você ir lá e frequentar, tua casa, é um investimento né, praia, aqui em casa não é todo mundo que gosta, então é lá mesmo, a melhor opção.

Na geografia temos um conceito que é o de paisagem, pra gente paisagem assim, não é só o que você vê assim, a cena, mas aquilo que você sente quando tá num ambiente assim, por exemplo, o que você sente de tato, cheiro, sensação da pele, a sensação emocional que te dá aquele lugar, pensando na paisagem nesse sentido, o que você mais gosta na paisagem do campo?

A tranquilidade que ela te passa, é como te disse, você se desliga e fica apreciando aquilo, se são flores, você presta atenção no formato da flor, você cheira a flor, se é uma paisagem de árvores, você fica admirando, às vezes tem pássaros, têm os bichinhos né, aquilo ali te passa paz, aquele momento que você desliga, só observa ali, e se concentra no que você tá olhando, a flor você vai ver ela, o formato dela, você pega, você cheira, pra ver que cheiro que tem, e é como te disse, árvores e campo, mato, a cor, se tem algum bichinho, tudo isso.

Qual que é o seu grau de satisfação com o campo, deslocamento, a segurança do lugar, a vizinhança?

Total né, por enquanto assim, a gente não teve nenhum problema assim que, ai problemão né, tudo normal.

Que você mais gosta do campo?

É isso, essa sensação, quando você sai daqui do perímetro urbano né, que já começa a estradinha lá, campo aqui, campo aqui, é aquele momento que você relaxa né, você tá indo pra lá, você se desliga e só fica lá, quando você já pega a estradinha a tua cabeça já muda, não sei se é com todo mundo assim, mas eu já procuro desligar, só segue o rumo, é bom, daí chega lá, a cachorrada late né, vem receber, é gostoso, se você ver um bichinho, a um bichinho aqui, uma coruja lá, um passarinho, você já né, teu pensamento muda, é bem, bem relaxante.

Você acredita que a casa de campo traz benefícios para saúde física e psicológica?

Sim, é o que eu te digo, isso aí ajuda bastante, às vezes você tá num estresse aqui, por causa do trabalho, problema em casa, com a família, então lá você consegue né, se desviar, deixar um pouco, o problema.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☐ fogão à lenha	☐ Fogueira de São João/ Pedro
☒ fogão à gás	☐ capelinha
☒ forno de barro externo	☐ Encontros de oração (terço)
☐ uso do cavalo	☒ panela de ferro
☐ uso de carroça	☐ máquina de costura
☐ estrebaria	☒ TV
☒ galinheiro	☐ computador
☐ pocilga (chiqueiro)	☐ telefone residencial
☐ Paiol de milho “sem milho”	☒ máquina de lavar
☐ Equipamentos agrícolas tração animal	☐ tanque
☒ Foice ☒ Machado	☐ móveis antigos
☒ despensa	☒ móveis atuais
☐ simpatias e benzimentos	☒ aparelho de som/rádio
☒ acordar e dormir “cedo”	☒ geladeira
☐ tanque de peixes	☐ acesso a internet
☒ cortar lenha	☐ telefone celular

- ☒ Água de poço
☐ Água de olho d'água
☐ Água tratada (SANEPAR)
- ☐ casinha (banheiro)
☐ retratos de família na parede

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

- ☒ Feminino
☐ Masculino

Idade: 57 anos

Renda: 5 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☐ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☒ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior completo
☐ 5ª a 8ª série completo	☐ pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 12

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

- ☐ madeira ☒ alvenaria ☐ mista

Sua casa de campo é?

- Casa própria ☒ Alugada individual ☐ Alugada junto com outras pessoas ☐

Esse imóvel rural constitui-se:

- Apenas casa e quintal ☐ Propriedade ☒

Tem 3 alqueires, é a casa e mais 3 alqueires.

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda (X) Não cultiva o terreno () Aluga o terreno para outros ()

Onde você reside atualmente?

Ponta Grossa.

Já morou no campo?

Não.

Há quanto tempo tem a casa de campo?

12 anos.

Você usa o terreno para lazer ou renda?

Ainda estamos tirando, foi tirado mais, tinha uma criação de carneiro, hoje no momento tem uma vaca de leite, que fornece leite, queijo e requeijão, algumas galinhas que fornecem ovos né, e a parte de suinocultura que tem lá uns porcos que a gente acaba criando e vendendo alguma parte, e uma parte consumindo, tem um pouco de rendimento sim, pra abaixar um pouco o custo de manutenção. Uma parte das despesas do caseiro lá, que é registrado tudo.

Gosta de música, poesia, novelas, pinturas que remetem a vida de campo?

Sim, claro, música principalmente, é, mais é música agora quadro essas coisas não é tanto, mais é música, qualquer música sertaneja que vá pra esse lado assim da parte de campo, de mato assim, a gente curte bastante. As músicas que a gente gosta, que nem Sérgio Reis, Almir Sater, esse pessoal assim que são bem mais regional, que nas músicas eles mostram o que é o campo é um lugar sossegado e tranquilo e bom de se viver.

Quando está na casa de campo que tipo de atividade realiza?

Alimentação (risadas). Ela é mais pra nós descansar, onde o momento você vai pra relaxar. A parte de alimentação a gente faz lá né bem mais sossegado, você tem, que nem aqui é uma correria, lá é diferente, lá come coisa bem mais sadia, que é tudo bem

feito, fresco, na hora, então, é bem diferente, é uma coisa, mais é pra recuperar do estresse que você tem aqui.

Como é feita a manutenção da propriedade?

Tem um funcionário lá, que faz toda a parte de manutenção, de limpeza, tudo, tudo.

Quando vai para o campo, quem o acompanha da família?

Olhe, se nós deixar vai todo mundo que é parentada, mas geralmente vai nós, os filhos, daí sempre têm mais uns cunhados, sempre tem. É difícil estar só nós lá da casa, sempre tem alguém lá que a gente deu liberdade, vamos dizer assim, convidamos várias vezes, e a partir do momento que falou, 'ó quem quiser vir agora, venha', não vou ficar convidando porque é chato, então, tem muita gente que liga 'ah tão aí? Sim. Então estamos indo'. O pessoal traz o que vai comer, o que vai beber, lugar pra dormir, pra pousar tem, então se reúne ali, mas é a familiarada, os parentes, geralmente, quase mais os parentes.

Todos da família gostam de para o campo?

Sim, gostam.

Quem que mais gosta?

Seria no caso eu. Eu, às vezes quando não dá certo de ir eu vou sozinho, vou de manhã, volto à tarde, sempre, todo final de semana, só se chover, ou tiver um compromisso mais sério, mas, e uma que sempre tem que tá levando comida pros animais, e sempre tem uma coisinha ou outra, e pra trazer também, que nem queijo, os ovos, as coisas, então sempre, todo final de semana eu vou, verduras, frutas, eu vou pra trazer, às vezes lá, às vezes época de horário de verão, quarta-feira vou lá, dou um pulinho seis horas, nove horas volto pra cá.

Quando vai para a casa de campo, o que leva da cidade?

A geralmente a parte de comida é quase toda parte industrializada né, óleo, açúcar, café, às vezes até uma carne de gado, porque já por experiência de matar um boi lá, mas o pessoal prefere a carne industrializada, então é a parte de refrigerante, a parte de bebidas né, então mais é, vamos dizer, o consumo de lá mesmo é mais a parte de verduras que tem, ovos, leite, hoje que tem, mas o restante é tudo levado daqui, que tem, não tem como você ter lá, moer um café, comprar o café né, às vezes não vale a

pena né. Da ração também, levado tudo daqui né, comprado ração na Batavo, como a terra lá é 3 alqueires, mas na verdade de, pra usar mesmo deve ter um alqueire só, o restante tem tudo construção edificada em cima né, então daí não tem como plantar milho, essas coisas, então é tudo comprado a parte, até dos vizinhos ali né, tem os agricultor grande, a gente compra deles né, então, às vezes faz até uma barganha em troca de um outro, às vezes, é rolo de gente de mato, me vende esse boi te dou tudo em milho, e assim vai indo, que dinheiro na roça ninguém vê.

Com que frequência vai para a casa?

É, geralmente todo final de semana. No inverno já é mais complicado, choveu, geralmente não tem o que fazer, ficar trancado dentro de casa é mais complicado né, mas se o tempo tá bom a gente vai direto. Às vezes eles ficam, ou eles tem algum compromisso, nós dois [entrevistado e esposa] vamos, ou a gente vai sábado de manhã e volta de tarde, né, então como passo a semana inteira almoçando fora de casa, aí final de semana também ficar sozinho, longe dos meus filhos é complicado, então, a gente, às vezes, vai de manhã, volta de tarde, mas no inverno, verão agora, eles querem aproveitar a piscina né, daí geralmente todo final de semana a gente vai.

Quanto tempo permanece?

Vamos sexta-feira e voltamos domingo à noite.

Tem hábito de comprar algum produto nas vendas locais?

O frango do vizinho é sempre melhor, (risada). É, tem no distrito de Guaragi, que ficaria uns seis ou sete quilômetros, que já seria, ali, é um distrito. Ali tem uns mercadinhos, tem os lugar ali que às vezes já aconteceu de a gente se apurar, fica pertinho né, de você ir lá, dá, acho que dá 4 Km, 7 Km lá do sítio, tem posto de gasolina, é uma cidadezinha, é um distrito pequeno, mas se você precisar tem de tudo lá. Não é uns armazéns, é mercado mesmo.

Durante as refeições na casa de campo, costuma consumir alimentos que são produzidos na propriedade?

Que nem eu falei, a parte de carnes, já tivemos carne de carneiro, temos carne de porco, até a carne de frango, ovos, as verduras e as frutas. De vez em quando, às vezes tem um peixe né, quando, olha que é complicado, mas às vezes pega de vez em

quando um peixinho. Mas, é mais uma coisa especial, não o básico, o básico é levado daqui.

Durante a semana, na cidade, costumam preparar alimentos ou apenas quando vão para o sítio?

Daí a família da reunida, está maior, daí compensa fazer, porque se fica só ela [esposa] e a filha em casa durante a semana, daí fazer almoço para duas, às vezes é complicado, vai fazer um macarrão feito em casa pra duas, aí não dá. Lá também você não tem o conforto do carro, se você quer alguma coisa na hora, não tem na geladeira, você tem que ir lá na horta buscar, então você anda mais, também daí dá mais fome.

E como se desloca até a casa de campo?

Vamos de carro, vamos sempre de carro, apesar que nossos filhos às vezes, como a gente vai na sexta, e eles tem algum compromisso na sexta-feira, eles vão no sábado, ele vão de ônibus até uns 4 Km perto e eu vou buscar eles no asfalto. Tem linha de ônibus, na frente passa um ônibus escolar, então, que nem nós não usamos, mas o pessoal usa.

E dentro da propriedade, nos deslocamentos dentro do distrito, como se desloca?

Só de carro, é longe, não, a pé não dá.

Você acredita que a proximidade do campo com o espaço urbano é um fator que influencia na compra de casa de campo?

Sim, por ser fácil locomoção, fácil localização, daí, por exemplo, daqui lá, da minha casa aqui até lá, é meia hora pra ir devagar, bem sossegado, sem pressa, então o que acontece, então, como é asfalto tem mais segurança né então ele é muito mais prático então eu acho por causa dessas regiões que tá perto assim, ajuda muito você ter, porque, você tem uma casa a 300 km, você não vai todo final de semana, se você for, você não vai pra vim sábado de tarde pra voltar domingo. Mas é muito difícil. Então como é muito perto, como, desde a época que eu coloquei na cabeça de comprar um sítio, eu queria nessa região porque a gente já conhecia, dos parentes dela que já moravam lá, e por ser perto, uma boa localização né, então dá pra ir e voltar no dia, sossegado, meia hora, uma hora você vai e volta e tá em casa.

Tem hábito de ir a celebrações religiosas no local?

Apenas quando não dá pra ir aqui. Às vezes vamos lá.

Tem hábito de ir a festividades no campo?

Não, ali tem, uma época até tinha umas festas de colheita, depois da colheita né, eles faziam, daí cancelaram, não fizeram mais. Na verdade a gente mais vai às vezes nas festas de igreja que tem por perto, às vezes a gente vai almoçar, pra participar e ajudar né, mas também não é direto, mas já fomos várias vezes. Geralmente um almoço aos domingos, e a gente vai aproveitar ajudar eles, aí já revê os amigos.

Tem hábito de fazer visitas aos vizinhos quando está no campo?

Eles já passam e veem de longe. Mas não tem esse costume de sair. A gente vai mais pra curtir lá, daí você vai sair de lá pra ir na casa dos outros, daí não adianta você ir lá, vai direto na casa dos outros.

Percebe diferença entre seus vizinhos da cidade e seus vizinhos do campo?

Sim, claro né, a gente se adaptou, que nem por exemplo, o vizinho da frente, é um rapaz, muito trabalhador, ele planta, só que, vamos dizer assim, ele, você conversa com ele o sim e o não, é o básico. Mas se você precisar dele, geralmente, ele vai fazer, é aquele favor que você tem que recompensar, você tem que pagar, não com dinheiro, mas retribuir quando ele precisar. O cara dá a palavra. Uma vez ele faz um favor pra mim, eu fui pagar ele falou 'não, favor se paga com favor'. Um dia ele precisou de mim, daí ele veio pagar, 'não, favor se paga com favor', então morreu o assunto. Então tem pessoas que são bem dos antigos, que jamais cobram um favor ou alguma coisa que você pegar emprestado. Mas tem aqueles que são bem materialista, que é olho no olho, dente no dente, né, é o justo, agora não, tem pessoas, várias ali, se você pegar entre, a uns 8 vizinhos são totalmente diferentes um do outro, não é tudo igual. O assunto é mais corriqueiro, tanto que ele tem nós como pessoas ricas, eles ficam até envergonhados assim de chegar na gente pra conversar. Mas conforme o tempo vai passando, tem gente que muda, até o jeito de falar, mas no começo eles acham.

Quando optou por comprar uma casa de campo, o que queria?

Bom, é um lugar de segurança, confortável, é, tanto que, vamos dizer assim, fui ver vários lugares. O lugar que eu comprei é um lugar caro o alqueire, e lugares que eu fui ver, que era barato, jamais eu ia comprar porque o barato sai caro, lugar que você tem que investir muito, lá foi comprado, tanto que foi investido muito pouco naquela questão

assim se for analisar hoje a estrutura que tem, eu já queria um lugar com uma estrutura e por ser perto né, não adianta comprar uma chácara longe pra você poder ir pouco. Então foi colocado mais na ponta do lápis a parte de ser perto, e lá onde a gente comprou, a gente já frequenta a mais de 30 anos lá, porque ela tem os parentes dela que moravam lá. Ainda tem os dois. Tinha mais, mas foram embora, então, o pessoal de lá é tudo conhecido, então quando a gente precisa de um favor ou até eles também, por mais que seja pouco você sabe que pode contar com eles, então por causa disso, é um lugar que você não é um estranho, nós já entramos lá como gente conhecida. Quando nasceu o filho, meu segundo filho, o plano de saúde ia aumentar muito, ia ficar um absurdo, eu comentei com ela, falei 'ó, eu acho que não vale a pena nós pagar, porque nós somos novos, os filhos são novos, como foi feito todos os exames', a tendência é usar isso aqui muito mais tarde. Daí eu falei, 'ao invés de nós pagar um plano de saúde, eu vou fazer uma carta de crédito, dessa carta de crédito eu compro um sítio'. E se você por na ponta do lápis o que foi gasto, era um risco que você corre, se colocar na ponta do lápis o que foi gasto com saúde e o que vale hoje o sítio, não, melhor nem comentar. Se acontecer alguma coisa, você tem, pode até não vender pelo valor que vale, mas se vende mais barato né, mas mesmo assim a compensação do juros, investimento é muito grande. Todo imóvel, e o lugar foi escolhido por causa disso, um lugar que valoriza, sempre valorizou a gente sabe que, tanto que lá hoje não tem mais chácara pequena pra vender, as que têm quando aparece são coisa grande e o pessoal compra, compra mesmo, se você abrir a boca pra vender, comprou, porque lá valoriza muito pela logística que é muito perto, a terra é muito boa, tem vamos dizer assim, tem toda a infraestrutura ali por causa do Guaragi mesmo perto ali né, tem posto de saúde, tem farmácia, tem padaria, mercado, caso você precise então, essa região valoriza por causa disso, tem toda estrutura.

Pretende vender ou deixar de frequentar a casa?

Olha, já teve até, vamos dizer assim, pensamos às vezes por causa de um outro, outra, vamos dizer assim, um sonho dela, às vezes uma casa melhor aqui, que nem eu falei, invés de comprar uma casa, comprou a chácara, então já houve e eu por exemplo, você não sabe até quando, eu conversei com todo funcionário meu que entra na chácara, a partir da hora que eu não tiver condição de manter aquilo ali, eu vou vender, então ele já sabe, então só que eu te aviso antes, jamais vou deixar um funcionário, padecendo. Então porque eu falei, que lá hoje tem um custo alto, então hoje eu posso, não sei amanhã como a gente é autônomo, a partir da hora que eu achar que não tenho

condição, uma coisa que prevê que eu vou precisar, eu já vou vender, vou por pra vender. No momento não.

Costuma convidar pessoas para frequentar a casa?

Sim, claro. Tem aquele caso de que a gente já levou, levei todos os meus parentes e o dela foram pra lá, e a partir de hoje você está convidada, só me ligar, e tem as pessoas que a gente convida .

Antes de ter a casa de campo, algum familiar ou amigo já tinha esse tipo de imóvel?

É casa mesmo de campo que a gente foi passear mesmo, não né, tinha às vezes o caso de a gente ir numa pousada né, que você ia. Se tivesse uma casa de campo pra gente ir, que nem no sistema, não, é só os parentes dela que moravam lá, não era uma casa de campo, eles moravam no campo. A gente ia pra lá passear né, daí a gente era muito amigo, e compadre, e parente, então, a gente sempre estava indo, no mais quando a mãe dela e a tia dela eram vivas, então elas queriam se ver né, então chegava sábado a gente se mandava pra lá e voltava domingo.

Acredita que a convivência anterior com o meio rural influenciou no desejo de ter uma casa de campo?

Na verdade, meu pai, era o sonho do meu pai ter uma chácara, que nem, a gente morava num terreno pequeno, mas nós tivemos cabrito, tinha porco, tinha galinha, a gente fazia todo esse sistema, eu me criei nesse aí, só sempre quis lugar assim, talvez fiquei com o sonho que o meu pai não realizou, e eu sempre gostava de ir, não era muito de trabalho na roça, mas gostava de um lugar pra você chegar final de semana, que nem o cavalo, eu acho um bicho muito bonito, você ter a criação, e uma horta, você acordar cedo e tomar um café, você olhar uma paisagem, então é uma coisa assim, é aquilo que vem, talvez duma raiz antiga que foi criada, mas é uma coisa que despertou assim depois de um tempo assim, não na época de jovem, foi uma coisa que despertou depois de casado, bem depois de casado.

Mudaria definitivamente para o campo?

Eu já pensei, não agora, mas mais tarde, talvez como uma aposentadoria, se a gente tiver com uma saúde, que você consiga conciliar, que não precisa vir né, meio que diariamente pra médico e coisurada, seria até bom, pros dois. É uma coisa que, não tem, hoje não tem uma previsão e não sabemos se vai ser concretizado, então é uma

coisa, seria muito bom mas também talvez não ficar lá a semana inteira, o mês inteiro, ficar lá 4 ou 5 dias vêm fica 2 dias aqui, volta. A intenção é você ficar mais tempo lá do que hoje, mas talvez não morar cem por cento.

Casa de campo é um investimento financeiro?

Sim, dependendo da casa e campo, é tudo uma questão onde você compra, como você compra e o jeito que você mantém, então ela, dependendo do lugar você acaba perdendo dinheiro, não a questão que você compra pensando em ganhar dinheiro, obvio que você compra é pelo lazer, quando você tem esse pensamento, quem pensa em investimento, claro, daí é outra mentalidade, mas no nosso caso, quando foi comprado, então, mas ele é um investimento muito bom, porque ele valoriza mesmo sem né, não tem como, porque tem muita gente hoje que tem potencial muito grande, eu sei de um amigo meu que comprou uma chácara muito menor que a minha, atrás, perto, o lugar já é central bem dizer, e pagou uma fortuna bem mais, então, o pessoal corre atrás, tem muita gente que ainda quer, então eu acho que vale a pena investir, depende, claro, tem que saber onde vai comprar, que nem eu falei, lugar que eu fui ver, outros lugares que nem lá Itaiacóca, lá você paga 5 mil reais o alqueire, mas, tem lugar que você chega, só tatu com corrente pra subir, entendeu. Lá onde a gente tem é 100 mil reais o alqueire, então é bem diferente, bom, tanto que não tem pra vender né, então é uma coisa assim que você tem que tá, olhando né, é um investimento muito bom.

A casa e a propriedade geram muitos gastos?

Dá um gasto, é óbvio, se você for querendo manter uma mordomia, como assim, ter um funcionário pra manter limpo, pra tratar os bichos, que nem, a vai, nós estamos indo pra lá, limpa a piscina, mande limpar a casa, chega lá a casa tá limpa, então, me mate um leitãozinho que eu quero comer um leitão final de semana, deixe a lenha cortada, porque eu vou assar um churrasco, eu quero queijo, quero leite, quero requeijão, quero ovo, então a mordomia tem seu custo, se você não quiser, você vai pagar um cara pra cuidar de lá, você vai gastar muito pouco, mas você vai chegar e ter que trabalhar. O que falta seria você tá lá pra administrar aquela empresa, então falta alguém pra mandar, então como eu falei, a criação de carneiro hoje, é um bom investimento, tive lá, vendi os carneiros porque o caseiro depois de uma venda pediu a conta, aí fiquei com medo de não achar outro pra cuidar, acabei vendendo né, então vou voltar ano que vem, mas a maior questão assim é você tem que está lá, porque o empregado longe do patrão não trabalha como o patrão tá junto, infelizmente é isso que acontece, mas tem

muito hoje muito jeito de ganhar dinheiro, no meu caso no momento, tem o lucro, mas é muito, vamos dizer assim, tem retorno mas o retorno é muito pequeno pelo custo que dá, hoje o custo é, não é alto pelo que eu ganho, mas se for analisar o pessoal né, vamos dizer assim, estou cuidando do patrimônio que eu tenho, se eu deixar lá vão destruir a casa, vão arrebentar os tanques, vão esvaziar a piscina, então por mim, renovar aquilo eu vou gastar muito mais do que eu pagar alguém pra cuidar.

Por que optou por comprar uma casa de campo e não uma residência em outro espaço? A logística, que é muito longe né, você teria que ir, às vezes fica mês sem ir pra lá, então que nem aqui, a praia geralmente você gosta de ir no verão, e a chácara mesmo no inverno, época de pinhão você vai lá, se amanhecer, vê uma geada, pessoal meu Deus, mas você acordar num campo e ver uma geada é totalmente diferente de ver uma geada na cidade, então são coisas opcionais que a gente foi colocando e por ser perto né, isso aí contou muito por tá perto, você pode ir, a vamos, vamos, cansamos de sair daqui onze horas da noite daqui pra ir pra chácara, meia hora tá. Uma vez por ano tá bom, uns 5, 6 dias lá tá bom. É, e o primeiro pensamento não era uma chácara do jeito que nós temos, era uma coisa bem mais simples. Então foi uma oportunidade que apareceu né, que deu certo, então deu uma coisa hoje que todo mundo comenta que é um lugar muito bonito, é um pedaço do paraíso e não tem.

O que aconteceu foi uma oportunidade muito grande, que deu certo.

O que você mais gosta na paisagem do campo?

Eu acho, como que eu vou te explicar, é você olhar todo aquele verde e no fundo você vê a cidade assim, bem longe, você estando bem longe da cidade, então você vê todo aquele verde assim que vai afunilando, daí no final você vê uma cidade que você nem quer estar lá, é o que eu analiso, quando às vezes eu to sentado olhando assim, aquilo vai indo, aquele verde assim, daí você vê a cidade bem longe assim, você enxerga ela inteira, mas bem pequenininha. A própria harmonia de você ver, que nem tem muitos animais silvestres que vê que você não vai fazer mal e vem muito perto, então é, tem coisa assim, que nem eu falei, veado do campo, preá, lebre, quati, bugio, coisas que você não vê, esses são coisas assim, que essa harmonia de você ver todos esses bichos e você tá ali, não tem preço né, não tem, que você tá ali, como se fosse um zoológico ao vivo, o pessoal fala né, e os passarinhos, eu falo, rapaz eu crio todos eles solto, né, tenho lá o que você quiser de passarinho, tá tudo solto, tá tudo solto, é um viveiro natural. É o conjunto de fatos que leva você a ter esse, essa harmonia.

Qual é o grau de satisfação com o campo?

Olhe, eu acho que no meu ponto hoje tá médio, de médio pra baixo, porque as estradas são ruins, a prefeitura falta com infraestrutura, a segurança agora, nós tivemos um problema só em 12 anos né, foi um problema bem pequeno que teve, então graças a Deus não tivemos, mas é mais pela infraestrutura das estradas lá, que é muito ruim, fica anos sem passar uma máquina, então daí, se não for caminhonete, carro pequeno judia assim, no momento assim, está uma buraqueira que, então é a única coisa que dificulta mais pra nós seria o caso da infraestrutura da estrada mesmo, então esse que seria, que não deixa satisfeito, de resto não tem o porquê, porque a chácara tem lá, ele é auto suficiente nessa parte de água né, a Copel também, luz não tem, antigamente, uns anos atrás, qualquer chuvinha, chovia em Curitiba apagava a luz lá, hoje não, hoje tem, é muito difícil apagar a luz, a Copel fez um serviço muito bom, mas o nosso problema mais, é a infraestrutura da estrada mesmo, que dificulta às vezes você ir lá porque tem que ir muito devagar, 4 Km mas às vezes você leva 20 minutos pra fazer. Hoje não tem mais, tanto que dá 6 e meia, 7 horas, fecha-se as portas, claro você não fica, dá pra você sair tudo, mas não facilita. Eu acho que é o sossego né, o silêncio, essa paz que ele passa, de você tá sem barulho de buzina, sem barulho de, grito, essas coisara da, o ar, o ar é totalmente diferente mais pura, parece que você respira de manhã, aquilo te, parece que é uma carga que dá no teu pulmão assim, que você tem vontade de andar, tem vontade de né, você não cansa, você cansa o corpo, não cansa a mente, isso que é a vantagem, então chega final da tarde você tá cansado, você não tá com estresse. O cansaço do corpo, você toma um banho, você janta, você dorme, e o estresse não deixa você dormir né, então esse que é a vantagem lá, lá você não estressa a cabeça, você descansa o corpo.

Você acredita que a casa de campo traz benefício para a saúde física e psicológica?

Com certeza, pra quem gosta, com certeza, claro, pra quem não gosta é uma exceção, mas, que nem ela falou antes, mas você vai lá, você mexe com a terra, aquilo descarrega energia negativa, você vê um animal ali que você faz um carinho, você vê que tá tudo precisando, no tratar um cavalo, no tratar uma vaca, um porco, um pedaço, um capim que você dê ali, o bicho parece que come, parece que te agradece aquele carinho, então aquilo é uma coisa que o ser humano às vezes, você tá dando de alimentar, virou as costas ele tá te xingando que tá ruim a comida que você fez, e o animal não, animal não, então nessa parte eu acho que você tem um carinho assim, te

ajuda muito né. As próprias conversas com os vizinhos, você quase é difícil falar de política, é uma brincadeira aqui, uma piada ali, você foge totalmente da rotina que você tem na cidade. É difícil você conversar sobre um problema grave que deu, é uma brincadeira, ou é um problema às vezes de um animal, que você tá totalmente atípico aquilo, então você. Assaram quantas costelas-de-chão, tomaram não sei quanto de pinga.

Tem alguma coisa na cidade que incomoda você?

Eu acho que é o estresse né, todo mundo que tá bravo, e essa falta de segurança que você tem né, que infelizmente hoje você não tem a liberdade de deixar um filho teu vir a pé de algum lugar né. E você simplesmente tem que correr atrás do dinheiro né, aqui eles incomodam você porque você tem que, infelizmente, e lá no sítio, que nem eu fico lá 3 dias, eu não lembro que tenho uma empresa, não lembro, eu vou lembrar quando chego em Ponta Grossa, daí eu lembro, 'meu Deus do céu, segunda-feira'. Segunda-feira tem que fazer isso, isso, isso, então você se desliga, e se eu estou aqui, eu já sonhei que estou trabalhando, e lá não, então são coisas, é o materialismo, só que infelizmente você é escravo disso né, então incomoda porque você tem que fazer isso aí, não tem que fazer outra coisa.

Alguma coisa a acrescentar sobre à casa de campo, sobre a vida no campo, sobre o que significa a casa para você?

Eu acho que na parte assim, que muita coisa que meus filhos tiveram o que talvez na cidade não iam ter, que nem os cachorros que eles tem lá, são totalmente diferente dos cachorros aqui da cidade, são uns 'guaieca', mas eles tem um carinho, e aquele bicho é solto, é criado uma liberdade que não tem, já vimos nascer um cavalo, vi nascer uma vaca, pegar animais pequenos assim, que nem porco, cabrito, carneiro, que nem na época de ter, nascer 40 carneiros lá né, então daí tirar foto, dar de mamar num carneiro, uma vez uma experiência que meus filhos tiveram que seja mais e da cidade não ter.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☐ fogão à lenha	☒ estrebaria
☒ fogão à gás	☒ galinheiro
☐ forno de barro externo	☒ pocilga (chiqueiro)
☒ uso do cavalo	☒ Paiol de milho "sem milho"
☐ uso de carroça	

☐ Equipamentos agrícolas tração animal	☐ telefone residencial
☒ Foice	☐ máquina de lavar
☒ Machado	☒ tanque
☐ despensa	☒ móveis antigos
☐ simpatias e benzimentos	☒ móveis atuais
☐ acordar e dormir “cedo”	☐ enfeites artesanais
☒ tanque de peixes	☒ Aparelho de som/rádio
☒ cortar lenha	☒ geladeira
☒ Fogueira de São João/ Pedro	☒ acesso a internet
☒ capelinha	☒ telefone celular
☐ Encontros de oração (terço)	☒ Água de poço
☐ panela de ferro	☒ Água de olho d’água
☐ máquina de costura	☒ Água tratada (SANEPAR)
☒ TV	☐ casinha (banheiro)
☐ computador	☐ retratos de família na parede

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☐ Feminino	☒ Masculino

Idade: 50 anos

Renda: 9 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou	☐ 2º grau incompleto
☐ apenas lê e escreve	☒ 2º grau completo
☐ 1ª a 4ª série incompleto	☐ nível técnico
☐ 1ª a 4ª série completo	☐ superior incompleto
☐ 5ª a 8ª série incompleto	☐ superior completo
☐ 5ª a 8ª série completo	☐ pós-graduação

Tópico Guia – Segunda Residência – Moradores Cidade

Entrevista 13

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 06/2017 Local: Ponta Grossa

Tipo de construção:

() madeira (X) alvenaria () mista

Sua casa de campo é?

Casa própria (X) Alugada individual () Alugada junto com outras pessoas ()

Esse imóvel rural constitui-se:

Apenas casa e quintal () Propriedade (X)

Se propriedade:

Cultiva o terreno para obter renda (X) Não cultiva o terreno () Aluga o terreno para outros ()

Onde você residem atualmente?

Ponta Grossa.

Você já morou no campo alguma vez?

Não. Nunca morei.

Quanto tempo você tem a casa de campo?

Ah, tem uns 12 anos.

Ela tem um terreno anexo ou só a casa?

A casa de campo, têm 3 alqueires, é a casa e mais 3 alqueires de terreno.

Vocês usam o terreno apenas para lazer ou renda?

A renda que sai de lá né, do pouco que a gente vende, do pouco que produz com os animais, acaba custeando uma parte das despesas.

Em relação a música, poesia, novelas, pinturas que remetem a vida de campo, você gosta?

Até a gente estranha, porque agora é esse sertanejo universitário né, a gente já não gosta muito, o que a gente gosta realmente é o sertanejo que remete né, aquela tranquilidade, aquela qualidade de vida que o campo traz né, então, mas eu gosto muito de flores em geral, de quadros.

Quando você vai para a casa de campo, que tipo de atividade realiza?

Lazer em geral né, é uma, é um lugar mesmo pra descanso né, então a uns 5 anos né, a gente colocou lá, instalou uma piscina, pra que a gente tivesse um pouco mais né, mais coisas pra fazer né, que lá tem tanques de peixe, então a gente sai pescar, é gostoso pra sair fazer caminhada, tem trechos assim, bem gostoso mesmo, da pra você entrar no meio da mata pra fazer trilha, e tem o, a gente tem o cavalo lá, que também é um cavalo manso, que dá pra montar, então quem gosta normalmente usa isso como um lazer né, e, mas a maioria dos adolescentes, dos jovens preferem a piscina né, já não é tanto um lazer de sítio né, mas. Lá é o nosso refúgio, lá é onde ele recarrega as pilhas pra conseguir tocar a loja aqui né, porque aqui o comércio consome demais dele, então o nosso sítio lá é mesmo pra descanso, então quando a gente vai pra lá, ele principalmente volta.

E como é feita a manutenção?

Temos um funcionário lá, que faz toda manutenção.

Quando você vai para a casa de campo, quem vai da família?

Lá sempre o portão tá aberto, a gente brinca né que, a família é grande, então se convida um e não convida outro... Daí eles ficam chateados, então a gente não convida, diz “ó o portão tá aberto, a hora que vocês quiserem ir a gente tá lá né, só liguem pra confirmar se a gente tá lá”. Mas aqui de casa graças a Deus, a família, a gente sempre consegue ir a família toda né, por mais que os filhos estejam numa idade assim de, já de jovens, gostar de sair, mas eles são muito parceiros, inclusive os parentes lá do sítio, que a gente tem nos arredores lá os meus parentes moram lá né, então eles estranham, eles dizem “o que que esses três jovens estão fazendo aqui no meio do mato, porque que não estão lá na cidade”, brincam com eles, e eles gostam e vão junto com a gente e é muito gostoso, então além de ser um momento de a gente se desestressar, é um momento da gente estar junto em família, e a minha irmã e meu cunhado que são nossos parceiros, esses sempre estão junto, a família sempre tá presente né, principalmente no verão por causa da piscina, às vezes chega final de semana nós

temos que fazer escala, “olhe, esse final de semana a casa já tá cheia, vamos deixar pro outro, porque nesse não tem como”, então a família é bem grande, graças a Deus lá é uma festa, sempre.

Todos da família gostam de ir para lá?

Sim, todos gostam.

Quem que mais gosta?

O pai (marido). Mas no momento que você abre a porta e fica assim, várias vezes ele já comentou comigo, não que eu já não tenha pensado, mas que ele, a gente percebe que ele tem essa emoção, essa alegria de ter conquistado, ele olha, daí ele brinca assim, algum dia passou pela tua cabeça que a gente ia ter um espaço desse sabe, então, inclusive vocês já foram convidados a ir lá, e quando vocês chegarem lá vocês vão entender o que a gente tá falando sabe, porque você senta, sentando assim na beira da casa, você tem a visão inteira de Ponta Grossa sabe, você enxerga Ponta Grossa inteira de lá, e é um lugar muito bonito, e a gente que começou do nada, que foi uma família assim, tanto eu quanto ele, uma família humilde, que a gente começou lá de baixo, só Deus sabe o quanto a gente trabalhou, o quanto a gente lutou pra conquistar isso que a gente tem hoje né, então você olhar aquilo e dizer, nossa, meu Deus, será que é meu isso daqui mesmo né, então eu gosto de ir muito lá, mas pra ele eu sei que é um orgulho assim, acima disso né, então é muito bom.

Quando vai para a casa de campo, o que leva da cidade?

Como a gente vai só nos finais de semana, então você não pode deixar muita coisa lá, porque você tem que, a gente já faz aqui mais ou menos um cardápio do que, de quantos dias a gente vai ficar lá, o que que vai ser consumido, e a gente leva mais ou menos certo o que a gente vai usar, pra não ficar lá estragando, porque às vezes, quando chove ou não da pra gente ir, às vezes a gente vai uma, duas vezes no mês pra lá, então não dá pra levar muita coisa, normalmente é aquilo que a gente vai consumir no final de semana.

Com que frequência vai para a casa de campo?

Todo final de semana.

Quanto tempo permanece?

Todo o final de semana.

Você tem hábito de comprar algum produto nas vendas locais?

Ela: Lá tem a, tem num sítio bem pertinho lá, que normalmente a gente compra, por mais que a gente tenha lá os nossos frangos lá. Os nossos [frangos] não são muito caipira, daí a gente não gosta, ou elas tão botando aí a gente fica com dó, então daí tem a vizinha, ela faz, ela tem frango, ela tem o courinho de porco que a gente gosta, que ela faz, que é o bacon que a gente fala, e algumas carne de porco quando ela tem às vezes a gente vai, mas vendinha mesmo não tem, inclusive é o que faz falta lá, por perto não tem nada. Tem uma na vila do Guaragi, que dá uns 20 minutos mais ou menos. Só que é diferente das vendas que havia antigamente. A gente era acostumado, eu lembro que a gente ia pro Lago [localidade do município de Palmeira – PR] lá no sítio dos meus tios, tinham muito essas vendinhas, que tinha linguiça caseira, o queijo caseiro, era tudo feito ali, você ia comprar, era tudo fabricado por eles, eram pequenas vendas, hoje já não existe mais, mesmo lá no Guaragi, quando a gente vai lá pra comprar alguma coisa, são minimercados, miniarmazéns. Mas no porte dos nossos aqui, é tudo industrializado né que agora, agora por causa da vigilância. Isso acaba limitando as pessoas, não tem como, e às vezes ainda fazem, fabricam alguma coisa assim e ainda passam, vendem, mais pros vizinhos assim, porque se a vigilância souber é um pepino, complicado, então isso foi indo, foi indo, que acabou, não tem mais daí.

Durante as refeições feitas na casa de campo, você costuma consumir alimentos produzidos na propriedade?

O requeijão, o queijo, ovos. Tem dois tanques, mas é difícil pegar um peixe pra poder comer. Então alguma coisa a gente tem lá. E como a gente foi criado assim, fazendo muita coisa em casa, daí como vai eu e a minha irmã, e as duas gostam de cozinhar, daí o povo briga quando vai pra lá, engordam dois quilos por dia, porque uma sai da cozinha a outra entra, então a gente faz macarrão feito em casa, pão feito em casa, faz bolo, na verdade, nós mesmos produzimos o que a gente vai comer né, a gente leva industrializado daqui, o que não dá pra tirar de lá né, mas as cozinheiras mesmo produzem bastante coisa, bastante coisa que engorda também (risadas).

Na cidade, durante a semana, você tem hábito de preparar alimentos ou apenas quando vai para o campo?

É mais quando a gente vai pra lá, justamente por eles não estarem em casa. Durante a semana a gente tá reunido mais no jantar, e daí como no jantar não fica, não é viável a gente consumir coisa muito pesada, por mais que às vezes a gente saí fora do, então dificilmente eu faço aqui, por isso que quando a gente vai lá pro sítio é uma festa, porque daí lá é o lugar de fazer coxinha, de fazer rissoles, de fazer macarrão, de fazer pão, só coisa 'light', 'diet', então lá é o confinamento pra engordar. É, lá as pessoas vão passear e voltam desesperadas porque diz que da pra ir uma vez no ano, porque ir todo final de semana num dá.

E como se desloca até o campo?

Vamos de carro. Mas tem linha de ônibus. Às vezes os filhos vão de ônibus, pegamos eles no ponto, lá na estrada.

E pelo campo, como você se desloca?

Vamos a pé quando é perto e de carro.

Você acredita que a proximidade do campo com a cidade é um fator que influencia na compra de casa de campo ou não?

Sim, por ser fácil locomoção. Só que também não deixa de ser um lugar isolado digamos, não é tão perto das cidades, porque o problema é que aqui a gente tem o exemplo do Santa Tereza, que até pouco tempo eram todos sítios, eram todos lugares pequenos assim, alguns de lazer, alguns já eram mais direcionados a produção mesmo, alguma coisa, que foi acabando, porque a cidade foi tomando conta, foi crescendo, e agora não é viável, tanto que o preço de um sítio ali é muito, muito baixo, porque a pessoa não quer um sítio ali, porque daí tem os núcleos aqui pertinho que acaba gerando roubos, e você não tem aquela liberdade, que você teria num sítio se não tivesse perto da cidade, então o nosso lá tem essa qualidade, essa variável, que ela não é muito perto da cidade, mas também não é tão longe que a gente não possa tá indo seguido, então é uma distância bem boa, eu acho que, se fosse muito longe a gente nem teria comprado, porque pra nós pra lazer não seria viável.

Participam de celebração religiosa na comunidade local?

É, quando a gente tá pra lá, tem uma, um vilarejo lá perto que eles tem uma capela muito bonita que faz parte aqui da nossa comunidade, então ela ainda tá, coincidiu de ser capela da nossa paróquia aqui, e como a gente é bem atuante aqui na nossa

paróquia, quando agente vai pra lá pra ficar dias assim, às vezes nas férias, ou que no final de semana não dê tempo de chegar aqui, já fomos lá, não que isso seja todo final de semana, mas é, quando a gente sabe que tem celebração lá, o padre vai uma vez no mês, lá na vila rural, que é bem pertinho, dá quase pra ir a pé lá do nosso sítio, aí a gente procura ir, já fomos várias vezes, mas não é todo final de semana, porque até então a gente volta no domingo e daí a gente vai aqui mesmo, mas lá tem a possibilidade de tá participando sim.

Tem hábito de ir a festividades?

Festas Juninas mais que acontecem lá, nos vizinhos, na nossa inclusive, a pedido do filho, já várias vezes ele quis fazer festa junina lá, mas por causa da correria aqui, tanto dele como minha, a gente acaba cansando demais, e pra você programar uma festa assim, por mais que a gente tenha estrutura lá, até se chover, daria pra fazer, mas você fica com aquela insegurança né, de programar uma festa assim né, e daí chegar na hora e não dar certo, então no nosso sítio mesmo nunca foi feito.

E lá no caso, as capelas em volta lá do sítio, ao redor do sítio lá, são festas daí do padroeiro, eles fazem.

Tem hábito de realizar visitas aos vizinhos do campo?

Muito pouco, eu tenho parentes lá né, mas normalmente eles vêm no nosso sítio, porque lá o nosso sempre tá cheio né, e daí pra eu ir passear com toda minha turma na casa deles é mais complicado, então quando nós estamos lá, eu ligo, a gente avisa. A gente tá aqui, vem, então eles são só em dois, normalmente eles tão lá com a gente, direto, tem um casal de vizinhos que tão lá sempre, mas nos vizinhos mesmo a gente não tem muito, não que não conheça, a gente se dá bem, conhece todo mundo. É que não dá tempo na verdade, você vai pra lá já com a intenção de curtir teu sítio. Sempre é muito corrido né, daí por causa da correria não dá tempo de tá visitando muito não.

Há diferença dos vizinhos da cidade para os vizinhos do sítio?

É e a diferença que eu vejo dos vizinhos de lá pros vizinhos daqui, é que aqui na cidade por você permanecer mais tempo né, a tua convivência com os vizinhos é bem maior, então claro que eles conhecem mais você e tua família, assim como você conhece mais, melhor eles né, e lá no sítio, por a gente não morar lá, é diferente a vizinhança né, eles veem a gente com outros olhos né, porque você conviver com uma pessoa, você sabe

até as manias que ela tem, e lá no sítio não, por ser um sítio de lazer, a gente fica muito pouco lá, por mais que a gente tenha um convívio bom com os vizinhos, mas é uma diferença bem grande do que se a gente morasse lá né, com certeza se a gente morasse lá a gente teria uma relação bem mais aberta, até bem mais intensa com os vizinhos do que. Tem vizinhos que moram lá, eles trabalham, então eles são pobres, nós temos 3 alqueires lá. A única poupança que nós temos tá lá, nosso dinheirinho que a gente economizou a vida inteira é o que a gente tem lá.

Quando optou por comprar a casa de campo, o que você queria?

É, esse nosso sítio ele foi interessante porque, na verdade, nós tínhamos feito uma carta de crédito, era digamos uma poupança forçada, logo que a gente casou, e a gente fez esse cartão, essa carta que seria pra um imóvel, a princípio a nossa ideia era comprar uma casa, que até então a nossa casa era uma casa bem pequena né, a gente tinha vontade de mudar, de ir pra outro lugar, pra uma casa melhor, e como a gente não tinha condições na época, ele fez essa carta de crédito, e na época surgiu a oportunidade da gente pegar esse valor em dinheiro, e o meu primo estava vendendo esse pequeno terreno lá, que pra eles três alqueires é pouca né, é pouca terra, que era uma sede de um haras antigamente, é pra ele não interessava, porque justamente como o esposo falou não tinha muita terra pra plantar, e ele já precisa mais da parte da terra, então ele não queria que aquele patrimônio ali estragasse né, porque ia ficar parado, aí na época ele ofereceu pra nós aquele, aquele pedaço, aí quando o esposo chegou falando 'olha tem um sítio assim', vish Maria! Vai me levar pro meio do mato né, mas a visão dele, como empresário, como, eu pensei 'não, ele sabe investir, ele sabe o que ele tá fazendo, pra você ter uma ideia, se a gente tivesse usado aquela carta hora, a gente podia ter uma casa melhor do que essa', mas jamais seria avaliado no que hoje é avaliado o nosso sítio, então na verdade aquele sítio começou a princípio como um investimento porque eu me lembro até hoje quando o esposo chegou e falou 'olha, se a gente comprar aquilo lá hoje, teu primo está vendendo por tanto, daqui dois, três anos, aquilo vai valer tanto', quando ele falou assim eu disse sabe que você tem razão. Então por isso que várias vezes a gente citou e eu coloco de novo que o sítio pra nós é uma poupança, foi uma poupança da vida inteira né. Então, a gente define o nosso sítio como um investimento mesmo né, uma segurança pra gente se precisar de alguma coisa né. E no nosso sítio mesmo, tem muita vertente né, é o que hoje em dia, até esses tempos atrás, essa seca que tava a gente brincava, que se aqui faltasse água nós

íamos morar no sítio, porque lá é impressionante sabe, as minas de água que tem, são lindas. Ficamos lá alguns dias até normalizar aqui. Então vale a pena.

Pretende deixar de frequentar ou vender a casa?

É, mas às vezes que a gente pensou em vender, sempre foi assim por esse lado né, porque nós precisamos de alguém que fique lá cuidando, e nem sempre a pessoa que tá lá cuida do jeito que a gente quer que cuide, então a gente já ficou bem decepcionado, bem triste, e várias vezes já pensamos em vender também por causa disso. Se um dia acontecer de vender, seria mais por isso mesmo, por a gente não poder tá lá pra cuidar, e por não ter uma pessoa que se interesse em cuidar do que é teu, porque pode ser o melhor caseiro, não sei se a gente acaba estragando de tanto que a gente quer cuidar, quer né, não deixar faltar nada pra eles que eles começam bem, daqui a pouco já não dá mais pra você contar pra nada sabe, e daí a gente vai ficando triste, vai desgostando né, mas caso o contrário, a gente não pensa em vender.

Costuma convidar pessoas para ir para a casa?

Sempre. Nós já convidamos você, tem que marcar data certinho, se Deus quiser um dia vai dar certo.

Antes de ter sítio, algum amigo, familiar já tinha casa de campo?

Casa de campo não, todos os meus primos, os meus tios que eram do sítio, eles moravam no sítio, eles sobreviviam daquilo né, então que eu lembre, acho que por isso que a nossa casa é tão procurada pelos parentes. É mas da família mesmo os únicos que tem. Porque eu me criei né, desde. Eles tinham leiteira, então eles viviam, é inclusive eles tinham bastante cabeça de gado, mas era a sobrevivência deles né, são esses dois que agora mudaram lá pro Tocantins e já não tem mais aqui, mas assim mesmo, dois desses primos permanecem ali, mas eles sempre, nasceram e foram criados, e viveram a vida toda assim, nesse sistema mesmo de sítio né, então não é uma casa de campo, é só a nossa mesmo, da família só a nossa.

Você acredita que a convivência com pessoas que moram no campo influenciou no desejo de ter uma casa de campo?

Eu acho que, eu desde pequena, cresci, e o esposo não teve essa oportunidade. Na verdade na época que você pensa em descanso, que é o que eu falo que é a diferença, nós dois queremos um lugar calmo pra descansar, os filhos nem sempre, porque eles

estão em outra época, a nossa já é de ficar num lugar mais sossegado, e quando você remete a um lugar sossegado, que você tenha paz, que você tenha, automaticamente vêm um lugar assim né, porque você não vai encontrar em outro lugar o que você encontra numa casa de campo, jamais né, a não ser que a tua ideia seja outra, mas se for pra descansar, pra respirar um ar puro, pra privacidade que você tem lá, então não tem como, e como eu falei, a princípio foi um investimento, e depois a gente viu que na verdade estava gerando benefício, principalmente pra nossa saúde né, e pra ele [esposo] principalmente que trabalha, que é um trabalho muito desgastante, e a gente percebe, tanto que quando ele fala de vender o sítio, os filhos falam não pai aquilo lá é o teu refúgio, eles reconhecem que lá pra nós é realmente pra descansar né, então foi aí que começou a surgir a ideia.

Mudaria definitivamente para o campo?

Já pensamos, já fizemos projeto. Poderia até permanecer mais tempo lá, mas ter uma coisa aqui pra que você também, por que bem ou mal os filhos vão estar aqui, porque é o trabalho, o estudo é tudo né, tanto que é por isso que a gente não pode, agora nem pensaria em ficar lá, mas mesmo mais tarde, eu brinco com ele que Deus me dê a graça de ter netos e vai chegar, você não vai conseguir ficar tanto tempo longe deles né, eu acho que é isso que acaba impedindo a gente de estar lá, cem por cento, ficar lá cem por cento, eu brinco, a nossa sobrinha ela vai pra lá, ela fica inconformada, ela olha pra nós e diz assim, ela é pequenininha, 'porque que vocês não moram aqui, se vocês viessem morar aqui e vinha morar com vocês', ela tem 10 anos, então sabe. Ficaria difícil, a gente é muito ligado com a família né, de repente você ir morar num lugar assim bem ou mal você acaba se isolando da família né.

Casa de campo é um investimento financeiro?

Sim, no nosso caso, sim. Tem lugares que desvaloriza e tem lugares que valorizam né.

A casa e a propriedade tem alto custo para manutenção?

O sítio é como uma empresa, então se você souber administrar ele dá gasto, mas ele também pode te dar um pouco, não vai chegar a dar lucro, mas como a gente faz lá, dá uma contrabalanceada lá, vendendo alguma coisa que é produzido lá, como ele tinha criação de carneiro, o que ele vendia pagava. É, então despesa sempre tem né, se falando em lazer, você já entende como se aquilo não gerasse lucro mesmo né, então o pouco que a gente pode tirar de lá e gerar isso, reverter em lucro, é pra custear o

mínimo da despesa né, mas a maior parte acaba saindo mesmo do bolso, porque aquilo é um lazer, então a gente não tem mesmo muito lucro.

Por que você optou por comprar uma chácara e não uma casa em outro espaço qualquer?

Na verdade, como eu te contei, foi mais por que a nossa ideia a princípio seria a casa mesmo né, mas surgiu essa oportunidade de comprar, e como era viável, porque a gente previu que aquilo iria valorizar né, como realmente valorizou, então foi mais assim a situação que levou a comprar, e casa de praia jamais, uma porque eu odeio praia e outra porque, pela distância né, imagina você morando em Ponta Grossa, você vai ter uma casa de praia, você vai duas, três vezes no verão, e o resto do ano né, sem falar que lá uma casa fechada, em um, dois anos, detona tudo né, então a manutenção seria bem alta pra você conseguir deixar o patrimônio do jeito que você comprou e pela distância jamais, jamais compraria pra eu ir pra praia uma vez no ano já é uma briga. E pela própria criação, então a gente já foi criado gostando desse tipo de ambiente, eu já praia nunca fui muito. Mas na verdade o que levou a ter a casa, que até a princípio a gente achou que nem iria ficar tanto tempo assim é, a gente ia comprar, era um investimento, e que a gente foi tomando gosto, então não foi assim. Nós pensamos, 'não, vamos guardar dinheiro pra comprar uma casa no campo', não foi assim, então foi, eu acho que na vida da gente acontece as coisas e não é por acaso, eu acho que de repente Deus coloca as coisas que tem que ser mesmo. Bem mais simples.

O que você mais gosta na paisagem do campo?

É difícil você citar uma coisa, porque quando você tá no campo lá, que você sinta naquele sossego, já começa por aí né, aquela tranquilidade né, e o conjunto em si né, você sente que até o ar é diferente, eu brincava, o filho tinha muita bronquite, quando a gente chegava lá, dizia 'respire filho, que aqui você pode respirar fundo porque aqui o ar é diferente', então lá é o conjunto da obra a gente diz. Pássaro é um show a parte, você sente assim, você perde a hora, você fica ouvindo, até hoje nós não conseguimos nomear todos, porque é muito sabe, então isso aí não tem preço, não tem preço.

Qual é o grau de satisfação em relação ao meio rural?

A questão da segurança a gente sempre se preocupa, porque por mais que você esteja num lugar mais distante, mas pelo que a gente assiste muito na televisão, no noticiário, você não pode facilitar, porque infelizmente tá meio que geral, a questão da violência,

de roubos, por mais que o nosso sítio não seja tão atrativo porque nós não temos material de agricultura que nem maquinário, essas coisas que chamam muita atenção, mas já teve casos ali do meu primo, ali do ladinho do nosso sítio, de as pessoas matarem o gado, ali no lugar mesmo no sítio, ele mora lá, eles matam e carregam e depois no outro dia você vai só achar vestígios, então a gente não fica assim, totalmente tranquilo, 'ah, eu tô aqui no campo eu tô sossegado,' que a gente já teve. Então a gente não pode dizer que tá cem por cento satisfeito né, porque infelizmente em qualquer lugar que você vá, a questão da segurança você nunca vai estar cem por cento seguro né, e lá o problema mesmo é a estrada, que eles são muito abandonados nessa questão.

O que mais gosta na vida do campo?

E esquecer um pouco do relógio, lá a gente, dá vontade de tirar até da parede.

Acredita que a casa de campo traz benefício para a saúde física e psicológica?

O campo acho que ele já define, todo, qual que é o benefício, que traz, então uma casa de campo nada mais é do que um refúgio mesmo, de tudo aquilo que a cidade, bem ou mal ela te agride, e na casa de campo é aquele refúgio mesmo, é aquele espaço que você tem pra né, não passar por aquilo que a cidade faz você passar, que é poluição, que é né, o barulho. Então o ambiente é diferente. Lá os vizinhos não falam nem de novela, nem de futebol, lá os vizinhos falam de quantos porquinhos nasceu, quanto de leite que deu. Então é uma conversa muito gostosa sabe, a gente sai da rotina, acho que é isso que define, casa de campo é sair da rotina.

Tem alguma coisa na cidade que incomoda você?

Eu acho assim, que o que mais me incomoda é esse corre-corre da cidade, porque você percebe que na cidade a impressão que a gente tem é que as pessoas não têm tempo pra nada, eu vejo por mim mesma, você fica às vezes semanas, meses sem poder fazer aquilo que você tinha vontade, às vezes fazer uma visita pra um parente que tá doente, ir tomar chimarrão na casa de uma prima, tem que agendar porque você não consegue encontrar aquele tempo sabe, então na cidade esse corre-corre, e eu particularmente tô assim muito incomodada com a questão de aglomeração, muita gente me dá uma sensação ruim, até eu brinquei aqui em casa, acho que eu tô começando a ficar com pânico, mas não é em si a quantidade de gente que me incomoda sabe, é a maneira que as pessoas se portam, se comportam naquele ambiente que às vezes te incomoda,

porque na cidade as pessoas são muito individualistas, elas não se preocupam com aquele que tá passando do teu lado, e na diferença do pessoal do campo já, que lá mesmo não te conhecendo, se você precisar, você vai no teu vizinho ele te acode, isso a gente vê que na cidade tá cada vez mais raro de acontecer né.

Alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre a casa de campo, sobre a vida no campo, sobre o que significa a casa para você?

Acho que, enfatizar a questão que com a casa lá de repente a gente pode ter mais convivência com as famílias, com os parentes, que se caso a gente tivesse só a casa aqui da cidade, não seria possível, porque eles não viriam aqui em casa pra dormir, sendo que eles moram aqui próximos, e lá no sítio a gente tem esse convívio. Mas às vezes você quer ficar mais quietinho, mas sozinho, eles brincam que tem finais de semana que eu não quero visita, não é que a gente não quer, mas é que dependendo da tua semana, se foi bem desgastante né, aí você quer ficar sossegado, mas na maioria das vezes né, quando eles saem, daí eles vão embora você diz, ai como foi gostoso o dia né, como a gente brincou, como a gente conversou, então de repente essa convivência que a casa de campo tá possibilitando a gente ter com os parentes talvez a gente não tivesse né. E fotos, ou de repente a gente falando assim parece tão insignificante né, nossa, mas você vivendo aquilo, aí o valor é diferente né, porque os filhos vão ter coisa pra contar pros filhos deles, uma vivência, uma experiência que infelizmente na cidade não tem, quanta gente de cidade aqui, quanta criança que nunca viu uma galinha, que nunca viu, diz 'aquele bicho feio', mas eu acho que só você tendo, só você convivendo, vivendo essa experiência você pode falar se é bom ou não né, e o que a gente pode proporcionar pra eles, isso aí não tem o que pague né, acho que seria isso.

Coisas e *habitus* que o senhor (a) possui/faz no distrito:

☐ fogão à lenha	☒ pocilga (chiqueiro)
☒ fogão à gás	☒ Paiol de milho "sem milho"
☐ forno de barro externo	☐ Equipamentos agrícolas tração animal
☒ uso do cavalo	☒ Foice ☒ Machado
☐ uso de carroça	☐ despensa
☒ estrebaria	☐ simpatias e benzimentos
☒ galinheiro	

☐ acordar e dormir “cedo”	☒ móveis antigos
☒ tanque de peixes	☒ móveis atuais
☒ cortar lenha	☐ enfeites artesanais
☒ Fogueira de São João/ Pedro	☒ Aparelho de som/rádio
☒ capelinha	☒ geladeira
☐ Encontros de oração (terço)	☒ acesso a internet
☐ panela de ferro	☒ telefone celular
☐ máquina de costura	☒ Água de poço
☒ TV	☒ Água de olho d’água
☐ computador	☒ Água tratada (SANEPAR)
☐ telefone residencial	☐ casinha (banheiro)
☐ máquina de lavar	☐ retratos de família na parede
☒ tanque	

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Orientação sexual:

☒ Feminino

☐ Masculino

Idade: 47 anos

Renda: 9 salários mínimos

Escolaridade:

☐ analfabeto – nunca estudou

☐ pós-graduação

☐ apenas lê e escreve

☐ 1ª a 4ª série incompleto

☐ 1ª a 4ª série completo

☐ 5ª a 8ª série incompleto

☐ 5ª a 8ª série completo

☐ 2º grau incompleto

☒ 2º grau completo

☐ nível técnico

☐ superior incompleto

☐ superior completo

APÊNDICE B– Tópico guia para entrevista com agentes imobiliários

Os dados a seguir são resultado de entrevistas realizadas com agentes imobiliários que trabalham ou são proprietários de imobiliárias, no município de Ponta Grossa- Pr, no nos anos de 2017 e 2018.

As entrevistas foram realizadas pela autora e contam com seis questões abertas, apresentadas em forma de tópico guia, procurando reconhecer a situação atual do mercado de compra e venda de propriedades para residência no campo, identificando as principais características solicitadas pelos compradores e as motivações identificadas pelos agentes imobiliários para essa aquisição.

Foram entrevistados cinco agentes imobiliários. As entrevistas foram gravadas com uso de celular e posteriormente transcritas e tiveram duração média de quinze minutos, realizadas nas imobiliárias que se disponibilizaram a compartilhar as informações solicitadas.

Em determinado momento das entrevistas as respostas apresentaram respostas comuns para o grupo, o que revelou uma realidade semelhante entre o grupo entrevistado, e por se tratar de pesquisa qualitativa seguiu-se o ponto de saturação das respostas. (BAUER; GASKELL, 2005).

ENTREVISTA

Número de agentes imobiliários entrevistados: 5.

Equipamentos utilizados: caderno de campo para anotações complementares, tópico-guia e celular.

Local: imobiliárias da cidade de Ponta Grossa- PR.

A entrevista foi organizada atendendo as seguintes exigências:

- 1 – Identificar a situação de compra e venda de imóveis rurais no município de Ponta Grossa;
- 2 – Conhecer as motivações da procura por segunda residência;
- 3 – Assegurar-se de que os entrevistados são capazes de compreender as questões e as informações pertinentes à pesquisa.
- 4 – Considerar a opinião dos agentes imobiliários entrevistados sobre sua forma de pensar e compreender a relação dos cidadãos que buscam casa no espaço rural.
- 6 - Evitar influenciar as respostas dos entrevistados.

Tópico guia:

ROTEIRO ENTREVISTA – Agentes imobiliários – Doutorado

Entrevistador:

Data: / / Local:

1) Como são as negociações compra/venda e aluguel de casas de segunda residência no campo?

- quantidade
- lugares (distritos)
- proximidade com a cidade ou não
- compra ou locação
- especificações

2) Perfil dos interessados (quem é);

- classe social / renda
- formação
- profissão
- idade
- casados / solteiros
- homens / mulheres
- já viveu no campo ou não

3) Motivos/ interesses. Renda ou lazer?

4) Lugares mais buscados e se há especificações (casa, terreno, pomar, fonte de água, sinal de telefonia...)

5) Comentários dos interessados;

6) Ponto de vista do corretor: opinião dos residentes, dos que alugam/vendem, dos que locam/compram.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS APÊNDICE B
Tópico Guia – Segunda Residência – Agentes imobiliários
Entrevista 1

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 05/2018 Local: Ponta Grossa

Como que você percebe que estão as negociações assim, referentes a casa de campo, quantidade, como está o mercado?

Tá aquecido novamente né, a gente teve dois períodos, 2015 e 2016 meio conturbados em todos, em todos, não só rurais, mas em todos os imóveis e agora voltou a crescer.

E assim, tem alguma preferência por lugar assim, a pessoa especifica se quer próximo da cidade?

É, geralmente quanto mais próximo da cidade, da residência, eles preferem, até 100 quilômetros aí, depois de 100 quilômetros já fica difícil, até 100 quilômetros as pessoas procuram, quanto mais perto melhor, depende do perfil da pessoa, tem gente que quer mais perto de rio, quer um lugar mais sossegado, tem gente que quer mais perto, mobilidade, depende de cada pessoa na verdade.

E os distritos assim, eles são bem procurados ou não?

Sim, sim, sim, aqui eu vejo, principalmente Uvaia, Itaiacóca tem bons preços e tal, tem bastante oferta, mas o pessoal foge muito de lá pelo relevo do lugar, muito acidentado.

Especificação assim, o pessoal procura “quero uma casa perto de rio”, “quero uma casa com cachoeira”, “uma casa com terreno”?

É difícil generalizar, mas as pessoas querem uma área mais fácil de mexer, uma área já aberta, não uma área com tanta mata, uma área que não seja tão dobrada né, elas não querem algumas coisas assim, né, se tiver rio é melhor, se tiver casa melhor, quanto mais preparada pra se ter, melhor, isso aí com certeza, pessoal já procura algo pro seu conforto né, só que é difícil né, porque às vezes a maioria das áreas estão peladas né, não tem nada, tá com mato, tem que limpar e, enfim, mas as pessoas procuram as áreas já mais preparadas.

E em relação a tamanho, pessoal quer mais a casa com quintal, casa com terreno, depende?

Depende muito, dependo do que a pessoa quer fazer. Amanhã, por exemplo, vou mostrar uma propriedade para um cara que tem um negócio de piscicultura. Então ele já tem um sítio dele, gosta de criar peixe, ele tem intenção de vender peixes, mas ele quer uma área mais molhada, com mais água e uma área grande. Tem gente que quer fazer pomar, quer plantar coisinhas, plantar uns vegetais, quer uma área maior. E tem gente que quer uma área só pra levar os filhos, as crianças, então já quer uma casa melhor, um terreno menor. Depende, depende muito, depende de cada perfil de pessoa.

E em relação a classe social, dinheiro, renda das pessoas que compram?

Eu vejo pessoas de idade, que querem morar no sítio, vejo pessoas de classe média e vejo pessoas de classe alta, todos os tipos. Às vezes, pessoas de classe mais baixa, geralmente é o senhor, aquele senhor, casal de senhor de idade, que eles não aguentam mais morar na cidade e querem morar no mato. Eu vendo muito para casal jovem, com filhos. Querem comprar uma área, então vejo muito casais de 30, 40 anos... Têm filhos e querem uma área rural, levar e ensinar a criança, mais ou menos, como se lida num sítio.

São mais assim, famílias que procuram?

É, famílias.

São pessoas que já tiveram assim, vivencia no campo ou são pessoas dessa idade?

Geralmente já tiveram, a família veio do campo, ou já tiveram chácara, geralmente são pessoas que já tiveram experiência assim.

Motivo, interesse para essas pessoas buscarem casa de campo?

Na maioria das vezes é lazer, mas tem algumas que procuram outra renda, por exemplo, pra esse cara que queria comprar pra piscicultura, tem uns que querem fazer horta pra vender, mas a maioria é lazer.

Lugares mais pesquisados?

É difícil, porque depende o que eu tenho pra vender. Para mim, o lugar que mais procuram é em Ipiranga, que é aqui próximo, pra Uvaia, eu sei que o pessoal pergunta, porque é pra aquela região, então, que eu falei, acho que Itaiacoca tem muita oferta mas não tem tanta procura por causa do relevo, então eu vejo muitas pessoas procurando em Ipiranga por exemplo.

Sim, por exemplo, o sinal de telefone, estrada boa é um fator?

É exatamente, é um fator que com certeza, e distância da onde moram, onde a família mora, esse é o principal.

E assim, o que eles mais comentam quando vem buscar a casa de campo, por exemplo, era sonho de infância, quero descansar, quero sossego?

É eles geralmente querem sossego, lazer, um lugar pra ir final de semana levar a família, basicamente isso.

Você percebe se a casa de segunda residência atrapalha quem mora lá, a convivência com quem já mora lá, você percebe que o morador de segunda residência ele acaba interferindo, atrapalha?

Que eles atrapalham não, mas eu já vi alguns casos das pessoas, dos moradores das áreas rurais não gostarem muito de intrusos, digamos assim, de visitantes, agora se eles causam problemas, não sei, não sei, deve causar.

E assim, a modalidade de negociação, é mais locação, e mais compra e venda?

Compra e venda, é que locação ninguém, quer dizer, pode até ser, mas não é nosso foco, digamos de trabalho assim né, porque é um negócio complicado, porque a pessoa vai lá e estraga o troço, então alugar por um dia não é, não é a nossa praia assim né, mais compra e venda, pelo menos eu, eu vejo que tem até hoje, por exemplo, hoje a gente mandou num grupo dos amigos nossos uma chácara para alugar com piscina, pra passar um final de semana e tal, mas eu trabalho só com compra e venda.

E quem põe pra venda, qual a principal motivação?

Bem, a crise que teve era, porque afinal não é um, não era um bem, assim, não morava na casa né, então era um bem supérfluo, né, então a crise que tivemos agora com recessão nos últimos anos aí é um motivo, fez bastante gente colocar imóveis desse tipo e eu vejo muitos imóveis na praia também a venda, e que as vezes a pessoa se desilude por questão de realmente dar trabalho, por ser custoso ter uma área, não é um negócio fácil, e as vezes fica abandonado e a pessoa se desilude.

Tem mais algum comentário que você ache interessante?

Eu acho que é mais ou menos isso, que é um negócio que dá trabalho, custa as vezes, a pessoa não tem essa ciência né, tipo eu por exemplo, meu pai é aposentado, tem um ranchinho lá em Uvaia, não, Ortigueira, longe pra caramba, é duas horas e meia, ele até consegue ir, eu, que nem eu trabalho, não consigo, não sobra tempo, então, eu vejo que as pessoas se iludem as vezes achando que vai dar tempo, vai dar tempo de trabalhar e tal e não conseguem né, questão de tempo, questão da vida moderna, a gente não tem tempo pra sair, se divertir, trabalhar e fazer o troço, chega final de semana você está estourado, então, não consegue nem, quanto mais vai carpir um lote, plantar pomar daí, não vai né, fica só no sonho.

Em relação assim, ao contato dessas pessoas com a cidade, você percebe que essas pessoas que buscam casa de campo elas têm algum conflito com a cidade, tipo não está mais gostando?

A violência é um fator que agrava bastante, barulho... Eu vejo, eu também gosto de mato, gosto de ir para o mato, gosto de ficar bastante. Então, eu vejo que as pessoas estão meio saturadas disso tudo [modo de vida urbano contemporâneo]. Tem gente que não quer sair, mas eu vejo que quem gosta está saturado da cidade, com certeza. Mas depende de família, depende de renda, é um mal necessário.

Tópico Guia – Segunda Residência – Agentes imobiliários

Entrevista 2

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 05/2018 Local: Ponta Grossa

Como o senhor percebe as negociações de casa de campo, se é mais venda, é mais aluguel, se tem procura?

Casa de campo é mais venda, procura tem pra lazer e para agricultura, pecuária também tem, seriam propriedades para explorar esses segmentos de comércio.

E assim, tem algum lugar que as pessoas buscam mais assim, distrito, mais longe da cidade, mais perto?

A preferência sempre é mais perto da cidade, mas devido o preço ser mais elevado, então fica mais difícil a negociação, então perto da cidade, por exemplo, o cara compra uma chácara, longe ele compra uma fazendinha, com o mesmo valor, então o custo benefício é mais viável fora, tem pessoas que querem a comodidade de estar mais

próximo, morar na propriedade, privacidade, só que ela tem que ter um poder aquisitivo mais forte né.

Em relação à locação, o senhor tem procura?

Locação rural é muito difícil né, mais a exploração comercial.

E o que as pessoas buscam assim, elas buscam mais só casa, casa com quintal, casa com terreninho?

A casa rural, quando é pra pecuária, para agricultura, não importa a casa que tem, eles querem o tipo de solo que ele colhe mais, então a casa ele constrói depois do jeito que ele quer.

Em relação a lazer?

Lazer já alguns querem eles mesmo fazer, do seu modo, e alguns já querem algo pronto, então cada cliente tem um perfil.

E assim, do perfil dos que buscam a casa de campo, mais pra lazer, qual que é a renda, a classe social em média?

O pessoal que tem, por exemplo, dois ou três salários mínimos não compram nada mais né, então não tem mais como, então a renda tem que ser, por que geralmente esses imóveis não financiam, a caixa não financia, os bancos não financiam imóveis para lazer, a pessoa tem que ter o potencial de compra dela mesma né, daí é mais restrito a pessoas que tem renda melhor, comerciante, ou alguém que vendeu um imóvel e quer aplicar na área rural.

E tem alguma especificação de profissão assim, que procura mais, são mais aposentados?

Não tem muito, procura mais é o pessoal que quer explorar, quer plantar, pra por gado né, pra lazer, é só quem está sobrando, então é muito pouco, entendeu.

São mais famílias que buscam, pessoas solteiras, homens?

É, mais famílias, solteiros é mais difícil.

E são pessoas que já viveram no campo, ou são pessoas que vão da cidade para o campo pra aventurar assim?

Isso aí é relativo né, tanto pessoas que viveram no campo, como pessoas que tem aquele sonho, aí o pessoal da cidade que nunca viveu, ele vai, fica um 6 meses e já não quer mais de jeito nenhum, que ele não tem vocação, que dá muito trabalho, preocupação em cuidar, ter alguém pra ficar lá, ele vai vendo que aquilo não é viável, agora o que já viveu, depois que ele aposenta ele fica lá, ele gosta e já está acostumado.

Porque que as pessoas mais procuram casa de campo?

Geralmente eles têm aquela ideia do fim de semana para descansar, quer ficar sossegado, e eles que procuram, agora se não tá, se não tem aquela vocação, aquela origem do campo, ele desiste logo.

E tem alguma especificação assim, pra lugar que as pessoas mais procuram assim, por exemplo, quero um lugar que tenha, passa um rio?

É, geralmente a propriedade que tem lago de peixe, rio, é mais valorizada e mais procurada, a propriedade que não tem nada disso restringe muito o comprador, tem mais dificuldade de venda. Aqui é o acesso né, mais próxima ao asfalto, as vias, tem umas propriedades afastadas que o acesso não é muito bom, eles não querem, aí diminui bastante o preço.

E o que as pessoas mais comentam quando elas vêm aqui buscar uma casa de campo, que era um sonho de infância, quero fazer um investimento?

A maioria fala que quer lazer né, quer para lazer.

E o senhor percebe assim, que essas pessoas tem alguma coisa na cidade que incomoda elas, ou elas querem mesmo dar uma curtida?

Não, mais é curtir mesmo né, então aquela ideia de que o campo é tranquilo, mas depois, hoje em dia, muito assalto nos campos, as pessoas que tavam lá vem pra cidade fazer compra, aí quando voltam o pessoal arromba, levam tudo né, to vendendo uma propriedade agora, estou negociando que ele vem trazer a mulher no hospital que tinha quebrado o braço, quando voltou, levaram televisão, fizeram a mudança, puseram o caminhãozinho lá e não deixaram nada, até os rolos de arame que ele tinha comprado pra fazer pasto, levaram tudo, então esse já não quer mais, está a venda, então existe esse problema de arrombamento, então a pessoa fica insegura, “to aqui na propriedade, chega quatro ou cinco bandidos armados e eu aqui, não posso ter arma, que é proibido”,

então a pessoa levou um assalto já não quer mais, já põe a venda, antes não, antes ficava sossegado lá, e agora está ocorrendo muito isso, principalmente na região de Itaiacóca.

E o senhor acha assim, que casas de veraneio, perturbam quem mora lá, ou não, essas pessoas que vão no fim de semana, é indiferente?

Não, pra começar tem uma distância né, então geralmente a pessoa tem uma propriedade aqui, ela, a outra casa fica longe, então não tem, não perturba nada, não tem esse problema não.

Tem alguma coisa que o senhor ache interessante comentar assim sobre o perfil sentimental das pessoas que buscam essa casa de campo, ou o senhor acha que está bem explicado?

Acho que isso aí é relativo, cada um tem o seu sentimento, então não tem assim, especificar esse tipo de sentimento não, isso é geral né.

Tópico Guia – Segunda Residência – Agentes imobiliários

Entrevista 3

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 05/2018 Local: Ponta Grossa

1 - Como são as negociações compra/venda e aluguel de casas de segunda residência no campo?

Assim, a maioria dos clientes que procuram casas de campo, são pessoas que querem mais pra lazer, sair do agito da cidade e ter um lugar calmo durante o final de semana pra passar, ou fazendeiros que querem outras casas, assim, de padrão próximas às suas fazendas. Então, das negociações que giram em torno, são voltadas para essas pessoas. Sempre tem pessoas perguntando, se informando, pode se dizer que fecho um negócio a cada um mês, dois meses fecha uma casa de campo num padrão elevado.

E lugares assim, tem alguma preferência, proximidade da cidade, distrito, mais longe da cidade?

A maioria dos clientes nossos, procura mais pela região do Alagados, por causa do late clube , por causa de ser uma área abundante, que tem água, então a maioria da região,

prefere essa região do Alagados, um pouco de Itaiacoca, mês passado a gente teve alguns clientes procurando a área aqui pro lado do Guaragi, mas já é um público um pouco menor, então o principal seria lá, principalmente Itaiacoca.

Assim, o pessoal pede alguma especificação, por exemplo, eu quero que tenha uma cachoeira, quero que tenha casa, quero que já tenha pomar, ou não?

Não, eles preferem a questão da casa em si, acabamento da casa, hidromassagem, piscina, que seja uma casa ampla, arejada né, que de pra toda sua família, no final de semana, fazer uma festa, algum evento, na casa, mas assim, e área de campo né, pra, vamos supor, andar de cavalo, ter área pras crianças brincarem, mas não, a princípio, nossos clientes não pedem com essas especificações de cachoeiras, essas coisas.

E o mercado gira mais em torno de locação ou compra e venda?

Compra e venda, o interesse sempre maior é compra e venda.

E o perfil assim, dos interessados, como é, a renda, que classe social, mais ou menos?

São pessoas de alto padrão, clientes que já tem um poder aquisitivo elevado, que querendo ou não, essas casas de campo, elas tem valores, pode se dizer, valores altos, então, são clientes que tem poder aquisitivo grande pra comprar, agricultores, fazendeiros, empresários, então são clientes deste perfil. Fazendeiros, agropecuários, empresários, advogados, aposentados também.

Pessoas casadas, com família, solteiros?

Sim, pessoas com família já, estruturada né, que daí querem momento só pra lazer pra ele, família, filhos, parentes, alguma coisa, são pessoas sempre casadas, solteiros nunca tivemos.

E são assim, pessoas que já moraram no campo, ou pessoas que nunca moraram, moram agora?

Alguns casos, quando é fazendeiro, já moram no campo né, então se interessam, outros casos não, são pessoas que estão na vida agitada da cidade que querem ter uma casa de campo pro seu descanso no final de semana, fugir do agito da cidade.

E idade aproximada?

Varia muito ali, dos 30 aos 60 anos mais ou menos.

E a motivação, o que essas pessoas, o principal motivação que leva elas a quererem uma casa de campo?

Seria a questão do bem estar, da saúde né, o que mais predomina, que o pessoal pergunta, então é pra fugir do stress, fugir do stress da cidade né, então eles vão pra casa de campo pra poder ter um momento de calma, aproveitar a família, ficar tranquilo e esquecer dos problemas.

E assim, essas pessoas buscam um espaço só pra lazer ou também para renda?

Algumas casas que tem área de plantio junto né, então daí tem fazendeiros que procuram, caso contrário, varia muito do público, tem gente que quer só área, casa de lazer só pra ir descansar, mas tem fazendeiros que procuram com área de plantio, para aproveitar a casa e ter a sua renda daquela área.

Em relação aos comentários que as pessoas fazem?

De lazer pro final de semana com a família, procurando por questão de saúde, fugir do agito da cidade, então são esses comentários que as pessoas fazem, pensando no seu bem estar, qualidade de vida ou procurando uma coisa diferente de moradia, igual à gente tem um cliente que é dentista, não é mais uma casa que ele mora, mora no Santa Tereza, então é uma região de chácaras e tal, então ele gosta de morar lá por ser uma região tranquila, então ele mora lá, e vem trabalhar na cidade né, então é pela questão do conforto e, vamos supor, gosto do cliente, que tem cliente que não suporta mato, que quer morar num apartamento e tal, mas tem cliente que quer ter aquele, ouvir o passarinho cantando, cuidar de animais, então vai muito do gosto do cliente.

Em relação ao teu ponto de vista sobre como que está o mercado agora, tá crescendo, diminuiu?

O mercado, ele já diminuiu em relação a outros anos, até 2016 estava, vamos supor, decaindo, 2016 manteve estável e agora para 2017 já teve um leve aumento, não comparado a 2012, 2013, que estava no alto, mas já teve um acréscimo, e graças a Deus as negociações tem saindo, então, mas sempre voltando, dando imóveis como forma de pagamento, automóvel, forma de pagamento parceladas né, então tudo pra alinhar as negociações.

E essas pessoas que buscam a casa de campo, você percebe que elas têm assim, algum estranhamento com a cidade, tem alguma coisa na cidade que incomoda ou não? Seria a questão, de como eu disse, do stress, aquele agito, loucura, carros buzinando sempre, inúmeras coisas, e seria o momento para eles relaxarem.

Tópico Guia – Segunda Residência – Agentes imobiliários

Entrevista 4

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 05/2018 Local: Ponta Grossa

Como que a senhora percebe as negociações de casa de campo, venda e locação, no atual momento quanto a quantidade?

Na realidade, seria assim só pra mais, quem vendeu um imóvel e vai comprar uma chácara, porque, primeiro, porque não financia né, segundo a pessoa tem que ter o dinheiro a vista pra poder comprar, ou fazer uma negociação muito boa né, as vezes permutar por um outro imóvel né, então são poucas pessoas que procuram chácaras e fazendas, estão vendendo bastante mas comprando não.

E a senhora percebe que há uma preferência por lugar?

Mais próximo da cidade, não muito distante, que não fique muito isolado.

É mais compra e venda ou locação?

Mais compra, até tem um pra locação que nunca procuraram, a não ser que seja assim, final de ano que seja uma locação temporária né, pra fazer uma festa, as igrejas também querem fazer né, festa, daí sim uma locação temporária, mas não tem muito mercado pra locação de chácara.

Em relação a tamanho, o que o pessoal busca, só casa, terreno, casa com quintal?

Casa com quintal, todo mundo procura casa com quintal, porque todo mundo tem um cachorro, tem dois cachorros, aí tem um gato, aí sempre precisa de um espaço maior pra poder deixar os bichinhos.

Quanto ao perfil do comprador?

O perfil seria um, aposentados, pessoas que gostam de morar no campo mesmo né, plantar, alguns tem vários bichos também né, que não podem ficar muito perto da

cidade, então eles procuram chácaras assim, não tão longe da cidade, mas também não tão perto.

Classe social assim, renda?

Pra chácara a renda média né, não é nem alta e nem baixa, porque uma chácara também requer muito cuidado né, gastos.

Profissão das pessoas que procuram?

Pra chácara normalmente é aposentado, aposentado sempre quer fazer alguma coisa, trabalhar, plantar, então quer ter uma atividade depois que se aposenta.

Idade aproximada?

Dos 40, 45 pra frente né.

Pessoas casadas, com família, ou mais pessoas solteiras?

Com família

São pessoas que já tiveram uma vivência no campo, ou são pessoas da cidade que buscam o campo?

Normalmente que já tiveram uma vivência no campo, mas existem algumas pessoas que querem aventurar também. As chácaras normalmente as pessoas estão comprando pra passar o final de semana, às vezes nas férias também ter assim um lugar pra ir né, pra passar as férias mais tranquila, o final de semana mais tranquilo né, fazer um churrasco, uma festa né.

Qual o principal motivo para essas pessoas buscarem a casa de campo especificamente?

É isso que te falei, mais pra ter um refúgio de final de semana, ou quando está de férias também se refugiar no meio do campo né, sair um pouco da cidade.

Essas pessoas buscam também renda ou não, tiram uma renda dessa chácara ou mais para lazer?

Mais para lazer.

Tem alguma especificação que as pessoas buscam da casa do campo assim, por exemplo, eu quero que tenha uma cachoeira, mais perto de um rio?

Normalmente quem busca uma chácara, que é diferente de uma fazenda né, a chácara é, ou sítio, o sítio seria mais pra plantar, a chácara é mais pra lazer, então eles já querem uma casa, a sede seja uma casa boa, que tenha uma piscina, que tenha um espaço grande também pra plantar uma cebolinha, uma salsa, uma couve né, pra também mexer com a terra.

E o que as pessoas mais comentam quando elas vêm buscar uma casa, uma chácara, tipo, era um sonho de infância, um investimento?

Normalmente, não é nem um sonho de infância, é um investimento para deixar para os filhos, muitos que compram, que já tem netos pequenos, e querem que os netos estejam a vontade num local, então eles procuram chácaras por causa disso.

E no teu ponto de vista como vendedora ou como pessoa que conhece, ou talvez até frequente, você percebe que incomoda os moradores da região, ou é indiferente?

Indiferente.

E das pessoas que se propõe a vender ou alugar essas chácaras, o que elas, porque elas fazem isso, porque tem algum problema de renda?

As vezes é problema de renda, porque as chácaras dão gastos né, ou problemas de saúde também, querem ficar mais perto da cidade, mais perto dos médicos, já chegam numa certa idade que daí eles não tem todo aquele gás que aos 40 anos eles compraram, aos 70 eles já não tem mais esse gás aí né.

Dessas pessoas que locam, a senhora percebe que são pessoas que buscam mais tranquilidade, que querem uma qualidade de vida melhor?

Uma qualidade de vida, tranquilidade né.

E elas realmente acham que isso melhora na vida?

Não, elas acham sim que melhora bastante a qualidade de vida, procuram assim, chácaras mais pra Itaiacóca, em Guaragi, Palmeira, aquele lado ali, então, não tão longe da cidade, mais pra tranquilidade, mais pra lazer, mais pra ter um lugar assim, pra se refugiar.

E a senhora percebe assim, que essas pessoas, elas tem, na cidade alguma coisa que incomode assim, agitação, barulho?

Eu acho que hoje em dia, hoje em dia a maior parte das pessoas estão procurando assim, principalmente quem se aposenta eles, ou eles procuram praia, ou eles procuram uma, um lugar assim distante, uma chácara, um sítio, pra ficar mais tranquilos, porque a agitação da cidade hoje em dia é bem grande né, então chega uma certa idade da vida que você procura assim, em vez da agitação, a tranquilidade né.

Tópico Guia – Segunda Residência – Agentes imobiliários

Entrevista 5

Entrevistador: Fabelis Manfron Pretto Data: 05/2018 Local: Ponta Grossa

Como que você percebe as negociações de compra, venda, locação de casa de segunda residência no campo, aqui na cidade?

Eu vejo o seguinte, casa de campo, na verdade, tem uns que comprem pra lazer, final de semana, pro descanso da maioria da família, e tem uns, uma faixa de clientes que seria pra, pra uma viagem, uma criação de porcos, leiteiros, uma granja, tanque de peixes, isso aí varia muito de cliente para cliente, como nós temos clientes que gostam de um lazer, como clientes que gostam, que já estão aposentados e querem ter um trabalho pra não ficarem parados durante a aposentadoria né.

Em relação à quantidade assim, é um mercado amplo, é mais restrito, tem crescido ou tem diminuído?

Varia muito, varia muito porque às vezes eles querem uma coisa mais perto, uns querem mais longe e depende do mercado também, que o mercado hoje não está bem adequado em termos de compra e venda, que hoje tem bastante oferta, mas procura tem pouco, pelo poder aquisitivo. Sim, com certeza o poder aquisitivo, afetou bastante o mercado imobiliário como o mercado em geral né, então, mas agora tá começando a dar uma pequena elevada.

Em relação a lugar assim, qual que é o lugar que as pessoas pedem geralmente, no distrito, mais perto ou mais longe?

É, a maioria no distrito próximo da cidade aqui, num entorno de uns 40 quilômetros da cidade, depende muito, mas a maioria dos imóveis de campo é, passa dos 60, 70 quilômetros, porque, já que pegue um lugar bem sossegado, bem no mato mesmo.

Qual distrito que o senhor percebe que é mais procurado ou não tem?

Guaragi, Uvaia ali, Turvo perto de Palmeira ali, tem bastante chácaras, tem bastante chácaras de leiteiros, tanques de peixe, varia muito.

E compra, é mais compra, é mais locação como que funciona?

É, existe mais compra do que, ou se não permuta se for casa aqui na cidade, então isso aí depende muito do cliente que está vendendo e do cliente que está comprando, então isso aí só na hora que senta e conversa que vai saber o que vai ser feito. Locação não, locação praticamente não existe, porque isso aí gira muito transtorno pra nós é como pra quem está locando e vai alugar porque é muito complicado você alugar uma chácara sabe, porque é cheio de burocracias de comutação, e o pessoal que tem chácara hoje ou quer vender, ou quer trocar por uma casa na cidade, alguma coisa, mas locação é praticamente zero.

E qual que é o perfil assim, de quem busca comprar casa de campo?

Seria mais pessoas, mais aposentadas, que já estão se aposentando, que estão perto de se aposentar, estão tentando se elevar, alguma coisa pra fazer após sua aposentadoria, ou são pessoas que já são realmente do campo, são outras pessoas que vem de outras cidades também, então varia muito, mas a maioria é pra quem está quase já assim, aposentando, ou pra ter uma vida mais tranquila.

Em relação à classe social assim, a renda?

A classe social varia muito, do nem médio, maior e o bem menor, mas acredito estar do médio pro maior, porque o poder aquisitivo hoje não está fácil, e quem compra imóveis, dependendo muito da chácara é um valor bem elevado, porque existe tanque de peixes e a despesa do campo hoje é bem alta, é bem alto, não é só chegar lá e morar, existe manutenção, chacareiros, existe sérias coisas que tem um custo né, então varia muito de cliente pra cliente.

E são pessoas geralmente casadas, com família?

Sim, a maioria todos casados, com filhos, ou se não vão levar a mãe, vão levar os pais, isso aí varia muito porque cada cliente é um sistema totalmente diferente, mas a maioria é casado. Às vezes a mulher quer uma vida sossegada, fora do agito da cidade, durante o final de semana, o homem também, então é mais, praticamente casal.

São pessoas que já viveram no campo ou são pessoas que nunca moraram?

A maioria já, porque o pai já teve sítio, o pai já teve fazenda, o pai já teve plantação de fumo, ou já teve plantação de feijão, ou então ele quer tentar reaver novamente aquela vida que eles conviveram quando eram pequenos e tudo, mas isso aí faz parte de cada cliente, então, mas a maioria quer reviver o passado, que seria ter o seu cantinho no meio do mato.

E o senhor nota assim, que essas pessoas que buscam uma casa de campo tem algum conflito com a cidade assim, algumas coisas aqui na cidade que incomoda?

Alguns sim, alguns preferem o campo porque é mais sossegado, mais calmo, não tem essa turbulência no final de semana, agito, e um pouco também de segurança né, porque lá, claro, existe ladrão, mas não existe tanto como existe aqui na cidade né.

Motivos assim, que leva as pessoas a adquirirem casa de campo?

Motivo seria, acho que o motivo seria mais lazer, alguns, alguns compram casa de campo pra fazer a sua hortinha, a sua plantação, levar aquela vida tranquila né, sem esquentamento de cabeça. Acho que não tem coisa melhor do que você levantar cedo e ver aqueles passarinhos cantando né, então, isso aí varia muito também né, como tem cliente que compra e mora lá, como tem cliente que compra e vai no final de semana, no feriado, vai, então isso aí varia muito, não tem.

Assim, tem especificação geralmente para terreno, por exemplo, quero um lugar que pegue telefone, quero um lugar que tenha cachoeira?

A sim, sim, sim, e hoje a maioria hoje das, das cidades de campo todos têm telefone e já tem luz né, então, algumas cidades ainda perto ali de Palmeira, ainda não tem, não pega bem telefone, mas isso aí não, não interfere muito. Eles procuram mais lazer, onde passa o rio pra pescar, pra fazer um tanque de peixe, sabe, onde tem umas cachoeiras pra, pra poder ir, então, sempre tem alguma coisa que eles buscam em termos de lazer.

Comentários assim, que eles desses, que o senhor acha interessante assim, sobre campo, que o pessoal sempre fala?

A sim, sim, cada vez que a gente vende ou quem tem casa de campo sempre fala que é uma novidade, que lá todo dia tem uma novidade boa, criação de aves, criação de porcos, as vezes nasce um porquinho novo, sabe, então é uma alegria pra quem tem, então, é uma satisfação pra quem mora na cidade do campo, porque tem, tem tudo lá, aqui na cidade eles tem que ir no mercado, lá eles tem tudo, plantação, uma hortinha, é um peixe, uma galinha caipira, um ovo, é o leite, então, praticamente é uma cidade num cumprimento deles mesmo né, porque lá eles tem tudo, aqui na cidade eles tem mas, mas lá eles tem tudo sem veneno, sem, uma plantação sem adubo, então, orgânico sabe, então, são coisa bem, sempre tem alguma novidade boa.

No seu ponto de vista assim, incomoda quem já mora lá, quem tem residência fixa?

Não. Eles não incomodam porque assim, eles vão, quem tem chácara lá, ou casa de campo, às vezes vai ficar final de semana, e segunda feira já está de volta pra trabalhar, porque as vezes a mulher ou os filhos estudam, mas isso não interfere não, isso é normal.

E qual que é assim, a motivação dessas pessoas que põe pra venda a chácara?

As vezes já está com bastante dificuldade de andar, já tem problema de saúde, então isso aí dificulta para a pessoa que mora no campo, até pra vim pro hospital, pra cidade, então as vezes eles, as vezes tem bastante, mesmo assim eles não querem vender, eles vendem contra a vontade, porque as vezes o lugar que eles estão, está melhor do que aqui na cidade, então as vezes são problemas de doença familiar, você tem que estar perto de alguém que está acamado, então isso aí influencia muito.

E no teu ponto de vista sobre essas pessoas, que buscam a casa de campo assim, o que você percebe, que é um sonho?

Alguns são sonhos, alguns querem reviver o passado que tiveram com os pais, e alguns querem comprar realmente pra lazer mesmo, ficar um final de semana, um feriado que, que possa descansar, não tem esse tumulto da noite, do dia a dia aqui da cidade, mais a maioria é mais pra lazer mesmo.

Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar, que você ache importante sobre a casa de campo em relação ao setor imobiliário assim?

Sim, o setor imobiliário como a casa de campo, ele ajuda muito porque a maioria quem arrenda às vezes, não chácaras, fazendas, vários hectares e tudo, pra fazer plantação de soja, fumo, praticamente bastante que eu vejo ali em Palmeira, em Turvo ali, plantação de fumo, e é um ganho extra porque quem planta em casa de campo, naquelas fazendas ali, eles sempre tem um lucro bem interessante , então, a agricultura hoje é o que está movimentando o Paraná inteiro, o Brasil inteiro né, porque dali que sai o, várias cargas, então isso aí dá mais um ganho pra quem tem casa de campo, e chácara, e fazenda.

E o pessoal procura assim, geralmente mais área pequena, só a casa, ou mais terreno amplo?

Depende muito, depende porque quem quer realmente pra, pra plantação, pra fazer alguma coisa de criação procura uma área grande, e pra quem quer lazer, uma área pequena, máximo de um alqueire.

O mais procurado para lazer mesmo?

Lazer, porque quem tá no campo já está ganhando seu dinheiro com a plantação, então pra quem está querendo se aposentar quer mais ficar sossegado em termos de lazer.

Mais alguma coisa que o senhor acha interessante acrescentar?

Eu acho que a tendência daqui mais pra frente é o pessoal já que está, essas pessoas que estão querendo se aposentar e tudo, vai ter a sua chacinha no meio do mato que, só vai vir durante a semana pra cidade e final de semana pescar um peixinho, fazer a ordenha, sua criação de galinhas, sua criação de porcos, então, carneiros, então uma atividade para não ficar parado, enquanto está aposentado, porque quem se aposenta nunca fica parado, sempre tem alguma coisa querendo fazer.